

Universidade de Lisboa
Faculdade de Medicina de Lisboa



Delinquência juvenil: Estudo de algumas variáveis
psicológicas e relacionais com ênfase nos traços
psicopáticos

Pedro Fernandes dos Santos Pechorro

Doutoramento em Ciências e Tecnologias da Saúde
Especialidade em Medicina Legal e Ciências Forenses

Dezembro de 2011

Universidade de Lisboa
Faculdade de Medicina de Lisboa



Delinquência juvenil: Estudo de algumas variáveis
psicológicas e relacionais com ênfase nos traços
psicopáticos

Pedro Fernandes dos Santos Pechorro

Orientador: Professor Doutor Rui Xavier Vieira

Co-orientador: Professor Doutor Carlos Poiares

Doutoramento em Ciências e Tecnologias da Saúde
Especialidade em Medicina Legal e Ciências Forenses

Todas as afirmações efectuadas no presente documento são da exclusiva responsabilidade do seu autor, não cabendo qualquer responsabilidade à Faculdade de Medicina de Lisboa pelos conteúdos nele apresentados.

A impressão desta dissertação foi aprovada pela Comissão Coordenadora do Conselho Científico da Faculdade de Medicina de Lisboa em reunião de 13/12/2011

Aos meus Pais

Aos meus Mestres

Agradecimentos

“É mal recompensar um mestre o ficar sempre na posição de discípulo.”

Nietzsche (1883)

A presente dissertação não teria sido possível sem as pessoas e as instituições que, duma ou doutra forma, comigo colaboraram na sua elaboração e a quem desejo publicamente agradecer.

Ao Professor Doutor Rui Xavier Vieira, orientador científico desta dissertação, por me ter acolhido e me ter proporcionado ao longo dos anos o privilégio da sua vasta sabedoria clínica e da sua amizade.

Ao Professor Doutor Carlos Poiares, co-orientador científico desta dissertação, pelo interesse demonstrado neste meu projecto desde o primeiro momento e pelo interesse genuíno que sempre o vi demonstrar pelos seus alunos.

Ao Professor Doutor George Palermo, pelos contributos metodológicos que deu a esta dissertação e pelas sugestões relativas à tradução para inglês dos artigos submetidos ao *International Journal of Offender Therapy and Comparative Criminology*.

Aos Professores Doutores Paul Frick, Robert Goodman e Annemaree Carroll por terem autorizado as validações portuguesas dos instrumentos psicométricos que respectivamente desenvolveram.

Ao Professor Doutor João Marôco, pela colaboração e pelos ensinamentos transmitidos ao longo dos anos, que me fizeram realmente gostar de estatística.

Ao Professor Doutor António Diniz por me ter iniciado, anos atrás, nas questões práticas da metodologia de investigação, da estatística, da elaboração de teses e da publicação de artigos científicos.

À defunta Direcção-Geral de Reinserção Social (ex-Instituto de Reinserção Social), ao Director de Serviços da Área Tutelar-Educativa, aos diversos Directores, Coordenadores, Técnicos Superiores, Técnicos Profissionais de Reinserção Social e Assistentes Técnicos dos Centros Educativos pela disponibilidade demonstrada em colaborar com este colega.

Aos meus colegas e amigos Dr. João Agante, que celeremente tratou das autorizações para que esta dissertação pudesse decorrer nos Centros Educativos, e Dr.^a Paula Martins, pelo esclarecimento dos dados estatísticos relativos à área tutelar-educativa. Ao Delegado Regional do Algarve e às colegas da Equipa Algarve 2 (Portimão), pela compreensão demonstrada quanto ao tempo despendido nesta dissertação.

Às Escolas Básicas e Secundárias do ensino público, aos presidentes dos Conselhos Executivos dessas escolas e aos diversos professores que com gentileza e compreensão me acolheram e me proporcionaram acesso aos seus alunos.

Aos jovens dos Centros Educativos e das Escolas que participaram, de forma mais ou menos voluntariosa, nesta investigação, por me enriquecerem enquanto profissional e enquanto pessoa. A eles, os meus desejos de futuros auspiciosos...

Resumo

Na presente investigação pretendeu-se analisar a influência de algumas variáveis psicológicas e relacionais na delinquência juvenil, com especial ênfase nos traços psicopáticos, mas focando também outras variáveis como problemas de comportamento, delinquência auto-relatada, auto-estima e desejabilidade social. Foi também analisada a influência de variáveis sócio-demográficas e de tipo criminal. Para avaliação dos constructos em estudo efectuou-se a validação de diversos instrumentos psicométricos, nomeadamente do Dispositivo de Despiste de Processo Anti-social versão de auto-resposta (APSD-SR; Muñoz & Frick, 2007), do Questionário de Capacidades e de Dificuldades versão de auto-resposta (SDQ-SR; Goodman et al., 1998), da Escala de Delinquência Auto-relatada Adaptada (ASDS; Carroll et al., 1996), da Escala de Auto-estima de Rosenberg (RSES; Rosenberg, 1989) e da Escala de Desejabilidade Social de Marlowe-Crowne (Ballard, 1992) versão curta, além de se ter construído um questionário sócio-demográfico e um questionário de tipo criminal. Recorreu-se a uma amostra total de 760 participantes, subdividida numa amostra forense de 250 participantes dos sexos masculino ($n = 221$) e feminino ($n = 29$) provenientes dos Centros Educativos do Ministério da Justiça e numa amostra escolar de 510 participantes do sexo masculino ($n = 322$) e do sexo feminino ($n = 188$) provenientes de escolas da região da Grande Lisboa. Os resultados das validações dos instrumentos psicométricos de uma forma geral foram considerados de satisfatórios a bons, com excepção do SDQ-SR devido a problemas detectados na estrutura factorial e na consistência interna. Os resultados relativos aos testes das hipóteses indicaram que os jovens da amostra forense possuem características psicológicas e relacionais (e.g., traços psicopáticos, problemas de comportamento, comportamentos delinquentes, auto-estima) que permitem diferenciá-los da amostra escolar; os jovens do sexo masculino da amostra forense apresentam valores gerais mais altos de traços

psicopáticos e de traços calosos/não-emocionais que as jovens do sexo feminino. Os jovens com traços psicopáticos altos apresentam valores nas variáveis analisadas (e.g., problemas de comportamento, comportamentos delinquentes, precocidade de envolvimento em atividades criminais, precocidade de envolvimento com o sistema judicial) que permitem diferenciá-los dos jovens com traços psicopáticos baixos. Existe capacidade de previsão de pertença a amostras e a grupos diferentes com base nas variáveis analisadas (e.g., traços psicopáticos, problemas de comportamento), e o narcisismo tem uma associação mais forte com a delinquência auto-relatada que a auto-estima.

Palavras-chave: Psicopatia; Traços psicopáticos; Problemas de comportamento; Auto-estima; Delinquência juvenil; Desejabilidade social; Perturbação do comportamento.

Abstract

This investigation had as its aim to analyze the influence of some psychological and relational variables on juvenile delinquency, with an emphasis on psychopathic traits, but also focusing on such variables as behavior problems, self-reported delinquency, self-esteem, and social desirability. The influence of some sociodemographic and criminal variables was also analyzed. Some psychometric instruments were translated into Portuguese and validated, namely the Antisocial Process Screening Device Self-report (APSD-SR; Muñoz & Frick, 2007), the Strengths and Difficulties Questionnaire Self-report (SDQ-SR; Goodman et al., 1998), the Adapted Self-reported Delinquency Scale (ASDS; Carroll et al., 1996), the Rosenberg Self-Esteem Scale (RSES, Rosenberg, 1989), and the Marlowe-Crowne Social Desirability Scale short version (MCSDS-SF; Ballard, 1992). A sociodemographic questionnaire and a criminal questionnaire were also used. The total sample was composed of 760 participants. It was subdivided in a forensic sample of 250 participants of the male ($n = 221$) and female ($n = 29$) genders from the juvenile detention centers of the Portuguese Ministry of Justice, and in a school sample of 510 participants of the male ($n = 322$) and female ($n = 188$) genders from the public schools of the greater Lisbon area. The results of the validation of the psychometric instruments reached satisfactory to good levels, with the exception of the SDQ-SR due to the problems detected in its factor structure and internal consistency. The results revealed that the juvenile delinquents possess distinct psychological and relational characteristics (e.g., psychopathic traits, behavior problems, delinquent behaviors, self-esteem) that can differentiate them from the school participants; also the male participants from the forensic sample possess higher general psychopathic traits and callous-unemotional traits. The participants with higher psychopathic traits score distinctively on the analyzed variables (e.g., behavior problems, delinquent behaviors, early life participation on criminal

activities, early life involvement with the judicial system). There is a prediction capability regarding samples and groups based on the analyzed variables (e.g., psychopathic traits, behavior problems), and narcissism has a stronger association with self-reported delinquent behaviors than self-esteem.

Key-words: Psychopathy; Psychopathic traits; Behavior problems; Self-esteem; Juvenile delinquency; Social desirability; Conduct disorder.

Índice

PARTE I - ENQUADRAMENTO TEÓRICO

	Págs.
1. Introdução	1
2. Trajectórias delinquenciais	4
3. Conceptualização dos fenómenos comportamentais anti-sociais	7
4. Psicopatia e traços psicopáticos	10
4.1. Modelo tridimensional da psicopatia	14
4.1.1. Traços calosos/não-emocionais	14
4.1.2. Impulsividade	17
4.1.3. Narcisismo	20
4.2. Estabilidade de comportamentos anti-sociais e de traços psicopáticos	24
4.3. Co-morbilidade	28
4.3.1. Perturbação do Comportamento	28
4.3.2. Perturbação da Hiperactividade e Défice da Atenção	30
4.3.3. Perturbação da Oposição	32
4.3.4. Outras perturbações	33
4.4. Traços psicopáticos e género	36
5. Auto-estima e comportamentos anti-sociais	42
6. Auto-relato de comportamentos anti-sociais e de traços psicopáticos	47
6.1. Comportamentos anti-sociais	47
6.2. Traços psicopáticos	50
7. Objectivos e questões de investigação	54

PARTE II - ESTUDOS EMPÍRICOS

	Págs.
1. Método	56
1.1. Delineamento dos estudos e hipóteses	56
1.2. Participantes	58
1.3. Instrumentos	71
1.3.1. Questionário socio-demográfico	71
1.3.2. Questionário criminal	71
1.3.3. Escala de Auto-estima de Rosenberg (RSES)	72
1.3.4. Questionário de Capacidades e Dificuldades (SDQ-SR)	73
1.3.5. Dispositivo de Despiste de Processo Anti-social (APSD-SR)	76
1.3.6. Escala de Delinquência Auto-relatada Adaptada (ASDS)	79
1.3.7. Escala de Desejabilidade Social de Marlowe-Crowne (MCSDS-SF)	80
1.3.8. Escala Taxionómica para Crianças e Adolescentes (CATS)	81
1.4. Procedimentos	82
1.4.1. Procedimentos relativos a instituições e autores	82
1.4.1.1. Instituições	82
1.4.1.2. Autores	82
1.4.2. Procedimentos de validação de instrumentos	83
1.4.3. Procedimentos de recolha de dados	84
1.4.3.1. Amostra forense	84
1.4.3.2. Amostra escolar	86
1.4.4. Procedimentos de tratamento de dados	87
5. Resultados e Discussão	93
5.1. Estudo 1: Validação de instrumentos	93
5.1.1. Resultados e discussão da validação da RSES	93
5.1.2. Resultados e discussão da validação do SDQ-SR	97

5.1.3. Resultados e discussão da validação do APSD-SR	107
5.1.4. Resultados e discussão da validação da ASDS	122
5.1.5. Resultados e discussão da validação da MCSDS-SF	132
5.2. Estudo 2: Comparações entre as amostras forense e escolar	137
5.2.1. Resultados das variáveis sócio-demográficas	137
5.2.1.1. Grupos de participantes do sexo masculino	137
5.2.1.2. Grupos de participantes do sexo feminino	144
5.2.1.3. Grupos de participantes dos sexos masculino e feminino da amostra forense	150
5.2.2. Resultados das variáveis criminais	157
5.2.2.1. Grupos de participantes do sexo masculino	157
5.2.2.2. Grupos de participantes do sexo feminino	160
5.2.2.3. Grupos de participantes dos sexos masculino e feminino da amostra forense	164
5.2.3. Resultados dos instrumentos validados	168
5.2.3.1. Grupos de participantes do sexo masculino	168
5.2.3.2. Grupos de participantes do sexo feminino	172
5.2.3.3. Grupos de participantes dos sexos masculino e feminino da amostra forense	176
5.2.4. Discussão	180
5.2.4.1. Grupos de participantes do sexo masculino	180
5.2.4.2. Grupos de participantes do sexo feminino	183
5.2.4.3. Grupos de participantes dos sexos masculino e feminino da amostra forense	187
5.3. Estudo 3: Comparações entre os grupos de traços psicopáticos altos e baixos	191
5.3.1. Resultados das variáveis sócio-demográficas	191
5.3.1.1. Grupos de participantes do sexo masculino	191

5.3.1.2. Grupos de participantes do sexo feminino	198
5.3.1.3. Grupos de participantes dos sexos masculino e feminino de traços psicopáticos altos	204
5.3.2. Resultados das variáveis criminais	211
5.3.2.1. Grupos de participantes do sexo masculino	211
5.3.2.2. Grupos de participantes do sexo feminino	215
5.3.2.3. Grupos de participantes dos sexos masculino e feminino de traços psicopáticos altos	219
5.3.3. Resultados dos instrumentos validados	222
5.3.3.1. Grupos de participantes do sexo masculino	222
5.3.3.2. Grupos de participantes do sexo feminino	226
5.3.3.3. Grupos de participantes dos sexos masculino e feminino de traços psicopáticos altos	229
5.3.4. Discussão	232
5.3.4.1. Grupos de participantes do sexo masculino	232
5.3.4.2. Grupos de participantes do sexo feminino	234
5.3.4.3. Grupos de participantes dos sexos masculino e feminino de traços psicopáticos altos	236
5.4. Estudo 4: Modelos de regressão	239
5.4.1. Resultados	239
5.4.1.1. Para amostras forense e escolar	239
5.4.1.2. Para grupos de traços psicopáticos altos e baixos	240
5.4.1.3. Para comportamentos delinquentes auto-relatados	241
5.4.2. Discussão	242
6. Conclusões	245
7. Referências bibliográficas	249
8. Anexos	275

Índice de Anexos

Anexo 1 – Questionário sócio-demográfico e criminal

Anexo 2 – Autorizações da Direcção-Geral de Reinserção Social (DGRS) e da Direcção-Geral de Inovação e Desenvolvimento Curricular (DGIDC)

Anexo 3 – Autorizações para validação do APSD-SR, SDQ-SR e ASDS

Anexo 4 – Versão portuguesa da RSES

Anexo 5 – Versão portuguesa do SDQ-SR

Anexo 6 – Versão portuguesa do APSD-SR

Anexo 7 – Versão portuguesa da ASDS

Anexo 8 – Versão portuguesa da MCSDS-SF

Anexo 9 – Questionários aplicados nos Centros Educativos e nas Escolas

Anexo 10 – Termo de consentimento do Encarregado de Educação

Anexo 11 – Sistema de classificação do Nível Sócio-económico (NSE)

Anexo 12 – Sistema de classificação de crimes

Índice de Figuras

	Págs.
Figura 1. Curvas ROC dos pontos de corte do APSD-SR total	117
Figura 2. Curvas ROC dos pontos de corte da ASDS	128

Índice de Tabelas

	Págs.
Tabela 1. Critérios de diagnóstico DSM-IV-TR para Perturbação do Comportamento	29
Tabela 2. Critérios de diagnóstico DSM-IV-TR para Perturbação de Hiperactividade e de Défice de Atenção	31
Tabela 3. Critérios de diagnóstico DSM-IV-TR para Perturbação da Oposição	33
Tabela 4. Critérios de diagnóstico DSM-IV-TR para 301.7 Perturbação Anti-social da Personalidade	35
Tabela 5. Critérios de diagnóstico CID-10 para F60.2 Transtorno de Personalidade Anti-social	36
Tabela 6. Sexo, Número e Percentagem de Participantes por Centros Educativos (CE) e Escolas	59
Tabela 7. Descritivas e ANOVA da variável sócio-demográfica Idade	59
Tabela 8. Descritivas e Teste de Qui-quadrado da variável sócio-demográfica Sexo	60
Tabela 9. Descritivas e Teste de Qui-quadrado da variável sócio-demográfica Grupo Étnico	60
Tabela 10. Descritivas e Teste de Qui-quadrado da variável sócio-demográfica Nacionalidade	61
Tabela 11. Descritivas e Teste de Qui-quadrado da variável sócio-demográfica Rural vs. Urbano/Semi-urbano	61
Tabela 12. Descritivas e ANOVA da variável sócio-demográfica Ano de Escolaridade Completo do Jovem	62
Tabela 13. Descritivas e Teste de U Mann-Whitney da variável sócio-demográfica Ciclo de Escolaridade Completo do Pai	62
Tabela 14. Descritivas e Teste de U Mann-Whitney da variável sócio-demográfica Ciclo de Escolaridade Completo da Mãe	63
Tabela 15. Descritivas e Teste de U Mann-Whitney da variável sócio-demográfica Nível Sócio-económico (NSE) do Pai	63
Tabela 16. Descritivas e Teste de U Mann-Whitney da variável sócio-demográfica Nível Sócio-económico (NSE) da Mãe	64
Tabela 17. Descritivas e Teste de Qui-quadrado da variável sócio-demográfica Situação Civil dos Pais	64
Tabela 18. Descritivas e Teste de Qui-quadrado da variável sócio-demográfica Com Quem Vive	65

Tabela 19. Descritivas e Teste de U Mann-Whitney da variável sócio-demográfica Quantidade de Pessoas com Quem Vive	65
Tabela 20. Descritivas e Teste de U Mann-Whitney da variável sócio-demográfica Quantidade de Irmãos/Meios-irmãos	66
Tabela 21. Descritivas e Teste de Qui-quadrado da variável sócio-demográfica Medicamentos Psiquiátricos	66
Tabela 22. Descritivas e Teste de Qui-quadrado da variável criminal Envolvimento em Actividades Ilegais	67
Tabela 23. Descritivas e ANOVA da variável criminal Idade de 1º Envolvimento em Actividades Ilegais	67
Tabela 24. Descritivas e Teste de Qui-quadrado da variável criminal Problemas com a Lei	68
Tabela 25. Descritivas e ANOVA da variável criminal Idade de 1º Problema com a Lei	68
Tabela 26. Descritivas e Teste de Qui-quadrado da variável criminal Entrada em Centro Educativo	68
Tabela 27. Descritivas da variável criminal Idade de 1ª Entrada em CE	69
Tabela 28. Descritivas da variável criminal Tempo (meses) de Condenação a Internamento	69
Tabela 29. Frequências da variável criminal Tipo de Crime na Amostra Forense	70
Tabela 30. Frequências da variável criminal Tipo de Medida	70
Tabela 31. Frequências da variável criminal A Cumprir Regime	70
Tabela 32. Participação por Centro Educativo	85
Tabela 33. Participação por Escola	87
Tabela 34. Descritivas RSES por Amostras Forense e Escolar	93
Tabela 35. Descritivas dos Itens RSES por Amostra Total	94
Tabela 36. Cargas Factoriais da ACP para RSES por Amostras	94
Tabela 37. Alfas de Cronbach, Correlações Médias Inter-itens e Leque de Correlações Item-Total Corrigidas para RSES por Amostras	95
Tabela 38. Teste-reteste para Amostra Forense	95
Tabela 39. Validade Divergente com MCSDS-SF para Amostra Total	95
Tabela 40. Validade Discriminante para RSES entre Amostra Forense e Amostra Escolar	96
Tabela 41. Descritivas das Escalas do SDQ-SR por Amostra Forense	98

Tabela 42. Descritivas das Escalas do SDQ-SR por Amostra Escolar	99
Tabela 43. Descritivas dos Itens das Escalas do SDQ-SR por Amostra Total	100
Tabela 44. Cargas Factoriais de ACP para Escalas do SDQ-SR por Amostras	101
Tabela 45. Intercorrelações de Escalas SDQ-SR por Amostra Total	102
Tabela 46. Alfas de Cronbach, Correlações Médias Inter-Itens e Leque de Correlações Item-Total Corrigidas para Escalas do SDQ-SR por Amostras	103
Tabela 47. Validade Divergente de Escalas do SDQ-SR com RSES para Amostra Total	103
Tabela 48. Validade Concorrente com DSM-IV-TR Diagnóstico de Perturbação do Comportamento na Amostra Forense	104
Tabela 49. Validade Discriminante para escalas do SDQ-SR entre Amostra Forense e Amostra Escolar	104
Tabela 50. Descritivas do APSD-SR e suas Escalas por Amostra Forense	108
Tabela 51. Descritivas do APSD-SR e suas Escalas por Amostra Escolar	109
Tabela 52. Descritivas dos itens APSD-SR por Amostra Total	110
Tabela 53. Cargas Factoriais de ACP para Dimensões do APSD-SR por Amostras	111
Tabela 54. Inter-correlações de Dimensões APSD-SR	112
Tabela 55. Alfas de Cronbach, Correlações Médias Inter-Itens e Leque de Correlações Item-Total Corrigidas para Dimensões do APSD-SR por Amostras	112
Tabela 56. Teste-reteste para Amostra Forense do APSD-SR	113
Tabela 57. Validade Divergente de APSD-SR e suas Dimensões com RSES para Amostra Total	113
Tabela 58. Validade Convergente de APSD-SR e Dimensões com CATS e ASDS	114
Tabela 59. Validade Concorrente com DSM-IV-TR Diagnóstico de Perturbação do Comportamento	114
Tabela 60. Validade Retrospectiva de APSD-SR e suas Dimensões com Idade 1º Crime Cometido e Idade 1º Problema com a Lei na Amostra Total	115
Tabela 61. Validade Discriminante entre Amostra Forense e Amostra Escolar para APSD-SR	115
Tabela 62. Sensibilidade, Especificidade e Área ROC para diversos Pontos de Corte do APSD-SR Total	116
Tabela 63. Descritivas ASDS por Amostras Forense e Escolar	122
Tabela 64. Descritivas dos itens ASDS por Amostra Total	123
Tabela 65. Cargas Factoriais para ASDS por Amostras	124

Tabela 66. Alfas de Cronbach, Correlações Médias Inter-Itens e Leque de Correlações Item-Total Corrigidas para ASDS por Amostras	125
Tabela 67. Teste-reteste para Amostra Forense	125
Tabela 68. Validade Divergente com RSES para Amostra Total	125
Tabela 69. Validade Convergente com APSD e com CATS na Amostra Forense	126
Tabela 70. Validade Concorrente com DSM-IV-TR Diagnóstico de Perturbação do Comportamento na Amostra Forense	126
Tabela 71. Validade Retrospectiva com Idade do 1º Crime Cometido e com Idade do 1º Problema com a Lei na Amostra Total	126
Tabela 72. Validade Discriminante entre Amostra Forense e Amostra Escolar	127
Tabela 73. Sensibilidade, Especificidade e Área ROC para diversos Pontos de Corte da ASDS	127
Tabela 74. Descritivas MCSDS-SF por Amostras Forense e Escolar	132
Tabela 75. Descritivas dos itens MCSDS-SF por Amostra Total	132
Tabela 76. Cargas Factoriais por Optimal Scaling para MCSDS-SF por Amostras	133
Tabela 77. Kuder-Richardson, Correlações Médias Inter-Itens e Leque de Correlações Item-Total Corrigidas para MCSDS-SF por Amostras	133
Tabela 78. Teste-reteste do MCSDS-SF para Amostra Forense	134
Tabela 79. Validade Divergente de MCSDS-SF com RSES Amostra Total	134
Tabela 80. Validade Discriminante para MCSDS-SF entre Amostra Forense e Amostra Escolar	134
Tabela 81. Número e Percentagem de Participantes por Centros Educativos e Escolas Amostras Forense e Escolar do Sexo Masculino	137
Tabela 82. Descritivas e ANOVA da variável sócio-demográfica Idade	138
Tabela 83. Descritivas e Teste de Qui-quadrado da variável sócio-demográfica Grupo Étnico	138
Tabela 84. Descritivas e Teste de Qui-quadrado da variável sócio-demográfica Nacionalidade	139
Tabela 85. Descritivas e Teste de Qui-quadrado da variável sócio-demográfica Rural vs. Urbano	139
Tabela 86. Descritivas e ANOVA da variável sócio-demográfica Anos de Escolaridade Completos do Jovem	139
Tabela 87. Descritivas e Teste de U Mann-Whitney da variável sócio-demográfica Ciclo de Escolaridade Completo do Pai	140

Tabela 88. Descritivas e Teste de U Mann-Whitney da variável sócio-demográfica Ciclo de Escolaridade Completo da Mãe	140
Tabela 89. Descritivas e Teste de U Mann-Whitney da variável sócio-demográfica NSE do Pai	141
Tabela 90. Descritivas e Teste de U Mann-Whitney da variável sócio-demográfica NSE da Mãe	141
Tabela 91. Descritivas e Teste de Qui-quadrado da variável sócio-demográfica Situação Civil dos Pais	142
Tabela 92. Descritivas e Teste de Qui-quadrado da variável sócio-demográfica Com Quem Vive	142
Tabela 93. Descritivas e Teste U de Mann-Whitney da variável sócio-demográfica Quantidade de Pessoas com Quem Vive	143
Tabela 94. Descritivas e Teste U de Mann-Whitney da variável sócio-demográfica Quantidade de Irmãos/meios-irmãos	143
Tabela 95. Descritivas e Teste de Qui-quadrado da variável sócio-demográfica Medicamentos Psiquiátricos	144
Tabela 96. Número e Percentagem de Participantes por Centros Educativos e Escolas nas Amostras Forense e Escolar do Sexo Feminino	144
Tabela 97. Descritivas e ANOVA da variável sócio-demográfica Idade	145
Tabela 98. Descritivas e Teste de Qui-quadrado da variável sócio-demográfica Grupo Étnico	145
Tabela 99. Descritivas e Teste de Qui-quadrado da variável sócio-demográfica Nacionalidade	145
Tabela 100. Descritivas e Teste de Qui-quadrado da variável sócio-demográfica Rural vs. Urbano	146
Tabela 101. Descritivas e ANOVA da variável sócio-demográfica Ano de Escolaridade Completo do Jovem	146
Tabela 102. Descritivas e Teste de U Mann-Whitney da variável sócio-demográfica Ciclo de Escolaridade Completo do Pai	146
Tabela 103. Descritivas e Teste de U Mann-Whitney da variável sócio-demográfica Ciclo de Escolaridade Completo da Mãe	147
Tabela 104. Descritivas e Teste de U Mann-Whitney da variável sócio-demográfica NSE do Pai	147
Tabela 105. Descritivas e Teste de U Mann-Whitney da variável sócio-demográfica NSE da Mãe	148
Tabela 106. Descritivas e Teste de Qui-quadrado da variável sócio-demográfica Situação Civil dos Pais	148

Tabela 107. Descritivas e Teste de Qui-quadrado da variável sócio-demográfica Com Quem Vive	149
Tabela 108. Descritivas e Teste de U Mann-Whitney da variável sócio-demográfica Quantidade de Pessoas com Quem Vive	149
Tabela 109. Descritivas e Teste de U Mann-Whitney da variável sócio-demográfica Quantidade de Irmãos/meios-irmãos	150
Tabela 110. Descritivas e Teste de Qui-quadrado da variável sócio-demográfica Medicamentos Psiquiátricos	150
Tabela 111. Sexo, Número e Percentagem de Participantes por Centros Educativos	151
Tabela 112. Descritivas e ANOVA da variável sócio-demográfica Idade	151
Tabela 113. Descritivas e Teste de Qui-quadrado da variável sócio-demográfica Grupo Étnico	151
Tabela 114. Descritivas e Teste de Qui-quadrado da variável sócio-demográfica Nacionalidade	152
Tabela 115. Descritivas e Teste de Qui-quadrado da variável sócio-demográfica Rural vs. Urbano	152
Tabela 116. Descritivas e ANOVA da variável sócio-demográfica Ano de Escolaridade Completo do Jovem	153
Tabela 117. Descritivas e Teste de U Mann-Whitney da variável sócio-demográfica Ciclo de Escolaridade Completo do Pai	153
Tabela 118. Descritivas e Teste de U Mann-Whitney da variável sócio-demográfica Ciclo de Escolaridade Completo da Mãe	153
Tabela 119. Descritivas e Teste de U Mann-Whitney da variável sócio-demográfica NSE do Pai	154
Tabela 120. Descritivas e Teste de U Mann-Whitney da variável sócio-demográfica NSE da Mãe	154
Tabela 121. Descritivas e Teste de Qui-quadrado da variável sócio-demográfica Situação Civil dos Pais	155
Tabela 122. Descritivas e Teste de Qui-quadrado da variável sócio-demográfica Com Quem Vive	155
Tabela 123. Descritivas e Teste de U Mann-Whitney da variável sócio-demográfica Quantidade de Pessoas com Quem Vive	156
Tabela 124. Descritivas e ANOVA da variável sócio-demográfica Quantidade de Irmãos/meios-irmãos	156
Tabela 125. Descritivas e Teste de Qui-quadrado da variável sócio-demográfica Medicamentos Psiquiátricos	156

Tabela 126. Descritivas e Teste de Qui-quadrado da variável criminal Envolvimento em Actividades Ilegais	157
Tabela 127. Descritivas e ANOVA da variável criminal Idade de 1º Envolvimento em Actividades Ilegais	157
Tabela 128. Descritivas e Teste de Qui-quadrado da variável criminal Problemas com a Lei	158
Tabela 129. Descritivas e ANOVA da variável criminal Idade de 1º Problema com a Lei	158
Tabela 130. Descritivas e Teste de Qui-quadrado da variável criminal Entrada em Centro Educativo	158
Tabela 131. Descritivas da variável criminal Idade de 1ª Entrada em CE	159
Tabela 132. Descritivas da variável criminal Tempo (meses) de Condenação a Internamento	159
Tabela 133. Frequências da variável criminal Tipo de Crime na Amostra Forense	159
Tabela 134. Frequências da variável criminal Tipo de Medida	160
Tabela 135. Frequências da variável criminal A Cumprir Regime	160
Tabela 136. Descritivas e Teste de Qui-quadrado da variável criminal Envolvimento em Actividades Ilegais	160
Tabela 137. Descritivas e ANOVA da variável criminal Idade de 1º Envolvimento em Actividades Ilegais	161
Tabela 138. Descritivas e Teste de Qui-quadrado da variável criminal Problemas com a Lei	161
Tabela 139. Descritivas e Teste de U Mann-Whitney da variável criminal Idade de 1º Problema com a Lei	162
Tabela 140. Descritivas e Teste de Qui-quadrado da variável criminal Entrada em Centro Educativo	162
Tabela 141. Descritivas da variável criminal Idade de 1ª Entrada em CE	162
Tabela 142. Descritivas da variável criminal Tempo (meses) de Condenação a Internamento	163
Tabela 143. Frequências da variável criminal Tipo de Crime na Amostra Forense	163
Tabela 144. Frequências da variável criminal Tipo de Medida	163
Tabela 145. Frequências da variável criminal A Cumprir Regime	164
Tabela 146. Descritivas da variável criminal Envolvimento em Actividades Ilegais	164
Tabela 147. Descritivas e ANOVA da variável criminal Idade de 1º Envolvimento em Actividades Ilegais	165

Tabela 148. Descritivas da variável criminal Problemas com a Lei	165
Tabela 149. Descritivas e ANOVA da variável criminal Idade de 1º Problema com a Lei	165
Tabela 150. Descritivas da variável criminal Entrada em Centro Educativo	166
Tabela 151. Descritivas e ANOVA da variável criminal Idade de 1ª Entrada em CE	166
Tabela 152. Descritivas e ANOVA da variável criminal Tempo (meses) de Condenação a Internamento	166
Tabela 153. Descritivas e Teste de Qui-quadrado da variável criminal Tipo de Crime	167
Tabela 154. Descritivas e Teste de Qui-quadrado da variável criminal Tipo de Medida	167
Tabela 155. Descritivas e Teste de Qui-quadrado da variável criminal A Cumprir Regime	167
Tabela 156. Descritivas e Teste de Qui-quadrado da variável Perturbação do Comportamento DSM-IV-TR	168
Tabela 157. MANOVA II para Escalas RSES, SDQ-SR, ASDS, MCSDS-SF	168
Tabela 158. Descritivas e ANOVA da variável RSES	169
Tabela 159. Descritivas e ANOVA das Escalas do SDQ-SR	170
Tabela 160. Descritivas e ANOVA das Dimensões do APSD-SR	171
Tabela 161. Descritivas e Teste U de Mann-Whitney da variável ASDS	172
Tabela 162. Descritivas e ANOVA da variável MCSDS-SF	172
Tabela 163. MANOVA II para Escalas RSES, SDQ-SR, ASDS, MCSDS-SF	173
Tabela 164. Descritivas e ANOVA da variável RSES	173
Tabela 165. Descritivas e ANOVA das Escalas do SDQ-SR	174
Tabela 166. Descritivas e ANOVA das Dimensões do APSD-SR	175
Tabela 167. Descritivas e Teste de U Mann-Whitney da variável ASDS	176
Tabela 168. Descritivas e ANOVA da variável MCSDS-SF	176
Tabela 169. MANOVA II para Escalas RSES, SDQ-SR, ASDS, MCSDS-SF	177
Tabela 170. Descritivas e ANOVA da variável RSES	177
Tabela 171. Descritivas e ANOVA das Escalas do SDQ-SR	178
Tabela 172. Descritivas e ANOVA das Dimensões do APSD-SR	179
Tabela 173. Descritivas e ANOVA da variável ASDS	180
Tabela 174. Descritivas e ANOVA da variável MCSDS-SF	180

Tabela 175. Número e Percentagem de Participantes por Centros Educativos e Escolas Amostras APSD Baixo <11 e APSD Alto \geq 12 do Sexo Masculino	191
Tabela 176. Descritivas e ANOVA da variável sócio-demográfica Idade	192
Tabela 177. Descritivas e Teste de Qui-quadrado da variável sócio-demográfica Grupo Étnico	192
Tabela 178. Descritivas e Teste de Qui-quadrado da variável sócio-demográfica Nacionalidade	193
Tabela 179. Descritivas e Teste de Qui-quadrado da variável sócio-demográfica Rural vs. Urbano	193
Tabela 180. Descritivas e ANOVA da variável sócio-demográfica Ano de Escolaridade Completo do Jovem	193
Tabela 181. Descritivas e Teste de U Mann-Whitney da variável sócio-demográfica Ciclo de Escolaridade Completo do Pai	194
Tabela 182. Descritivas e Teste de U Mann-Whitney da variável sócio-demográfica Ciclo de Escolaridade Completo da Mãe	194
Tabela 183. Descritivas e Teste de U Mann-Whitney da variável sócio-demográfica NSE do Pai	195
Tabela 184. Descritivas e Teste de U Mann-Whitney da variável sócio-demográfica NSE da Mãe	195
Tabela 185. Descritivas e Teste de Qui-quadrado da variável sócio-demográfica Situação Civil dos Pais	196
Tabela 186. Descritivas e Teste de Qui-quadrado da variável sócio-demográfica Com Quem Vive	196
Tabela 187. Descritivas e Teste de U Mann-Whitney da variável sócio-demográfica Quantidade de Pessoas com Quem Vive	197
Tabela 188. Descritivas e Teste de U Mann-Whitney da variável sócio-demográfica Quantidade de Irmãos/meios-irmãos	197
Tabela 189. Descritivas e Teste de Qui-quadrado da variável sócio-demográfica Medicamentos Psiquiátricos	198
Tabela 190. Número e Percentagem de Participantes por Centros Educativos e Escolas Amostras APSD Baixo <11 e APSD Alto \geq 12 do Sexo Feminino	198
Tabela 191. Descritivas e ANOVA da variável sócio-demográfica Idade	199
Tabela 192. Descritivas e Teste de Qui-quadrado da variável sócio-demográfica Grupo Étnico	199
Tabela 193. Descritivas e Teste de Qui-quadrado da variável sócio-demográfica Nacionalidade	199

Tabela 194. Descritivas e Teste de Qui-quadrado da variável sócio-demográfica Rural vs. Urbano	200
Tabela 195. Descritivas e ANOVA da variável sócio-demográfica Ano de Escolaridade Completo do Jovem	200
Tabela 196. Descritivas e Teste de U Mann-Whitney da variável sócio-demográfica Ciclo de Escolaridade Completo do Pai	200
Tabela 197. Descritivas e Teste de U Mann-Whitney da variável sócio-demográfica Ciclo de Escolaridade Completo da Mãe	201
Tabela 198. Descritivas e Teste de U Mann-Whitney da variável sócio-demográfica NSE do Pai	201
Tabela 199. Descritivas e Teste de U Mann-Whitney da variável sócio-demográfica NSE da Mãe	202
Tabela 200. Descritivas e Teste de Qui-quadrado da variável sócio-demográfica Situação Civil dos Pais	202
Tabela 201. Descritivas e Teste de Qui-quadrado da variável sócio-demográfica Com Quem Vive	203
Tabela 202. Descritivas e Teste de U Mann-Whitney da variável sócio-demográfica Quantidade de Pessoas com Quem Vive	203
Tabela 203. Descritivas e Teste de U Mann-Whitney da variável sócio-demográfica Quantidade de Irmãos/meios-irmãos	204
Tabela 204. Descritivas e Teste de Qui-quadrado da variável sócio-demográfica Medicamentos Psiquiátricos	204
Tabela 205. Sexo, Número e Percentagem de Participantes por Centros Educativos e Escolas Grupo APSD Alto ≥ 12	205
Tabela 206. Descritivas e ANOVA da variável sócio-demográfica Idade	205
Tabela 207. Descritivas e Teste de Qui-quadrado da variável sócio-demográfica Grupo Étnico	206
Tabela 208. Descritivas e Teste de Qui-quadrado da variável sócio-demográfica Nacionalidade	206
Tabela 209. Descritivas e Teste de Qui-quadrado da variável sócio-demográfica Rural vs. Urbano	206
Tabela 210. Descritivas e ANOVA da variável sócio-demográfica Ano de Escolaridade Completo do Jovem	207
Tabela 211. Descritivas e Teste de U Mann-Whitney da variável sócio-demográfica Ciclo de Escolaridade Completo do Pai	207
Tabela 212. Descritivas e Teste de U Mann-Whitney da variável sócio-demográfica Ciclo de Escolaridade Completo da Mãe	208

Tabela 213. Descritivas e Teste de U Mann-Whitney da variável sócio-demográfica NSE do Pai	208
Tabela 214. Descritivas e Teste de U Mann-Whitney da variável sócio-demográfica NSE da Mãe	208
Tabela 215. Descritivas e Teste de Qui-quadrado da variável sócio-demográfica Situação Civil dos Pais	209
Tabela 216. Descritivas e Teste de Qui-quadrado da variável sócio-demográfica Com Quem Vive	209
Tabela 217. Descritivas e Teste de U Mann-Whitney da variável sócio-demográfica Quantidade de Pessoas com Quem Vive	210
Tabela 218. Descritivas e Teste de U Mann-Whitney da variável sócio-demográfica Quantidade de Irmãos/meios-irmãos	210
Tabela 219. Descritivas e Teste de Qui-quadrado da variável sócio-demográfica Medicamentos Psiquiátricos	211
Tabela 220. Descritivas e Teste de Qui-quadrado da variável criminal Envolvimento em Actividades Ilegais	211
Tabela 221. Descritivas e ANOVA da variável criminal Idade de 1º Envolvimento em Actividades Ilegais	212
Tabela 222. Descritivas e Teste de Qui-quadrado da variável criminal Problemas com a Lei	212
Tabela 223. Descritivas e ANOVA da variável criminal Idade de 1º Problema com a Lei	212
Tabela 224. Descritivas e Teste de Qui-quadrado da variável criminal Entrada em Centro Educativo	213
Tabela 225. Descritivas e ANOVA da variável criminal Idade de 1ª Entrada em CE	213
Tabela 226. Descritivas e ANOVA da variável criminal Tempo (meses) de Condenação a Internamento	213
Tabela 227. Descritivas e Teste de Qui-quadrado da variável criminal Tipo de Crime	214
Tabela 228. Frequências da variável criminal Tipo de Medida	214
Tabela 229. Frequências da variável criminal A Cumprir Regime	215
Tabela 230. Descritivas e Teste de Qui-quadrado da variável criminal Envolvimento em Actividades Ilegais	215
Tabela 231. Descritivas e ANOVA da variável criminal Idade de 1º Envolvimento em Actividades Ilegais	216
Tabela 232. Descritivas e Teste de Qui-quadrado da variável criminal Problemas com a Lei	216

Tabela 233. Descritivas e ANOVA da variável criminal Idade de 1º Problema com a Lei	216
Tabela 234. Descritivas e Teste de Qui-quadrado da variável criminal Entrada em Centro Educativo	217
Tabela 235. Descritivas e ANOVA da variável criminal Idade de 1ª Entrada em Centro Educativo	217
Tabela 236. Descritivas e Teste de U Mann-Whitney da variável criminal Tempo (meses) de Condenação a Internamento	217
Tabela 237. Descritivas e Teste de Qui-quadrado da variável criminal Tipo de Crime	218
Tabela 238. Descritivas e Teste de Qui-quadrado da variável criminal Tipo de Medida	218
Tabela 239. Frequências da variável criminal A Cumprir Regime	218
Tabela 240. Descritivas e Teste de Qui-quadrado da variável criminal Envolvimento em Actividades Ilegais	219
Tabela 241. Descritivas e ANOVA da variável criminal Idade de 1º Envolvimento em Actividades Ilegais	219
Tabela 242. Descritivas e Teste de Qui-quadrado da variável Criminal Problemas com a Lei	220
Tabela 243. Descritivas e ANOVA da variável criminal Idade 1º Problema com a Lei	220
Tabela 244. Descritivas e Teste de Qui-quadrado da variável criminal Entrada em Centro Educativo	220
Tabela 245. Descritivas e ANOVA da variável criminal Idade de 1ª Entrada em CE	221
Tabela 246. Descritivas e ANOVA da variável criminal Tempo (meses) de Condenação a Internamento	221
Tabela 247. Descritivas e Teste de Qui-quadrado da variável criminal Tipo de Crime	221
Tabela 248. Descritivas e Teste de Qui-quadrado da variável criminal Tipo de Medida	222
Tabela 249. Descritivas e Teste de Qui-quadrado da variável criminal A Cumprir Regime	222
Tabela 250. MANOVA II para Escalas RSES, SDQ-SR, ASDS, MCSDS-SF	223
Tabela 251. Descritivas e ANOVA das Escalas do SDQ-SR	224
Tabela 252. Descritivas e ANOVA da variável RSES	225
Tabela 253. Descritivas e Teste de U Mann-Whitney da variável ASDS	225
Tabela 254. Descritivas e ANOVA da variável MCSDS-SF	225
Tabela 255. MANOVA II para Escalas RSES, SDQ-SR, ASDS, MCSDS-SF	226
Tabela 256. Descritivas e ANOVA das Escalas do SDQ-SR	227

Tabela 257. Descritivas e ANOVA da variável RSES	228
Tabela 258. Descritivas e Teste de U Mann-Whitney da variável ASDS	228
Tabela 259. Descritivas e ANOVA da variável MCSDS-SF	228
Tabela 260. MANOVA II para Escalas RSES, SDQ-SR, ASDS, MCSDS-SF	229
Tabela 261. Descritivas e ANOVA das Escalas do SDQ-SR	230
Tabela 262. Descritivas e ANOVA da variável RSES	231
Tabela 263. Descritivas e Teste de U Mann-Whitney da variável ASDS	231
Tabela 264. Descritivas e ANOVA da variável MCSDS-SF	231
Tabela 265. Coeficientes do modelo de regressão logística binária da variável Grupos Forense e Escolar	240
Tabela 266. Coeficientes do modelo de regressão logística binária da variável Grupos APSD de Traços Psicopáticos Baixos (APSD <11) e Altos (APSD ≥ 12)	241
Tabela 267. Sumário de análise de regressão múltipla simultânea para auto-estima e narcisismo na predição da delinquência auto-relatada	242

PARTE I - ENQUADRAMENTO TEÓRICO

1. Introdução

A delinquência juvenil é um fenómeno cada vez mais saliente nas sociedades actuais. As notícias sobre jovens delinquentes violentos e não-violentos são amplamente divulgadas pelos órgãos de comunicação social e têm um enorme impacto na opinião pública, causando um alarme social que pressiona o Estado a actuar. A delinquência juvenil pode assumir muitas formas e pode ser entendida de modos muito distintos. Actos como furtar algo numa loja ou agredir uma pessoa diferem na gravidade com que são encarados quer pelas autoridades quer pelo cidadão comum. Estes tipos de comportamentos ocorrem tão frequentemente em jovens que têm vindo a ser conceptualizados como normativos (e.g., Eklund & Af Klintberg, 2009; Lynam, 1996).

Apesar de muitos jovens se envolverem, nem que seja pontualmente, em actos transgressivos ou ilegais apenas uma pequena minoria comete actos graves de forma persistente. Todavia, essa pequena minoria é responsável por uma parte substancial dos actos delinquentes cometidos (e.g., Baron, 1995; Elliott & Ageton, 1980; Farrington & West, 1993; Henry, Caspi, Moffitt & Silva, 1996; Howell, Krisberg & Jones, 1995; Loeber & Farrington, 2001; Nagin & Tremblay, 1999; Office of Juvenile Justice and Delinquency Prevention, 1995), o que faz aumentar substancialmente a importância de se proceder à sua investigação.

Assiste-se actualmente a um interesse renovado pelo estudo da delinquência juvenil e ao desenvolvimento de novas teorias e hipóteses de investigação (e.g., Moffitt, Caspi, Rutter & Silva, 2006; Patterson & Yoerger, 2002). Autores proeminentes nesta área de investigação (e.g., Farrington, Loeber e Kalb, 2001) enfatizam a necessidade de se incentivar a investigação empírica das características dos jovens delinquentes graves de

forma a obter conclusões científicas sólidas que permitam posteriormente fundamentar as intervenções no terreno, quer em termos de eficácia terapêutica quer em termos de custo/benefício.

É facto sobejamente conhecido pela investigação efectuada nas últimas décadas que os comportamentos anti-sociais têm uma grande estabilidade ao longo da vida (Farrington, 2004), sendo que o melhor preditor do comportamento anti-social futuro é o comportamento anti-social passado (Tremblay & LeMarquand, 2001) e a idade em que este se iniciou (Farrington, Loeber & Van Kammen, 1990).

Actualmente sabe-se que os menores que se iniciam precocemente (i.e., antes dos 12 anos de idade) nas actividades anti-sociais têm um risco acrescido de duas a três vezes relativamente a tornarem-se delinquentes persistentes que cometem crimes graves de forma continuada (Loeber & Farrington, 2001; Farrington, Loeber & Kalb, 2001) e a investigação sugere que os melhores preditores do comportamento anti-social infantil e juvenil se encontram a nível das características individuais e familiares (Wasserman & Seracini, 2001).

De entre as características individuais acima referidas o constructo da psicopatia enquanto aplicado a adolescentes e a crianças tem vindo recentemente a ganhar uma importância crescente, apesar da sua longa história nas ciências biomédicas e psicológicas (Vaughn & Howard, 2005b). Têm-se vindo a acumular evidências de que este constructo estará associado a uma maior estabilidade dos comportamentos anti-sociais, a comportamentos delinquentes mais graves e violentos, a um início precoce das actividades criminais, a detenções precoces pela polícia e a condenações precoces pelos tribunais (e.g., Forth & Book, 2010; Kruh, Frick & Clements, 2005; Van Baardewijk, Vermeiren, Stegge & Doreleijers, 2011).

Na última década tem-se assistido a um enorme interesse na aplicação do constructo da psicopatia a adolescentes e a crianças, que se tem vindo a revelar no notório aumento de instrumentos psicométricos e de artigos de investigação empírica publicados sobre o tema. Numa pesquisa efectuada na PsycINFO, por exemplo, foram identificados 542 artigos no período de 2003 a 2009 (Salekin & Lynam, 2010). Revistas como *Behavioral Sciences and the Law*, *Journal of Abnormal Child Psychology*, *Law and Human Behavior* e *Journal of Clinical Child and Adolescent Psychology* têm dedicado edições especiais inteiras a este tópico. A consideração da inclusão do diagnóstico de psicopatia na secção de Perturbações Disruptivas do Comportamento e de Défice de Atenção da futura DSM-V, cujo lançamento está previsto para 2013, é prova da sua crescente importância (Frick & Moffitt, cit. Salekin & Lynam, 2010).

Considerando os aspectos acima referidos relacionados com a delinquência juvenil, a primeira parte desta dissertação é dedicada ao enquadramento teórico do tema a ser focado, nomeadamente o estudo de algumas variáveis psicológicas e relacionais com ênfase nos traços psicopáticos. Entre essas variáveis contam-se os traços psicopáticos e as dimensões que os constituem, os problemas de comportamento, a auto-estima, os comportamentos delinquentes, a desejabilidade social e a perturbação do comportamento, além de variáveis moderadoras de tipo sócio-demográfico e de tipo criminal.

A segunda parte da dissertação é dedicada aos vários estudos empíricos efectuados, iniciando-se esta por questões relativas à metodologia que incluem o delineamento dos estudos e as hipóteses, a caracterização das amostras de participantes, os instrumentos utilizados e os procedimentos. Para cada um dos estudos os respectivos resultados são apresentados, analisados e discutidos.

No primeiro estudo procede-se à validação dos instrumentos psicométricos utilizados de forma a assegurar que as suas propriedades métricas os tornem adequados a

serem utilizados com a população juvenil portuguesa em geral e na medição dos constructos utilizados na presente investigação. No segundo estudo comparam-se os participantes de ambos os sexos da amostra forense e da amostra escolar e os rapazes e raparigas da amostra forense relativamente às características psicológicas e relacionais seleccionadas. No terceiro estudo comparam-se os participantes de ambos os sexos dos grupos de traços psicopáticos altos e de traços psicopáticos baixos relativamente às características psicológicas e relacionais. No quarto estudo analisa-se a capacidade de previsão de pertença dos participantes a amostras e a grupos diferentes com base nas características psicológicas e relacionais estudadas, analisando-se também a importância relativa da auto-estima e do narcisismo na predição de comportamentos delinquentes.

2. Trajectórias delinquentes

A investigação empírica tem demonstrado que os comportamentos delinquentes graves estão desproporcionalmente concentrados em jovens do sexo masculino (Hawkins, Laub & Lauritsen, 1998; Lipsey & Derzon, 1998), e que o período da vida do indivíduo em que ocorrem as primeiras manifestações anti-sociais (e.g., início precoce *versus* início tardio) é um aspecto fulcral no entendimento dos processos delinquentes. Os investigadores a trabalhar nesta área têm feito tentativas sistemáticas de categorização das múltiplas manifestações desses comportamentos anti-sociais, conforme veremos em seguida.

Gottfredson e Hirschi (1990) concebem o autocontrolo como um traço relativamente estável ao longo da vida, mais ou menos desenvolvido consoante o indivíduo, que funciona como uma barreira entre o indivíduo e os benefícios obtidos através do crime. Um autocontrolo baixo que se desenvolva cedo na vida do indivíduo

devido a comportamentos educativos inadequados por parte dos pais aumenta a probabilidade do surgimento precoce de actos anti-sociais e de que estes se mantenham durante mais tempo.

Loeber e Farrington (2001) admitem a existência de três trajectórias distintas na evolução dos comportamentos delinquentes: a) agressiva/versátil, b) não agressiva e c) exclusivamente de abuso de drogas. Cada uma destas trajectórias teria características distintas. Na agressiva/versátil, por exemplo, haveria problemas de comportamento na infância, comportamentos agressivos, relações muito pobres, problemas de hiperactividade/impulsividade/atenção, competências sociais deficientes, etc. Estes autores conceptualizam a existência de três linhas de evolução na delinquência: a) conflito com a autoridade, b) encoberta e c) aberta. Cada uma destas linhas estaria associada a uma idade específica de início e seguiria uma sequência previsível, sendo que combinações destas levariam às trajectórias distintas acima referidas.

Kazdin (1996), a partir da análise estatística de constelações de sintomas, divide os ofensores juvenis em dois subtipos: o agressivo e o delinvente. Os indivíduos de tipo agressivo seriam caracterizados por comportamentos como lutas, actos de crueldade para com pessoas ou animais, ou destruição de propriedade. Os indivíduos de tipo delinvente seriam caracterizados pela prática de furtos, fugas de casa ou escola, mentiras crónicas e actos de fogo posto. O subtipo agressivo seria mais estável ao longo do tempo, havendo evidências empíricas mais fortes para o percurso delinvente deste tipo de indivíduos. De salientar que certos sujeitos poderiam demonstrar uma combinação híbrida de ambos os subtipos.

Moffitt (1993) descreve duas modalidades distintas de percursos anti-sociais, que designa por comportamento anti-social limitado à adolescência e por comportamento anti-social persistente ao longo da vida. A delinquência limitada à adolescência, como o nome

indica, estaria confinada à própria adolescência e terminaria com o início da idade adulta, podendo ser caracterizada como um fenómeno transgressivo normativo quase universal e delimitado no tempo fomentado pela vontade de acesso a recursos materiais e de *status*.

Para Moffitt o comportamento anti-social persistente ao longo da vida englobaria um menor número de indivíduos cujas manifestações anti-sociais emergiriam precocemente e se manteriam ao longo de grande parte da vida. A autora atribui tal a vulnerabilidades neuro-psicológicas (lesões cerebrais perinatais e problemas neurológicos pós-natais) e a contextos educacionais desfavoráveis em que os próprios pais têm dificuldades de temperamento e de personalidade semelhantes, possivelmente devido a antecedentes genéticos.

Quinsey, Skilling, Lalumière e Craig (2004) defendem uma categorização em três grupos. O primeiro grupo, à semelhança do que é descrito por Moffitt (1993), seria composto por adolescentes com comportamentos anti-sociais limitados à adolescência, havendo uma associação destes comportamentos à toma de riscos que contribuiria para o seu sucesso reprodutivo nos ambientes ancestrais. O segundo grupo seria composto por delinquentes persistentes ao longo da vida com um historial de problemas de desenvolvimento neurológico, apoio parental e ambiente instável, e exposição a jovens com modelos desviantes. O terceiro grupo também consistiria em delinquentes persistentes ao longo da vida, mas cujas causas do seu comportamento não seriam patológicas. Estes últimos indivíduos, frequentemente classificados como psicopatas, utilizariam uma estratégia adaptativa de manipulação, dominação, coacção e agressão, ocupando um nicho fora do ambiente da cooperação social.

Nas teorias acima referidas, de uma forma geral um início precoce tem vindo a ser conceptualmente associado a um tipo de criminalidade mais persistente, grave e violenta, enquanto um início mais tardio tem sido associado a um tipo menos grave, menos violento

e mais transitório de criminalidade (e.g., Andershed, Gustafson, Kerr & Stattin, 2002), permanecendo em aberto a questão de até que ponto estes tipos de delinquentes diferem realmente entre si qualitativamente e quantitativamente. A teoria tipológica de Moffitt (1993), por exemplo, defende que existem diferenças qualitativas fundamentais, enquanto a teoria do autocontrolo de Gottfredson e Hirschi (1990), por exemplo, defende que se trata de diferenças na intensidade de certos défices psicossociais.

Apesar de nos últimos vinte anos terem havido avanços teóricos notáveis no campo da delinquência infantil e juvenil, grande parte dos pressupostos aguarda ainda comprovação empírica. Algo de comum à maioria das teorias, independentemente dos processos etiológicos teoricamente envolvidos ou de se tratar de características categoriais ou dimensionais, é a importância que se atribui a variáveis individuais (e.g., traços psicopáticos) e familiares (e.g., famílias monoparentais). É nesse tipo de variáveis que a investigação actual se tem centrado.

3. Conceptualização dos fenómenos comportamentais anti-sociais

Muitas definições têm sido propostas para definir os actos que entram em conflito com as normas ou expectativas sociais e a lei. O termo comportamento anti-social (Negreiros, 2001) será o mais abrangente, referindo-se a um espectro lato de actividades como fugas, agressão, furto, roubo, vandalismo, e outros actos que violam as normas da sociedade em que o jovem se (des)insere. O termo comportamento delinvente é mais restrito, estando associado ao enquadramento jurídico-penal, nomeadamente focando-se nos actos que podem ser alvo de sanção penal caso o individuo tenha atingido a idade de responsabilização criminal.

Os comportamentos anti-sociais juvenis têm sido estudados desde o ponto de vista de diversas vertentes científicas que nem sempre tentam ou conseguem integrar entre si os conhecimentos obtidos. A criminologia tenta focar-se nos confrontos entre os sistemas legais e os jovens que cometem os actos anti-sociais. A psicologia e a psiquiatria forenses estudam esses comportamentos desde a perspectiva desenvolvimentista, focando o desvio da “normalidade” psíquica. A sociologia tenta entender as dinâmicas sócio-culturais que provocam o surgimento e manutenção dos comportamentos anti-sociais nas diversas sociedades. A epidemiologia fornece dados sobre a sua prevalência e incidência.

Os comportamentos anti-sociais estão intrinsecamente relacionados com a incapacidade ou falta de vontade dos indivíduos se conformarem às normas de determinada sociedade e ao respeito pela autoridade ou direitos de outras pessoas (Frick, 1998). A violação das normas sociais e/ou dos direitos dos outros pode assumir um carácter mais ligeiro (e.g., faltas à escola) ou pelo contrário ter aspectos marcadamente graves (e.g., homicídio). Todavia, é relativamente frequente que estes comportamentos não surjam isoladamente, mas sim agregados uns aos outros, i.e., associados. Daí falar-se em comportamentos anti-sociais no plural ou em perturbações do comportamento no plural.

Desde o ponto de vista psíquico tem-se encarado o fenómeno quer desde uma conceptualização categorial (e.g., Harris, Rice & Quinsey, 1994) quer desde uma conceptualização dimensional (e.g., Hare, 2003). Ambas as conceptualizações no fundo estabelecem uma divisão entre o normal e o anormal. Por exemplo, enquanto a psiquiatria pode considerar patológico que o sujeito apresente três critérios nos últimos doze meses, a psicologia pode considerar anormal que as pontuações dos sujeitos numa determinada escala se situem acima do percentil 95.

Falar em classificação psiquiátrica implica incontornavelmente falar no Manual de Diagnóstico e Estatística das Perturbações Mentais, actualmente na sua quarta edição

revista (DSM-IV-TR; American Psychiatric Association, 2002). Os critérios de diagnóstico da Perturbação do Comportamento do DSM-IV-TR enquadram-se num sistema psicopatológico. A definição de perturbação de comportamento utilizada implica e situa o comportamento perturbado como estando para além do clinicamente normal, interferindo negativamente na vida do sujeito. Entra-se assim no campo da disfunção clínica – por oposição aos processos anti-sociais “normativos” da adolescência – em que se tem especificamente em consideração a frequência, intensidade e persistência com que os ditos comportamentos se manifestam em conflito com as outras pessoas (Kazdin, 1996).

Desde o ponto de vista dimensional de classificação das perturbações de comportamento há que ter em conta a vertente “multivariada” ou “empírica” (Frick, 1998), que se diferencia da categorial na comparação com uma amostra normativa e pela identificação de co-variações comportamentais relativas à perturbação. Esta vertente dimensional utiliza métodos estatísticos multivariados (e.g., análise factorial) para isolar dimensões do comportamento altamente correlacionadas. A fragilidade deste método resulta principalmente dos comportamentos e das amostras incluídos na análise

Independentemente de a abordagem ser categorial ou dimensional (Filho, Teixeira, & Dias, 2009), é ilusório e artificial considerar que existem pontos de corte limpos: e se o jovem está no percentil 94 ou se apresenta três critérios mas apenas há onze meses? Apesar deste tipo de classificações serem inevitáveis há que ter em mente o seu carácter abstracto e reconhecer objectivamente que os seus fundamentos podem ser frágeis. A dificuldade em definir os limites operacionais da psicopatia também traz à tona questões conceptuais acerca da legitimidade do constructo, nomeadamente a questão central de a psicopatia poder ser ou não considerada uma perturbação mental com características próprias que justifiquem a sua avaliação específica.

4. Psicopatia e traços psicopáticos

As teorizações e operacionalizações actuais sobre psicopatia derivam, na sua maioria, da obra de Herbert Cleckley (1976) *The Mask of Sanity*, originalmente publicada em 1941, onde este retrata os psicopatas como indivíduos profundamente perturbados nas suas relações com os outros e com a sociedade, mas camuflados sob uma máscara de aparente sanidade. A definição da psicopatia por Cleckley teve um profundo impacto ao chamar a atenção para o seu forte valor preditivo do comportamento anti-social em geral (Harpur, Hare & Hakstian, 1989) e particularmente para as suas relações com os comportamentos violentos, impulsivos e agressivos em adultos (Hare, Clark, Grann & Thornton, 2000).

A sua obra constituiu a grande referência que deu origem ao *gold standard* da avaliação psicométrica da psicopatia desenvolvido por Robert Hare (1980; 2003): a *Psychopathy Checklist* (PCL; Hare, 1980, 2003), que por sua vez deu origem a outros instrumentos como o *Antisocial Process Screening Device* (APSD; Frick & Hare, 2001), a *Child Psychopathy Scale* (CPS; Lynam, 1997) ou o *Youth Psychopathic Traits Inventory* (YPI; Andershed, Kerr, Stattin & Levander, 2002).

É importante fazer uma diferenciação entre os termos psicopatia e traços psicopáticos (Andershed, 2010; Cooke & Michie, 2001; Hare, 2003). A psicopatia é geralmente conceptualizada como uma síndrome que se mantém ao longo da vida e que engloba uma constelação de traços extremos a nível interpessoal, afectivo, comportamental e de estilo de vida. Os sujeitos psicopáticos tendem a demonstrar comportamentos violentos proactivos com mais frequência, motivados por razões instrumentais como ganhos materiais e vingança (e.g., Serin, 1991).

Os traços psicopáticos, por sua vez, podem ser definidos como os traços/sintomas e comportamentos individuais, que se manifestam de forma mais ou menos intensa e estável,

e que constituem a síndrome da psicopatia. O constructo de traços psicopáticos actualmente refere-se a um padrão manipulador, enganador, insensível e sem remorsos que tem sido demonstrado ser importante para compreender o comportamento anti-social. A presença de traços psicopáticos também tem vindo a ser associada a um tipo de comportamento anti-social mais grave, persistente e violento, de início precoce, com preferência por actividades excitantes e perigosas (e.g., Andershed, Gustafson, Kerr & Stattin, 2002; Frick, Kimonis, Dandreaux & Farrel., 2003; Vitacco et al., 2002).

A importância desta distinção reside no facto de ser possível um dado individuo possuir traços psicopáticos mais ou menos intensos e estáveis consoante estejam ou não integrados com outros traços da síndrome de psicopatia. Os traços calosos/não-emocionais, por exemplo, podem existir com ou sem demonstrações comportamentais significativas de impulsividade. Há portanto que ter em conta qual a abordagem que os autores de diferentes estudos adoptaram, sendo que a maior parte dos estudos foca traços psicopáticos e não a síndrome de psicopatia *per se*.

Até recentemente o estudo da psicopatia em mulheres, adolescentes e crianças foi praticamente ignorado por psicólogos forenses e psicopatologistas (Verona & Vitale, 2006; Verona, Sadeh & Javdani, 2010). Desde então os investigadores têm vindo a modificar a rede nomológica da psicopatia em criminosos adultos de forma a adaptar os instrumentos de investigação e avaliação a adolescentes e crianças.

Alguns autores têm questionado a utilidade e correcção da aplicação do constructo da psicopatia aos jovens, argumentando que estes traços podem não representar características estáveis que persistirão na idade adulta sendo sim transitórios à adolescência (Grisso, 1998; Hart, Watt & Vincent, 2002; Seagrave & Grisso, 2002). Estes autores defendem que colocar este tipo de diagnóstico nos jovens leva a que sejam erradamente rotulados como perigosos e irrecuperáveis para a sociedade, prejudicando-os gravemente

no seu percurso de vida sem que haja evidências empíricas suficientemente fortes que o justifiquem.

Como veremos mais à frente estas objecções têm sido refutadas pela maioria dos estudos empíricos e das revisões de literatura que têm vindo a ser efectuados. Pardini e Loeber (2008), por exemplo, demonstraram que uma maior estabilidade de traços psicopáticos em jovens predizia níveis mais altos de características anti-sociais de personalidade na idade adulta, enquanto Salekin, Rosenbaum e Lee (2008) concluíram que existem amplas evidências de que os indicadores de psicopatia em crianças, adolescentes e adultos partilham muitas semelhanças a nível de prevalência (cerca de 20%) em centros de detenção de adolescentes e prisões de adultos, a nível da ligação de problemas de comportamento a comportamentos anti-sociais e violentos e a nível de estrutura factorial.

No que diz respeito à estrutura factorial do constructo, tem-se vindo a defender que os traços psicopáticos se combinam e manifestam nas mesmas três dimensões que caracterizam a psicopatia em adultos, nomeadamente traços calosos/não-emocionais, impulsividade e narcisismo, mesmo em contextos culturais/étnicos diferentes (Bijttebier & DeCoene, 2009; Cook & Michie, 2001; Frick, Bodin & Barry, 2000; Fung, Gao & Raine, 2010; Van Baardewijk, Stegge, Andershed, Thomaes, Scholte & Vermeiren, 2008; Van Baardewijk, Vermeiren, Stegge & Doreleijers, 2011).

Apesar dessa relativa concordância o tópico não está fechado, e continua a decorrer o debate acerca da melhor forma de conceptualizar a psicopatia e de aplicar o constructo a crianças e adolescentes de ambos os sexos. Tal como aconteceu no caso dos adultos (Hare, 2003), outras estruturas factoriais têm sido descritas. Frick, O'Brien, Wootton, & McBurnett (1994) evidenciaram a existência de um modelo com dois factores: Impulsividade-Problemas de comportamento (I-CP) e traços calosos/não-emocionais (CU). O factor I-CP é consistente com o Factor 2 do PCL-R dado que parece indexar tendências

desinibitórias (externalizantes) gerais, enquanto o factor CU é associado com baixa ansiedade, reactividade emocional negativa, desinibição, busca de sensações e agressão proactiva (Patrick, 2010). Já Dadds, Fraser, Frost e Hawes (2005) descreveram uma prolifera estrutura de cinco factores.

De qualquer forma, a estrutura de três factores – traços calosos/não-emocionais, impulsividade e narcisismo – é a que tem vindo a ser mais trabalhada na literatura. Os traços calosos/não emocionais referem-se a um estilo afectivo (e.g., ausência de culpa, restrição da emoção demonstrada) e interpessoal (e.g., falta de empatia) que emerge como uma dimensão distinta do constructo da psicopatia. Este tipo de traços têm sido referenciados como tendo a capacidade de diferenciar um tipo de adolescentes delinquentes mais graves e agressivos (Caputo, Frick & Brosky, 1999; Kruh, Frick & Clements, 2005) de uma forma que outras dimensões (e.g., impulsividade) não conseguem.

A impulsividade tem vindo a ser considerada uma das peças centrais de várias teorias actuais do crime e da toxicoddependência, além de ser um eixo fundamental em qualquer teoria da personalidade (Lynam & Miller, 2004). Os comportamentos impulsivos em adolescentes têm sido consistentemente associados a uma maior diversidade e quantidade de crimes (e.g., Lynam, 1996, 1998). A impulsividade é possivelmente um dos critérios diagnósticos mais frequentemente utilizados na versão actual do *Diagnostic and Statistical Manual for Mental Disorders* (DSM-IV-TR; American Psychiatric Association, 2002).

O narcisismo é outra das dimensões que surge da decomposição do constructo da psicopatia. Teorizado classicamente como uma defesa contra sentimentos de inadequação e inferioridade, mais recentemente tem sido conceptualizado como a necessidade do indivíduo em ter um apreço elevado por si próprio e de levar as pessoas em seu redor a demonstrar esse mesmo apreço elevado. O narcisismo em adolescentes tem sido associado

a problemas de comportamento, a agressão proactiva e a baixa auto-estima (Washburn et al., 2004).

De seguida iremos desenvolver as conceptualizações ligadas a cada uma destas dimensões e a forma como se inter-relacionam.

4.1. Modelo tridimensional da psicopatia

4.1.1. Traços calosos/não-emocionais

A presença de traços calosos/não-emocionais (e.g., ausência de culpa, de empatia, de investimento afectivo nos outros) tem vindo cada vez mais a ser considerada um importante caminho causal para entender o comportamento anti-social e agressivo nos jovens, tal como já acontece nos adultos (Hare, 1999) nos quais a presença destes traços indica um tipo particularmente grave e violento de delinquentes.

Barry, Frick, DeShazo, McCoy, Ellis e Loney (2000) focaram-se na utilização dos traços calosos/não-emocionais para identificar um subgrupo de crianças Perturbação de Hiperactividade e de Défice de Atenção e com Perturbação da Oposição ou Perturbação do Comportamento que demonstravam ter características semelhantes a adultos com psicopatia. Os resultados indicaram que as crianças com traços elevados demonstravam características tipicamente associadas a psicopatia (e.g., ausência de medo, estilo de resposta dominado pela recompensa) e pareciam menos perturbadas com os seus problemas de comportamento. Os autores concluíram que apenas a impulsividade e os comportamentos anti-sociais eram insuficientes para classificar pessoas que se encaixam no diagnóstico de psicopatia.

Loney, Frick, Clements, Ellis e Kerlin (2003) analisaram a reactividade emocional de adolescentes com problemas de comportamento anti-social utilizando um paradigma de decisão lexical dado que em amostras forenses de adultos os traços psicopáticos estão

associados a anormalidades no processamento de estímulos emocionais. Os resultados indicaram que a dimensão de traços calosos/não-emocionais estava associada com reacções mais lentas a palavras negativas, enquanto os problemas de controlo de impulsos estavam associados com reacções mais rápidas. Os autores sugerem que os diferentes padrões de reactividade emocional podem caracterizar subgrupos distintos de jovens com problemas de comportamento anti-social.

Pardini, Lochman e Frick (2003) analisaram a relação entre factores traços calosos/não-emocionais e impulsividade/perturbação do comportamento em adolescentes detidos. Os resultados apoiaram a natureza bidimensional dos dois factores, sendo que os traços calosos/não-emocionais estavam fortemente associados com défices na empatia emocional e cognitiva, enquanto o factor impulsividade/perturbação do comportamento estava mais fortemente relacionado com desregulação do comportamento.

Kimonis, Frick e Barry (2004) examinaram a associação entre os traços calosos/não-emocionais e a afiliação a grupos de jovens delinquentes, tendo concluído que os jovens com pontuações mais altas nos traços calosos/não-emocionais e nos problemas de comportamento eram os que demonstravam ter maior afiliação com grupos de pares delinquentes.

Frick, Stickle, Dandreaux, Farrell e Kimonis (2005) procuraram investigar se a presença de traços calosos/não-emocionais caracterizava crianças com problemas de comportamento e um padrão especialmente grave e crónico de delinquência. Os resultados indicaram que as crianças com traços calosos/não-emocionais altos eram as que tinham maiores níveis de perturbação do comportamento, delinquência auto-relatada e contactos com a polícia.

Frick e Dantagnan (2005) analisaram preditores de persistência de problemas de comportamento em crianças com e sem traços calosos/não-emocionais. Os autores

concluíram que a estabilidade dos problemas de comportamento em crianças sem traços calosos/não-emocionais estava fortemente relacionada com o nível de impulsividade e com o nível sócio-económico, enquanto as crianças com traços calosos/não-emocionais demonstraram ter perturbações de comportamento mais estáveis se combinadas com níveis mais altos de stress.

Dadds, Fraser, Frost e Hawes (2005) procuraram avaliar a validade dos traços calosos-não-emocionais enquanto precursor de perturbação de comportamento e de comportamento anti-social. Os resultados indicaram que os traços calosos/não-emocionais aumentaram significativamente a capacidade de prever o comportamento anti-social em rapazes e raparigas, apesar de haver alguma sobreposição com as dimensões de perturbações do comportamento disruptivas.

Frick e White (2008), na sua revisão de literatura sobre a importância dos traços calosos/não-emocionais, apontaram fortes evidências da relação entre os traços calosos/não-emocionais em particular (e dos traços psicopáticos em geral) com perturbações do comportamento mais graves, delinquência, agressão e violência. Existe um número crescente de evidências de que os traços calosos/não-emocionais distinguem qualitativamente e caracterizam um subgrupo de jovens com um padrão particularmente marcado de comportamento anti-social e agressivo, que emerge precocemente na sua vida e os torna particularmente susceptíveis a tornarem-se delinquentes crónicos.

Os comportamentos anti-sociais e agressivos dos jovens com estes traços elevados parecem estar menos relacionados com factores de adversidade (e.g., más práticas parentais, baixa inteligência), sendo que estes jovens aparentam ter características qualitativamente distintas a nível emocional e cognitivo (e.g., ausência de medo a punições e perigos; busca persistente de sensações e novidades) que levam a que a sua trajectória delinquencial seja qualitativamente diferente no pior sentido.

Têm vindo a ser feitos estudos para desenvolver e aperfeiçoar medidas psicométricas de traços calosos/não-emocionais em crianças e adolescentes (e.g., Essau, Sasagawa & Frick, 2006; Kimonis, Frick, Skeem, Marsee, Cruise, Munoz, Aucoin & Morris, 2008; Roose, Bitttebier, Decoene, Claes & Frick, 2010).

4.1.2. Impulsividade

Desde há décadas que investigadores de renome têm defendido que a impulsividade é uma característica importante do comportamento anti-social e psicopático (e.g., Barratt & Patton, 1983; Cleckley, 1976; Eysenck, 1977; Hirschi, 1969). Durante os últimos 50 anos o conceito de psicopatia, desde o ponto de vista psiquiátrico, tem-se subsumido ainda mais e refere-se actualmente a uma forma de perturbação da personalidade da qual a impulsividade é um sintoma chave (Hart & Dempster, 1997). Todavia, até há pouco tempo existiam poucas evidências empíricas que suportassem consistentemente a afirmação do papel fundamental desempenhado pela impulsividade, possivelmente devido a uma falta de rigor metodológico que levava à obtenção de resultados contraditórios (e.g., Oas, 1985).

Wallace, Newman e Bachorowski (1991) argumentaram que impulsividade, hiperactividade, comportamento anti-social e psicopatia, entre outros, são aspectos de uma síndrome de desinibição caracterizada por um padrão de respostas essencialmente determinado por contingências de reforço imediato em vez de gratificações prospectivas. Estes autores sugeriram que a incapacidade de adiar a gratificação observada em psicopatas se pode dever a défices na modulação de respostas associada com um nível mais alto de impulsividade.

Moffitt (1993) defendeu que a impulsividade aumenta o risco de comportamento anti-social persistente a longo prazo através de métodos directos e indirectos. Directos ao interferir com a capacidade da criança ou jovem controlar os seus comportamentos e

pensar nas consequências futuras dos seus actos. Indirectos devido a que défices no controlo dos impulsos podem levar ao insucesso escolar, fomentando a incapacidade futura de ter sucesso sócio-profissional que leva o indivíduo a procurar os benefícios a curto prazo associados ao envolvimento em actividades anti-sociais.

White, Moffitt, Caspi, Bartusch, Needles e Stouthamer-Loeber (1994), utilizando uma metodologia de avaliação multi-método multi-fonte analisaram longitudinalmente uma amostra de rapazes com 11 medidas de impulsividade, o que revelou a existência de dois factores: impulsividade cognitiva e impulsividade comportamental. A impulsividade cognitiva estava mais relacionada com o Quociente de Inteligência (QI). A impulsividade comportamental estava mais relacionada com a delinquência grave e persistente que é mais estável ao longo do tempo.

Luengo, Carrillo-de-la-Peña, Otero e Romero (1994) analisaram longitudinalmente a relação entre impulsividade e comportamento anti-social numa amostra de adolescentes não-institucionalizados tendo em conta a natureza multidimensional da impulsividade e a diversidade dos comportamentos anti-sociais. Os autores concluíram que as medidas de impulsividade estavam fortemente correlacionadas com os comportamentos anti-sociais e também com a escalada futura desses comportamentos.

Lynam (1996, 1997, 1998) deu especial relevância à impulsividade ao propor aplicar o constructo da psicopatia a crianças e adolescentes. Segundo ele, as crianças que exibiam uma combinação de impulsividade, hiperactividade e défice de atenção, bem como de perturbação do comportamento, teriam uma variante especialmente virulenta de perturbação de comportamento que os tornava “fledgling psychopaths” (termo que pode ser traduzido como “jovenzinhos psicopatas”). Lynam defendeu que estas crianças teriam muitos dos atributos descritos nos psicopatas adultos (e.g., Leistico, Salekin, DeCoster & Rogers, 2008), e podiam ser distinguidas das restantes utilizando medidas de psicopatia, de

comportamento anti-social e de tarefas laboratoriais construídas para avaliar a modulação de respostas e a dificuldade em adiar a gratificação.

Christian, Frick, Hill, Tyler e Frazer (1997) identificaram um subgrupo de crianças que acreditaram ter características psicopáticas. Recorrendo a uma amostra clínica de 120 crianças avaliaram impulsividade, traços calosos/não-emocionais e perturbações do comportamento/oposição. As crianças com elevações na impulsividade e nas restantes duas áreas ($n = 11$) foram classificadas como tendo um comportamento de tipo psicopático, demonstrando comportamentos agressivos, destrutivos e de desafio às figuras de autoridade.

Vitacco, Neumann, Robertson e Durrant (2002) avaliaram as contribuições da impulsividade e dos traços calosos/não-emocionais na avaliação de adolescentes do sexo masculino detidos em centro de detenção juvenil. Os resultados indicaram que os jovens que obtiveram pontuações mais altas em impulsividade e em traços calosos passaram mais dias detidos, tinham mais comportamentos anti-sociais, mais sintomas psicopatológicos e piores ligações sócio-familiares.

Numa investigação posterior Vincent, Vitacco, Grisso e Corrado (2003) procuraram identificar subgrupos de delinquentes juvenis com base em dimensões comportamentais, afectivas e interpessoais. Os autores concluíram que a impulsividade estava fortemente associada de forma retrospectiva com os comportamentos anti-sociais graves, mas não de forma prospectiva. Segundo eles, apenas a impulsividade e os comportamentos disruptivos (dimensão comportamental) não eram suficientes para identificar correctamente os transgressores graves, devendo-se usar uma combinação das três dimensões (comportamental, afectiva e interpessoal) para classificar correctamente o subgrupo mais crónico e grave.

Carroll, Hemingway, Bower, Ashman, Houghton e Durkin (2006) investigaram as diferenças nos níveis de impulsividade entre adolescentes com início de actividade delinvente precoce (i.e., ≤ 12 anos), adolescentes com início de actividade delinvente tardia (i.e., ≥ 13 anos) e adolescentes não delinquentes. Os sujeitos foram avaliados recorrendo a uma ampla selecção de instrumentos de medição de impulsividade (e.g., Eysenck Impulsiveness Questionnaire; Stroop colour and Word Test), tendo os resultados sugerido que os adolescentes que exibem alta impulsividade, tempo cognitivo rápido e controlo mental inibitório baixo teriam mais probabilidades de serem adolescentes com início de actividade delinvente precoce.

De salientar que têm vindo a ser feitos estudos para desenvolver e aperfeiçoar medidas psicométricas de impulsividade (e.g., Chahin, Cosi, Lorenzo-Seva & Vigil-Colet, 2010; Diemen, Szobot, Kessler & Pechansky, 2007; Eysenck, Easting & Pearson, 1984; Fossati, Barratt & Acquarini, 2002).

4.1.3. Narcisismo

O narcisismo enquanto conceito tem origem na mitologia grega. Narciso era um rapaz jovem e muito belo que rejeitou a ninfa Eco, que o desejava desesperadamente. Como castigo, foi amaldiçoado de forma a apaixonar-se incontrolavelmente pela sua própria imagem reflectida na água. Incapaz de concretizar a sua paixão, Narciso suicidou-se por afogamento. A teoria psicanalítica do início do século XX redefiniu o narcisismo desde o ponto de vista do desenvolvimento psíquico e da psicopatologia. Freud (1914/1980) acreditava que algum nível de narcisismo constitui uma parte de todos desde o nascimento: o narcisismo não seria apenas uma condição patológica, mas também um protector do psiquismo que promove a constituição de uma imagem de si unificada, perfeita, cumprida e inteira.

Para Kernberg (cit. Calhoun, Glaser, Stefurak & Bradshaw, 2000) o narcisista patológico é aquele que não consegue resolver a tensão natural entre o *self* actual e o *self* idealizado, e assim insufla a sua auto-imagem para se proteger da rejeição dos outros. Para Kohut (cit. Calhoun, Glaser, Stefurak & Bradshaw, 2000) o narcisismo é uma estrutura instável de cariz defensivo, organizada sob a forma de uma auto-imagem grandiosa e ideal, que não se consegue manter face às realidades da vida.

Segundo Rhodewalt e Morf (1995) os narcisistas insuflam a imagem que têm de si próprios de forma a protegerem-se da rejeição dos outros, tendem a alterar a sua interpretação da realidade e procuram maximizar a sua auto-estima através de actos que ganhem a aprovação e admiração de outras pessoas de forma a validarem externamente a sua auto-imagem grandiosa.

Raskin e Terry (1988) propuseram uma conceptualização mais complexa do narcisismo, separando-o numa estrutura bidimensional: narcisismo adaptativo e narcisismo mal adaptativo. Os traços adaptativos seriam os mais semelhantes à auto-estima alta (e.g., confianças nas próprias capacidades; capacidade de liderança). Os traços mal adaptativos, por sua vez, estariam relacionados com o desejo de ser visto como mais importante e superior às outras pessoas e com a necessidade de receber atenção e elogios.

O narcisismo, enquanto forma exagerada de auto-avaliação, tem sido considerado um preditor de delinquência, de reincidência e de reacções emocionais extremas como raiva e fúria (Emmons, 1987; Gacono, Meloy & Heaven, 1990). Uma explicação possível para o narcisismo estar ligado à agressão e à hostilidade assenta na hipótese de a passagem ao acto violento ou anti-social acontecer quando a imagem ideal do narcisista é posta em questão por pessoas das quais o seu autoconceito está altamente dependente (Baumeister, Smart & Boden, 1996).

Bushman e Baumeister (1998) evidenciaram numa experiência em laboratório que as pessoas com narcisismo alto eram as mais agressivas quando lhes era dada a oportunidade de demonstrar agressividade relativamente a alguém que as tinha avaliado negativamente. Desta forma, os altos níveis de narcisismo combinados com as ameaças ao eu grandioso eram os melhores preditores de agressão e de hostilidade, não tendo sido encontrada qualquer relação no que diz respeito à auto-estima.

Estes autores demonstraram que a agressão dos narcisistas não diferia da do grupo controlo desde que não houvesse provocação. Apenas quando havia uma ameaça à auto-percepção grandiosa é que as respostas agressivas aumentavam. Provavelmente o narcisismo não é uma causa directa de agressão, mas antes um factor de risco que pode contribuir para uma resposta agressiva após estimulação ou provocação.

Papps e O'Carroll (1998) procuraram analisar a relação entre narcisismo e auto-estima relativamente à expressão de sentimentos de raiva, tendo evidenciado que as pessoas com alto narcisismo e baixa auto-estima tendem a relatar significativamente mais emoções de raiva que as pessoas com baixo narcisismo e alta auto-estima. As pessoas com baixo narcisismo e alta auto-estima relatavam ter níveis de raiva mais baixos provavelmente porque teriam uma visão muito mais realista das suas próprias qualidades, sentindo-se menos ameaçadas pelo *feedback* negativo. Os autores argumentaram que o nível de narcisismo determina o nível de raiva, independentemente da auto-estima, sendo o narcisismo alto o melhor preditor.

Barry, Thompson, Barry, Lochman, Adler e Hill (2007) examinaram a importância do narcisismo na predição de agressão reactiva e proactiva e de problemas de comportamento em crianças moderadamente agressivas e altamente agressivas. Estes autores demonstraram que agressão e as perturbações do comportamento estavam significativamente relacionadas com o narcisismo (mas não com a auto-estima), e que são

os aspectos emocionais e motivacionais do narcisismo que o distinguem da auto-estima alta.

Barry, Frick, Adler e Grafeman (2007) focaram-se na utilidade diferencial entre narcisismo adaptativo e narcisismo mal adaptativo para predizer a delinquência posterior. O narcisismo mal adaptativo predizia significativamente a delinquência auto-relatada no *follow-up* a um, dois e três anos. Este padrão mantinha-se mesmo controlando outros factores de risco intrapessoais (e.g., impulsividade, traços calosos/não-emocionais), práticas parentais e perturbações do comportamento prévias. O narcisismo mal adaptativo era particularmente preditivo da delinquência quando estavam presente práticas parentais negativas.

Barry, Pickard e Ansel (2009) analisaram a relação entre diversas variáveis, entre as quais entre narcisismo, auto-estima, delinquência e agressão numa amostra de adolescentes em risco. Estes autores concluíram que apenas o narcisismo mal adaptativo era preditor de delinquência e agressão, não tendo as variáveis narcisismo adaptativo e auto-estima capacidade de previsão. A correlação bivariada de auto-estima com narcisismo adaptativo foi moderada ($r = .39, p \leq .001$) e com o mal adaptativo foi baixa ($r = .19, p \leq .01$).

Recentemente têm sido feitos estudos para desenvolver e aperfeiçoar medidas psicométricas de narcisismo nas populações juvenil forense (e.g., Calhoun, Glaser, Stefurak & Bradshaw, 2000; Washburn, McMahon, King, Reinecke & Silver, 2004).

4.2. Estabilidade de comportamentos anti-sociais e de traços psicopáticos

Algumas das características mais interessantes e em comum entre os comportamentos anti-sociais e os traços psicopáticos (Forth & Book, 2010) são a sua forte associação mútua e a sua grande estabilidade durante a vida adulta quando se manifestaram precocemente na vida dos sujeitos, pelo menos no que diz respeito aos sujeitos do sexo masculino (Frick & Loney, 1999; Moffitt, Caspi, Rutter & Silva, 2006).

Os traços psicopáticos têm sido associados a um início mais precoce da actividade criminal, a uma maior frequência de actividade criminal, a uma maior persistência da actividade criminal, a uma maior versatilidade criminal e também a uma maior gravidade e frequência dos crimes cometidos. Relativamente aos comportamentos anti-sociais, tem havido uma crescente acumulação de evidências que demonstra que estes são relativamente estáveis da infância à idade adulta (Farrington, 1989a; Huesmann, Eron, Lefkowitz & Walder, 1984; Moffitt, 1993). Estes fenómenos têm sido investigados em diversos estudos longitudinais prospectivos (e.g., Capaldi, Chamberlain & Patterson, 1997; Dishion, Patterson, Stoolmiller & Skinner, 1991; Patterson, DeBaryshe & Ramsey, 1989; Stice & Barrera, 1995).

Existem evidências empíricas que sugerem que as primeiras manifestações do comportamento anti-social podem ser detectadas precocemente, aproximadamente aos 18 meses (Keenan & Shaw, 1998). Nessa idade, a criança já apresentaria comportamentos como agredir os pais e destruir objectos. Patterson, DeGarmo e Knutson (2000) defendem que até mesmo antes dessa idade é possível identificar alguns indícios precursores do comportamento anti-social na criança, nomeadamente a nível de temperamento.

Loeber e Farrington (2001) afirmam haver evidências de que os comportamentos anti-sociais mais graves se iniciam geralmente no decurso dos primeiros anos de escolaridade e muito antes do pico da curva idade-crime para a população juvenil

delinquentes gerais. Os autores referem que na realidade americana os crimes graves cometidos por menores de 12 anos chegam a atingir 10% de todos os crimes juvenis, e que a probabilidade destes continuarem a reincidir é significativamente maior.

Vincent et al. (cit. Forth & Book, 2010) evidenciaram que os jovens que pontuavam alto numa medida de psicopatia recebiam as suas primeiras sentenças do sistema judicial significativamente mais cedo na vida que os que pontuavam baixo. Brandt et al. e Salekin et al. (cit. Forth & Book, 2010) encontraram associações de traços psicopáticos com a idade de primeira detenção pela polícia e com a idade de início de envolvimento em actividades criminais. Marsee, Silverhorn e Frick (2005) evidenciaram que os traços psicopáticos prediziam agressão e delinquência em jovens da população normal.

Loeber e Farrington (2001) analisaram a questão da relação entre a idade e os comportamentos anti-sociais. Após revisão de várias investigações, concluíram que a frequência da actividade criminal parece aumentar fortemente entre os 12 e os 17 anos, após o que se verifica um declínio acentuado a partir do final da adolescência e mais lento no início da idade adulta. Já anteriormente Elliott (cit. Howell, Krisberg & Jones, 1995) tinha chegado a uma conclusão semelhante ao analisar a relação idade-crime em jovens brancos e negros do sexo masculino na cidade de Nova Iorque, mas concluíram que entre os 18 e os 25 anos as detenções continuavam altas. Outros estudos (Blumstein et al., cit. Negreiros, 2001; Farrington, cit. Negreiros, 2001) evidenciaram que perto do início da terceira década de vida o número de delinquentes activos diminui entre 50% a 85%.

Farrington, Ohlin e Wilson (cit. Frick, 1998) demonstraram que os 5% a 6% dos transgressores juvenis mais persistentes foram responsáveis por cerca de 50% dos crimes participados e que existia uma estabilidade de cerca de 68% associada ao diagnóstico de perturbação do comportamento. Wolfgang, Figlio e Sellin (cit. Howell, Krisberg & Jones, 1995) concluíram que os “transgressores crónicos” (operacionalizados como tendo cinco

ou mais contactos com a polícia) constituíam 6% da amostra e eram responsáveis por 51% de todos os delitos e por cerca de 66% de todos os delitos violentos.

Osborn e West (cit. Negreiros, 2001) referem uma percentagem de 71% de delinquentes juvenis condenados por crimes cometidos na idade adulta. Kratzer e Hodgins (1997) referem que 64% dos rapazes e 17% das raparigas com perturbações do comportamento tinham cadastro enquanto adultos. Negreiros (2001), na análise geral que faz da literatura referente ao fenómeno da estabilidade dos comportamentos anti-sociais, refere que entre três a sete em cada dez delinquentes juvenis continuam a praticar actos delinquentes na idade adulta, dos quais irá resultar pelo menos uma detenção.

Freidenfelt e Af Klinteberg (2007) demonstraram que o comportamento hiperactivo em jovens delinquentes estava ligado a psicopatia na vida adulta. Forsman, Lichtenstein, Andershed e Larsson (2010) recorreram a uma amostra de gémeos, tendo concluído que a personalidade psicopática na adolescência predizia o comportamento anti-social adulto.

Obradovic, Pardini, Long e Loeber (2007) recorreram aos dados do Pittsburgh Youth Study para analisar a estabilidade dos traços psicopáticos na coorte mais jovem desse estudo. Recorrendo aos dados relativos a nove anos concluíram que a estabilidade variava de moderada a alta tendo em conta o tempo decorrido entre as avaliações. Barry, Barry, Deming e Lochman (2008) estudaram a estabilidade temporal dos traços psicopáticos em pré-adolescentes considerados agressivos ao longo de três anos, tendo concluído que pela existência de uma estabilidade de moderada a muito alta consoante os tipos de traços psicopáticos analisados.

Lynam, Caspi, Moffitt, Loeber e Stouthamer-Loeber (2007) optaram por estudar o tema com estudos longitudinais a longo prazo e métodos múltiplos de avaliação. Estes autores analisaram a estabilidade dos traços psicopáticos desde a pré-adolescência até ao início da idade adulta ao longo de um período de doze anos recorrendo a diferentes

métodos de avaliação e informantes, tendo concluído que os traços tinham uma estabilidade moderada.

Frick e Loney (1999) identificaram alguns preditores de estabilidade temporal em crianças com perturbação do comportamento, entre os quais se incluem: início precoce (i.e., antes dos onze anos) de problemas graves de comportamento, número elevado e grande variedade de problemas de comportamento, problemas de comportamento de cariz agressivo, diagnóstico de Perturbação de Hiperactividade com Défice da Atenção, inteligência baixa, história parental de comportamento anti-social crónico ou de criminalidade, ambientes familiares disfuncionais, e nível sócio-económico baixo.

Quinsey, Skilling, Lalumière e Craig (2004) referem que em crianças dos seis aos onze anos os melhores preditores de delinquência futura eram constituídos por: comportamentos anti-sociais prévios, utilização de substâncias estupefacientes, pertença ao sexo masculino, nível sócio-económico baixo e ter um dos pais com características anti-sociais. Nas crianças dos doze aos catorze anos os melhores preditores identificados eram constituídos pelas seguintes variáveis: falta de laços sociais fortes, pares anti-sociais, e comportamentos anti-sociais prévios.

Podemos concluir que existem actualmente evidências empíricas suficientes para que se possa afirmar com relativa segurança que os traços psicopáticos demonstram ter uma estabilidade de moderada a alta na transição da infância e da adolescência para a idade adulta (e.g, Lynam et al., 2007; Pardini & Loeber, 2008; Van Baarewijk et al., 2011).

4.3. Co-morbilidade

A co-morbilidade dos traços psicopáticos com outras perturbações é alta (Frick, 1998), podendo até ser considerada a regra, pelo que se torna importante analisá-la. As crianças e adolescentes diagnosticadas com combinações co-mórbidas de Perturbação do Comportamento, Perturbação de Oposição e de Perturbação de Hiperactividade com Défice de Atenção, agregadas no DSM-IV-TR sob o título de Perturbações Disruptivas do Comportamento e de Défice de Atenção, têm sido associadas a um tipo de comportamento anti-social particularmente grave e agressivo similar ao dos adultos com psicopatia (Barry, Frick et al., 2000; Leistico, Salekin, DeCoster & Rogers, 2008; Lynam, 1996).

Alguns estudos têm focado especificamente a questão da ligação da psicopatia às perturbações disruptivas. Por exemplo, Salekin, Leistico, Neumann, DiCicco e Duros (2004) analisaram a relação entre psicopatia juvenil e psicopatologia externalizante definida em termos de comportamentos disruptivos, tendo concluído pela existência de correlações moderadas altas ($r = .36 - .49$) entre as duas.

4.3.1. Perturbação do Comportamento

A característica essencial da Perturbação do Comportamento (PC) é um padrão de comportamento persistente e repetitivo em que são violados os direitos básicos dos outros ou importantes regras ou normas sociais próprias da idade do sujeito. Segundo a DSM-IV-TR (American Psychiatric Association, 2002) a prevalência deste diagnóstico (ver critérios gerais deste diagnóstico na Tabela 1) na população geral situa-se entre menos de 1% e os 10%. Sevecke e Kosson (2010), ao analisarem estudos mais recentes, referem prevalências na população geral de 1.8% a 16% para rapazes e de 0.8% a 9.2% para raparigas; em amostras forenses de adolescentes delinquentes a prevalência situa-se nos 31% a 100%.

Tabela 1

Critérios de diagnóstico DSM-IV-TR para Perturbação do Comportamento

Critérios
A. Um padrão de comportamento repetitivo e persistente, em que são violados os direitos básicos dos outros ou importantes regras ou normas sociais próprias da idade, manifestando-se pela presença de três (ou mais) dos seguintes critérios, durante os últimos 12 meses, e pelo menos, de um critério durante os últimos 6 meses: Agressão a pessoas ou animais (1) com frequência insulta, ameaça ou intimida as outras pessoas; (2) com frequência inicia lutas físicas; (3) utilizou uma arma que pode causar graves prejuízos físicos aos outros (por exemplo: pau, tijolo, garrafa partida, faca, arma de fogo); (4) manifestou crueldade física para com as pessoas; (5) manifestou crueldade física para com os animais; (6) roubou confrontando-se com a vítima (por exemplo: roubo por esticção, extorsão, roubo à mão armada); (7) forçou alguém a ter uma actividade sexual; Destruição da propriedade (8) lançou deliberadamente fogo com intenção de causar prejuízos graves; (9) destruiu deliberadamente a propriedade alheia (por meios diferentes do incêndio); Falsificação ou roubo (10) arrombou a casa, a propriedade ou o automóvel de outra pessoa; (11) mente com frequência para obter ganhos ou favores ou para evitar obrigações (por exemplo: "vigariza" os outros); (12) rouba objectos de certo valor sem confrontação com a vítima (por exemplo: roubo em lojas mas sem arrombamento, falsificações); Violação grave das regras (13) com frequência permanece fora de casa de noite apesar da proibição dos pais, iniciando este comportamento antes dos 13 anos de idade; (14) fuga de casa durante a noite, pelo menos duas vezes, enquanto vive em casa dos pais ou seus substitutos (ou uma só vez, mas durante um período prolongado); (15) faltas frequentes à escola, com início antes dos 13 anos.
B. A Perturbação do Comportamento causa um défice clinicamente significativo no funcionamento social, escolar ou laboral.
C. Se um sujeito tem 18 anos ou mais, mas não reúne os critérios de Perturbação da Personalidade.

A Perturbação do Comportamento (PC) é frequentemente diagnosticada em crianças e jovens, particularmente nos rapazes (Frick, 1998). Diversos estudos retrospectivos (ver Sevecke & Kosson, 2010) relatam a existência de uma ligação retrospectiva entre psicopatia no adulto e perturbações do comportamento na infância, tais como início precoce de comportamentos anti-sociais, violência crónica, delitos diversificados e impulsividade.

Myers, Burket e Harris (1995) analisaram a relação entre psicopatia e certas formas de psicopatologia em adolescentes hospitalizados, tendo encontrado correlações positivas e estatisticamente significativas da psicopatia com perturbação do comportamento e com comportamentos anti-sociais. Frick, Barry e Bodin (2000) encontraram correlações fortes e significativas ($R = .52 - .65$; $p \leq .001$) entre as dimensões do APSD (Impulsividade, Narcisismo e Traços Calosos/Não-emocionais) e a perturbação do comportamento, enquanto o R^2 relativo ao APSD total foi de .48 ($p \leq .001$).

4.3.2. Perturbação da Hiperactividade e de Défice de Atenção

A característica essencial da Perturbação da Hiperactividade e de Défice de Atenção (PHDA) é um padrão persistente de falta de atenção e/ou de impulsividade-hiperactividade com uma intensidade que é mais frequente e grave que o observado habitualmente nos sujeitos com um nível semelhante de desenvolvimento. Segundo a DSM-IV-TR (American Psychiatric Association, 2002) a prevalência deste diagnóstico (ver critérios gerais deste diagnóstico na Tabela 2) está estimada entre 3% a 7% nas crianças em idade escolar de acordo com a natureza da amostra populacional e método de avaliação. Manuzza et al. (cit. Seveke & Kosson, 2010) sugerem que entre 10% a 60% dos casos persistem na vida adulta como uma síndrome incompleta ou total. Vermeiren (cit. Seveke & Kosson, 2010) relata que 4% dos adolescentes detidos, 14% a 19% dos adolescentes adjudicados e 20% a 72% dos adolescentes encarcerados cumprem os critérios diagnósticos para PHDA.

Frick, Barry e Bodin (2000) encontraram correlações fortes e significativas ($R = .50 - .72$; $p \leq .001$) entre as dimensões do APSD (Impulsividade, Narcisismo e Traços Calosos/Não-emocionais) e a perturbação do comportamento, enquanto o R^2 relativo ao APSD total foi de .57 ($p \leq .001$).

Tabela 2

Critérios de diagnóstico para Perturbação de Hiperactividade e de Défice de Atenção

Critérios

A. (1) ou (2):

- (1) Seis (ou mais) dos seguintes sintomas de **falta de atenção** devem persistir pelo menos durante seis meses com uma intensidade que é desadaptativa e inconsistente com o nível de desenvolvimento:

Falta de atenção

- (a) com frequência não presta atenção suficiente aos pormenores ou comete erros por descuido nas tarefas escolares, no trabalho ou noutras actividades;
- (b) com frequência tem dificuldade em manter a atenção em tarefas ou actividades;
- (c) com frequência parece não ouvir quando se lhe fala directamente;
- (d) com frequência não segue as instruções e não termina os trabalhos escolares, encargos ou deveres no local de trabalho (sem ser por comportamentos de oposição ou por incompreensão das instruções);
- (e) com frequência tem dificuldades em organizar tarefas e actividades;
- (f) com frequência evita, sente repugnância ou está relutante em envolver-se em tarefas que requeiram um esforço mental mantido (tais como trabalhos escolares ou de índole administrativa);
- (g) com frequência perde objectos necessários a tarefas ou actividades (por exemplo: brinquedos, exercícios escolares, lápis, livros ou ferramentas);
- (h) com frequência distrai-se facilmente com estímulos irrelevantes;
- (i) esquece-se com frequência das actividades quotidianas.

- (2) Seis (ou mais) dos seguintes sintomas de **hiperactividade-impulsividade** persistiram pelo menos durante seis meses com uma intensidade que é desadaptativa e inconsistente com o nível de desenvolvimento:

Hiperactividade

- (a) com frequência movimentava excessivamente as mãos e os pés, move-se quando sentado;
- (b) com frequência levanta-se na sala de aula ou noutras situações em que se espera que esteja sentado;
- (c) com frequência corre ou salta excessivamente em situações em que é inadequado fazê-lo (em adolescentes ou adultos pode limitar-se a sentimentos subjectivos de impaciência);
- (d) com frequência tem dificuldades em jogar ou dedicar-se tranquilo a actividades de ócio;
- (e) com frequência «anda» ou só actua como se estivesse «ligado a um motor»;
- (f) com frequência fala em excesso;

Impulsividade

- (g) com frequência precipita as respostas antes que as perguntas tenham acabado;
- (h) com frequência tem dificuldade em esperar pela sua vez;
- (i) com frequência interrompe ou interfere nas actividades dos outros (por exemplo, intromete-se nas conversas ou jogos);

- B. Alguns sintomas de hiperactividade-impulsividade ou de falta de atenção que causam défices surgem antes dos 7 anos de idade.

- C. Alguns défices provocados pelos sintomas estão presentes em dois ou mais contextos [por exemplo, escola (ou trabalho) e em casa].

- D. Devem existir provas de um défice clinicamente significativo do funcionamento social, académico ou laboral.

- E. Os sintomas não ocorrem exclusivamente durante uma Perturbação Global do Desenvolvimento, Esquizofrenia ou outra Perturbação Psicótica e não são melhor explicados por outra perturbação mental (por exemplo, Perturbações do Humor, da Ansiedade, Dissociativas ou da Personalidade).
-

Deve ser feita uma clara diferenciação do diagnóstico de Perturbação do Comportamento com o diagnóstico de Perturbação de Hiperactividade com Défice da Atenção dado que nesta última ainda que o comportamento hiperactivo e impulsivo possa ser disruptivo, não há violação por si mesmo das normas sociais adequadas à idade.

4.3.3. Perturbação da Oposição

A característica essencial da Perturbação da Oposição (PO) é um padrão recorrente de comportamento negativista, desafiante, desobediente e hostil relativamente às figuras de autoridade que dura pelo menos 6 meses. Segundo a DSM-IV-TR (American Psychiatric Association, 2002) a prevalência deste diagnóstico (ver critérios gerais deste diagnóstico na Tabela 3) situa-se entre os 2% e os 16% dependendo da natureza da amostra da população estudada e dos métodos de avaliação.

A relação entre a Perturbação da Oposição e os traços psicopáticos tem sido consideravelmente menos estudada que as duas perturbações anteriores. Frick, Barry e Bodin (2000) encontraram correlações fortes ($R = .53 - .72; p \leq .001$) entre as dimensões do APSD (Impulsividade, Narcisismo e Traços Calosos/Não-emocionais) e a perturbação da oposição, enquanto o R^2 relativo ao APSD total foi de $.57 (p \leq .001)$.

Deve-se diferenciar claramente entre o diagnóstico de Perturbação do Comportamento e o diagnóstico de Perturbação de Oposição dado que no caso da Perturbação de Oposição, embora haja algumas características comuns (e.g., desobediência e oposição a figuras de autoridade), não existe um padrão persistente de formas de comportamento mais graves que implicam a violação dos direitos básicos de outras pessoas ou das normas sociais adequadas à idade do sujeito. Abikoff & Klein (cit. por Frick, 1998) sugerem que a sobreposição destes dois diagnósticos pode atingir valores que vão até aos 90%.

Tabela 3

Critérios de diagnóstico DSM-IV-TR para Perturbação da Oposição

Critérios
A. Implica um padrão de comportamento negativista, hostil, desafiante, que dura pelo menos 6 meses, durante os quais estão presentes 4 (ou mais) dos seguintes comportamentos: (1) com frequência encoleriza-se; (2) com frequência discute com os adultos; (3) com frequência desafia ou recusa cumprir os pedidos os regras dos adultos; (4) com frequência aborrece deliberadamente as outras pessoas; (5) com frequência culpa os outros dos seus erros ou mau comportamento; (6) com frequência é susceptibilizado ou facilmente molestado pelos outros; (7) com frequência sente raiva ou está ressentido; (8) com frequência é rancoroso ou vingativo.
B. A perturbação do comportamento causa um défice clinicamente significativo no funcionamento social, escolar ou laboral.
C. Os comportamentos não ocorrem exclusivamente durante a evolução de uma Perturbação Psicótica ou de uma Perturbação do Humor.
D. Não estão preenchidos os critérios de Perturbação do Comportamento e, se o sujeito tem 18 anos ou mais, não estão preenchidos os critérios de Perturbação Anti-social da Personalidade.

Nota. Considerar que o critério só está preenchido se o comportamento ocorrer com mais frequência do que é tipicamente observado nos sujeitos de idade e nível de desenvolvimento comparáveis.

4.3.4. Outras perturbações

Além das perturbações disruptivas de comportamento e de défice de atenção existem outras perturbações co-mórbidas à psicopatia, embora consideravelmente menos investigadas. Uma delas é o abuso de substâncias, que tem sido estudado tanto em adultos (Crocker, Mueser, Drake, Clark, McHugo, Ackerson, et al., 2005) como em adolescentes (Frick, 1998), embora nem sempre os resultados dos estudos sejam consistentes.

Harvey et al. (cit. Sevecke & Kosson, 2010) demonstraram que os adolescentes consumidores de múltiplas substâncias tinham pontuações mais altas em psicopatia que os consumidores de álcool. Roussy e Toupin (cit. Sevecke & Kosson, 2010) encontraram evidências de que reclusos que pontuavam alto em psicopatia tinham mais probabilidades de serem diagnosticados como abusadores de álcool ou droga do que os reclusos que pontuavam baixo.

Outras perturbações co-mórbidas à psicopatia são a ansiedade e as perturbações afectivas, embora os estudos envolvendo crianças ou adolescentes sejam muito raros. De uma forma geral parece haver uma associação nula ou negativa entre traços psicopáticos e ansiedade e perturbações afectivas (Sevecke & Kosson, 2010). Por exemplo, Frick et al. (1994) demonstraram haver correlações maioritariamente negativas entre os traços calosos/não-emocionais e as pontuações de ansiedade e depressão.

A relação entre psicopatia e patologia da personalidade de tipo anti-social tal como definida pelos sistemas de classificação psiquiátricos também tem sido investigada, por vezes de formas conceptualmente pouco estruturadas. Alguns investigadores como Lynam & Gudonis (2005) têm vindo a defender que as perturbações da personalidade em geral e a Perturbação Anti-social da Personalidade (PAP) em particular podem ser estudadas com fiabilidade em adolescentes a partir da idade de 14 anos.

De salientar que os critérios actuais do DSM-IV-TR continuam a especificar que a Perturbação Anti-social da Personalidade só deve ser diagnosticada em pessoas com pelo menos 18 anos de idade (Critério B), mas também referem que se deve ter em conta o padrão global de menosprezo e violação dos direitos dos outros com início na infância ou adolescência precoce e continuidade até à idade adulta (ver Tabela 4).

Tabela 4

Critérios de diagnóstico DSM-IV-TR para 301.7 Perturbação Anti-social da Personalidade

Critérios
A. Padrão global de desrespeito e violação dos direitos dos outros ocorrendo desde os 15 anos, indicado por três (ou mais) dos seguintes: (1) incapacidade para se conformarem com as normas sociais no que diz respeito a comportamentos legais, como é demonstrado pelos actos repetidos que são motivo de detenção; (2) falsidade, como é demonstrado por mentiras e nomes falsos, ou contrariar os outros para obter lucro ou prazer; (3) impulsividade ou incapacidade para planear antecipadamente; (4) irritabilidade e agressividade, como é demonstrado pelos repetidos conflitos e lutas físicas; (5) desrespeito temerário pela segurança de si próprio e dos outros; (6) irresponsabilidade consistente, como é demonstrado pela incapacidade repetida para manter um emprego ou honrar obrigações financeiras; (7) ausência de remorso, como é demonstrado pela racionalização e indiferença com que reagem após terem magoado, maltratado ou roubado alguém.
B. A pessoa ter uma idade mínima de 18 anos.
C. Existe evidência de Perturbação do Comportamento antes dos 15 anos.
D. O comportamento anti-social não ocorre exclusivamente durante a evolução de Esquizofrenia ou de um Episódio Maníaco.

O mesmo se passa a nível da CID-10 (World Health Organization, 1993), em que se refere que o transtorno da personalidade tende a aparecer no final da infância ou na adolescência e continua a se manifestar pela idade adulta. O diagnóstico pode ser feito antes dos 18 anos, embora a CID-10 considere improvável que o diagnóstico seja apropriado antes dos 16 ou 17 anos (ver Tabela 5).

Filho, Teixeira e Dias (2009) alertam para a importância de a psicopatia e da Perturbação Anti-social da Personalidade serem estudadas enquanto constructos diferentes embora correlacionados, alertando que existem actualmente evidências conceptuais e empíricas que os separam a nível estrutural. Estes autores salientam o facto de os critérios psiquiátricos de diagnóstico focarem predominantemente os aspectos comportamentais, deixando de fora aspectos importantes como a motivação ou as características afectivas e interpessoais.

Tabela 5

Critérios de diagnóstico CID-10 para F60.2 Transtorno de Personalidade Anti-social

Critérios

Transtorno de personalidade, usualmente vindo de atenção por uma disparidade flagrante entre o comportamento e as normas sociais predominantes, e caracterizado por:

- (a) indiferença insensível pelos sentimentos alheios;
- (b) atitude flagrante e persistente de irresponsabilidade e desrespeito por normas, regras e obrigações sociais;
- (c) incapacidade de manter relacionamentos, embora não haja dificuldade em estabelecê-los;
- (d) muito baixa tolerância à frustração e um baixo limiar para descarga de agressão, incluindo violência;
- (e) incapacidade de experimentar culpa e de aprender com a experiência, particularmente punição;
- (f) propensão marcante para culpar os outros ou para oferecer racionalizações plausíveis para o comportamento que levou o paciente a conflito com a sociedade.

Inclui: personalidade (transtorno) amoral, dissocial, associal, psicopática e sociopática

Exclui: transtornos de conduta (F91.-)

transtorno de personalidade emocionalmente instável (F60.3)

Kosson, Lorenz e Newman (2006), por exemplo, estudaram a relação entre psicopatia e Perturbação Anti-social da Personalidade (PAP) em reclusos do sexo masculino, procurando clarificar três hipóteses: a) a PAP com psicopatia e a PAP sem psicopatia reflectem uma patofisiologia comum subjacente; b) a PAP com psicopatia e a PAP sem psicopatia identificam duas síndromas distintas mas semelhantes nalguns aspectos; c) a maioria dos correlatos da PAP reflectem a sua comorbilidade com a psicopatia. Os resultados obtidos levaram os autores à conclusão de que a PAP com psicopatia e a PAP sem psicopatia são síndromas distintas, sendo que a PAP com psicopatia estava claramente relacionada com comportamentos criminais mais graves e com facilitação emocional mais fraca.

4.4. Traços psicopáticos e género

Apesar de Cleckley (1976) ter defendido que a psicopatia também ocorre em mulheres (e ter descrito vários exemplos clínicos) até recentemente muito pouca atenção tem sido dada à questão. Seria importante que a investigação empírica se debruçasse sobre

a validade da aplicabilidade do constructo da psicopatia em mulheres e sobre o desenvolvimento de factores etiológicos e de síndromas diagnósticos aplicados à psicopatia e ao comportamento anti-social feminino (Verona & Vitale, 2006).

O actual estado de investigação da psicopatia no feminino não será de estranhar dada a forma como o estudo do constructo se tem vindo a desenvolver. De facto, os investigadores têm feito uma adaptação descendente do constructo da psicopatia, originalmente desenvolvido em homens adultos, para as mulheres, para os adolescentes e para as crianças. A escassez de investigação é especialmente notória em adolescentes e crianças do sexo feminino. Seguidamente são analisados alguns dos poucos estudos que focam a questão da psicopatia em crianças e adolescentes do sexo feminino.

Frick, O'Brien, Wootton e McBurnett (1994), utilizando uma amostra clínica de 95 crianças entre os 6 e os 13 anos, não encontraram diferenças entre rapazes e raparigas quanto à dimensão de traços calosos/não-emocionais (CU) do APSD, mas na dimensão impulsividade/perturbação do comportamento (I/CP) os rapazes obtiveram resultados significativamente mais altos. As pontuações na dimensão I/CP estavam altamente relacionadas com medidas tradicionais de perturbação do comportamento, enquanto as pontuações derivadas da dimensão CU demonstravam ter associações com diversos critérios de psicopatia (e.g., busca de sensações) e comportamentos anti-sociais. Os autores consideraram que as características psicopáticas de personalidade e os problemas de comportamento são constructos independentes que interagem mutuamente.

Frick, Bodin e Barry (2000), recorrendo a uma amostra escolar constituída por 1136 crianças, demonstraram a existência de uma estrutura tridimensional no APSD e encontraram diferenças entre rapazes e raparigas nas dimensões traços calosos/não-emocionais e narcisismo, sendo os resultados dos rapazes significativamente mais elevados. As dimensões narcisismo e impulsividade estavam altamente relacionadas com

sintomas de perturbação do comportamento, de défice de atenção e hiperactividade e perturbação da oposição, mas não a dimensão traços calosos/não-emocionais.

Pardini, Lochman e Frick (2003), utilizando uma amostra forense de 169 adolescentes detidos, procuraram clarificar a relação entre a estrutura bidimensional do APSD com os problemas sócio-cognitivos dos adolescentes institucionalizados. Estes autores evidenciaram que as raparigas da sua amostra obtinham resultados significativamente mais elevados na dimensão impulsividade/perturbação do comportamento. Os traços calosos, por sua vez, estariam relacionados com baixo mal-estar emocional e um padrão específico de processamento da informação social.

Campbell, Porter e Santor (2004) utilizaram o PCL:YV para avaliar uma amostra forense de 226 adolescentes de ambos os sexos institucionalizados em centro de detenção. Não foram encontradas diferenças entre rapazes e raparigas relativamente aos factores 1 e 2 do PCL:YV. As pontuações mais altas no APSD estavam positivamente associadas com delinquência auto-relatada e comportamento agressivo, mas não com dificuldades emocionais.

Salekin, Leistico, Trobst, Schrum e Lochman (2005) avaliaram 114 adolescentes encarcerados de ambos os sexos com três medidas de psicopatia, nomeadamente o *Antisocial Process Screening Device* (APSD), o *Psychopathy Checklist - Youth Version* (PCL:YV) e a *Child Psychopathy Scale* (CPS). Não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas entre rapazes e raparigas relativamente a estas três medidas. Todavia, foi encontrada alguma associação entre duas das medidas e características de neuroticismo, o que indicia que a ansiedade e a preocupação podem acompanhar o desenvolvimento da psicopatia nas suas fases iniciais.

Dadds, Fraser, Frost e Hawes (2005) utilizaram uma amostra de crianças dos 4 aos 9 anos de ambos os sexos para analisarem o papel dos traços calosos/não-emocionais como

percursores da perturbação do comportamento e dos comportamentos anti-sociais. Foram encontradas diferenças entre rapazes e raparigas relativamente à pontuação do APSD total, tendo os rapazes valores significativamente mais altos. Os autores consideraram que apesar das dimensões do APSD se sobreporem às dimensões das perturbações disruptivas do comportamento, os traços calosos têm uma validade preditiva única na infância.

Marsee, Silverthorn e Frick (2005) investigaram a associação de traços psicopáticos com agressão e com delinquência numa amostra comunitária constituída por 86 rapazes e 114 raparigas. Os rapazes apresentaram valores significativamente mais elevados que as raparigas no APSD total. Não foram encontradas diferenças significativas entre as associações das três dimensões do APSD com a agressão e a delinquência, sendo que a única diferença clara foi a associação mais forte entre os traços psicopáticos e a agressão relacional para as raparigas.

Schrum e Salekin (2006) examinaram a aplicabilidade do PCL:YV através da teoria item-resposta (IRT) recorrendo a uma amostra de adolescentes detidas por ordem do tribunal. De forma consistente com a investigação prévia, os aspectos interpessoais e afectivos da psicopatia forneceram mais informação que os aspectos comportamentais, destacando-se o papel dos aspectos interpessoais. Comparando os sexos relativamente à pontuação no PCL:YV, as raparigas obtiveram valores significativamente mais baixos.

Baker, Jacobson, Raine, Lozano e Bezdijan (2007) examinaram as influências genéticas e ambientais sobre o comportamento anti-social e agressivo numa amostra de gémeos (idade 9 a 10 anos) de ambos os sexos. Os rapazes demonstraram obter resultados significativamente mais elevados em traços psicopáticos medidos na escala CPS (Lynam, 1997). Análises multivariadas revelaram que o factor relativo ao comportamento anti-social e agressivo tinha uma forte carga hereditária (.96).

Penney e Moretti (2007) analisaram a relação entre as características da psicopatia medidas pela estrutura tridimensional do PCL:YV e os comportamentos agressivos e anti-sociais numa amostra de 142 adolescentes em risco de ambos os sexos. As medidas dependentes foram expandidas para incluir forma de agressão físicas e relacionais e assim captar melhor as características de ambos os sexos. Os rapazes obtiveram valores significativamente mais altos em duas das dimensões e na terceira não se encontraram diferenças significativas. Os resultados indicaram que os défices no componente afectivo estavam consistentemente relacionados com agressão tanto nos rapazes como nas raparigas.

Rucevic (2010) investigou a associação de traços psicopáticos com delinquência violenta *versus* não-violenta, versatilidade criminal e comportamentos sexuais de risco numa amostra comunitária de rapazes ($n = 226$) e raparigas ($n = 480$). Os rapazes pontuaram significativamente mais alto nas dimensões de Grandiosidade-Manipulação e Traços Calosos/não-emocionais do YPI, mas não foram encontradas diferenças na dimensão de Impulsividade-Irresponsabilidade. Todavia, os resultados demonstraram que a dimensão Impulsividade-Irresponsabilidade tinha uma maior influência nos comportamentos sexuais de risco das raparigas, enquanto para os rapazes estava associada com delinquência não violenta e versatilidade criminal.

Verona, Sadeh e Javdani (2010) efectuaram uma revisão de estudos sobre prevalência de traços psicopáticos em rapazes e raparigas, tendo concluído que os resultados são inconsistentes: existem estudos que revelam uma maior prevalência em rapazes, outros revelam uma maior prevalência em raparigas, enquanto outros não encontram diferenças na prevalência entre rapazes e raparigas.

As autoras consideram que a inconsistência que terão detectado pode dever-se a várias questões, nomeadamente: ao período de desenvolvimento em que a avaliação é feita

(infância *versus* adolescência), à amostragem (comunitária *versus* forense), às dimensões específicas da psicopatia a serem avaliadas (impulsividade *versus* traços calosos/não-emocionais) ou aos instrumentos utilizados (PCL:YV *versus* APSD) e respectivos métodos de avaliação (*rating scale versus* auto-resposta).

Relativamente ao período de desenvolvimento em que a avaliação é feita pode colocar-se a questão dos traços psicopáticos na infância serem mais precoces e salientes nos rapazes, enquanto no que diz respeito à amostragem é possível que nas amostras comunitárias as diferenças entre os sexos sejam mais salientes dado que é sabido que os problemas de comportamento são consideravelmente mais prevalentes em rapazes (Kazdin, 1996; Zoccolillo, 1993).

Quanto ao aspecto das dimensões a serem avaliadas, é possível que existam diferenças entre os sexos dado que, por exemplo, tradicionalmente se consideram os rapazes como sendo mais impulsivos. No que concerne aos instrumentos é comum utilizar-se o APSD (Frick & Hare, 2001) com crianças e o PCL:YV (Forth, Kosson & Hare, 2003) com adolescentes, sendo que tal pode afectar a medição do constructo da psicopatia e consequentemente a sua prevalência.

Outra explicação possível é que a forma como se têm vindo a conceber os instrumentos psicométricos que medem o constructo da psicopatia esteja enviesada por se centrar na medição do constructo tendo em mente as características do sexo masculino, deixando de lado aspectos específicos da forma com a síndrome se manifesta no sexo feminino. Salekin et al. (cit. Verona, Sadeh & Javdani, 2010) evidenciaram isso ao concluírem que uma grande maioria de itens retirados de diversos instrumentos utilizados para avaliar a psicopatia na adolescência eram identificados sobretudo com o sexo masculino. Formas de agressão encobertas (*covert*) típicas do sexo feminino, tais como

agressão relacional ou utilização da sua rede social para causar mal, estavam claramente sub-representadas.

Verona, Sadeh e Javdani (2010) concluem que as diferenças relativamente aos traços psicopáticos entre rapazes e raparigas se devem a artefactos metodológicos dado que, segundo estas autoras, as diferenças se esbatem e anulam quando a amostra é constituída por adolescentes institucionalizados. As diferenças encontradas resumir-se-iam quando muito ao aspecto comportamental da impulsividade, em que os rapazes classicamente tendem a obter pontuações mais elevadas.

A revisão de literatura efectuada por nós diverge da efectuada por Verona, Sadeh e Javdani (2010) dado que a tendência que encontrámos aponta para uma maior prevalência de traços psicopáticos em crianças e adolescentes do sexo masculino. Aliás essa é a tendência que consistentemente se encontra também em estudos de prevalência de constructos relacionados, como perturbação de comportamento e perturbação anti-social da personalidade, e na própria prevalência de traços psicopáticos em adultos (Verona & Vitale, 2006).

5. Auto-estima e comportamentos anti-sociais

Desde há muito que psicólogos, sociólogos e criminologistas consideram que a auto-estima se correlaciona de forma importante com o comportamento anti-social (Caldwell, Beutler, Ross & Silver, 2006; Mason, 2001). É um pressuposto amplamente difundido considerar que todas as pessoas têm a necessidade básica de pensarem e sentirem bem acerca delas próprias, e que portanto a auto-estima é um motivador fundamental e universal para o ser humano.

Uma das linhas de investigação da relação entre a auto-estima e os problemas de comportamento anti-social está relacionada com o conceito de baixa auto-estima. Nesta perspectiva considera-se que as crianças apresentam problemas de comportamento e de agressão porque têm sentimentos negativos sobre elas próprias que por sua vez as levam a passar ao acto e a considerarem que nada têm a perder (Baumeister, Smart & Boden, 1996; Bushman & Baumeister, 1998).

McCarthy e Hoge (1984) consideram que baixa auto-estima enfraquece os laços sociais, a conformidade às normas sociais e leva a um aumento da delinquência, além de produzir um *feedback* negativo nas pessoas que interagem com o jovem que reforça ainda mais a queda da auto-estima. Boden, Fergusson e Horwood (2007) investigaram a relação entre a auto-estima na adolescência e a delinquência violenta e hostilidade futura, tendo concluído que baixos níveis de auto-estima aos 15 anos estavam relacionados, embora de forma modesta, com maiores riscos de delitos violentos e de hostilidade aos 18, 21 e 25 anos.

A baixa auto-estima pode levar o jovem a relacionar-se com outros jovens com comportamentos anti-sociais dado que estes satisfazem as necessidades afectivas em termos de amizade e de apoio afectivo. Barnow, Lucht e Freyberger (2005) demonstraram como os adolescentes com baixa auto-estima são mais frequentemente rejeitados pelos seus pares e como esta rejeição produz um ciclo vicioso que provoca ainda mais baixa auto-estima. Tais experiências negativas moldam as atitudes do jovem face às outras pessoas duma forma que aumenta o comportamento agressivo.

Existem evidências que demonstram que os jovens com baixa auto-estima tendem a envolver-se em comportamentos anti-sociais com mais frequência e que a sua auto-estima sai aumentada como consequência desse envolvimento anti-social. Toch (1993) e

Baumeister, Smart e Boden (1996) consideram que a violência serve para que as pessoas com baixa auto-estima a elevem focando-se em vítimas mais fracas ou desprotegidas como forma de reduzir as probabilidades de retaliação (que iria baixar ainda mais a auto-estima).

A percepção que o sujeito tem da sua competência é um dos possíveis factores associados à baixa auto-estima e aos problemas de comportamento. Kuther (2000) evidenciou que os jovens que percebem ter níveis mais reduzidos de competência a nível escolar e comportamental se envolvem mais frequentemente em actividades de risco. Desta forma a competência relaciona-se com a auto-estima, pelo menos em algumas áreas, como forma de compensação.

A outra linha de investigação está relacionada com níveis altos de auto-estima, que é tida por alguns autores (e.g., Taylor, 1989; Taylor & Brown 1988) como sendo adaptativa e desejável. Todavia, outros autores como Baumeister, Smart e Boden (1996) encontraram evidências empíricas no sentido oposto, em que a alta auto-estima está associada a comportamentos agressivos e à passagem ao acto com desrespeito pelos direitos das outras pessoas. Traços como a visão grandiosa do próprio, a necessidade de ser visto de forma positiva e a protecção contra ameaças à auto-imagem caracterizam as pessoas com alta auto-estima. As pessoas que se vêem como superiores podem considerar que têm mais direitos que os outros. Podem também considerar que os actos violentos, que geralmente envolvem algum tipo de risco, não terão consequências para elas – o que as faz ainda mais prontamente correr riscos.

Kaplan (1980) evidenciou que jovens que se relacionavam com grupos de delinquentes ou gangues passavam a ter uma auto-estima mais alta, possivelmente porque se passavam a comparar com estes grupos e não com a generalidade dos grupos da comunidade. Brendgen, Vitaro e Bukowski (1998) verificaram que os adolescentes com

baixa auto-estima tendiam a adoptar atitudes positivas face aos comportamentos delinquentes e a associar-se a jovens com comportamentos desviantes, e que tal tinha repercussões na sua auto-estima previamente baixa.

Baumeister, Smart e Boden (1996) consideram que se uma pessoa tem o seu auto-conceito como correcto, mas recebe um *feedback* contrário à sua auto-imagem positiva, então a sua auto-estima é ameaçada; e quanto mais ideal é a sua auto-imagem mais exposta está a avaliações desfavoráveis dos outros. Tal pode provocar reacções agressivas e hostis de forma a evitar ter de redefinir o auto-conceito de maneira desfavorável. Kernis, Grannemann e Barclay (1989) sugerem que as pessoas com alta auto-estima instável (que varia conforme as situações) têm uma maior tendência para reagir com hostilidade e raiva porque possivelmente têm muito a perder e são mais vulneráveis a um ataque à auto-estima.

Tal conceptualização levanta a questão pertinente de ser realmente a alta auto-estima que está relacionada com o comportamento anti-social e a agressão, ou, se em vez dela, não será o conceito de narcisismo que melhor explica a relação (Barry, Thompson, Barry, Lochman, Adler & Hill, 2007). A baixa auto-estima e o narcisismo podem ser constructos distintos, e não pólos extremos do mesmo espectro. Rosenberg (1989) defende que a auto-estima se refere ao facto de o individuo se considerar ou não adequado, i.e., uma pessoa de valor, e não se se considera superior aos outros. Assim, um sujeito pode ter auto-estima alta sem ser narcísico de uma forma patológica que o defende contra sentimentos de insegurança.

Todavia, a natureza da relação entre os constructos de auto-estima e de narcisismo permanece em aberto. Têm sido propostas diversas conceptualizações, entre as quais: o narcisismo enquanto forma exagerada de alta auto-estima, o narcisismo como uma faceta

específica da auto-estima, o narcisismo enquanto forma altamente instável de auto-estima, o narcisismo como necessidade de a pessoa se sentir superior aos outros ou o narcisismo como defesa contra sentimentos inconscientes de inadequação ou inferioridade (Donnellan, Trzesniewski, Robins, Moffitt & Caspi, 2005).

Barry, Frick e Killian (2003) procuraram investigar a relação da auto-estima e do narcisismo com os problemas de comportamento em crianças, tendo concluído que são constructos independentes que mantêm, cada um deles, associações únicas com os problemas de comportamento. No seu estudo concluíram que era o narcisismo que especificamente predizia as características mal adaptativas, tendo a auto-estima basicamente um efeito moderador: as crianças com níveis altos de narcisismo e baixa auto-estima eram as que demonstravam a maior quantidade de sintomas de problemas de comportamento. Barry, Grafeman, Adler e Pickard (2007) encontraram resultados na mesma linha, defendendo que apenas o narcisismo estava significativamente relacionado com a delinquência e a agressão, e que a baixa auto-estima apenas se correlacionava indirectamente com a delinquência mediante o controlo do efeito do narcisismo.

Donnellan, Trzesniewski, Robins, Moffitt e Caspi (2005) exploraram a relação entre a auto-estima global e problemas de externalização como agressão, comportamento anti-social e delinquência. Utilizando metodologias transversais e longitudinais com avaliação multi-método em amostras de crianças norte-americanas e neozelandesas, e concluíram que auto-estima e narcisismo são constructos distintos (correlacionando-se de forma fraca) que têm efeitos independentes nos problemas de externalização. Os autores demonstraram que existe uma relação robusta entre a baixa auto-estima e os problemas de comportamento quando se controlavam as variáveis moderadoras. O narcisismo, por sua vez, também teria o seu efeito específico nos problemas de comportamento.

Podemos concluir que, embora os estudos empíricos mais recentes demonstrem haver independência entre os constructos de auto-estima e narcisismo (Lochman, Powell, Boxmeyer, Young & Baden, 2010), continua a não existir consenso quanto à relação entre auto-estima e comportamentos anti-sociais. Apesar disso, muitos programas de prevenção e intervenção em delinquência juvenil baseiam-se na premissa de que a baixa auto-estima é um factor de risco nos comportamentos anti-sociais e consideram fundamental para o seu sucesso o reforço da auto-estima nos jovens (Eastman, 2004; Wooldredge, Harman, Latessa, & Holmes, 1994).

6. Auto-relato de comportamentos anti-sociais e traços psicopáticos

6.1. Comportamentos anti-sociais

Os questionários de auto-resposta que incidem em comportamentos anti-sociais e criminais são actualmente amplamente utilizados em criminologia, sociologia e psicologia forense. Alguns autores (e.g., Thornberry & Krohn, 2000) consideram que estes questionários, que começaram a ser utilizados na década de 40 do século XX, são uma das inovações mais importantes na investigação criminológica.

Um dos principais motivos que levaram os investigadores a desenvolver questionários de comportamentos anti-sociais tem a ver com o descontentamento com as estatísticas criminais oficiais. Existem “números negros” por detrás das estatísticas oficiais dado que muitos delitos não são sequer detectados (e.g., roubo, crimes de “colarinho branco”) ou então as vítimas não chegam sequer a apresentar queixa pelo facto de considerarem que não vale a pena. Tal leva a que as estatísticas criminais colectadas pela polícia representem apenas uma visão enviesada da realidade criminal.

Com alguma frequência acontece as investigações que utilizam métodos de auto-resposta chegarem a conclusões diferentes das que utilizam dados obtidos por fontes policiais ou judiciais. Esta questão foi reconhecida quase desde o início da utilização dos questionários de auto-resposta e foi investigada por diversos autores (e.g., Elliott & Ageton, 1980; Hindelang, Hirschi, & Weis, 1979; Huizinga & Elliott, 1986).

Loeber, Farrington e Waschbusch (1998) referem que estudos que utilizam a metodologia de auto-resposta costumam demonstrar uma escalada na gravidade dos actos cometidos por sujeitos que mais tarde se tornam delinquentes crónicos ou frequentes. Todavia, tal não é à primeira vista aparente através das análises longitudinais de dados obtidos junto de fontes policiais ou judiciais. Por outro lado, ambas as fontes de informação indicam que a gravidade dos actos tende a aumentar com a idade, o que sugere a consistência geral deste indicador. Estes autores defendem que ambos os métodos fornecem indicadores válidos desde que se tenha em atenção que existem áreas em que cada um tem a sua especificidade própria e áreas em que ambos se complementam.

Estes questionários têm essencialmente dois tipos de objectivos: 1) medir a prevalência e/ou incidência de delitos em certas populações, 2) testar teorias etiológicas dos crimes e seus correlatos (Junger-Tas, Marshall & Reibeaud, 2003). A prevalência refere-se à percentagem ou proporção de pessoas que reportam ter-se envolvido em actos delinquentes, enquanto a incidência (ou frequência) se refere ao número de actos delinquentes reportados. Uma diferença importante relativamente aos questionários noutras áreas (e.g., educação, saúde) tem a ver com o facto de os comportamentos alvo de inquérito serem ilegais e socialmente censuráveis, o que leva a que, caso não sejam tomadas certas precauções (e.g., anonimato), os sujeitos se esforcem por os ocultar.

Desde cedo na utilização desta metodologia que se dedicou uma atenção considerável à sua melhoria e aperfeiçoamento, fazendo com que este tipo de medidas se tenha desenvolvido de forma muito considerável (Thornberry, cit. Thornberry & Krohn, 2000). Actualmente estes questionários cobrem um leque muito abrangente de comportamentos criminais, dos menos graves aos mais graves e com escalas de frequência de resposta amplas, como seria esperado de forma a representar adequadamente o constructo da actividade criminal.

Os conceitos de validade e de precisão estão intrinsecamente ligados ao aperfeiçoamento destes questionários. Para qualquer medida ser cientificamente útil deve possuir tanto validade como fiabilidade. A fiabilidade (ou precisão) pode ser definida como a consistência com que o instrumento mede o que mede. Nenhuma medida é perfeitamente fiável, havendo sempre alguma variação de uma medição para outra. Portanto, o importante é saber o grau de fiabilidade da medida.

A validade pode ser definida como o grau em que o instrumento mede o constructo que pretende medir. A questão crucial aqui é a relação entre o constructo teórico que se está a tentar medir e o que na realidade se está a medir. A relação entre a validade e a fiabilidade é assimétrica. Uma medida em particular pode ser altamente fiável, mas ter pouca ou nenhuma validade. Em contraste, se uma medida é válida então também é fiável.

Thornberry e Krohn (2000), na revisão de literatura que efectuaram, consideram que os questionários de auto-resposta que incidem em comportamentos anti-sociais têm demonstrado possuir fiabilidade e validade equivalente à da maioria das medidas utilizadas em ciências sociais, e, nalguns casos, até melhor. Existe indubitavelmente uma preocupação por parte da maioria dos investigadores na área em avaliar as propriedades psicométricas dos instrumentos utilizados e em contribuir para o seu aperfeiçoamento.

Knight, Little, Losoya e Mulvey (2004), por exemplo, investigaram a equivalência de medição duma medida de comportamento criminal auto-relatado entre delinquentes juvenis provenientes de grupos étnicos diversificados (brancos, negros, hispânicos) através de técnicas sofisticadas de análise factorial confirmatória. Os resultados demonstraram que o instrumento avaliado era um indicador razoavelmente bom das actividades ilegais de jovens de ambos os sexos e de grupos étnicos diferentes, e que os itens pareciam avaliar o mesmo constructo subjacente. As pontuações na medida estavam significativamente associadas com os constructos teóricos relacionados na rede nomológica.

6.2. Traços psicopáticos

Lilienfeld e Fowler (2006) fizeram uma revisão das vantagens e desvantagens associadas à avaliação da psicopatia através de métodos de auto-resposta. Uma das vantagens associadas ao método de auto-resposta consiste na noção do *Self* enquanto observador subjectivo privilegiado dos seus traços e estados emocionais. As auto-respostas podem ser particularmente úteis no reconhecimento da relativa ausência de estados e traços como culpa, empatia, medo e intimidade, e da presença vincada de certas emoções como raiva e alienação.

Outra vantagem evidente associada aos métodos de auto-resposta consiste na simplicidade da sua utilização. Enquanto *rating scales* como o PCL-R requerem treino e certificação em entrevistas semiestruturadas demoradas (e.g., 90 minutos) e o acesso a dados processuais, os métodos de auto-resposta são relativamente fáceis de administrar e de cotar. Além disso, podem ser facilmente utilizados em enquadramentos não-institucionais.

As medidas de auto-resposta podem também avaliar sistematicamente os estilos de resposta através de escalas de validade, algo especialmente útil quando se trata de avaliar psicopatas. Neste aspecto têm vantagem relativamente às *rating scales* baseadas em entrevistas, que quase nunca têm indicadores de estilos de resposta incorporados (PCL-R incluído).

Por último, não se coloca o problema da baixa precisão inter-cotadores porque estas medidas são preenchidas pelos próprios sujeitos e portanto não requerem coerência na avaliação externa de vários observadores. Vale a pena salientar que no caso da psicopatia, em que existem vincadamente características como manipulação e ausência de culpa, é ainda mais importante a capacidade de inferência clínica por parte dos cotadores e portanto ainda mais improvável é que se atinja uma precisão inter-cotadores muito boa.

Relativamente às desvantagens das medidas de auto-resposta, estas são variadas e conhecidas desde há décadas. A primeira desvantagem classicamente reconhecida está relacionada com a questão da desonestidade. Os psicopatas mentem frequentemente sem sentirem nem culpa nem ansiedade, inclusivamente em situações em que não existe nenhuma mais-valia em fazê-lo. Apesar das medidas de auto-resposta frequentemente possuírem escalas de validade, nem sempre estas conseguem detectar tentativas sofisticadas de falsificação de respostas que tanto podem ir num sentido positivo (e.g., entrevista de emprego) como negativo (e.g., fingir-se inimputável).

Outra desvantagem pode estar relacionada com a falta de *insight* sobre a natureza e extensão dos seus problemas. Ao psicopata falta a capacidade de se descentrar de forma a ver-se como os outros o vêem. Este aspecto pode tornar-se ainda mais saliente na adolescência dado que os jovens não dispõem ainda da experiência de vida que lhes permita acumular autoconhecimento de si e das suas reacções emocionais ou da ausência

delas para com os outros. Desta forma, neste aspecto as avaliações feitas por observadores externos estariam em vantagem.

Outro aspecto desvantajoso a ter em conta tem a ver com o facto de a maioria dos questionários psicopatológicos estarem fortemente saturados em emocionalidade negativa, dimensão da personalidade que reflecte a disposição a experienciar afectos negativos tais como irritação, hostilidade, ansiedade e desconfiança. Devido a isso existe a possibilidade de as medidas de psicopatia serem contaminadas pela emocionalidade negativa, sendo tal especialmente verdade para as medidas de auto-resposta que avaliam o estilo de vida anti-social e comportamento impulsivo associado à psicopatia.

As desvantagens acima referidas levaram a que alguns autores (e.g., Haynes et al. cit. Lilienfeld & Fowler, 2006) concluíssem que as medidas de auto-resposta não são as ideais para avaliar o constructo da psicopatia. Existiria o que chamam de “descompasso método-modo” resultante do uso de um método que não é óptimo para a avaliação de determinado constructo (a psicopatia, neste caso em particular).

Lilienfeld e Fowler (2006), todavia, apontam para a existência de várias ideias pré-concebidas erradas na literatura quanto à validade das medidas de auto-resposta relativamente à psicopatia, que levaram a que alguns autores prematuramente rejeitassem o valor deste tipo de medidas. Uma dessas ideias erradas assenta no pressuposto das respostas verdadeiras, argumentando-se que a falta de honestidade e de *insight* do psicopata levaria a respostas incorrectas. As respostas, de facto, podem ser ou não ser factualmente certas, mas fornecem informação diagnóstica útil em termos da percepção que os sujeitos têm de si e do mundo.

Outra ideia errada está relacionada com a propensão dos psicopatas em darem consistentemente uma imagem positiva de si nas medidas de auto-resposta. Pelo contrário,

as medidas de auto-resposta tendem a estar negativamente correlacionadas com índices de desejabilidade social porque os traços de personalidade e comportamentos dos indivíduos psicopatas tendem a ser socialmente indesejáveis. Esta correlação negativa sugere que os psicopatas frequentemente relatam com fiabilidade a presença de características socialmente desvalorizadas tais como comportamentos anti-sociais, hostilidade e fraco controlo dos impulsos. Deve também ter-se em mente que as escalas de validade não são independentes da variância dos traços.

Uma terceira ideia errada tem a ver com a aptidão para dissimular. Com bastante frequência considera-se erradamente que os psicopatas são supostamente muito mais hábeis que os dissimuladores não psicopatas a manipular as suas respostas nos questionários. Todavia não existem evidências empíricas que de forma consistente suportem tal afirmação, apenas existem algumas observações clínicas pontuais (e.g., Hare, 1985).

Há que ter em mente qual o contexto de aplicação e o método de avaliação. Assim, a aplicação em grupo de medidas de auto-resposta para fins de investigação, a coberto do anonimato, facilita a obtenção de respostas fidedignas. Já no contexto clínico e no contexto forense é consensual que nunca se deve utilizar apenas os questionários de auto-resposta para avaliar a psicopatia, mas sim adoptar uma abordagem multi-método com recolha de dados de outras fontes (e.g., dados processuais, *ratings* de observadores externos).

Vaughn e Howard (2005b) fizeram uma revisão de literatura sobre os instrumentos de auto-resposta actualmente disponíveis que incidem sobre o constructo da psicopatia em jovens. Os autores identificaram nove instrumentos que avaliaram de acordo com critérios de validade (convergente, discriminante, de constructo, preditiva), precisão (teste-reteste, consistência interna), desenho do estudo, características da amostra e outros resultados

chave. Cinco desses instrumentos foram classificados como tendo demonstrado evidências múltiplas de adequada validade e precisão, nomeadamente: *Antisocial Process Screening Device* (APSD), *Modified Childhood Psychopathy Scale* (mCPS), *Murrie and Cornell Psychopathy Scale* (MC-P), *Psychopathic Personality Inventory* (PPI) e *NEO Personality Inventory–Revised* (NEO-PI-R).

7. Objectivos e questões de investigação

A presente dissertação tem diversos objectivos que assentam na pretensão de, no contexto do que é a realidade portuguesa, esclarecer cientificamente questões de investigação relacionadas com o tema da delinquência juvenil sob o enfoque dos traços psicopáticos. A revisão de literatura acima efectuada permite enquadrar teoricamente certas questões de investigação que enunciamos de seguida. Será que os jovens delinquentes portugueses de ambos os sexos possuem características a nível psicológico e relacional que os distinguem da restante população juvenil? Haverá diferenças entre rapazes e raparigas delinquentes a nível de traços psicopáticos? Será o constructo dos traços psicopáticos útil na caracterização dos jovens? Será possível predizer a pertença dos jovens à amostra forense e/ou ao grupo com traços psicopáticos altos a partir das pontuações obtidas nas variáveis seleccionadas que exploram constructos relacionados com delinquência juvenil? Será que os constructos de auto-estima e de narcisismo têm uma importância diferente na predição dos comportamentos delinquentes?

Adicionalmente, para proceder à concretização desses objectivos pretende-se efectuar procedimentos de validação de cinco instrumentos psicométricos, nomeadamente a Escala de Auto-estima de Rosenberg (RSES; Rosenberg, 1989, 2000), o Questionário de Capacidades e de Dificuldades versão de auto-resposta (SDQ-SR; Goodman, Meltzer, &

Bailey, 1998), o Dispositivo de Despiste de Processo Anti-social versão de auto-resposta (APSD-SR; Frick & Hare, 2001; Muñoz & Frick, 2007), a Escala de Delinquência Auto-relatada Adaptada (ASDS; Carroll, Durkin, Houghton & Hattie, 1996) e a Escala de Desejabilidade Social de Marlowe-Crowne versão curta (MCSDS-SF; Ballard, 1992), dada a escassez de instrumentos validados para a população juvenil portuguesa no âmbito forense.

PARTE II - ESTUDOS EMPÍRICOS

1. Método

1.1. Delineamento dos estudos e hipóteses

O tema da delinquência juvenil não tem sido muito estudado em Portugal. A presente investigação tem como principais enfoques a avaliação de traços psicopáticos, da auto-estima, de problemas de comportamento e de comportamentos anti-sociais em jovens portugueses a cumprir medidas tutelares-educativas nos Centros Educativos do Ministério da Justiça (amostra forense), contrastando-os com jovens da população geral a frequentar o ensino escolar (amostra escolar). O desenho da investigação pode ser definido como quantitativo, transversal e não-experimental (Bachman & Schutt, 2003; Gliner & Morgan, 2000).

O objectivo inicial, que consistiu em proceder-se à validação dos instrumentos psicométricos utilizados, prende-se com a relativa escassez de validações feitas a nível nacional de medidas no âmbito juvenil forense. Pretende-se demonstrar que estes possuem qualidades métricas adequadas em termos de fiabilidade e de validade no que diz respeito à medição dos constructos em estudo nesta investigação, além de assegurar que estes estão aptos a serem utilizados com a população juvenil portuguesa.

Como instrumentos psicométricos a utilizar na investigação escolheram-se a Escala de Auto-estima de Rosenberg (RSES; Rosenberg, 1989, 2000), o Questionário de Capacidades e de Dificuldades versão de auto-resposta (SDQ-SR; Goodman, Meltzer & Bailey, 1998), o Dispositivo de Despiste de Processo Anti-social versão de auto-resposta (APSD-SR; Frick & Hare, 2001; Muñoz & Frick, 2007), a Escala de Delinquência Auto-relatada Adaptada (ASDS; Carroll, Durkin, Houghton & Hattie, 1996) e a Escala de Desejabilidade Social de Marlowe-Crowne versão curta (MCSDS-SF; Ballard, 1992)

devido à sua pertinência relativamente ao tema a ser estudado. Alguns destes instrumentos são clássicos, como é o caso da Escala de Auto-estima de Rosenberg, e outros relativamente recentes, como é o caso do Dispositivo de Despiste de Processo Anti-social.

Tendo por base o enquadramento teórico efectuado na primeira parte desta dissertação, foram formulados mais cinco objectivos que, por sua vez, levaram à colocação das respectivas hipóteses de investigação:

- I. Análise de diferenças a nível de características psicológicas e relacionais entre jovens de ambos os sexos da amostra forense e da amostra escolar.

Relativamente a este objectivo colocou-se a hipótese de que os jovens da amostra forense apresentam valores significativamente mais altos de traços psicopáticos, de problemas de comportamento e de comportamentos delinquentes, bem como valores mais baixos de auto-estima.

- II. Análise de diferenças a nível de traços psicopáticos entre jovens do sexo masculino e jovens do sexo feminino da amostra forense.

Relativamente a este objectivo colocou-se a hipótese de que os rapazes da amostra forense apresentam traços psicopáticos significativamente mais elevados que as raparigas da amostra forense.

- III. Análise de diferenças a nível de características psicológicas e relacionais entre jovens de ambos os sexos do grupo de traços psicopáticos altos e do grupo de traços psicopáticos baixos.

No que diz respeito a este objectivo colocou-se a hipótese de que os jovens com traços psicopáticos altos apresentam valores significativamente mais elevados de

problemas de comportamento e de comportamentos delinquentes, bem como valores mais baixos de auto-estima.

- IV. Análise da capacidade de previsão de pertença a amostras e a grupos distintos com base nas características psicológicas e relacionais.

Relativamente a este objectivo colocou-se a hipótese de que é possível prever a pertença de jovens às amostras forense e escolar e aos grupos de traços psicopáticos altos e baixos a partir dos valores obtidos nas medidas de auto-estima, de problemas de comportamento, de traços psicopáticos e de comportamentos delinquentes.

- V. Análise da importância da auto-estima e do narcisismo na predição de comportamentos delinquentes.

No que concerne a este objectivo colocou-se a hipótese de que o narcisismo tem maior importância na predição dos comportamentos delinquentes auto-relatados.

Os objectivos de investigação acima referidos foram analisados nos quatro estudos empíricos efectuados na presente dissertação pela seguinte ordem: Estudo 1 - Validação de instrumentos; Estudo 2 - Objectivos I e II; Estudo 3 - Objectivo III; Estudo 4 - Objectivos IV e V.

1.2. Participantes

A amostra total final ficou constituída por 760 participantes. Desse total, 250 participantes constituíram a amostra forense e 510 participantes a amostra escolar. Com o

objectivo de caracterizar os participantes procedeu-se ao tratamento descrito e comparativo de algumas variáveis moderadoras de tipo sócio-demográfica e de tipo criminal.

Na tabela seguinte (ver Tabela 6) podem-se observar dados relativos ao sexo, ao número e à percentagem de participantes segundo a proveniência.

Tabela 6

Sexo, Número e Percentagem de Participantes por Centros Educativos e Escolas

	Sexo masculino	Sexo feminino	N total	Percentagem total
Amostra Forense	221	29	250	32.9%
CE da Belavista	56	5	61	8%
CE Navarro de Paiva	56	24	80	10.5%
CE Padre A. Oliveira	32	0	32	4.2%
CE dos Olivais	35	0	35	4,6%
CE de Santo António	29	0	29	3.8%
CE do Mondego	13	0	13	1.7%
Amostra Escolar	322	188	510	67.1%
Escola Bas/Sec da Amora	177	110	287	37.8%
Escola Sec Monte da Caparica	69	15	84	11.1%
Escola Bas/Sec A. Andrade	45	22	67	8.8%
Escola Bas/Sec A. Neves	31	41	72	9.5%
Amostra Total	543	217	760	100%

Nota. N = número de participantes; CE = Centro Educativo; Escola Bas/Sec = Escola Básica e Secundária; Escola Sec = Escola Secundária.

Comparando a idade dos participantes de cada amostra verifica-se que não existem diferenças estatisticamente significativas quanto à média das idades, que se situa, por arredondamento, nos 16 anos (ver Tabela 7).

Tabela 7

Descritivas e ANOVA da variável sócio-demográfica Idade

Idade	Amostra Forense	Amostra Escolar	Valor p^*
<i>n</i>	250	510	$F = 1.935$
<i>M (DP)</i>	15.81 (1.317)	15.97 (1.549)	$p = .165$
Mínimo-Máximo	13 – 20	12 – 20	
Assimetria-Curtose	.277 – -.154	.250 – .047	

Nota. *Valor p obtido por ANOVA.

Quanto à variável sexo encontraram-se diferenças estatisticamente significativas na proporção de participantes do sexo masculino, sendo estes mais numerosos tanto na amostra forense como na escolar (ver Tabela 8).

Tabela 8

Descritivas e Teste de Qui-quadrado da variável sócio-demográfica Sexo

Sexo	Amostra Forense	Amostra Escolar	Valor p^*
Masculino	221 (88.4%)	322 (63.1%)	$\chi^2 = 5.484$
Feminino	29 (11.6%)	188 (36.9%)	$p \leq .001$
<i>n</i>	250 (100%)	510 (100%)	

Nota. *Valor p obtido por Qui-quadrado (Exact sig. 2-sided); χ^2 = Qui-quadrado.

Relativamente à variável Grupo Étnico encontraram-se diferenças estatisticamente significativas nas proporções de cada categoria étnica, com exceção das categorias Mulato e Outro (ver Tabela 9). Estas diferenças foram principalmente favoráveis à amostra escolar, com exceção das categorias Negro e Cigano que foram favoráveis à amostra forense (i.e., existência de uma maior proporção de sujeitos pertencendo aos grupos étnicos Negro e Cigano na amostra forense). O grupo étnico mais numeroso foi o Branco, seguido do Negro e do Mulato.

Tabela 9

Descritivas e Teste de Qui-quadrado da variável sócio-demográfica Grupo Étnico

	Amostra Forense	Amostra Escolar	Valor p^*
Branco	125 (50%)	328 (64.3%)	$\chi^2 = 38.776$
Negro	77 (30.8%)	107 (21%)	$p \leq .001$
Mulato	35 (14%)	67 (13.1%)	
Cigano	13 (5.2%)	1 (0.2%)	
Outro	0 (0%)	7 (1.4%)	
<i>n</i>	250 (100%)	510 (100%)	

Nota. *Valor p obtido por Qui-quadrado (Exact sig. 2-sided); χ^2 = Qui-quadrado.

No que diz respeito à variável Nacionalidade não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas entre as duas amostras (ver Tabela 10). Conforme pode ser constatado a nacionalidade portuguesa é a predominante, seguida da dos países de África.

Tabela 10

Descritivas e Teste de Qui-quadrado da variável sócio-demográfica Nacionalidade

	Amostra Forense	Amostra Escolar	Valor p^*
Portuguesa	205 (82%)	402 (78.8%)	$\chi^2 = 1.295$
Países da Europa	2 (0.8%)	7 (1.4%)	$p = .735$
Países de África	37 (14.8%)	86 (16.9%)	
Outras	6 (2.4%)	15 (2.9%)	
<i>n</i>	250 (100%)	510 (100%)	

Nota. *Valor p obtido por Qui-quadrado (Exact sig. 2-sided); χ^2 = Qui-quadrado.

No caso da variável Rural *versus* Urbano/Semi-urbano foram encontradas diferenças estatisticamente significativas, sendo que apenas na amostra forense foram identificados sujeitos com a proveniência Rural (ver Tabela 11).

Tabela 11

Descritivas e Teste de Qui-quadrado da variável sócio-demográfica Rural vs. Urbano/Semi-urbano

	Amostra Forense	Amostra Escolar	Valor p^*
Rural	9 (3.6%)	0 (0%)	$\chi^2 = 18.580$
Urbano/Semi-urbano	241 (96.4%)	510 (100%)	$p \leq .001$
<i>n</i>	250 (100%)	510 (100%)	

Nota. *Valor p obtido por Qui-quadrado (Exact sig. 2-sided); χ^2 = Qui-quadrado.

Relativamente à variável Ano de escolaridade completo do jovem foram encontradas diferenças estatisticamente significativas, tendo-se verificado que os jovens da amostra escolar apresentam em média mais anos de escolaridade completos (ver Tabela 12).

Tabela 12

Descritivas e ANOVA da variável sócio-demográfica Ano de Escolaridade Completo do Jovem

Idade	Amostra Forense	Amostra Escolar	Valor p^*
n	250	505	$F = 1194.506$
$M (DP)$	5.33 (1.393)	9.18 (1.461)	$p \leq .001$
Mínimo-Máximo	1 – 9	4 – 12	
Assimetria-Curtose	.261 – .780	-.545 – .702	

Nota. *Valor p obtido por ANOVA.

No que concerne à variável Ciclo de escolaridade completo do pai encontraram-se diferenças estatisticamente significativas favoráveis à amostra escolar, i.e., a amostra escolar tinha em termos de média das ordens ciclos de escolaridade completos do pai mais elevados (ver Tabela 13).

Tabela 13

Descritivas e Teste de U Mann-Whitney da variável sócio-demográfica Ciclo de Escolaridade Completo do Pai

	Amostra Forense	Amostra Escolar	Valor p^*
n	152	439	$U = 19115.5$
Média das ordens	199.77	344.62	$p \leq .001$
Mediana	1	3	
Mínimo-Máximo	0 – 5	0 – 5	
Assimetria-Curtose	1.074 – -.041	-.165 – -1.198	

Nota. *Valor p obtido por Teste de U Mann-Whitney (Exact sig. 2-sided); $U = U$ de Mann-Whitney.

Os mesmos resultados significativos favoráveis à amostra escolar foram encontrados para o ciclo de escolaridade completo da mãe (ver Tabela 14).

Tabela 14

Descritivas e Teste de U Mann-Whitney da variável sócio-demográfica Ciclo de Escolaridade Completo da Mãe

	Amostra Forense	Amostra Escolar	Valor p^*
n	152	439	$U = 24640$
Média das ordens	223.94	382.91	$p \leq .001$
Mediana	1	3	
Mínimo-Máximo	0 – 5	0 – 5	
Assimetria-Curtose	.890 – -.197	-.224 – -.926	

Nota. *Valor p obtido por Teste de U Mann-Whitney (Exact sig. 2-sided); $U = U$ de Mann-Whitney.

Relativamente ao nível sócio-económico do pai encontraram-se resultados significativos e favoráveis à amostra escolar, i.e., a amostra escolar tinha uma média das ordens mais alta relativamente ao nível sócio-económico do pai. (ver Tabela 15).

Tabela 15

Descritivas e Teste de U Mann-Whitney da variável sócio-demográfica Nível Sócio-económico (NSE) do Pai

	Amostra Forense	Amostra Escolar	Valor p^*
n	152	439	$U = 33514$
Média das ordens	267.74	370.39	$p \leq .001$
Mediana	0	0	
Mínimo-Máximo	0 – 1	0 – 2	
Assimetria-Curtose	2.04 – 2.189	.864 – -.251	

Nota. *Valor p obtido por Teste de U Mann-Whitney (Exact sig. 2-sided); $U = U$ de Mann-Whitney.

O mesmo se passou com o nível sócio-económico da mãe, dado que os resultados foram estatisticamente significativos (ver Tabela 16).

Tabela 16

Descritivas e Teste de U Mann-Whitney da variável sócio-demográfica Nível Sócio-económico (NSE) da Mãe

	Amostra Forense	Amostra Escolar	Valor p^*
n	152	439	$U = 41933.5$
Média das ordens	296.97	394.27	$p \leq .001$
Mediana	0	0	
Mínimo-Máximo	0 – 1	0 – 2	
Assimetria-Curtose	3.773 – 12.395	1.004 – -.266	

Nota. *Valor p obtido por Teste de U Mann-Whitney (Exact sig. 2-sided); $U = U$ de Mann-Whitney.

No caso da situação civil dos pais encontramos diferenças estatisticamente significativas entre as duas amostras (ver Tabela 17). De salientar a nível da amostra escolar a maior proporção de pais casados/juntos, enquanto na amostra forense havia maior proporção de pais divorciados/separados, de situações em que o pai havia falecido ou em que tanto a mãe ou o pai haviam falecido.

Tabela 17

Descritivas e Teste de Qui-quadrado da variável sócio-demográfica Situação Civil dos Pais

	Amostra Forense	Amostra Escolar	Valor p^*
Pais casados/juntos	68 (27.3%)	344 (68%)	$\chi^2 = 127.898$
Pais divorciados /separados	135 (54.2%)	144 (28.5%)	$p \leq .001$
Pai faleceu	32 (12.9%)	12 (2.4%)	
Mãe faleceu	8 (3.2%)	6 (1.2%)	
Pais faleceram	6 (2.4%)	0 (0%)	
n	249 (100%)	506 (100%)	

Nota. *Valor p obtido por Qui-quadrado (Exact sig. 2-sided); $\chi^2 =$ Qui-quadrado.

Relativamente à variável de com quem habita o jovem encontraram-se também diferenças estatisticamente significativas (ver Tabela 18). Realça-se a maior proporção de jovens da amostra escolar a habitar com ambos os pais, enquanto relativamente aos jovens da amostra forense havia maior proporção de casos a viver com a mãe, com a mãe e outros

familiares, com o pai e outros familiares, com familiares que não os pais e em instituições de acolhimento.

Tabela 18

Descritivas e Teste de Qui-quadrado da variável sócio-demográfica Com Quem Vive

	Amostra Forense	Amostra Escolar	Valor p^*
Pais	52 (20.8%)	297 (59%)	$\chi^2 = 132.630$ $p \leq .001$
Pais e outros familiares	11 (4.4%)	37 (7.4%)	
Mãe (e irmãos)	56 (22.4%)	72 (14.3%)	
Mãe e outros familiares	58 (23.2%)	43 (8.5%)	
Pai (e irmãos)	7 (2.8%)	7 (1.4%)	
Pai e outros familiares	13 (5.2%)	9 (1.8%)	
Outros familiares	38 (15.2%)	30 (6%)	
Instituição de acolhimento	10 (4%)	0 (0%)	
Outras situações	5 (2%)	8 (1.6%)	
<i>n</i>	250 (100%)	503 (100%)	

Nota. *Valor p obtido por Qui-quadrado (Exact sig. 2-sided); χ^2 = Qui-quadrado.

No que concerne à quantidade de pessoas com quem os jovens vivem foram encontradas diferenças estatisticamente significativas entre os dois grupos, favoráveis à amostra forense, i.e., os jovens desta amostra viviam com um número maior de pessoas (ver Tabela 19).

Tabela 19

Descritivas e A Teste de U Mann-Whitney da variável sócio-demográfica Quantidade de Pessoas com Quem Vive

	Amostra Forense	Amostra Escolar	Valor p^*
<i>n</i>	240	505	$U = 51392$
Média das ordens	411.37	354.77	$p \leq .001$
Mediana	4	4	
Mínimo-Máximo	1 – 13	1 – 16	
Assimetria-Curtose	.899 – 1.418	2.667 – 15.438	

Nota. *Valor p obtido por Teste de U Mann-Whitney (2-sided); U = U de Mann-Whitney.

As mesmas diferenças estatisticamente significativas foram encontradas na variável quantidade de irmãos/meios-irmãos, sendo novamente favoráveis à amostra forense, i.e., a amostra forense tinha uma maior quantidade de irmãos/meios-irmãos (ver Tabela 20).

Tabela 20

Descritivas e Teste de U Mann-Whitney da variável sócio-demográfica Quantidade de Irmãos/Meios-irmãos

	Amostra Forense	Amostra Escolar	Valor p^*
n	249	503	$U = 27733.5$
Média das ordens	516.62	307.14	$p \leq .001$
Mediana	5	2	
Mínimo-Máximo	1 – 14	1 – 21	
Assimetria-Curtose	1.070 – 1.139	3.766 – 24.848	

Nota. *Valor p obtido por Teste de U Mann-Whitney (2-sided); $U = U$ de Mann-Whitney.

No que diz respeito à variável toma de medicamentos psiquiátricos, encontraram-se diferenças estatisticamente significativas, verificando-se uma proporção maior de jovens da amostra forense a tomar a dita medicação (ver Tabela 21).

Tabela 21

Descritivas e Teste de Qui-quadrado da variável sócio-demográfica Medicamentos Psiquiátricos

	Amostra Forense	Amostra Escolar	Valor p^*
Não	194 (76.7%)	493 (97.2%)	$\chi^2 = 76.951$
Sim	56 (22.4%)	14 (2.8%)	$p \leq .001$
n	250 (100%)	507 (100%)	

Nota. *Valor p obtido por Qui-quadrado (Exact sig. 2-sided); $\chi^2 =$ Qui-quadrado.

Entrando na área das variáveis de tipo criminal, encontraram-se diferenças estatisticamente significativas ao nível reconhecimento que os jovens faziam quanto a terem participado em actividades ilegais, nomeadamente 100% dos jovens da amostra forense reconheciam tê-lo feito contra 19.7% dos jovens da amostra escolar (ver Tabela 22).

Tabela 22

Descritivas e Teste de Qui-quadrado da variável Criminal Envolvimento em Actividades Ilegais

	Amostra Forense	Amostra Escolar	Valor p^*
Não	0 (0%)	408 (80.3%)	$\chi^2 = 434.848$
Sim	250 (100%)	100 (19.7%)	$p \leq .001$
<i>n</i>	250 (100%)	508 (100%)	

Nota. *Valor p obtido por Qui-quadrado (Exact sig. 2-sided); χ^2 = Qui-quadrado.

Comparando as duas amostras quanto à idade de primeiro envolvimento em actividades ilegais encontraram-se diferenças estatisticamente significativas, sendo que os jovens da amostra forense revelaram ter iniciado significativamente mais cedo na vida o envolvimento em actividades contra a lei (ver Tabela 23).

Tabela 23

Descritivas e ANOVA da variável Criminal Idade de 1º Envolvimento em Actividades Ilegais

	Amostra Forense	Amostra Escolar	Valor p^*
<i>n</i>	246	101	$F_w = 34.289$
<i>M (DP)</i>	11.64	13.41	$p \leq .001$
Mínimo-Máximo	6 – 16	6 – 18	
Assimetria-Curtose	-.439 – -.320	-.797 – .531	

Nota. *Valor p obtido por ANOVA; F_w = F de Welch.

Relativamente à variável problemas com a lei encontraram-se diferenças estatisticamente significativas entre as duas amostras, sendo que na amostra forense 100% declararam ter tido tais problemas contra 14.7% dos jovens da amostra escolar (ver Tabela 24).

Tabela 24

Descritivas e Teste de Qui-quadrado da variável Criminal Problemas com a Lei

	Amostra Forense	Amostra Escolar	Valor p^*
Não	0 (0%)	431 (85.3%)	$\chi^2 = 497.196$ $p \leq .001$
Sim	250 (100%)	74 (14.7%)	
<i>n</i>	250 (100%)	505 (100%)	

Nota. *Valor p obtido por Qui-quadrado (Exact sig. 2-sided); χ^2 = Qui-quadrado.

Comparando as duas amostras quanto à idade do primeiro problema com lei, novamente se encontraram diferenças estatisticamente significativas, tendo os jovens da amostra forense declarado ter tido tais problemas mais precocemente na vida que os jovens da amostra escolar (ver Tabela 25).

Tabela 25

Descritivas e ANOVA da variável Criminal Idade de 1º Problema com a Lei

	Amostra Forense	Amostra Escolar	Valor p^*
<i>n</i>	246	74	$F = 46.946$
<i>M (DP)</i>	12.85 (1.784)	14.54 (2.101)	$p \leq .001$
Mínimo-Máximo	7 – 17	8 – 18	
Assimetria-Curtose	-.737 – .452	-.605 – .980	

Nota. *Valor p obtido por ANOVA.

No que concerne à entrada em Centro Educativo (CE) do Ministério da Justiça, igualmente foram encontradas diferenças estatisticamente significativas, sendo que nenhum dos jovens da amostra escolar declarou ter estado em CE contra 100% dos jovens da amostra forense (ver Tabela 26).

Tabela 26

Descritivas e Teste de Qui-quadrado da variável Criminal Entrada em Centro Educativo

	Amostra Forense	Amostra Escolar	Valor p^*
Não	0 (0%)	506 (100%)	$\chi^2 = 756$ $p \leq .001$
Sim	250 (100%)	0 (0%)	
<i>n</i>	250 (100%)	506 (100%)	

Nota. *Valor p obtido por Qui-quadrado (Exact sig. 2-sided); χ^2 = Qui-quadrado.

A idade média da primeira entrada em CE dos jovens da amostra forense foi de 14.94 anos (desvio-padrão = 1.207), sendo a idade mínima de entrada de 12 anos e a máxima de 19 anos (ver Tabela 27). Recordamos que, segundo a legislação tutelar-educativa em vigor, um jovem pode estar em CE até ao dia em que faz 21 anos, desde que os factos tenham ocorrido entre o dia em que fez 12 anos e o dia em que fez 16 anos.

Tabela 27

Descritivas da Variável Criminal Idade de 1ª Entrada em CE

	Amostra Forense
<i>n</i>	250
<i>M (DP)</i>	14.94 (1.207)
Mínimo-Máximo	12 – 19
Assimetria-Curtose	.055 – .009

Relativamente aos jovens para os quais já havido sido proferida uma decisão de internamento em CE verifica-se que a média de tempo de internamento foi de 17.84 meses (ver Tabela 28).

Tabela 28

Descritivas da Variável Criminal Tempo (meses) de Condenação a Internamento

	Amostra Forense
<i>n</i>	173
<i>M (DP)</i>	17.84 (6.57)
Mínimo-Máximo	1 – 36
Assimetria-Curtose	-.195 – -.669

A maioria dos jovens encontrava-se em CE devido a crimes classificados como violentos (83.5%), conforme se pode verificar na tabela seguinte (ver Tabela 29).

Tabela 29

Frequências da variável Criminal Tipo de Crime na Amostra Forense

	Amostra Forense
Não grave/violento	6 (2.5%)
Grave	34 (14%)
Violento	203 (83.5%)
<i>n</i>	243 (100%)

O tipo de medida aplicada pelo tribunal foi predominantemente o internamento, seguido da medida cautelar de guarda (ver Tabela 30).

Tabela 30

Frequências da variável Criminal Tipo de Medida

	Amostra Forense
Cautelar de guarda	49 (20.2%)
Internamento	173 (71.2%)
Perícia da personalidade	8 (3.3%)
Fins-de-semana	13 (5.3%)
<i>n</i>	243 (100%)

O tipo de regime mais aplicado pelo tribunal foi o semi-aberto, seguido pelo fechado e finalmente o aberto (ver Tabela 31).

Tabela 31

Frequências da variável Criminal A Cumprir Regime

	Amostra Forense
Aberto	28 (11.5%)
Semi-aberto	149 (61%)
Fechado	67 (27.5%)
<i>n</i>	244 (100%)

Adicionalmente, os participantes constituintes da amostra total foram redistribuídos em grupos de traços psicopáticos baixos e traços psicopáticos altos, tomando por referência o ponto de corte considerado mais adequado no APSD-SR.

1.3. Instrumentos

1.3.1. Questionário sócio-demográfico

O questionário sócio-demográfico e criminal ficou constituído por uma parte inicial sócio-demográfica que abrangeu do item 1 ao item 12, representando variáveis moderadoras sócio-demográficas consideradas teoricamente importantes para a investigação (ver Anexo 1). O item 1 serviu o propósito de saber a idade de cada participante. O item 2 permitiu saber o sexo de cada participante. O item 3 permitiu saber em que grupo étnico cada participante se incluía. O item 4 inquiria a nacionalidade de cada participante. O item 5, ao inquirir sobre a localidade de residência, permitiu categorizar os participantes quanto à proveniência Rural *versus* Urbana/semi-urbana. O item 6 permitiu conhecer a escolaridade que cada participante havia completado, enquanto o item 7 permitiu conhecer o ciclo de escolaridade completado pelo seu pai e mãe. O item 8 permitiu saber a profissão dos pais de cada participante para que, conjugado com o item anterior, se pudesse estabelecer o nível sócio-económico (NSE) dos pais segundo o sistema de classificação definido por Simões (1994). O item 9 serviu para conhecer o estado civil dos pais de cada participante. Os itens 10.1 e 10.2 permitiram conhecer respectivamente quem habita no domicílio de cada participante e a quantidade de coabitantes. O item 11 pretendeu saber o número de irmãos/meios-irmãos de cada participante. Finalmente o item 12 inquiria sobre a toma de medicamentos psiquiátricos de cada participante.

1.3.2. Questionário criminal

A parte criminal do questionário foi elaborada tendo em mente questões relacionadas com as variáveis criminais consideradas pertinentes para a investigação

abrangeu do item 13 ao item 15.2 (ver Anexo 1). O item 13 inquire cada participante quanto à participação em actividades criminais, sendo complementado pelo item 13.2. que, em caso de resposta positiva ao item anterior, o questiona quanto à idade que tinha quando tal aconteceu. O item 14 inquire cada participante quanto a ter tido problemas com a lei, sendo complementado pelo item 14.2. que o inquire quanto à idade que tinha quando tal ocorreu. O item 15 inquire cada participante quanto a já ter estado internado num Centro Educativo do Ministério da Justiça, e, em caso positivo, o item 15.2. questiona-o quanto à idade que tinha quando tal aconteceu pela primeira vez.

1.3.3. Escala de Auto-estima de Rosenberg (RSES)

A Escala de Auto-estima de Rosenberg (*Rosenberg Self-Esteem Scale – RSES*; Rosenberg, 1986; 1989; Corcoran & Fischer, 2000), é uma medida unidimensional que avalia a auto-estima em adultos e adolescentes, sendo esta definida como a orientação positiva ou negativa relativamente a si mesmo. Rosenberg (1989) refere-se à auto-estima como um dos componentes do auto-conceito, que define como a totalidade dos pensamentos e sentimentos do individuo com referência a si próprio enquanto objecto.

A RSES foi desenvolvida a partir das pontuações de cerca de 5000 participantes de ambos os sexos, incluindo estudantes universitários e pessoas adultas provenientes de meios sociais diferentes e grupos étnicos diversificados. Originalmente concebida como escala Guttman, o RSES também pode ser cotada simplesmente somando os itens tipo *Likert* de quatro pontos (Discordo fortemente = 0, Discordo = 1, Concordo = 2, Concordo fortemente = 3), após se ter feito a reversão dos itens indicados (nomeadamente os itens 2, 5, 6, 8, 9). A pontuação na escala varia entre 0 e 30, sendo que pontuações elevadas na

escala indicam auto-estima elevada e vice-versa. Alguns autores têm utilizado escalas tipo *Likert* de 5 ou 7 pontos.

Os estudos efectuados revelam que esta escala tem demonstrado possuir boas propriedades psicométricas. A nível de estabilidade temporal obtiveram-se correlações de .82 a .88 (Blascovich & Tomaka, 1993; Rosenberg, 1986). A nível de consistência interna por alfa de Cronbach obtiveram-se valores de .77 a .88 (Blascovich & Tomaka, 1993; Rosenberg, 1986). A RSES demonstra ter boa validade de constructo ao correlacionar-se de forma forte e significativa com outras medidas de auto-estima (e.g., Coopersmith Self-Esteem Inventory) e ao não se correlacionar com medidas que envolvem outros constructos diferentes não sobreponíveis (Corcoran & Fischer, 2000).

No site <http://www.bsos.umd.edu/socy/research/rosenberg.htm> é possível encontrar uma versão integral da escala disponibilizada gratuitamente e documentação relacionada.

1.3.4. Questionário de Capacidades e de Dificuldades (SDQ-SR)

O Questionário de Capacidades e de Dificuldades (*Strengths and Difficulties Questionnaire* – SDQ; Goodman, 1997; Goodman, 2001; Goodman & Scott, 1999), que existe na versão *rating scale* e na versão de auto-resposta (SDQ-SR; Goodman, Meltzer & Bailey, 1998) é um questionário comportamental curto dirigido a pré-adolescentes e adolescentes dos 11 aos 16 anos. É composto por 25 itens com escala tipo *Likert* de três pontos (Falso = 0; Por vezes verdade = 1; Muitas vezes verdade = 2) distribuídos por cinco dimensões: Sintomas emocionais (*Emotional Symptoms* - ES; itens 3, 8, 13, 16 e 24), Problemas de comportamento (*Conduct Problems* - CP; itens 5, 7, 12, 18 e 22), Hiperactividade (*Hyperactivity* - H; itens 2, 10, 15, 21 e 25), Problemas com os pares (*Peer Problems* - PP; itens 6, 11, 14, 19 e 23), e Comportamento pró-social (*Prosocial Behaviour* - P; itens 1, 4, 9, 17 e 20). As pontuações de todas as dimensões, com excepção da última,

são somadas após se ter revertido os itens indicados (nomeadamente os itens 7, 11, 14, 21 e 25) de forma a obter a pontuação total de dificuldades. O SDQ existe nas versões *rating scale* para pais, *rating scale* para professores e na versão de auto-resposta, esta última utilizada na presente investigação. A única diferença entre as versões de *rating scale* e a de auto-resposta é a mudança gramatical da terceira pessoa para a primeira pessoa.

Em termos de validade factorial tem havido alguma discordância quanto à estrutura factorial, dependendo dos métodos estatísticos utilizados (análise factorial exploratória ou confirmatória) e das versões do SDQ utilizadas (*rating scale* ou versão de auto-resposta). Goodman, Meltzer e Bailey (1998) não efectuaram análise factorial no seu artigo original sobre o SDQ-SR. Becker, Hagenberg, Roessner, Woerner e Rothenberger (2004) que avaliaram a versão alemã do SDQ-SR, afirmam ter encontrado através de Análise de Componentes Principais (ACP) com rotação Varimax as cinco dimensões postuladas apesar de não terem fornecido dados estatísticos. Por sua vez d'Acremont e Van der Linden (2008) utilizaram análise factorial confirmatória com a versão francesa do SDQ *rating scale* e encontraram uma estrutura factorial em conformidade com a original.

Percy, McCrystal e Higgins (2008) não conseguiram, numa amostra 3753 alunos irlandeses, confirmar a estrutura factorial penta-dimensional do SDQ-SR através de análise factorial confirmatória, evidenciando problemas na unidimensionalidade das subescalas, saturações cruzadas de itens, ausência de saturação de alguns itens em qualquer factor e limitações sérias na própria estrutura componente. Ruchkin, Jones, Vermeiren & Schwab-Stone (2008), numa amostra de 4661 jovens americanos, utilizando análise factorial confirmatória concluíram que o SDQ-SR apresenta diversos problemas (e.g., saturação baixa dos itens nos factores, consistência interna baixa) que levam a concluir que o SDQ-SR tem características psicométricas inadequadas, recomendando investigação futura no sentido de o aperfeiçoar.

Em termos de consistência interna por alfa de Cronbach, Goodman, Meltzer e Bailey (1998) encontraram um valor de .82 para o total de dificuldades e um leque de .61 a .75 para as dimensões. Becker, Hagenberg, Roessner, Woerner e Rothenberger (2004) encontraram um valor de .78 para o total de dificuldades e um leque de .58 a .78 para as dimensões. Por sua vez, d'Acremont e Van der Linden (2008) encontraram um leque de .64 a .90 para as dimensões, enquanto Van Baardewijk, Vermeiren, Stegge e Doreleijers (2011) encontraram valores claramente abaixo do recomendável na ordem de .40 a .53.

Goodman, Meltzer e Bailey (1998) analisaram ainda a capacidade de o SDQ-SR distinguir entre amostras da população clínica e da população comunitária. Concluíram, através do procedimento estatístico ROC, que o SDQ tem capacidade de discriminar entre os dois grupos, tanto a nível de subescalas como de pontuação total de dificuldades. Os autores concluíram que os resultados da avaliação psicométrica do SDQ-SR são promissores, mas recomendaram mais investigação.

Marzocchi, Capron, Di Pietro, Tauleria, Duyme, Frigerio, Gaspar, Hamilton, Pithon, Simões e Théron (2004), referindo-se à utilização do SDQ nos países do sul da Europa, consideram-no bastante promissor enquanto instrumento na avaliação de perturbações comportamentais e emocionais em crianças e adolescentes. Estes autores, todavia, não fornecem valores objectivos substanciais quanto às propriedades psicométricas do SDQ.

No *site* <http://www.sdqinfo.org> é possível encontrar a versão integral da escala disponibilizada gratuitamente em português de Portugal e diversas outras línguas, assim como artigos de validação e de investigação empírica, além de outra documentação relacionada.

1.3.5. Dispositivo de Despiste de Processo Anti-social (APSD-SR)

O Dispositivo de Despiste de Processo Anti-social (*Antisocial Process Screening Device* – APSD; Frick & Hare, 2001) é uma medida psicométrica projectada para avaliar traços psicopáticos em crianças e adolescentes. Originalmente chamado Psychopathy Screening Device (PSD), foi modelado a partir da Psychopathy Checklist - Revised (PCL-R; Hare, 2003) com a colaboração do próprio Hare, tendo por base amostras clínicas e comunitárias. É actualmente considerada a medida de avaliação de psicopatia em crianças mais extensivamente estudada (Patrick, 2010).

O APSD existe nas versões *rating scale* para pais e professores, e na versão de auto-resposta (APSD-SR), em que os itens surgem escritos na primeira pessoa. É constituído por 20 itens cotados numa escala ordinal tipo *Likert* de três pontos (Falso = 0; Por vezes verdade = 1; Muitas vezes verdade = 2). A pontuação na escala total e nas dimensões é obtida somando os valores dos itens, revertendo-se previamente os indicados (nomeadamente os itens 3, 7, 12, 18 e 20). Na presente investigação utilizou-se a versão de auto-resposta (e.g., Muñoz & Frick, 2007), em que se optou por reverter também o item 19.

Tem havido alguma discordância quanto à estrutura factorial do APSD. Os autores (Frick, O'Brien, Wootton & McBurnett, 1994), baseando-se em análises factoriais exploratórias com amostras comunitárias e clínicas, defenderam inicialmente uma estrutura bidimensional constituída pelas dimensões de Traços Calosos/não-emocionais (*Callous-Unemotional* - Cal-Une; itens 3, 5, 12, 14, 18, 19) e Impulsividade/Problemas de comportamento (*Impulsivity/Conduct problems* – I/CP; itens 1, 2, 4, 8, 9, 11, 13, 15, 16, 20).

Actualmente, após estudos com amostras de grande dimensão que incluíram a utilização de análise factorial confirmatória em amostras forenses (Frick, Barry & Bodin,

2000; Frick, Bodin & Barry, 2000), os autores consideram que o APSD é melhor conceptualizado como tendo uma estrutura factorial tridimensional constituída pelas dimensões de Traços Calosos/não-emocionais (*Callous-Unemotional* – Cal-Une; itens 3, 7, 12, 18, 19, 20) Impulsividade (*Impulsivity* – Imp; itens 1, 4, 9, 13, 17) e Narcisismo (*Narcissism* – Nar; itens 5, 8, 10, 11, 14, 15, 16), embora considerem que a solução bidimensional também tem o seu mérito.

Deve-se salientar que tanto no modelo a dois factores como no modelo a três factores existem itens isolados que simplesmente não saturaram nas dimensões identificadas. De notar também as correlações relativamente fortes encontradas entre os factores Narcisismo e Impulsividade (de $r = .61$ a $r = .66$) e entre o factor Traços calosos/não-emocionais e os factores Impulsividade (de $r = .49$ a $r = .57$) e Narcisismo (de $r = .52$ a $r = .55$).

Muñoz e Frick (2007), no seu artigo de avaliação das propriedades psicométricas do APSD-SR, não testaram a estrutura factorial do instrumento devido ao tamanho pequeno da amostra ($n = 91$) comunitária que utilizaram. Outros autores, recorrendo a amostras maiores, fizeram-no. Vitacco, Rogers e Neumann (2003), utilizando duas amostras forenses constituídas por adolescentes americanos detidos por delinquência ($n = 78$ e $n = 79$) a quem aplicaram o APSD-SR, encontraram apoio para o modelo de três factores através de análise factorial confirmatória.

O apoio ao modelo de três factores por análise factorial confirmatória não é unanimemente defendido. Fritz, Ruchkin, Kaposov e Klinteberg (2008), utilizando uma amostra forense de 250 adolescentes russos que preencheram o APSD-SR, não conseguiram através de análise factorial confirmatória ajustamentos suficientemente bons dos modelos de dois e três factores para estes serem utilizáveis. Estes autores recorreram então a uma Análise de Componentes Principais exploratória com rotação Oblimin que

forneceu apoio ao modelo de três factores (apesar de terem encontrado quatro factores com *eigenvalues* superiores a um, terem sobrado dois itens que não saturavam em nenhum dos três factores, e haver uma considerável saturação cruzada de itens em diversos factores). Fite, Greening, Stoppelbein e Fabiano (2009), utilizando uma amostra (n = 328) clínica de crianças americanas a quem os pais aplicaram a versão *rating scale* do APSD, encontraram, através de análise factorial confirmatória, apoio limitado para o modelo de três factores, tendo antes optado pelo modelo de dois factores por o considerarem mais parcimonioso.

Muñoz e Frick (2007) avaliaram a consistência interna do APSD-SR. No seu estudo os valores obtidos variaram entre .78 a .81 para a escala total, e entre .50 a .68 para as subescalas. Os próprios autores consideraram que, apesar da consistência interna da escala total ser adequada, a consistência interna das subescalas ficou aquém do nível considerado adequado (especialmente na dimensão Impulsividade).

Relativamente à estabilidade temporal, Muñoz e Frick (2007) obtiveram para a escala total correlações de .70 a .72 a um ano, e uma correlação de .64 a dois anos. As subescalas demonstraram ter uma estabilidade mais baixa, nomeadamente de .49 a .63 a um ano, e de .43 a .48 a dois anos. Apesar de a estabilidade temporal da escala total ser adequada, pelo menos à duração de um ano, a estabilidade das subescalas ficou aquém do desejável.

Muñoz e Frick (2007) encontraram também associações com outras medidas de comportamento anti-social, indicadoras de validade de critério e de construção (especialmente a nível da dimensão impulsividade). Na validade convergente com a *Self-report of Delinquency Scale* (Elliott & Ageton, 1980), por exemplo, o APSD obteve correlações estatisticamente significativas de .25 a .58. Na validade de critério com o diagnóstico de Perturbação do Comportamento (American Psychiatric Association, 2002)

obteve uma correlação de .48 para a escala total, de .65 para a dimensão Narcisismo, de .58 para a dimensão Impulsividade e de .52 para a dimensão Traços calosos/não-emocionais (Frick, Barry & Bodin 2000).

Outros autores não encontraram tais indícios. Lee, Vincent, Hart e Corrado (2003), por exemplo, avaliaram a validade concorrente do APSD com o *Psychopathy Checklist Youth Version* (PCL:YV; Hare, 2003) numa amostra de 100 adolescentes detidos, tendo concluído que existem limitações da parte do APSD face ao PCL:YV (embora admitindo que parece haver um efeito de método na avaliação da psicopatia).

No site <http://www.psyc.uno.edu/Frick%20Lab/Home.html> está disponível gratuitamente o APSD Self-report e outra documentação associada; todavia, as versões *rating scale* devem ser adquiridas comercialmente (Frick & Hare, 2001).

1.3.6. Escala de Delinquência Auto-relatada Adaptada (ASDS)

A Escala de Delinquência Auto-relatada Adaptada (*Adapted Self-reported Delinquency Scale* – ASDS; Carroll, Durkin, Houghton & Hattie, 1996) é uma medida de auto-resposta adaptada da escala originalmente concebida por Mak (1993), que mede o envolvimento dos adolescentes em actividades ilegais e anti-sociais. As pontuações obtidas nesta escala têm sido utilizadas como um índice de actividade criminal, inclusive para obtenção de valores de incidência e de prevalência.

Carroll, Durkin, Houghton e Hattie (1996) utilizaram duas amostras, de 230 e de 260 adolescentes respectivamente, no processo de validação da escala. Os 38 itens tipo *Likert* da escala foram submetidos a processos de análise factorial por máxima verosimilhança, tendo sido demonstrado que todos tinham saturação superior a .40. Os autores têm utilizado itens tipo *Likert* de 5 a 7 pontos com a escala. Os procedimentos de análise factorial permitiram identificar a presença de sete factores (com *eigenvalues*

superiores a 1): Roubo e furto (*Theft and burglary*; itens 1 a 6), Crimes rodoviários (*Motor vehicle offenses*; itens 7 a 13), Crimes relacionados com drogas (*Drug-related offenses*; itens 14 a 19), Agressão (*Assault*; itens 20 a 23), Vandalismo (*Vandalism*; itens 24 a 29), Crimes escolares (*School-related offenses*; itens 30 a 32), Perturbação da ordem pública (*Public disorder*; itens 33 a 38).

A consistência interna por alfa de Cronbach de cada um dos factores identificados variou entre .67 e .91. Foi possível também demonstrar que a ASDS tem validade discriminante ao distinguir entre grupo delinquente e grupos não-delinquentes. Podemos concluir que a investigação empírica já efectuada quanto às propriedades psicométricas da escala tem demonstrado que estas são satisfatórias, apesar de serem necessários procedimentos psicométricos adicionais (e.g., validade convergente e divergente; validade concorrente).

1.3.7. Escala de Desejabilidade Social de Marlowe-Crowne (MCSDS-SF)

A Escala de Desejabilidade Social de Marlowe-Crowne (*Marlowe-Crowne Social Desirability Scale* – MCSDS; Crowne & Marlowe, 1960; Johnston, Wright & Weinman, 1995) foi originalmente concebida para avaliar a tendência que certas pessoas têm em apresentar as suas qualidades de forma inflacionada ou exagerada, minimizando simultaneamente as suas fraquezas, i.e., tentam apresentar-se a si próprias como estando dentro dos ideais das normas da sua sociedade.

Ballard (1992), tomando os 33 itens dicotómicos da escala original de Marlowe-Crowne e uma amostra de 399 estudantes universitários, construiu várias versões curtas, sendo que a mais difundida em termos de utilização, constituída por 13 itens, ficou conhecida como subescala compósita (*Marlowe-Crowne Social Desirability Scale - Short Form* – MCSDS-SF; Ballard, 1992). A pontuação total desta versão curta é obtida

somando os resultados dos itens dicotômicos (e.g., Falso = 1; Verdadeiro = 2), sendo que previamente se devem reverter os itens indicados (nomeadamente os itens 1, 2, 3, 5, 6, 8, 11 e 12 da escala curta).

Através de análise de componentes principais Ballard (1992) seleccionou os itens que saturavam mais de .39, chegando assim aos 13 itens finais da versão compósita, que demonstrou ser unidimensional e ter uma consistência interna (Kuder-Richardson) de .70. Esta escala curta tem demonstrado possuir propriedades psicométricas adequadas, embora nalguns aspectos algo modestas (Loo & Loewen, 2004).

A utilização da versão curta desta escala (MCSDS-SF) é gratuita para fins de investigação, não sendo comercializada. Apenas a versão completa da MCSDS é comercializada (Johnston, Wright & Weinman, 1995).

1.3.8. Escala Taxionómica para Crianças e Adolescentes (CATS)

A Escala Taxionómica para Crianças e Adolescentes (*Child and Adolescent Taxon Scale* - CATS; Harris, Rice & Quinsey, 1994; Quinsey, Harris, Rice & Cormier, 2006) é uma *rating scale* actuarial desenvolvida a partir de oito variáveis relacionadas com conduta anti-social e agressiva na infância e adolescência que permitem discriminar os indivíduos que pertencem ou não à categoria anti-social (psicopatas *versus* não-psicopatas).

Dado que as variáveis utilizadas na construção da CATS são seleccionadas por critérios meramente estatísticos que distinguem significativamente os dois grupos, não seguem o método clássico tradicionalmente utilizado na construção e validação de escalas psicométricas. A cotação faz-se somando os pontos obtidos por cada item (Não = 0; Sim = 1), após a reversão do item indicado (nomeadamente o item 8). Apesar de não existirem publicados pontos de corte oficiais, os autores sugerem que pontuações iguais ou superiores a 4 são significativas.

Os itens que a constituem são os seguintes: 1) Má adaptação durante a escolaridade básica; 2) Problema de álcool na adolescência; 3) Problema de agressividade na infância; 4) Problema comportamental antes dos 15 anos; 5) Suspensão ou expulsão da escola; 6) Detido antes de ter 16 anos; 7) Progenitores alcoólicos; 8) Viveu com ambos os progenitores biológicos até aos 16 anos (R).

A CATS não é comercializada, sendo a sua utilização gratuita.

1.4. Procedimentos

1.4.1. Procedimentos relativos a instituições e a autores

1.4.1.1. Instituições

No âmbito desta investigação foram contactadas duas instituições, nomeadamente a Direcção-Geral de Reinserção Social (DGRS), integrada no Ministério da Justiça, e a Direcção-Geral de Inovação e Desenvolvimento Curricular (DGIDC), integrada no Ministério da Educação (ver Anexo 2). A DGRS foi contactada de forma a autorizar a aplicação dos questionários nos Centros Educativos do Ministério da Justiça, que serviu de base à amostra forense. A DGIDC, por sua vez, foi contactada para autorizar a aplicação dos questionários nas escolas da região da grande Lisboa sob alçada do Ministério da Educação, que serviu de base à amostra escolar.

1.4.1.2. Autores

De forma a obter as devidas autorizações para proceder à adaptação e validação para Portugal dos instrumentos escolhidos para serem utilizados nesta investigação, os respectivos autores dos instrumentos foram contactados (ver Anexo 3). Nos casos do APSD-SR, SDQ-SR e ASDS foram contactados directamente os autores por e-mail, nomeadamente Paul Frick para o APSD-SR, Robert Goodman para o SDQ-SR e

Annemaree Carroll para a ASDS. Nos casos da RSES, MCSDS-SF e CATS, estas estão disponibilizadas gratuitamente aos investigadores, não necessitando de autorização formal para a sua utilização.

1.4.2. Procedimentos de validação de instrumentos

Para proceder à tradução dos instrumentos seguiram-se *guidelines* estabelecidas (Hambleton, 2001; Van de Vijver & Hambleton, 1996). Contou-se com a colaboração de dois juízes independentes bilingues, a Dr.^a Clara Santos e a Dr.^a Rita Caraça, ambas licenciadas em Português-Inglês e professoras no ensino secundário. A Dr.^a Clara Santos fez a tradução para português, tendo a Dr.^a Rita Caraça feito a respectiva retroversão para inglês, que foi então comparada com o instrumento original. O resultado final foi considerado satisfatório pelo investigador e pelas duas tradutoras.

Posteriormente foram feitas algumas aplicações experimentais no contexto forense do Centro Educativo da Belavista e no contexto escolar da Escola Secundária da Amora que permitiram detectar a necessidade de efectuar algumas modificações adicionais na linguagem utilizada na formulação dos itens respeitantes às variáveis de tipo sócio-demográfico, de tipo criminal e aos itens constituintes das escalas, de forma a tornar essa mesma linguagem mais directa e mais facilmente entendível pelos participantes.

No item 3, por exemplo, relativo à Etnia, teve de se acrescentar a expressão Raça dado que muitos jovens não compreendiam o termo Etnia nem o termo Grupo Étnico. Outros exemplos: no item 2 do APSD-SR foi acrescentada a expressão “(contra a lei)” porque se constatou que alguns jovens não sabiam o que eram “actividades ilegais”; no item 14 da ASDS acrescentaram-se os termos em calão “ganza” e “erva” porque alguns jovens não sabiam o que significavam os termos haxixe e marijuana.

No caso da ASDS as modificações efectuadas ao instrumento foram de maior dimensão dado que tiveram de se eliminar/fundir alguns dos itens que foram considerados redundantes ou culturalmente descontextualizados, optando-se também por um formato de resposta tipo *Likert* de três pontos (Nunca = 0; Algumas vezes = 1; Muitas vezes = 2) de forma a facilitar a resposta por parte dos participantes (ver resultados e discussão da validação da ASDS). No caso do APSD-SR tomou-se a opção de reverter pela negativa o sentido do item 19 dado a ser o único item dessa dimensão que não era inversamente cotado. Somente após todas as necessidades de aperfeiçoamento detectadas nos instrumentos terem sido efectuadas se considerou que se chegou às versões finais do questionário sócio-demográfico e tipo criminal (ver Anexo 1), da RSES (ver Anexo 4), do SDQ-SR (ver Anexo 5), do APSD-SR (ver Anexo 6), da ASDS (ver Anexo 7) e da MCSDS-SF (ver Anexo 8). Pode-se então avançar para a recolha dos dados propriamente dita.

1.4.3. Procedimentos de recolha de dados

1.4.3.1. Amostra forense

A recolha dos questionários em meio forense decorreu entre os anos de 2008 e 2010, após se ter obtido autorização por parte da Direcção-Geral de Reinserção Social (DGRS), pertencente ao Ministério da Justiça. Foram feitas aplicações em todos os Centros Educativos existentes na altura a nível nacional de forma a avaliar o maior número possível de participantes (ver Tabela 31). Os directores de cada Centro Educativo foram previamente contactados para combinar datas de deslocação e condições de aplicação dos questionários e consulta dos dossiers judiciais respeitantes a cada jovem.

Foi explicado a cada um dos jovens o propósito da investigação, sendo-lhes salientado de que a participação era voluntária, que os dados recolhidos eram confidenciais

e que de forma alguma esses dados seriam alguma vez utilizados no âmbito da medida que estavam a cumprir em centro educativo.

Cada uma das cópias da versão integral dos questionários aplicados à amostra forense e também à amostra escolar era precedida pelo termo de consentimento informado, em que era dado conhecimento formal aos participantes do carácter voluntário e confidencial (ver Anexo 9). A aplicação dos questionários foi feita individualmente, estando o investigador sempre presente para dar instruções de preenchimento (e.g., remeter para contexto pré-entrada em Centro Educativo) e esclarecer quaisquer dúvidas que surgissem. Após o preenchimento das escalas de auto-resposta seguiu-se a aplicação da *rating scale* CATS e dos critérios de diagnóstico de Perturbação do Comportamento (DSM-IV-TR), que implicaram uma entrevista breve e a consulta dos dossiers jurídicos de cada jovem.

Nem todos os jovens concordaram ou puderam participar, sendo que a não participação incluiu motivos como recusa em participar, impossibilidade de participar devido a não entendimento da língua portuguesa e impossibilidade de participar devido a questões de segurança. Todos os questionários dos jovens que participaram foram considerados válidos. A taxa de participação foi de cerca de 90%. Obteve-se um número total final de 250 participantes no caso da amostra forense (ver Tabela 32).

Tabela 32

Participação por Centro Educativo

	Participaram	Não participaram
Amostra Forense	250	28
Centro Educativo da Belavista	61	4
Centro Educativo Navarro de Paiva	80	5
Centro Educativo Padre António Oliveira	32	0
Centro Educativo dos Olivais	35	4
Centro Educativo de Santo António	29	1
Centro Educativo do Mondego	13	14

1.4.3.2. Amostra escolar

A recolha dos questionários em meio escolar decorreu entre os anos de 2009 e 2010, após se ter obtido autorização por parte da Direcção-Geral de Inovação e de Desenvolvimento Curricular (DGIDC), Ministério da Educação. Foram aleatoriamente seleccionadas doze escolas básicas/secundárias da região da grande Lisboa, para as quais foram enviados os pedidos de permissão para efectuar a presente investigação, juntamente com uma cópia da autorização dada pela DGICD.

Num primeiro momento houve recusa de uma das escolas em participar (alegando que os alunos que ali estudavam “não cometem crimes”) e a aceitação em participar de duas outras escolas que responderam ao contacto do investigador. Fizeram-se repetidos contactos por correio e por telefone para as restantes escolas, sendo que por meio desta insistência se conseguiu a participação de mais duas escolas. Ficou-se com um total de quatro escolas participantes, sendo que relativamente às restantes (com excepção da escola acima referida que explicitamente se recusou a participar) não se conseguiu obter qualquer resposta por parte dos responsáveis, quer positiva quer negativa.

Regra geral os questionários foram aplicados pelo investigador no início de cada aula, tendo a lista de turmas participantes sido fornecida pelos responsáveis da direcção de cada escola, e estando o investigador pessoalmente presente para dar instruções de preenchimento e esclarecer quaisquer dúvidas da parte dos participantes. A excepção foi para a Escola Básica e Secundária A. Neves, que colocou a imposição de que os questionários fossem aplicados nas várias turmas por uma professora do quadro da escola, à qual foram dadas instruções para o efeito pelo investigador. Posteriormente, e sempre que possível, aplicou-se isoladamente a cada aluno a parte do questionário que implicava a intervenção directa do investigador (e.g., CATS, diagnóstico de Perturbação do Comportamento da DSM-IV-TR).

A maior parte das escolas impuseram que a participação de cada aluno fosse previamente autorizada através de um termo de consentimento assinado pelo encarregado de educação (ver Anexo 10), o que foi feito. Cada questionário era precedido pelo termo de consentimento informado, em que era dado conhecimento aos participantes do carácter voluntário e confidencial.

No final, foram excluídos cerca de 13% dos participantes devido a estarem fora do intervalo etário estabelecido ou a motivos como terem entregado questionários não preenchidos, incompletos ou ilegíveis. Ficou-se com um número total final de 510 participantes no caso da amostra escolar (ver Tabela 33).

Tabela 33

Participação por Escola

	Válidos	Excluídos
Amostra Escolar	510	77
Escola Básica e Secundária da Amora	287	57
Escola Secundária do Monte da Caparica	84	13
Escola Básica e Secundária A. Andrade	67	2
Escola Básica e Secundária A. Neves	72	5

1.4.4. Procedimentos de tratamento de dados

No tratamento de dados estatísticos planeou-se recorrer a uma ampla variedade de técnicas estatísticas, incluindo testes paramétricos e não-paramétricos de comparação de grupos, correlações paramétricas e não paramétricas, regressão logística, regressão múltipla, análise factorial exploratória e confirmatória, análise de componentes principais, consistência interna (alfas de Cronbach, Kuder-Richardson), análise discriminante, curvas ROC, potência de teste, dimensão de efeito, entre outras.

Os dados relativos aos questionários considerados válidos foram inseridos em SPSS v18 (SPSS, an IBM company, Chicago, IL) e posteriormente tratados em SPSS v19. No processo de inserção as variáveis de tipo sócio-demográfico foram devidamente codificadas. Por exemplo: na variável Rural *versus* Urbano/Semi-urbano utilizou-se a classificação do Instituto Nacional de Estatística disponível no *site* <http://www.ine.pt/> que estava em vigência na altura do início desta dissertação, ficando a proveniência codificada como: 0 = Rural e 1 = Urbana/Semi-urbana. Outro exemplo: a Classificação do Nível Sócio-económico (NSE) do agregado familiar foi feita segundo o sistema utilizado por Simões (1994), em que: 0 = NSE baixo, 1 = NSE médio e 2 = NSE elevado (ver Anexo 11). O mesmo se passou relativamente à codificação das variáveis de tipo criminal. Por exemplo: os diversos tipos de crimes foram codificados da seguinte forma: 0 = Não Grave / Não Violento, 1 = Grave e 2 = Violento e Grave; ver Anexo 12).

Posteriormente à inserção dos dados ter sido feita foram aleatoriamente seleccionados 10% dos questionários inseridos, de forma a avaliar a qualidade de inserção dos mesmos. Visto que a percentagem de erros detectada nesta amostragem foi de 1.3%, a qualidade de inserção de dados foi considerada muito boa.

No caso dos questionários considerados válidos em que haviam sido pontualmente detectados valores omissos (*missing*) efectuaram-se os seguintes procedimentos de substituição: nos itens ordinais os valores omissos foram substituídos pelas medianas das respectivas variáveis; nos itens escalares os valores omissos foram substituídos pela média; não foram feitas substituições de dados omissos no caso dos itens nominais. De salientar que os itens ordinais das escalas psicométricas foram revertidos quando tal era adequado. Seguidamente foram pedidas descritivas e frequências das variáveis constantes no dicionário de variáveis do ficheiro em que os dados foram inseridos.

As amostras forense e escolar, os grupos de traços psicopáticos altos e baixos e as pontuações na ASDS no modelo de regressão foram operacionalizadas como variáveis independentes (VI) de atributo (i.e., não activas) dado que a presente investigação é de tipo não-experimental (Gliner & Morgan, 2000), enquanto as pontuações nos itens de tipo sócio-demográfico, de tipo criminal e as pontuações nas escalas e suas dimensões foram operacionalizadas como variáveis dependentes (VD).

Os grupos de traços psicopáticos altos e baixos resultaram da redistribuição dos participantes da amostra total final (amostras forense e amostra escolar, acima descritas). Tendo por base a pontuação no APSD, adoptou-se posteriormente ao processo de validação deste instrumento o ponto de corte 12 como critério de separação entre traços psicopáticos baixos ($APSD-SR < 11$) e traços psicopáticos altos ($APSD-SR \geq 12$).

Posteriormente procedeu-se ao processo de validação dos instrumentos, seguindo-se a soma de itens de forma a obter-se a pontuação total por escala e por dimensões (quando tal era aplicável). No processo de validação psicométrica dos instrumentos utilizaram-se técnicas de análise de componentes principais, de análise factorial exploratória, de análise factorial confirmatória, de análise de consistência interna e análise discriminante, entre outras.

A análise exploratória da estrutura factorial das escalas foi efectuada recorrendo a análise factorial exploratória (AFE) propriamente dita e a análise de componentes principais (ACP), com e sem rotação de factores (Marôco, 2010a). Na extracção de factores foram tidos em conta os critérios de Kaiser (*eigenvalue* superior a 1) e de *Scree Plot* (representação gráfica). Utilizaram-se ainda o teste de adequação da amostragem de Kaiser-Meyer-Olkin ($KMO > .7$) e o teste de esfericidade de Bartlett ($p \leq .001$) para avaliar a adequabilidade dos dados aos procedimentos de análise factorial. Como critério

de saturação dos itens nos factores utilizou-se um valor mínimo de saturação de .30 (Nunnally & Bernstein, 1994).

Para a análise factorial confirmatória (AFC), que se pretendeu utilizar na validação da estrutura factorial do APSD-SR, empregou-se o programa informático EQS v6.1 (Multivariate Software, Inc; Bentler, 2004; Bentler & Wu, 2002; Byrne, 2006). Recorreu-se ao método de estimação por Máxima Verosimilhança (ML) sobre matrizes de correlação assintóticas e consideraram-se a significância da estatística χ^2 e os resultados obtidos nos seguintes índices de ajustamento: CFI (Comparative Fit Index), GFI (Goodness of Fit Index) e RMSEA (Root Mean Square Error of Aproximation), além do χ^2/gl . No CFI e no GFI valores superiores a .90 indicam um ajustamento bom; no RMSEA valores inferiores a .05 com $p \geq .05$ indicam um ajustamento bom; no χ^2/gl valores entre 2 e 1 indicam um ajustamento de bom a muito bom (Marôco, 2010b).

Na avaliação da consistência interna através do alfa de Cronbach optou-se por uma abordagem de liberal para propósitos de investigação ($\alpha \geq .60$) a conservadora ($\alpha \geq .80$), aplicada tanto à escala total como a cada uma das suas dimensões (Cortina, 1993). No caso do teste de homogeneidade, definiram-se os limites da correlação média inter-itens entre .15 e .50 (Clark & Watson, 1995), e o limite mínimo da correlação item-total corrigida de .20 (Nunnally & Bernstein, 1994).

A nível da validade convergente e divergente consideraram-se valores $\geq .70$ como bons (Domino & Domino, 2006; Kline, 2000), o mesmo se passando para a estabilidade temporal ou teste-reteste. No caso da validade discriminante valores estatisticamente significativos são interpretados como evidência de que a escala (e as suas dimensões, quando existam) consegue discriminar eficazmente entre os grupos ou amostras, tidos

como estruturalmente e mutuamente exclusivos (Leech, Barrett & Morgan, 2008; Marôco, 2010a).

Nos casos das escalas em que se optou por calcular os diversos pontos de corte utilizaram-se três critérios: curvas ROC, sensibilidade e especificidade (estas duas últimas calculadas através de regressão logística binomial). Da ponderação conjunta dos melhores valores nestes três critérios escolheu-se o ponto óptimo.

Relativamente às comparações entre grupos, sempre que possível utilizaram-se técnicas paramétricas quando os dados eram de natureza escalar, nomeadamente quando se estava perante distribuição normal (assimetria e curtose entre -2 e 2) e homogeneidade de variâncias. Nos casos em que havia distribuição normal mas não havia homogeneidade de variâncias (analisada através do teste de Levene) optou-se pela utilização da correcção de Welch. Quando não havia distribuição normal (independentemente de haver ou não haver homogeneidade de variâncias) optou-se pelas técnicas não paramétricas, nomeadamente o teste *U* de Mann-Whitney. Quando os dados eram de natureza nominal utilizou-se o teste de Qui-Quadrado com a opção Exact do SPSS.

Relativamente às correlações quando a distribuição das variáveis era normal (assimetria e curtose entre -2 e 2) optou-se por técnicas paramétricas (correlação de Pearson) e por técnicas não paramétricas quando não o era (correlação de Spearman). Nos modelos de regressão em que as variáveis dependentes eram de tipo dicotómico optou-se pela regressão logística binomial, enquanto no modelo em que a variável dependente era escalar se optou pela regressão múltipla (Tabachnick & Fidell, 2007). Nos modelos de regressão que utilizaram amostras e grupos como variáveis dependentes utilizou-se a seguinte codificação: 0 = Amostra escolar, 1 = Amostra forense; 0 = Grupo de traços psicopáticos baixos (APSD < 11), 1 = Grupo de traços psicopáticos altos (APSD ≥ 12).

Consideraram-se que os valores de teste eram significativos quando $p \leq .05$ e que eram marginalmente significativos quando p se situava incluído no intervalo $]0.05 - 0.1]$. Nas comparações entre amostras e entre grupos calculou-se a potência de teste de forma a quantificar a probabilidade de rejeitar correctamente H_0 quando esta é falsa, e a dimensão do efeito da família-d (que quantifica diferenças relativas entre as médias da variável dependente nos diferentes grupos) ou da família-R (que quantifica a fração da variabilidade da variável dependente que é explicada pelo fator (Everitt & Skrondal, 2010; Marôco, 2010a; Morgan, Leech, Gloeckner & Barrett, 2007)).

5. Resultados e Discussão

5.1. Estudo 1: Validação dos instrumentos

De seguida são apresentados os resultados e as respectivas discussões das validações das medidas psicométricas utilizadas nesta dissertação, nomeadamente da RSES, do SDQ-SR, do APSD-SR, da ASDS e da MCSDS-SF.

5.1.1. Resultados e discussão da validação da RSES

Na tabela seguinte podem-se observar as descritivas da RSES por amostras e por sexo dos participantes (ver Tabela 34).

Tabela 34

Descritivas RSES por Amostras Forense e Escolar

	Amostra Forense		Amostra Escolar	
	Masculino	Feminino	Masculino	Feminino
<i>n</i>	221	29	322	188
<i>M (DP)</i>	20.33 (4.74)	19.97 (3.92)	23 (4.67)	21.20 (5.06)
Min-Max	5 – 30	13 – 26	6 – 30	6 – 30
Assimetria	-.107	-.205	-.886	-.711
<i>EP</i> Assimetria	.164	.434	.136	.177
Curtose	-.184	-1.169	.901	.089
<i>EP</i> Curtose	.326	.845	.271	.353

Nota. *n* = número de participantes; *M* = Média; *DP* = Desvio-padrão; Min-Max = Mínimo-Máximo; *EP* Assimetria = Erro-padrão da Assimetria; *EP* Curtose = Erro-padrão da Curtose.

O primeiro passo na validação do RSES foi a análise dos itens de forma a verificar a existência de eventuais desvios grosseiros da normalidade, tomando os valores da assimetria e da curtose que se encontrassem fora do intervalo -2 a 2 (ver Tabela 35).

Tabela 35

Descritivas dos Itens RSES por Amostra Total

	Média	Mediana	Mínimo	Máximo	Assimetria	Curtose
Item 1	2.21	2	0	3	-.805	.527
Item 2	2.04	2	0	3	-.581	-.788
Item 3	2.46	2	0	3	-.449	-.195
Item 4	2.39	2	0	3	-.706	.467
Item 5	2.14	2	0	3	-.720	-.677
Item 6	2.04	2	0	3	-.539	-.905
Item 7	2.23	2	0	3	-.744	.486
Item 8	1.49	1	0	3	.108	-1.269
Item 9	2.36	3	0	3	-1.191	.546
Item 10	2.29	2	0	3	-.847	.646

Seguidamente procedeu-se à análise da estrutura factorial da escala. Foi efectuada uma Análise de Componentes Principais (ACP) com extracção de um único factor devido à escala ser teoricamente unidimensional (ver Tabela 36). Para a amostra total o teste Kaiser-Meyer-Olkin (KMO) indicou um valor de .86, enquanto o valor p obtido no teste de esfericidade de Bartlett foi de $p \leq .001$; na amostra forense o teste KMO indicou valor de .79 e o teste de Bartlett um valor $p \leq .001$; na amostra escolar o teste KMO indicou valor .86 e o teste de Bartlett um valor de $p \leq .001$.

Tabela 36

Cargas Factoriais da ACP para RSES por Amostras

Itens	Amostra Total	Amostra Forense	Amostra Escolar
Item 1	.54	.47	.58
Item 2	.63	.57	.68
Item 3	.39	.49	.34
Item 4	.38	.31	.41
Item 5	.66	.61	.65
Item 6	.69	.62	.74
Item 7	.61	.63	.59
Item 8	.46	.34	.49
Item 9	.74	.63	.77
Item 10	.75	.71	.77
<i>Eigenvalue</i>	3.59	3.04	3.83
Variância	35.9%	30.44%	38.33%

O passo seguinte consistiu em calcular nas três amostras a consistência interna, as correlações médias inter-itens e o leque de correlações item-total corrigidas (ver Tabela 37).

Tabela 37

Alfas de Cronbach, Correlações Médias Inter-itens e Leque de Correlações Item-Total Corrigidas para RSES por Amostras

	Amostra Total	Amostra Forense	Amostra Escolar
α Cronbach	.79	.73	.81
CMII	.27	.21	.30
LCITC	.27-.62	.18-.55	.25-.67

Nota. α Cronbach = Alfa de Cronbach; CMII = Correlação média inter-itens; LCITC = Leque de correlações item-total corrigidas.

No que diz respeito à estabilidade temporal obteve-se uma correlação estatisticamente significativa (ver Tabela 38).

Tabela 38

Teste-reteste para Amostra Forense

	Spearman ρ	Valor p
RSES	.86	$p \leq .01$

Nota. Spearman ρ = Correlação ρ de Spearman.

Relativamente à validade divergente obteve-se uma correlação de .10 estatisticamente significativa (ver Tabela 39).

Tabela 39

Validade Divergente com MCSDS-SF para Amostra Total

	Pearson r	Valor p
RSES	.10	$p \leq .01$

Nota. Pearson r = Correlação r de Pearson.

No caso da validade discriminante entre a amostra forense e a amostra escolar obteve-se um valor estatisticamente significativo nas pontuações da escala (ver Tabela 40).

Tabela 40

Validade Discriminante para RSES entre Amostra Forense e Amostra Escolar

	Λ Wilks	χ^2	Valor p
RSES	.961	29.806 (1)	$p \leq .001$

Nota. Λ Wilks=Lambda de Wilks; χ^2 =Qui-quadrado.

Em termos de discussão da validação da RSES, na análise dos itens de forma a verificar a existência de eventuais desvios grosseiros da normalidade não foram encontrados desvios dado que tanto a assimetria como a curtose se mantiveram no intervalo pré-determinado de -2 a 2.

Seguidamente procedeu-se à análise factorial da escala. Foi efectuada uma Análise de Componentes Principais (ACP) com extracção de um único factor devido à escala ser teoricamente unidimensional. Os testes de Kaiser-Meyer-Olkin (KMO), que são indicadores de recomendação relativamente à análise factorial, indicaram valores de médios a bons, além de que os testes de Bartlett foram sempre estatisticamente significativos ($p \leq .001$). Na ACP propriamente dita, relativamente a todas as amostras, os itens saturaram pelo menos adequadamente no factor unidimensional devido a apresentarem pesos factoriais superiores a .30 (Nunnally & Bernstein, 1994).

Relativamente a consistência interna, a correlações médias inter-itens e ao leque de correlações item-total corrigidas de uma forma geral os resultados encontrados foram de satisfatórios a bons nas três amostras. Os alfas obtiveram valores sempre superiores ao limite definido de .70, tendo na amostra escolar inclusivamente ultrapassado .80 (Cortina, 1993). As correlações médias inter-itens mantiveram-se dentro dos limites recomendáveis

estabelecidos de .15 a .50 (Clark & Watson, 1995). O leque de correlações item-total corrigidas foi superior a .20 nas amostras total e escolar, todavia na amostra forense ficou ligeiramente abaixo do desejável (Nunnally & Bernstein, 1994).

No que diz respeito à estabilidade temporal a três meses obteve-se uma correlação forte e estatisticamente significativa, considerando-se tal um resultado bastante bom (Kline, 2000).

Relativamente à validade divergente efectuada para a amostra total o resultado evidenciou a fraca correlação esperada com a Escala de Desejabilidade Social de Marlowe-Crowne – Versão Curta (MCSDS-SF), devido a que os constructos medidos são conceptualmente diferentes (Kline, 2000).

No caso da validade discriminante constatou-se que o RSES consegue discriminar significativamente entre a amostra forense e a amostra escolar (Nunnally & Bernstein, 1994), tidas como mutuamente exclusivas e estruturalmente diferentes (Marôco, 2010a).

Podemos concluir que no processo de validação da RSES se obtiveram bons resultados nos aspectos psicométricos analisados, sendo que a escala possui validade e precisão adequadas. Tal permite que seja recomendada a sua utilização com a população juvenil portuguesa forense e escolar.

5.1.2. Resultados e discussão da validação do SDQ-SR

De seguida apresentam-se os resultados da validação do SDQ-SR.

Na tabela abaixo podem observar-se as descritivas das escalas do SDQ-SR para a amostra forense (ver Tabela 41).

Tabela 41

Descritivas das Escalas do SDQ-SR por Amostra Forense

	Amostra Forense									
	Masculino					Feminino				
	ES	CP	H	PP	P	ES	CP	H	PP	P
<i>n</i>	221	221	221	221	221	29	29	29	29	29
<i>M</i>	3.19	4.66	4.61	2.96	7.34	4.21	4.21	5.03	2.72	8.62
<i>DP</i>	1.84	2.39	2.06	1.83	1.99	2.37	2.04	1.97	1.81	1.15
Mínimo	0	0	0	0	1	1	1	2	0	5
Máximo	9	10	9	10	10	9	9	8	7	10
Assimetria	.47	2.03	-.13	.62	-.36	.24	.67	-.23	.68	-1.16
<i>EP</i> Assimet	.16	.16	.16	.16	.16	.43	.43	.43	.43	.43
Curtose	-.42	14.40	-.41	.34	-.49	-.93	.04	-1.33	-.09	2.17
<i>EP</i> Curtose	.33	.33	.33	.33	.33	.85	.85	.85	.85	.85

Nota. ES = Sintomas emocionais; CP = Problemas de comportamento; H = Hiperactividade; PP = Problemas de relacionamento com os colegas; P = Comportamento pró-social; *n* = número de participantes; *M* = Média; *DP* = Desvio-padrão; *EP* Assimet = Erro-padrão da Assimetria; *EP* Curtose = Erro-padrão da Curtose.

Na tabela abaixo podem observar-se as descritivas das escalas do SDQ-SR para a amostra escolar (ver Tabela 42).

Tabela 42

Descritivas das Escalas do SDQ-SR por Amostra Escolar

	Amostra Escolar									
	Masculino					Feminino				
	ES	CP	H	PP	P	ES	CP	H	PP	P
<i>n</i>	322	322	321	321	322	188	188	188	188	188
<i>M</i>	2.56	2.25	3.91	2.04	7.28	4.32	2.39	4.09	1.90	8.17
<i>DP</i>	1.36	1.48	1.99	1.47	1.73	1.70	2.07	1.95	1.49	1.62
Mínimo	0	0	0	0	2	1	0	0	0	3
Máximo	7	9	10	7	10	10	10	8	8	10
Assimetria	.88	1.0	.54	.96	-.25	.40	6.28	-.02	1.1	-.66
<i>EP</i> Assimet	.14	.14	.14	.14	.14	.18	.18	.18	.18	.18
Curtose	1.0	1.47	-.05	.88	-.37	.23	63.24	-.64	1.79	.19
<i>EP</i> Curtose	.27	.27	.27	.27	.27	.35	.35	.35	.35	.35

Nota. ES = Sintomas emocionais; CP = Problemas de comportamento; H = Hiperatividade; PP = Problemas de relacionamento com os colegas; P = Comportamento pró-social; *n* = número de participantes; *M* = Média; *DP* = Desvio-padrão; *EP* Assimet = Erro-padrão da Assimetria; *EP* Curtose = Erro-padrão da Curtose.

Como primeiro passo de validação analisaram-se as descritivas dos itens de forma a detectar a existência de eventuais desvios da normalidade (ver Tabela 43).

Tabela 43

Descritivas dos Itens das Escalas do SDQ-SR por Amostra Total

	Média	Mediana	Mínimo	Máximo	Assimetria	Curtose
Escala ES						
Item 3	.27	0	0	2	1.886	2.598
Item 8	1.32	1	0	2	-.367	-.664
Item 13	.41	0	0	2	1.276	.470
Item 16	.89	1	0	2	.152	-.941
Item 24	.34	0	0	2	1.397	.984
Escala CP						
Item 5	.82	1	0	2	.308	-1.026
Item 7	1.09	1	0	2	-.081	-.6
Item 12	.20	0	0	2	2.434	5.167
Item 18	.43	0	0	2	1.260	.309
Item 22	.47	0	0	2	1.136	.011
Escala H						
Item 2	.96	1	0	2	.102	-1.287
Item 10	.84	1	0	2	.286	-1.287
Item 15	.77	1	0	2	.311	-.826
Item 21	.85	1	0	2	.136	-.594
Item 25	.78	1	0	2	.058	-.374
Escala PP						
Item 6	.37	0	0	2	1.456	.974
Item 11	.27	0	0	2	1.945	2.731
Item 14	.57	1	0	2	.495	-.652
Item 19	.19	0	0	2	2.459	5.363
Item 23	.89	1	0	2	.173	-1.171
Escala P						
Item 1	1.49	2	0	2	-.695	-.478
Item 4	1.46	2	0	2	-.722	-.445
Item 9	1.54	2	0	2	-.750	-.459
Item 17	1.71	2	0	2	-1.44	1.088
Item 20	1.37	1	0	2	-.393	-.666

Nota. ES = Sintomas emocionais; CP = Problemas de comportamento; H = Hiperactividade; PP = Problemas de relacionamento com os colegas; P = Comportamento pró-social.

Seguidamente procedeu-se ao processo de análise da estrutura factorial. Não foi possível encontrar a estrutura original da escala devido a saturação cruzada de itens, ausência de saturação de itens nos devidos factores, ausência de saturação dos itens em qualquer um dos factores identificados e ao menor número de factores identificados.

Optou-se pela análise de cada uma das escalas constituintes do SDQ-SR tomando cada uma delas isoladamente através do método da Análise de Componentes Principais, também conhecido por ACP (ver Tabela 44).

Tabela 44

Cargas Factoriais de ACP para Escalas do SDQ-SR por Amostras

Itens	Amostra Total	Amostra Forense	Amostra Escolar
Escala ES			
Item 3	.55	.52	.58
Item 8	.47	.55	.43
Item 13	.60	.63	.60
Item 16	.61	.62	.60
Item 24	.68	.66	.69
<i>Eigenvalue</i>	1.72	1.77	1.71
Variância	34.39%	35.47%	34.21%
Escala CP			
Item 5	.68	.71	.61
Item 7	.39	.44	.47
Item 12	.72	.74	.65
Item 18	.49	.54	.39
Item 22	.58		.52
<i>Eigenvalue</i>	1.70	1.61	1.43
Variância	34.08%	32.27%	28.69%
Escala H			
Item 2	.71	.78	.63
Item 10	.70	.77	.64
Item 15	.69	.68	.73
Item 21	.40		.44
Item 25	.31		.51
<i>Eigenvalue</i>	1.73	1.69	1.80
Variância	34.59%	33.73%	35.91%
Escala PP			
Item 6	.56	.55	.65
Item 11	.38	.48	
Item 14	.60	.66	.51
Item 19	.64	.56	.66
Item 23	.57	.50	.58
<i>Eigenvalue</i>	1.56	1.55	1.50
Variância	31.12%	30.91%	29.91%
Escala P			
Item 1	.67	.76	.61
Item 4	.48	.45	.59
Item 9	.74	.78	.69
Item 17	.41	.36	.46
Item 20	.78	.82	.74
<i>Eigenvalue</i>	1.99	2.20	1.95
Variância	39.92%	44.03%	38.98%

Nota. Cargas factoriais omissas se < .30; ES = Sintomas emocionais; CP = Problemas de comportamento; H = Hiperactividade; PP = Problemas de relacionamento com os colegas; P = Comportamento pró-social.

Relativamente à escala ES para a amostra total o teste KMO indicou um valor de .68 e o teste de esfericidade de Bartlett $p \leq .001$; para a amostra forense .68 e $p \leq .001$ respectivamente; para a amostra escolar .67 e $p \leq .001$ respectivamente. Relativamente à escala CP para a amostra total o teste KMO indicou um valor de .63 e o teste de Bartlett $p \leq .001$; para a amostra forense .55 e $p \leq .001$ respectivamente; para a amostra escolar .56 e $p \leq .001$ respectivamente. Relativamente à escala H para a amostra total o teste KMO indicou um valor de .59 e o teste de Bartlett $p \leq .001$; para a amostra forense .60 e $p \leq .001$ respectivamente; para a amostra escolar .60 e $p \leq .001$ respectivamente. Relativamente à escala PP para a amostra total o teste KMO indicou um valor de .61 e o teste de Bartlett $p \leq .001$; para a amostra forense .59 e $p \leq .001$ respectivamente; para a amostra escolar .59 e $p \leq .001$ respectivamente. Relativamente à escala P para a amostra total o teste KMO indicou um valor de .71 e o teste de Bartlett $p \leq .001$; para a amostra forense .72 e $p \leq .001$ respectivamente; para a amostra escolar .71 e $p \leq .001$ respectivamente.

As intercorrelações entre as escalas do SDQ-SR revelaram a presença de correlações na sua maioria estatisticamente significativas (ver Tabela 45).

Tabela 45

Intercorrelações de Escalas SDQ-SR por Amostra Total

	ES	CP	H	PP	P
ES	1				
CP	.12**	1			
H	.18**	.34**	1		
PP	.23**	.22**	.05	1	
P	.27**	-.14**	-.10**	-.14**	1

Nota. **Significativo ao nível $p \leq .01$; Valores p obtidos por Pearson r e por Spearman ρ ; ES = Sintomas emocionais; CP = Problemas de comportamento; H = Hiperactividade; PP = Problemas de relacionamento com os colegas; P = Comportamento pró-social.

Os alfas de Cronbach e outras correlações foram calculados (ver Tabela 46).

Tabela 46

Alfas de Cronbach, Correlações Médias Inter-Itens e Leque de Correlações Item-Total Corrigidas para Escalas do SDQ-SR por Amostras

	Amostra Total	Amostra Forense	Amostra Escolar
Escala ES			
α Cronbach	.51	.54	.51
CMII	.18	.19	.17
LCITC	.22–.36	.25–.35	.20–.36
Escala CP			
α Cronbach	.46	.37	.29
CMII	.17	.14	.11
LCITC	.13–.37	.11–.31	.10–.22
Escala H			
α Cronbach	.52	.45	.55
CMII	.17	.14	.19
LCITC	.15–.38	.06–.33	.20–.43
Escala PP			
α Cronbach	.43	.43	.37
CMII	.14	.13	.11
LCITC	.14–.29	.18–.29	.06–.28
Escala PS			
α Cronbach	.61	.67	.60
CMII	.23	.28	.23
LCITC	.22–.51	.22–.54	.23–.46

Nota. α Cronbach = Alfa de Cronbach; CMII = Correlação média inter-itens; LCITC = Leque de correlações item-total corrigidas; ES = Sintomas emocionais; CP = Problemas de comportamento; H = Hiperactividade; PP = Problemas de relacionamento com os colegas; P = Comportamento pró-social.

A validade divergente das escalas do SDQ-SR com a escala de auto-estima de Rosenberg (RSES) revelou correlações estatisticamente significativas (ver Tabela 47).

Tabela 47

Validade Divergente de Escalas do SDQ-SR com RSES para Amostra Total

	Pearson <i>r</i> / Spearman <i>rho</i>	Valor <i>p</i>
ES	-.30	$p \leq .01$
CP	-.22	$p \leq .01$
H	-.27	$p \leq .01$
PP	-.33	$p \leq .01$
PS	.15	$p \leq .01$

Nota. Pearson *r* = Correlação *r* de Pearson; Spearman *rho* = Correlação *rho* de Spearman; ES = Sintomas emocionais; CP = Problemas de comportamento; H = Hiperactividade; PP = Problemas de relacionamento com os colegas; P = Comportamento pró-social.

A validade concorrente das escalas do SDQ-SR com o diagnóstico de perturbação do comportamento do DSM-IV-TR revelou a existência de duas correlações estatisticamente significativas, nomeadamente nas escalas ES e CP (ver Tabela 48).

Tabela 48

Validade Concorrente com DSM-IV-TR Diagnóstico de Perturbação do Comportamento na Amostra Forense

	r_{pb}	Valor p
ES	-.14	$p \leq .05$
CP	.14	$p \leq .05$
H	.09	<i>ns</i>
PP	-.09	<i>ns</i>
PS	-.12	<i>ns</i>

Nota. r_{pb} = Correlação Bisserial por Ponto; ES = Sintomas emocionais; CP = Problemas de comportamento; H = Hiperactividade; PP = Problemas de relacionamento com os colegas; P = Comportamento pró-social; *ns* = não significativo.

A validade discriminante relativamente ao conjunto das escalas do SDQ-SR obteve um valor estatisticamente significativo (ver Tabela 49).

Tabela 49

Validade Discriminante para escalas do SDQ-SR entre Amostra Forense e Amostra Escolar

	Λ Wilks	χ^2	Valor p
SDQ-SR Escalas	.724	242.924 (5)	$p \leq .001$

Nota. Λ Wilks = Lambda de Wilks; χ^2 = Qui-quadrado.

Em termos de discussão, o início da validação através da análise dos itens permitiu detectar desvios da normalidade em alguns nomeadamente os itens 3, 11, 12 e 19.

Seguidamente procedeu-se à análise da estrutura factorial. Apesar de se terem tentado vários métodos de análise factorial com e sem rotação de factores (Marôco, 2010a) não foi possível encontrar estrutura factorial postulada da escala devido a saturação cruzada de itens, ausência de saturação de itens nos devidos factores, ausência de saturação dos itens em qualquer um dos factores identificados e ao menor número de factores identificados. Recordamos que Goodman, Meltzer e Bailey (1998) no artigo de validação preliminar original do SDQ-SR não analisaram a estrutura factorial do instrumento, e que outros autores (e.g., Percy, McCrystal & Higgins, 2008; Ruchkin et al., 2008) não a conseguiram replicar.

Após alguma reflexão optou-se por analisar cada dimensão isoladamente através do método da Análise de Componentes Principais (ACP). Os valores obtidos no teste KMO foram de mau (mas ainda tolerável) a médio quanto à recomendação para efectuar análise factorial, apesar de o teste de esfericidade de Bartlett obter sempre $p \leq .001$. Desta forma na amostra total todos os itens saturaram adequadamente nas escalas a que pertenciam. Na amostra forense os itens 22, 21, 25 não saturaram adequadamente ($< .30$) nas respectivas dimensões CP e H. Na amostra escolar o item 11 não saturou adequadamente ($< .30$) na respectiva dimensão PP.

As intercorrelações entre as escalas revelaram a presença de correlações de baixas a moderadas, positivas e negativas. A maioria das correlações obtidas foram estatisticamente significativas. De salientar as correlações negativas da escala P com a maioria das outras escalas, que já eram teoricamente esperadas dada a valoração positiva a nível de comportamento pró-social associada a esta escala.

Seguidamente foram calculados os alfas de Cronbach, as correlações médias inter-itens e o leque de correlações item-total corrigidas. Os alfas de Cronbach das

escalas variaram entre .29 e .67, sendo que apenas os alfas da escala PS apresentaram valores minimamente adequados (Cortina, 1993). Estes valores são manifestamente mais baixos que os obtidos por Goodman, Meltzer e Bailey (1998) que apresentaram alfas entre .61 e .85, e os de Becker et al. (2004) entre .58 e .78.

As correlações médias inter-itens ficaram aquém do esperado nas escalas CP e PP dado que na maioria das amostras não atingiram o limite mínimo recomendado de .15 (Clark & Watson, 1995). O mesmo se passou relativamente ao leque de correlações item-total corrigidas dado que nas escalas CP, H, e PP não atingiram o valor mínimo recomendado de .20 (Nunnally & Bernstein, 1994).

A validade divergente das escalas do SDQ-SR com a escala de auto-estima de Rosenberg revelou correlações estatisticamente significativas de baixas a moderadas, positivas e negativas. Tais correlações foram algo inesperadas dado que os constructos medidos teoricamente não se sobrepõem (Kline, 2000). Tal poderá derivar da quantidade de erro existente na medição, tal como evidenciado no alfa de Cronbach.

A validade concorrente das escalas do SDQ-SR com o diagnóstico de perturbação do comportamento do DSM-IV-TR revelou a existência de apenas duas correlações estatisticamente significativas mas fracas, nomeadamente nas escalas ES e CP. Teoricamente esperar-se-iam correlações de moderadas a altas e estatisticamente significativas na maioria das escalas, em particular na escala CP, dada a sobreposição teórica de constructos (Kline, 2000; Nunnally & Bernstein, 1994). Mais uma vez tal poderá derivar da quantidade de erro associado à medição, tal como evidenciado no alfa de Cronbach.

A validade discriminante revelou que o conjunto das escalas do SDQ-SR tem capacidade de discriminar (Nunnally & Bernstein, 1994) de forma estatisticamente

significativa entre as amostras forense e escolar, tal como Becker et al. (2004) haviam demonstrado.

Perante tais resultados, maioritariamente abaixo do esperado, torna-se algo difícil de apoiar a pretensão de Simões e restantes colaboradores (ver Marzocchi, Capron, Di Pietro, Tauleria, Duyme, Frigerio, Gaspar, Hamilton, Pithon, Simões & Thérond, 2004) relativamente ao carácter promissor do SDQ-SR enquanto instrumento psicométrico, pelo menos no que diz respeito à nossa amostra da população portuguesa em particular.

5.1.3. Resultados e discussão da validação do APSD-SR

Na tabela abaixo podemos observar as descritivas do APSD-SR e das escalas que o constituem por amostra forense (ver Tabela 50).

Tabela 50

Descritivas do APSD-SR e suas Escalas por Amostra Forense

	Amostra Forense									
	Masculino					Feminino				
	APSD	Nar-Imp	Cal-Une	Nar	Imp	APSD	Nar-Imp	Cal-Une	Nar	Imp
<i>n</i>	221	221	221	221	221	29	29	29	29	29
<i>M</i>	15.22	10	5.23	3.46	4.39	12.86	9.24	3.62	3.10	4.38
<i>DP</i>	5.15	4.43	2.35	2.63	1.81	4.57	4.17	2.08	2.08	1.90
Mínimo	4	2	0	0	0	6	2	0	0	1
Máximo	31	24	12	13	10	25	19	7	8	8
Assimetria	.45	.69	.09	1.12	.29	.75	.38	-.22	.65	.02
<i>EP</i> Assimet	.16	.16	.16	.16	.16	.43	.43	.43	.43	.43
Curtose	.01	.14	-.12	1.17	-.05	.53	.10	-.87	-.40	-.93
<i>EP</i> Curtose	.33	.33	.33	.33	.33	.85	.85	.85	.85	.85

Nota. APSD = APSD Total; Nar-Imp = Narcisismo-Impulsividade; Cal-Une = Traços calosos/não-emocionais; Nar = Narcisismo; Imp = Impulsividade; *n* = número de participantes; *M* = Média; *DP* = Desvio-padrão; *EP* Assimet = Erro-padrão da Assimetria; *EP* Curtose = Erro-padrão da Curtose.

Na tabela seguinte podemos observar as estatísticas descritivas do APSD-SR e das escalas que o constituem por amostra escolar (ver Tabela 51).

Tabela 51

Descritivas do APSD-SR e suas Escalas por Amostra Escolar

	Amostra Escolar									
	Masculino					Feminino				
	APSD	Nar-Imp	Cal-Une	Nar	Imp	APSD	Nar-Imp	Cal-Une	Nar	Imp
<i>n</i>	322	322	322	322	322	188	188	188	188	188
<i>M</i>	10.63	7.15	3.49	2.87	3.34	8.89	5.94	2.95	2.22	3.06
<i>DP</i>	4.84	4.33	1.96	2.40	1.87	3.74	3.36	1.58	1.82	1.63
Mínimo	1	0	0	0	0	2	0	0	0	0
Máximo	32	24	9	13	9	22	18	8	9	8
Assimetria	1.25	1.23	.65	1.32	.67	.78	.81	.54	1.12	.54
<i>EP</i> Assimet	.14	.14	.14	.14	.14	.18	.18	.18	.18	.18
Curtose	2.83	2.16	.17	2.10	.27	.32	.61	.11	1.16	.40
<i>EP</i> Curtose	.27	.27	.27	.27	.27	.35	.35	.35	.35	.35

Nota. APSD = APSD Total; Nar-Imp = Narcisismo-Impulsividade; Cal-Une = Traços calosos/não-emocionais; Nar = Narcisismo; Imp = Impulsividade; *n* = número de participantes; *M* = Média; *DP* = Desvio-padrão; *EP* Assimet = Erro-padrão da Assimetria; *EP* Curtose = Erro-padrão da Curtose.

O passo inicial na validação do APSD-SR consistiu na verificação da existência de eventuais desvios da normalidade dos itens (ver Tabela 52). Previamente, durante o pré-teste, tomou-se a opção de reformular o item 19 pela negativa devido a ser o único item dessa dimensão que não era inversamente cotado (revertido).

Tabela 52

Descritivas dos itens APSD-SR por Amostra Total

	Média	Mediana	Mínimo	Máximo	Assimetria	Curtose
Item 1	.26	0	0	2	1.646	1.802
Item 2	.59	0	0	2	.833	-.773
Item 3	.64	1	0	2	.627	-.758
Item 4	.74	1	0	2	.385	-.879
Item 5	.23	0	0	2	2.065	3.497
Item 6	.66	1	0	2	.56	-.767
Item 7	.53	0	0	2	.57	-.629
Item 8	.45	0	0	2	.976	-.047
Item 9	.88	1	0	2	.16	-.935
Item 10	.23	0	0	2	2.16	3.817
Item 11	.45	0	0	2	1.058	.058
Item 12	.71	1	0	2	.439	-.828
Item 13	.83	1	0	2	.263	-1.068
Item 14	.42	0	0	2	1.2	.326
Item 15	.86	1	0	2	.176	-.834
Item 16	.24	0	0	2	1.961	3.029
Item 17	.9	1	0	2	.135	-.882
Item 18	.55	0	0	2	.706	-.494
Item 19	.96	1	0	2	.049	-.967
Item 20	.47	0	0	2	1.012	-.079

O passo seguinte consistiu na análise da estrutura factorial da escala. A tentativa inicial de confirmar a estrutura factorial foi feita através do *software* informático EQS 6.1 (Multivariate Software, Inc.; Bentler, 2004; Bentler & Wu, 2002). Todavia, devido aos índices de ajustamento para a estrutura de dois factores ($\chi^2 = 865.12$, $p \leq .001$; $\chi^2/df = 5.12$; GFI = .88; CFI = .72; RMSEA = .074 (.069 – .079)) e para a estrutura de três factores ($\chi^2 = 552.85$, $p \leq .001$; $\chi^2/df = 4.19$; GFI = .92; CFI = .77; RMSEA = .065 (.059 – .070)) não atingirem bons valores (Marôco, 2010b), optou-se por não prosseguir essa

via confirmatória. Apesar dos índices de ajustamento da estrutura tridimensional se aproximarem do tolerável, a maioria dos itens não saturavam convenientemente.

Utilizaram-se então vários métodos de análise factorial exploratória (AFE) e de componentes principais (ACP), com e sem rotação de factores, para investigar a estrutura factorial do APSD-SR na amostra portuguesa. A melhor aproximação obtida foi relativa à estrutura bidimensional encontrada na amostra escolar empregando Análise de Componentes Principais (ACP) sem rotação (ver Tabela 53).

Tabela 53

Cargas Factoriais de ACP para Dimensões do APSD-SR por Amostras

	Amostra Total		Amostra Forense		Amostra Escolar	
	Factor 1	Factor 2	Factor 1	Factor 2	Factor 1	Factor 2
Item 1	.51		.52		.57	
Item 2	.63	.35	.57		.54	
Item 3	.44	.51	.38	.56		.35
Item 4	.48		.33		.35	
Item 5	.47		.47		.45	
Item 6	.51		.53		.53	
Item 7						.54
Item 8	.41	-.33	.43	-.32	.52	
Item 9		-.31		-.57	.36	
Item 10	.70		.65		.74	
Item 11	.56		.66		.59	
Item 12		.57		.62		.59
Item 13	.62		.53		.55	
Item 14	.55		.50		.56	
Item 15	.32				.30	
Item 16	.52		.59		.56	
Item 17		-.32	.47		.46	
Item 18	.39	.49	.33	.63		.59
Item 19		.49		.61		.32
Item 20		.37				.55
<i>Eigenvalue</i>	4.03	2.06	3.78	2.25	3.90	1.73
Variância	20.16%	10.28%	18.88%	11.23%	19.50%	8.63%

Nota. Cargas factoriais omissas se $< .30$

Na amostra escolar o teste KMO indicou um valor de .79 e o teste de esfericidade de Bartlett um valor $p \leq .001$. Na amostra forense o teste de KMO indicou um valor de .76 e o teste de Bartlett um valor $p \leq .001$. Na amostra total o teste de KMO indicou um valor de .83 e o de Bartlett um valor $p \leq .001$.

As inter-correlações entre as dimensões do APSD-SR revelaram correlações estatisticamente significativas (ver Tabela 54).

Tabela 54

Inter-correlações de Dimensões APSD-SR

	APSD Total	Nar-Imp	Cal-Une	Nar	Imp
APSD Total	1				
Nar-Imp	.91**	1			
Cal-Une	.57**	.18**	1		
Nar	.77**	.87**	.10**	1	
Imp	.75**	.83**	.14**	.52**	1

Nota. **Significativo ao nível .01; Valores *p* obtidos por Pearson *r*; Nar-Imp = Narcisismo-Impulsividade; Cal-Une = Traços calosos/não-emocionais; Nar = Narcisismo; Imp = Impulsividade.

Seguidamente foram calculados os alfas de Cronbach, as correlações médias inter-itens e os leques de correlações item-total corrigidas (ver Tabela 55).

Tabela 55

Alfas de Cronbach, Correlações Médias Inter-Itens e Leque de Correlações Item-Total Corrigidas para Dimensões do APSD-SR por Amostras

	Amostra Total	Amostra Forense	Amostra Escolar
APSD Total			
α Cronbach	.75	.70	.71
CMII	.13	.11	.12
LCITC	-.03-.55	-.06-.48	-.09-.59
Nar-Imp			
α Cronbach	.77	.75	.77
CMII	.20	.19	.21
LCITC	.23-.57	.15-.52	.24-.61
Cal-Une			
α Cronbach	.56	.54	.46
CMII	.17	.16	.13
LCITC	.20-.42	.07-.43	.10-.30
Nar			
α Cronbach	.68	.67	.67
CMII	.24	.24	.24
LCITC	.21-.54	.17-.53	.22-.58
Imp			
α Cronbach	.47	.40	.52
CMII	.15	.12	.18
LCITC	.16-.35	.09-.25	.25-.34

Nota. α Cronbach = Alfa de Cronbach; CMII = Correlação média inter-itens; LCITC = Leque de correlações item-total corrigidas; Nar-Imp = Narcisismo-Impulsividade; Cal-Une = Traços calosos/não-emocionais; Nar = Narcisismo; Imp = Impulsividade.

A estabilidade temporal a três meses para a amostra forense obteve uma correlação estatisticamente significativa (ver Tabela 56).

Tabela 56

Teste-reteste para Amostra Forense do APSD-SR

	Pearson <i>r</i>	Valor <i>p</i>
APSD	.80	$p \leq .01$

Nota. Pearson *r* = Correlação *r* de Pearson.

A validade divergente do APSD-SR e suas dimensões com a Escala de Auto-estima de Rosenberg (RSES) evidenciou a existência de correlações estatisticamente significativas na sua maioria (ver Tabela 57).

Tabela 57

Validade Divergente de APSD-SR e suas Dimensões com RSES para Amostra Total

	Pearson <i>r</i>	Valor <i>p</i>
APSD Total	-.16	$p \leq .01$
Nar-Imp	-.12	$p \leq .01$
Cal-Une	-.15	$p \leq .01$
Nar	-.003	<i>ns</i>
Imp	-.23	$p \leq .01$

Nota. Pearson *r* = Correlação *r* de Pearson; Nar-Imp = Narcisismo-Impulsividade; Cal-Une = Traços calosos/não-emocionais; Nar = Narcisismo; Imp = Impulsividade.

A validade convergente do APSD-SR e suas dimensões com a CATS e com a ASDS revelou correlações estatisticamente significativas (ver Tabela 58).

Tabela 58

Validade Convergente de APSD-SR e suas Dimensões com CATS e ASDS

	Pearson <i>r</i>	Valor <i>p</i>
CATS		
APSD Total	.34	$p \leq .01$
Nar-Imp	.28	$p \leq .01$
Cal-Une	.23	$p \leq .01$
Nar	.20	$p \leq .01$
Imp	.22	$p \leq .01$
ASDS		
APSD Total	.66	$p \leq .01$
Nar-Imp	.60	$p \leq .01$
Cal-Une	.37	$p \leq .01$
Nar	.39	$p \leq .01$
Imp	.51	$p \leq .01$

Nota. Pearson *r* = Correlação *r* de Pearson; Nar-Imp = Narcisismo-Impulsividade; Cal-Une = Traços calosos/não-emocionais; Nar = Narcisismo; Imp = Impulsividade.

A validade de critério concorrente do APSD-SR total e suas dimensões com o diagnóstico de Perturbação do Comportamento da DSM-IV-TR revelou a existência de correlações estatisticamente significativas (ver Tabela 59).

Tabela 59

Validade Concorrente com DSM-IV-TR Diagnóstico de Perturbação do Comportamento

	r_{pb}	Valor <i>p</i>
APSD Total	.33	$p \leq .01$
Nar-Imp	.29	$p \leq .01$
Cal-Une	.18	$p \leq .01$
Nar	.22	$p \leq .01$
Imp	.23	$p \leq .01$

Nota. r_{pb} = Correlação Bisserial por Ponto; Nar-Imp = Narcisismo-Impulsividade; Cal-Une = Traços calosos/não-emocionais; Nar = Narcisismo; Imp = Impulsividade.

A validade de critério retrospectiva do APSD-SR total e suas dimensões com as variáveis auto-relatadas Idade do primeiro crime cometido e Idade do primeiro problema com a lei revelou a existência de correlações estatisticamente significativas (ver Tabela 60).

Tabela 60

Validade Retrospectiva de APSD-SR e suas Dimensões com Idade 1ª Crime Cometido e Idade 1º Problema com a Lei na Amostra Total

	Pearson <i>r</i>	Valor <i>p</i>
Idade 1º crime cometido		
APSD Total	-.28	$p \leq .01$
Nar-Imp	-.20	$p \leq .01$
Cal-Une	-.24	$p \leq .01$
Nar	-.13	$p \leq .01$
Imp	-.15	$p \leq .01$
Idade 1º problema com a lei		
APSD Total	-.28	$p \leq .01$
Nar-Imp	-.17	$p \leq .01$
Cal-Une	-.31	$p \leq .01$
Nar	-.07	$p \leq .01$
Imp	-.16	$p \leq .01$

Nota. Pearson *r* = Correlação *r* de Pearson; Nar-Imp = Narcisismo-Impulsividade; Cal-Une = Traços calosos/não-emocionais; Nar = Narcisismo; Imp = Impulsividade.

Na validade discriminante o APSD-SR e suas dimensões tomadas em conjunto obteve-se um valor estatisticamente significativo (ver Tabela 61).

Tabela 61

Validade Discriminante entre Amostra Forense e Amostra Escolar para APSD-SR

	Λ Wilks	χ^2	Valor <i>p</i>
APSD Escalas	.639	338.05 (4)	$p \leq .001$

Nota. Λ Wilks = Lambda de Wilks; χ^2 = Qui-quadrado.

O cálculo do ponto de corte foi efectuado tendo em conta a sensibilidade e a especificidade, calculadas por regressão logística binomial, e a Área ROC (ver Tabela 62).

Tabela 62

Sensibilidade, Especificidade e Área ROC para diversos Pontos de Corte do APSD-SR Total

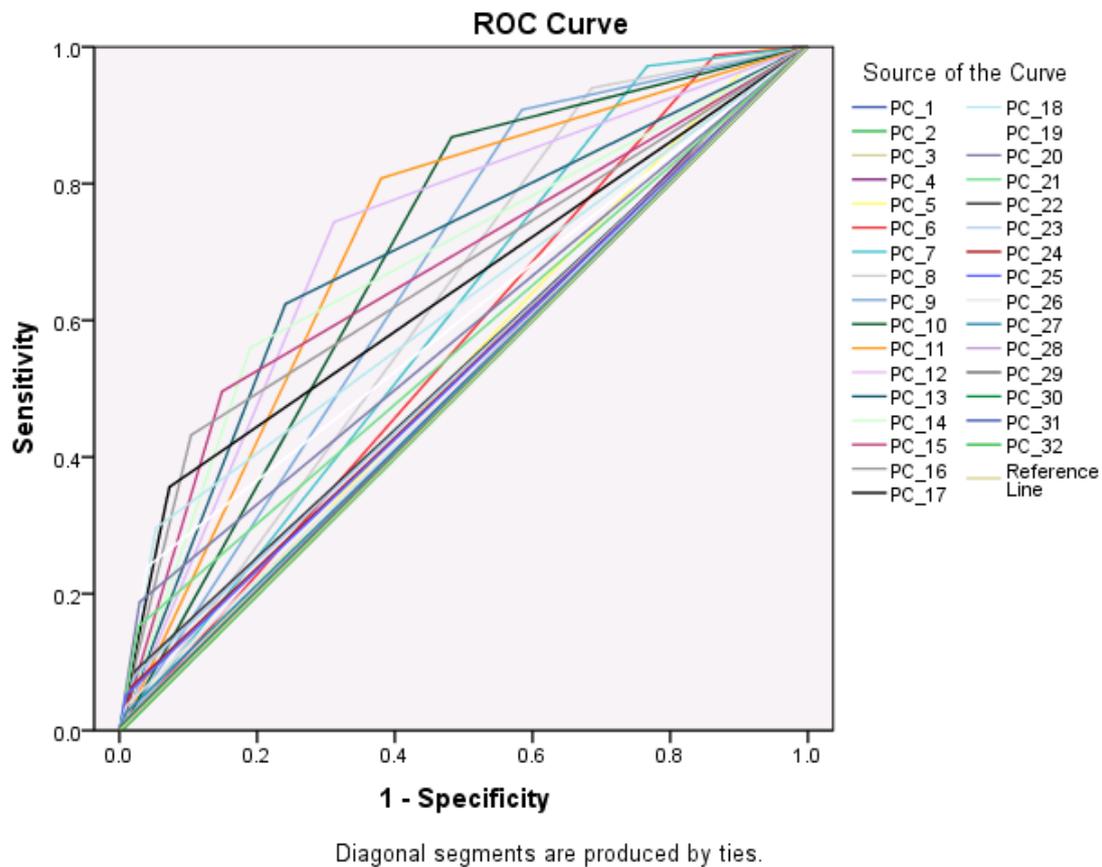
	Sensibilidade	Especificidade	Área ROC	Valor p^*
PC 7	0%	100%	.60	$p \leq .001$
PC 8	0%	99.6%	.63	$p \leq .001$
PC 9	0%	100%	.66	$p \leq .001$
PC 10	0%	99.8%	.69	$p \leq .001$
PC 11	0%	99.8%	.71	$p \leq .001$
PC 12	74.4%	68.8%	.72	$p \leq .001$
PC 13	62.4%	75.9%	.69	$p \leq .001$
PC 14	0.4%	99.6%	.68	$p \leq .001$
PC 15	49.6%	85.1%	.67	$p \leq .001$
PC 16	43.2%	89.6%	.66	$p \leq .001$
PC 17	35.6%	92.7%	.64	$p \leq .001$
PC 18	29.6%	94.7%	.62	$p \leq .001$
PC 19	24%	95.9%	.60	$p \leq .001$

Nota. PC = Ponto de Corte; Sensibilidade = verdadeiros positivos; Especificidade = verdadeiros negativos; *Hipótese nula: área verdadeira = .5

Na figura seguinte podem-se observar as áreas da curva ROC para cada um dos pontos de corte calculados individualmente (ver Figura 1). Conforme pode ser verificado na figura, foram analisados através da curva ROC 32 pontos de corte diferentes.

Figura 1

Curvas ROC dos pontos de corte do APSD-SR total



Em termos de discussão dos resultados obtidos na validação, na fase inicial, que consistiu na verificação da existência de eventuais desvios da normalidade dos itens, foram detectados nos itens 5, 10 e 16 desvios da normalidade, embora pouco marcados.

Seguidamente passou-se à análise da estrutura factorial da escala. Foi testada a existência da estrutura bidimensional original e de uma estrutura tridimensional do APSD-SR recorrendo a vários métodos de análise factorial confirmatória. Não foi possível encontrar a estrutura tridimensional da escala mais recentemente defendida (e.g., Frick, Bodin & Barry, 2000) devido a valores insatisfatórios nos índices de ajustamento e a baixa saturação de itens nos devidos factores.

A melhor aproximação obtida foi relativa à estrutura bidimensional encontrada na amostra escolar empregando Análise de Componentes Principais (ACP) sem rotação, sendo portanto essa que foi adoptada como referência. Tal estrutura bidimensional é semelhante, mas não idêntica à encontrada por Frick et al. (1994) nos estudos iniciais de validação do APSD com amostras comunitárias. A principal diferença encontra-se no facto de na nossa amostra todos os itens saturarem pelo menos adequadamente num dos dois factores, enquanto no estudo de Frick et al. (1994) havia itens isolados que não saturavam em nenhum dos factores. Relativamente à ACP o teste KMO indicou valores de médio a bons para efectuar análise factorial, sendo que o teste de Bartlett obteve sempre um valor de $p \leq .001$. A presente investigação evidencia que a melhor solução factorial para a escala na realidade portuguesa é uma variante da solução de dois factores, à semelhança do que é defendido por outros investigadores como, por exemplo, Fite, Greening, Stoppelbein e Fabiano (2009).

Desta forma, na nossa amostra a dimensão mista Narcisismo-Impulsividade ficou constituída pelos itens 1, 2, 4, 5, 6, 8, 9, 10, 11, 13, 14, 15, 16 e 17, enquanto a dimensão Traços Calosos/não-emocionais ficou constituída pelos itens 3, 7, 12, 18, 19, 20. Todos os itens saturam numa destas dimensões, conforme já foi referido. Por questões de utilização prática poder-se-á separar o factor misto Narcisismo-Impulsividade, cotando-os independentemente. Mais uma vez se salienta que a estrutura bidimensional que encontrámos ajustou-se adequadamente somente à amostra escolar, tal como nos estudos iniciais de Frick e Hare (2001), pelo que mais investigação necessita ser feita relativamente a este aspecto.

As inter-correlações entre as dimensões do APSD revelaram correlações positivas de baixas a altas e sempre estatisticamente significativas. A correlação mais alta ocorreu entre a dimensão mista Narcisismo-Impulsividade e o APSD total,

enquanto a correlação mais baixa ocorreu entre a dimensão Narcisismo e a dimensão Traços calosos/não-emocionais. Tal é compatível com os estudos previamente feitos.

Na consistência interna, através de alfas de Cronbach, as dimensões Traços Calosos/não-emocionais e Impulsividade revelaram valores excessivamente baixos (Cortina, 1993), algo para que Muñoz e Frick (2007) já haviam alertado no seu estudo sobre o APSD-SR, e que põe em risco a precisão das medidas destas dimensões quando tomadas isoladamente.

Relativamente às correlações médias inter-itens o APSD-SR total não atingiu o limite mínimo recomendado de .15 (Clark & Watson, 1995) na maioria das amostras, apesar de as suas dimensões constituintes o terem atingido, sendo que tal revela heterogeneidade dos itens que o constituem. No que diz respeito ao leque de correlações item-total corrigidas o APSD-SR total e as dimensões Traços Calosos/não-emocionais e Impulsividade não atingiram na maioria das amostras o valor mínimo recomendado de .20 (Nunnally & Bernstein, 1994), o que revela fraca associação entre alguns destes itens.

A estabilidade temporal a três meses para a amostra forense obteve uma correlação de .80 estatisticamente significativa. Tal valor é considerado bom (Kline, 2000) e superou mesmo os obtidos por Muñoz e Frick (2007), apesar destes terem sido obtidos com intervalos temporais de um a dois anos.

A validade divergente do APSD-SR e suas dimensões com a Escala de Auto-estima de Rosenberg (RSES) evidenciou a existência de correlações baixas e negativas na sua maioria. Apenas a dimensão Impulsividade revelou uma correlação moderada baixa e negativa, além de estatisticamente significativa. Desta forma ficou demonstrada

a fraca sobreposição de constructos que era teoricamente esperada (DeVellis, 1991; Kline, 2000).

A validade convergente do APSD-SR e suas dimensões com a CATS e com a ASDS revelou correlações moderadas baixas e moderadas altas, além de estatisticamente significativas. As correlações mais altas aconteceram com o APSD-SR total, com a dimensão mista Narcisismo-Impulsividade e com a dimensão Impulsividade. Desta forma ficou demonstrada a sobreposição parcial de constructos que era teoricamente esperada (DeVellis; 1991; Kline, 2000).

A validade de critério concorrente do APSD-SR total e suas dimensões com o diagnóstico de Perturbação do Comportamento da DSM-IV-TR revelou a existência de correlações positivas moderadas baixas e estatisticamente significativas. A correlação mais elevada foi obtida com o APSD-SR total. Ainda assim estas correlações ficaram aquém das obtidas por Frick, Barry e Bodin (2000), que tenderam a ser moderadas altas.

A validade de critério retrospectiva do APSD-SR total e suas dimensões com as variáveis auto-relatadas Idade do primeiro crime cometido e Idade do primeiro problema com a lei revelou a existência de correlações negativas de baixas a moderadas baixas estatisticamente significativas. Relativamente à variável Idade do primeiro crime cometido a maior correlação foi obtida com o APSD-SR total, e relativamente à variável Idade do primeiro problema com a lei a maior correlação foi obtida com a dimensão Traços Calosos/não-emocionais. Tais associações indicam que quanto mais precoce é o início na actividade criminal mais altas tendem a ser as pontuações a nível de traços psicopáticos, algo que já havia sido evidenciado por Kruh, Frick & Clements (2005) e por Van Baardewijk, Vermeiren, Stegge e Doreleijers (2011).

A nível de validade discriminante o APSD-SR e suas dimensões em conjunto revelam ter a capacidade de discriminar entre a amostra forense e a amostra escolar, tidos como estruturalmente diferentes e mutuamente exclusivos (Marôco, 2010a).

O cálculo do ponto de corte teve em conta três critérios: a sensibilidade e especificidade (calculadas por regressão logística binomial) e a Área ROC. O ponto de corte 12 foi seleccionado como a opção mais correcta e equilibrada dado ter uma sensibilidade de 74.4%, uma especificidade de 68.8% e uma área ROC de .72 estatisticamente significativa (Domino & Domino, 2006; Marôco, 2010a).

Os resultados obtidos no processo de validação fornecem apoio adicional à extensão do constructo da psicopatia aos adolescentes e à sua generalização a outras culturas. Tanto quanto sabemos esta é a primeira vez que se tenta validar o APSD-SR na população portuguesa. Apesar de terem sido detectadas algumas nuances na estrutura factorial, todavia consistentes com o argumento de que esta pode variar em certa medida de acordo com o contexto cultural (e.g., Fritz, Ruchkin, Kaposov & Klinteberg, 2008), de uma forma geral é legítimo concluir que foi possível demonstrar adequadas propriedades psicométricas que justificam a utilização do APSD-SR na população juvenil portuguesa.

5.1.4. Resultados e discussão da validação da ASDS

Na tabela abaixo temos as descritivas finais da ASDS por amostras e por sexo dos participantes (ver Tabela 63).

Tabela 63

Descritivas ASDS por Amostras Forense e Escolar

	Amostra Forense		Amostra Escolar	
	Masculino	Feminino	Masculino	Feminino
<i>n</i>	221	29	322	188
<i>M (DP)</i>	30.77 (13.59)	20.28 (10.03)	9.44 (9.09)	6.45 (5.13)
Min-Max	4 – 63	3 – 51	0 – 52	0 – 27
Assimetria	.311	.918	2.110	1.301
<i>EP</i> Assimetria	.164	.434	.136	.177
Curtose	-.719	1.920	5.807	2.131
<i>EP</i> Curtose	.326	.845	.271	.353

Nota. *n* = número de participantes; *M* = Média; *DP* = Desvio-padrão; Min-Max = Mínimo-Máximo; *EP* Assimetria = Erro-padrão da Assimetria; *EP* Curtose = Erro-padrão da Curtose.

Como parte do processo de validação foi feita a análise de itens de forma a verificar possíveis desvios da normalidade (ver Tabela 64). Devido ao facto de que no processo de tradução e pré-teste da escala foram eliminados três itens (ver Discussão adiante), na tabela constam um total de 35 itens.

Tabela 64

Descritivas dos itens ASDS por Amostra Total

	Média	Mediana	Mínimo	Máximo	Assimetria	Curtose
Item 1	.57	0	0	2	.919	-.842
Item 2	.24	0	0	2	2.296	3.856
Item 3	.44	0	0	2	1.106	.158
Item 4	.49	0	0	2	1.139	-.297
Item 5	.51	0	0	2	1.027	-.318
Item 6	.35	0	0	2	1.706	1.204
Item 7	.27	0	0	2	2.123	3.025
Item 8	.32	0	0	2	1.812	1.779
Item 9	.24	0	0	2	2.292	3.997
Item 10	.51	0	0	2	1.074	-.417
Item 11	.31	0	0	2	1.858	1.927
Item 12	.95	1	0	2	.089	-1.407
Item 13	.99	1	0	2	.02	-1.562
Item 14	.54	0	0	2	1.015	-.605
Item 15	.11	0	0	2	3.777	13.324
Item 16	.22	0	0	2	2.337	4.384
Item 17	.14	0	0	2	3.26	9.911
Item 18	.26	0	0	2	2.148	3.343
Item 19	.36	0	0	2	1.583	1.164
Item 20	.19	0	0	2	2.622	5.761
Item 21	.37	0	0	2	1.498	1.029
Item 22	.28	0	0	2	1.88	2.541
Item 23	.27	0	0	2	1.748	2.187
Item 24	.31	0	0	2	1.719	1.916
Item 25	.12	0	0	2	3.373	11.345
Item 26	.52	0	0	2	.879	-.311
Item 27	.31	0	0	2	1.734	1.947
Item 28	.55	0	0	2	.907	-.486
Item 29	.76	1	0	2	.337	-.811
Item 30	.47	0	0	2	1.194	-.093
Item 31	.87	1	0	2	.196	-1.023
Item 32	.31	0	0	2	1.688	1.861
Item 33	.9	1	0	2	.18	-1.341
Item 34	1.04	1	0	2	-.072	-1.289
Item 35	.24	0	0	2	2.17	3.638

De seguida procedeu-se à análise factorial da escala. Não foi possível encontrar a estrutura original da escala devido a saturação cruzada de itens, ausência de saturação de itens nos devidos factores e ao menor número de factores identificados. Optou-se pela extracção de um único factor geral através de Análise de Componentes Principais (ACP). Na tabela abaixo podem-se observar as saturações dos itens (ver Tabela 65).

Para a amostra total o teste de KMO indicou um valor de .96 enquanto o valor p obtido no teste de esfericidade de Bartlett foi de $p \leq .001$; na amostra forense o KMO foi de .90 e o teste de Bartlett indicou $p \leq .001$; na amostra escolar o KMO foi de .89 e Bartlett $p \leq .001$.

Tabela 65

Cargas Factoriais para ASDS por Amostras

Itens	Amostra Total	Amostra Forense	Amostra Escolar
Item 1	.81	.63	.55
Item 2	.75	.71	.56
Item 3	.38		.47
Item 4	.83	.64	.69
Item 5	.78	.67	.54
Item 6	.66	.60	.49
Item 7	.67	.69	.45
Item 8	.84	.78	.77
Item 9	.55	.44	.57
Item 10	.74	.72	.59
Item 11	.82	.77	.71
Item 12	.47	.50	.35
Item 13	.50	.50	.44
Item 14	.73	.57	.58
Item 15	.49	.34	.70
Item 16	.72	.64	.64
Item 17	.63	.59	.71
Item 18	.75	.64	.75
Item 19	.80	.65	.67
Item 20	.72	.64	.75
Item 21	.77	.62	.63
Item 22	.52	.44	.48
Item 23	.56	.35	.48
Item 24	.74	.65	.47
Item 25	.47	.40	.41
Item 26	.32	.42	.30
Item 27	.45		.52
Item 28	.76	.53	.65
Item 29	.60	.45	.45
Item 30	.74	.44	.49
Item 31	.48	.45	.43
Item 32	.37	.42	.44
Item 33	.57	.48	.43
Item 34	.56	.45	.36
Item 35	.56		.52
<i>Eigenvalue</i>	14.72	10.51	10.82
Variância	42.06%	30.01%	30.92%

Nota. Cargas factoriais omissas se $< .30$

Seguidamente calculou-se o alfa de Cronbach, as correlações médias inter-itens e o leque de correlações item-total corrigidas (ver Tabela 66).

Tabela 66

Alfas de Cronbach, Correlações Médias Inter-Itens e Leque de Correlações Item-Total Corrigidas para ASDS por Amostras

	Amostra Total	Amostra Forense	Amostra Escolar
α Cronbach	.96	.93	.91
CMII	.38	.26	.28
LCITC	.32-.80	.11-.73	.36-.62

Nota. α Cronbach = Alfa de Cronbach; CMII = Correlação média inter-itens; LCITC = Leque de correlações item-total corrigidas.

A estabilidade temporal da ASDS para a amostra forense a três meses foi estatisticamente significativa (ver Tabela 67).

Tabela 67

Teste-reteste para Amostra Forense

	Pearson r	Valor p
ASDS	.88	$p \leq .01$

Nota. Pearson r = Correlação r de Pearson.

A validade divergente com a escala de auto-estima de Rosenberg (RSES) obteve uma correlação estatisticamente significativa (ver Tabela 68).

Tabela 68

Validade Divergente com RSES para Amostra Total

	Pearson r	Valor p
RSES	-.13	$p \leq .01$

Nota. Pearson r = Correlação r de Pearson.

A validade convergente com o Dispositivo de Despiste de Processo Anti-social (APSD) e com a Escala Taxionómica para Crianças e Adolescentes (CATS) obteve correlações significativas com ambos (ver Tabela 69).

Tabela 69

Validade Convergente com APSD e com CATS na Amostra Forense

	Pearson <i>r</i>	Valor <i>p</i>
APSD	.66	$p \leq .01$
CATS	.46	$p \leq .01$

Nota. Pearson *r* = Correlação *r* de Pearson.

A validade concorrente com o diagnóstico de Perturbação de Comportamento do DSM-IV-TR revelou uma correlação estatisticamente significativa (ver Tabela 70).

Tabela 70

Validade Concorrente com DSM-IV-TR Diagnóstico de Perturbação do Comportamento na Amostra Forense

	r_{pb}	Valor <i>p</i>
DSM-IV-TR PC	.40	$p \leq .01$

Nota. r_{pb} = Correlação Bisserial por Ponto.

A validade retrospectiva com as variáveis Idade em que cometeu o 1º crime e Idade em que teve o 1º problema com a lei revelou correlações significativas (Tab. 71).

Tabela 71

Validade Retrospectiva com Idade do 1º Crime Cometido e com Idade do 1º Problema com a Lei na Amostra Total

	Pearson <i>r</i>	Valor <i>p</i>
Idade 1º crime cometido	-.44	$p \leq .01$
Idade 1º problema com a lei	-.44	$p \leq .01$

Nota. Pearson *r* = Correlação *r* de Pearson.

Em termos de validade discriminante a ASDS obteve um valor estatisticamente significativo (ver Tabela 72).

Tabela 72

Validade Discriminante entre Amostra Forense e Amostra Escolar

	Λ Wilks	χ^2	Valor p
ASDS	.511	508.876 (1)	$p \leq .001$

Nota. Λ Wilks = Lambda de Wilks; χ^2 = Qui-quadrado.

O cálculo do ponto de corte foi efectuado tendo em conta a sensibilidade e a especificidade, calculadas por regressão logística binomial, e a Área ROC (ver Tabela 73).

Tabela 73

Sensibilidade, Especificidade e Área ROC para diversos Pontos de Corte da ASDS

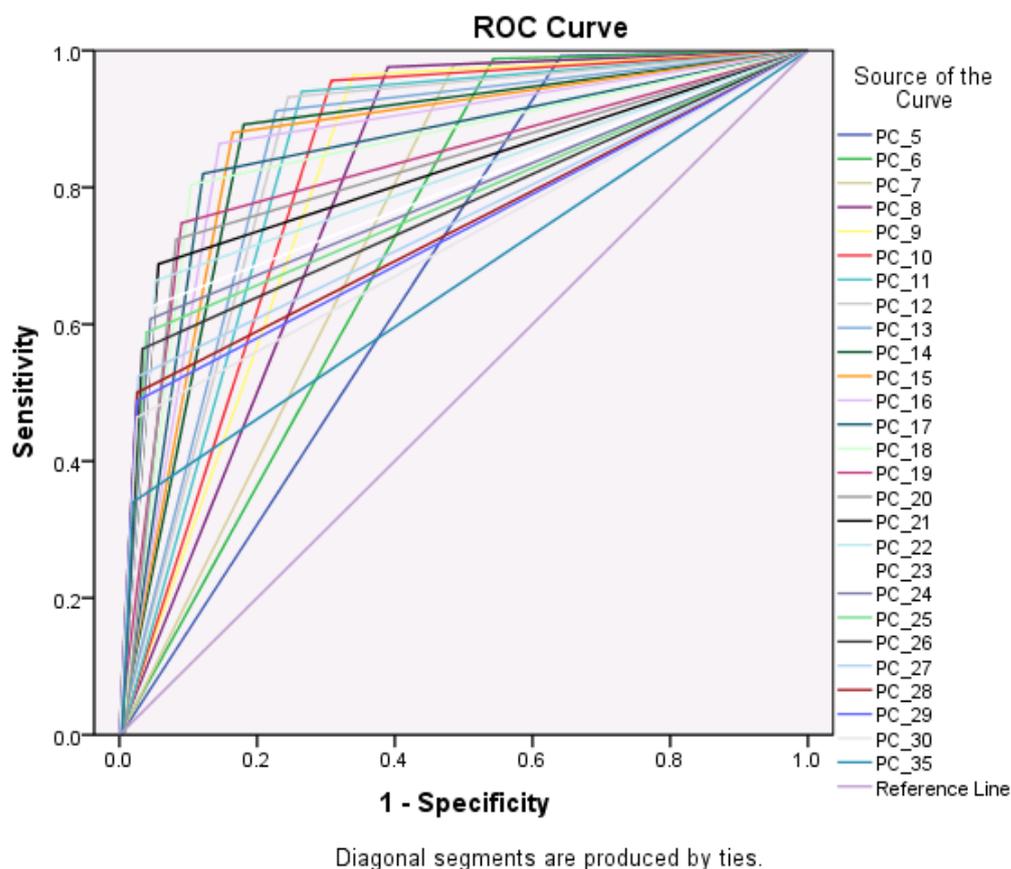
	Sensibilidade	Especificidade	Área ROC	Valor p^*
PC 9	96.4%	66.1%	.81	$p \leq .001$
PC 10	95.6%	69.2%	.82	$p \leq .001$
PC 11	94%	73.5%	.84	$p \leq .001$
PC 12	93.2%	75.5%	.84	$p \leq .001$
PC 13	91.2%	77.3%	.84	$p \leq .001$
PC 14	89.2%	82%	.86	$p \leq .001$
PC 15	88%	83.5%	.86	$p \leq .001$
PC 16	86.4%	85.5%	.86	$p \leq .001$
PC 17	82%	87.8%	.85	$p \leq .001$
PC 18	80.4%	89.6%	.85	$p \leq .001$
PC 19	74.8%	91%	.83	$p \leq .001$
PC 20	0%	99.2%	.82	$p \leq .001$
PC 21	68.8%	94.3%	.82	$p \leq .001$
PC 22	66.4%	94.7%	.81	$p \leq .001$

Nota. PC = Ponto de Corte; Sensibilidade = verdadeiros positivos; Especificidade = verdadeiros negativos; *Hipótese nula: área verdadeira = .5

Na figura abaixo podem-se observar as curvas ROC relativas aos diversos pontos de corte da ASDS (ver Figura 2).

Figura 2

Curvas ROC dos pontos de corte da ASDS



Relativamente à discussão dos resultados obtidos na validação, no processo de tradução e pré-teste teve-se em conta o contexto cultural e a realidade local (tal como recomendado por Mak, 1993), o que levou a que fossem eliminados/fundidos três itens considerados redundantes ou culturalmente descontextualizados. Da escala original com 38 itens, o item 4 (“Roubaste uma bicicleta ou peças de uma bicicleta?”) e o item 5 (“Roubaste coisas como, por exemplo, peças de um carro ou mota?”) da dimensão Roubo e furto foram reformulados dando origem ao item “Roubaste coisas de outras

peças (exemplo: telemóvel)?”; o item 9 (“Deste umas voltas com um carro roubado?”) e o item 10 (“Roubaste e conduziste o carro roubado?”) da dimensão Crimes rodoviários deram origem ao item “Guiaste um carro ou mota roubados?”; o item 33 (“Enganaste alguém pelo telefone?”) e o item 35 (“Fizeste telefonemas abusivos?”) da dimensão Perturbação da ordem pública deram origem ao item “Fizeste telefonemas a ameaçar ou insultar alguém?”.

Os restantes 35 itens foram analisados de forma a verificar possíveis desvios da normalidade. Foram identificados alguns que apresentavam tais desvios, nomeadamente os itens 2, 7, 9, 15, 16, 17, 18, 20, 22, 23, 25 e 35.

De seguida procedeu-se a análise factorial da escala. Apesar de se terem tentado vários métodos de análise factorial com e sem rotação de factores (incluindo a máxima verosimilhança utilizada na validação original da escala) não foi possível encontrar a estrutura dimensional original da escala nem uma estrutura dimensional aproximadamente semelhante devido a saturação cruzada de itens, ausência de saturação de itens nos devidos factores e ao menor número de factores identificados. É possível que tal se tenha devido à alteração por nós efectuada a nível da escala de resposta tipo *Likert* em que se adoptou um esquema de três pontos em vez dos cinco ou sete geralmente adoptados pelos autores de escala original. Outra possibilidade poderá ter a ver com a eliminação/fusão de itens e sua respectiva adaptação ao contexto cultural e a realidade local.

Após alguma reflexão optou-se pela extracção de um único factor geral através de Análise de Componentes Principais (ACP), dado a actividade criminal estar subjacente a todos os itens desta escala construídos para explorar comportamentos delinquentes. Os resultados obtidos no teste KMO, que é um indicador da

adequabilidade para efectuar análise factorial, foram de bom a excelente, e o teste de Bartlett obteve sempre valores de $p \leq .001$.

Como resultado, nas amostras total e escolar todos os itens saturaram adequadamente dado terem saturações de pelo menos .30 (Nunnally & Bernstein, 1994), enquanto na amostra forense alguns itens não atingiram esse nível mínimo de saturação, nomeadamente os itens 3, 27 e 35 da escala adaptada. Recordamos que os critérios de Carroll et al. (1996) foram mais conservadores ao reterem apenas itens com saturação superior a .40.

Seguidamente calcularam-se os alfas de Cronbach, as correlações médias inter-itens e o leque de correlações item-total corrigidas. Os resultados dos alfas foram muito bons dado estarem sempre acima de .90 para todas as amostras (Cortina, 1993; McDowell, 2006), sendo mesmo superiores aos que Carroll et al. (1996) obtiveram para as dimensões. Os resultados das correlações médias inter-itens foram bons dado estarem entre o intervalo recomendado de .15 a .50 (Clark & Watson, 1995). O leque de correlações item-total corrigidas foi bom na generalidade, sendo que apenas a amostra forense esteve aquém do esperado dado que o seu limite inferior não atingiu a correlação mínima de .20 recomendada (Nunnally & Bernstein, 1994).

A estabilidade temporal da ASDS para a amostra forense a três meses atingiu uma correlação de .88 estatisticamente significativa, que é considerada bastante boa (Domino & Domino, 2006; Kline, 2000).

A validade divergente com a escala de auto-estima de Rosenberg (RSES) obteve uma correlação baixa e negativa, revelando a fraca sobreposição de constructos que era esperada. A validade convergente com o Dispositivo de Despiste de Processo Anti-social (APSD) e com a Escala Taxionómica para Crianças e Adolescentes (CATS)

obteve uma correlação moderada alta e significativa com o APSD e moderada significativa com o CATS, revelando assim sobreposição de constructos (Kline, 2000).

A validade concorrente com o diagnóstico de Perturbação de Comportamento do DSM-IV-TR revelou uma correlação moderada e estatisticamente significativa. A validade retrospectiva com as variáveis Idade em que cometeu o primeiro crime e Idade em que teve o primeiro problema com a lei revelou correlações moderadas negativas e estatisticamente significativas (Domino & Domino, 2006; Nunnally & Bernstein, 1994) que evidenciam associações entre a maior prevalência de criminalidade e a idade precoce do seu início.

Em termos de validade discriminante o ASDS revela ter capacidade de discriminar entre amostra forense e amostra escolar de forma estatisticamente significativa (Marôco, 2010a; Nunnally & Bernstein, 1994), tal como também foi demonstrado por Carroll et al. (1996) no estudo original.

O cálculo do ponto de corte ideal teve em conta a sensibilidade e a especificidade calculadas por regressão logística binomial, e por Área ROC. Tendo em conta as técnicas estatísticas referidas considerou-se o ponto de corte 16 como a opção mais correcta e equilibrada (Domino & Domino, 2006; Marôco, 2010a).

Da análise dos resultados obtidos no processo de validação podemos concluir que a nossa versão da ASDS demonstra possuir propriedades psicométricas que torna adequada a sua utilização com a população juvenil portuguesa. Apesar de a estrutura factorial encontrada não ser inteiramente conforme à da versão original (Carroll et al., 1996) por evidenciar possuir um factor unidimensional de primeira ordem, tal não é incomum neste tipo de escalas de auto-resposta que focam a delinquência juvenil (Thornberry & Krohn, 2000).

5.1.5. Resultados e discussão da validação da MCSDS-SF

Na tabela abaixo podemos observar as descritivas da MCSDS-SF por amostras e por sexo dos participantes (ver Tabela 74).

Tabela 74

Descritivas MCSDS-SF por Amostras Forense e Escolar

	Amostra Forense		Amostra Escolar	
	Masculino	Feminino	Masculino	Feminino
<i>n</i>	221	29	320	187
<i>M (DP)</i>	17.95 (2.37)	18 (2.10)	18.66 (2.62)	18.34 (2.54)
Min-Max	13 – 24	14 – 22	12 – 24	13 – 24
Assimetria	.184	.049	.084	.074
<i>EP</i> Assimetria	.164	.434	.136	.178
Curtose	-.315	-.579	-.313	-.780
<i>EP</i> Curtose	.326	.845	.272	.354

Nota. *n* = número de participantes; *M* = Média; *DP* = Desvio-padrão; Min-Max = Mínimo-Máximo; *EP* Assimetria = Erro-padrão da Assimetria; *EP* Curtose = Erro-padrão da Curtose.

A validação da MCSDS-SF iniciou-se com a análise dos itens de forma a detectar possíveis desvios da normalidade (ver Tabela 75).

Tabela 75

Descritivas dos itens MCSDS-SF por Amostra Total

	Média	Mediana	Mínimo	Máximo	Assimetria	Curtose
Item 1	1.21	1	1	2	1.452	.11
Item 2	1.41	1	1	2	.373	-1.866
Item 3	1.53	2	1	2	-.103	-1.995
Item 4	1.68	2	1	2	-.764	-1.415
Item 5	1.63	2	1	2	-.547	-1.706
Item 6	1.81	2	1	2	-1.588	.523
Item 7	1.67	2	1	2	-.724	-1.466
Item 8	1.53	2	1	2	-.137	-1.986
Item 9	1.34	1	1	2	.679	-1.543
Item 10	1.45	1	1	2	.201	-1.956
Item 11	1.57	2	1	2	-.288	-1.922
Item 12	1.51	2	1	2	-.026	-2.005
Item 13	1.4	1	1	2	.42	-1.828

Seguidamente efectuou-se o procedimento de análise factorial por *Optimal Scaling*, dada a natureza qualitativa dos dados, para as três amostras, conforme se pode observar na tabela abaixo (ver Tabela 76).

Tabela 76

Cargas Factoriais por Optimal Scaling para MCSDS-SF por Amostras

Itens	Amostra Total	Amostra Forense	Amostra Escolar
Item 1	.45	.37	.54
Item 2			
Item 3	.50	.49	.47
Item 4	.34	.42	.31
Item 5	.40		.45
Item 6	.48	.45	.49
Item 7	.42	.57	.31
Item 8	.59	.57	.57
Item 9	.51	.56	.49
Item 10	.41	.35	.43
Item 11	.34		.48
Item 12	.38	.34	.45
Item 13	.41	.40	.41

Nota. Cargas factoriais omissas se < .30

Calcularam-se de seguida os Kuder-Richardson, as correlações médias inter-itens e os leques de correlações item-total corrigidas (ver Tabela 77).

Tabela 77

Kuder-Richardson, Correlações Médias Inter-Itens e Leque de Correlações Item-Total Corrigidas para MCSDS-SF por Amostras

	Amostra Total	Amostra Forense	Amostra Escolar
K-R	.60	.55	.61
CMII	.112	.093	.127
LCITC	.165-.359	.023-.355	.113-.351

Nota. K-R = Coeficiente de Kuder-Richardson; CMII = Correlação média inter-itens; LCITC = Leque de correlações item-total corrigidas.

Na estabilidade temporal obteve-se uma correlação estatisticamente significativa entre os dois momentos de aplicação (ver Tabela 78).

Tabela 78

Teste-reteste para Amostra Forense

	Pearson <i>r</i>	Valor <i>p</i>
MCSDS-SF	.76	$p \leq .01$

Nota. Pearson *r* = Correlação *r* de Pearson.

Relativamente à validade divergente o resultado foi a obtenção de uma correlação com a Escala de Auto-estima de Rosenberg (RSES) estatisticamente significativa (ver Tabela 79).

Tabela 79

Validade Divergente de MCSDS-SF com RSES para Amostra Total

	Pearson <i>r</i>	Valor <i>p</i>
RSES	.10	$p \leq .01$

Nota. Pearson *r* = Correlação *r* de Pearson.

A nível de validade discriminante entre amostra forense e amostra escolar foi obtido um valor estatisticamente significativo (ver Tabela 80).

Tabela 80

Validade Discriminante entre Amostra Forense e Amostra Escolar

	Λ Wilks	χ^2	Valor <i>p</i>
MCSDS	.988	8.848 (1)	$p \leq .01$

Nota. Λ Wilks = Lambda de Wilks; χ^2 = Qui-quadrado.

Em termos de discussão dos resultados da validação da MCSDS-SF pudemos comprovar que não foram detectados desvios graves nos itens, sendo que apenas o item 12 ultrapassou muito ligeiramente o valor -2 em termos de curtose. Dado a escala de

resposta ser dicotômica houve coincidência de medianas com o valor mínimo e máximo de assinalamento dos itens, mas não houve essa coincidência quanto às médias.

O procedimento de análise da estrutura factorial por *Optimal Scaling* foi efectuado dadas as características qualitativas dos itens. Tornou-se evidente que o item 2 não saturava adequadamente ($\geq .30$) em nenhuma das amostras, logo tomou-se a decisão de o eliminar definitivamente (Nunnally & Bernstein, 1994). Os itens 5 e 11 demonstraram o mesmo problema, mas apenas na amostra forense e portanto não foram eliminados. Ballard (1992), por sua vez, utilizou critérios mais conservadores, mantendo apenas itens que saturassem em valores maiores ou iguais a .39.

Foram de seguida calculadas as consistências internas por Kuder-Richardson (K-R), as correlações médias inter-itens e os leques de correlações item-total corrigidas. Os K-R obtiveram valores de .60 e de .61 na amostra total e escolar, mas a nível da amostra forense o valor foi de .55 que é considerado excessivamente baixo (Cortina, 1993). Ballard (1992) obteve valores de consistência interna de .70, claramente superiores aos da presente investigação, todavia Loo e Lowen (2004) obtiveram valores mais modestos na ordem de .60 a .65. As correlações médias inter-itens estiveram sempre abaixo do desejável valor mínimo de .15, que evidencia excessiva heterogeneidade entre os itens que constituem a escala (Clark & Watson, 1995). O mesmo se passou a nível do leque de correlações item-total corrigidas dado que não foi atingido o valor mínimo de .20, evidenciando correlações muito fracas entre itens tomados isoladamente e a escala total (Nunnally & Bernstein, 1994).

Na estabilidade temporal a três meses obteve-se um valor de .76 na correlação entre os dois momentos de aplicação, sendo esta correlação estatisticamente significativa e dentro dos limites considerados adequados por Kline (2000).

Relativamente à validade divergente o resultado foi a obtenção de uma correlação baixa (.10) com a Escala de Auto-estima de Rosenberg (RSES), que era esperada dado tratarem-se de constructos diferentes (Kline, 2000).

A nível de validade discriminante foi obtido um valor estatisticamente significativo, evidenciando-se que a escala consegue discriminar eficazmente entre amostra forense e amostra escolar (Nunnally & Bernstein, 1994), tidas como estruturalmente e mutuamente exclusivas (Marôco, 2010a).

Podemos concluir do processo de validação da MCSDS-SF que, apesar dos problemas detectados que levaram à eliminação de um item, a nível de consistência interna, correlações médias inter-itens e correlações item-total corrigidas, a escala demonstra ainda assim propriedades métricas suficientemente toleráveis noutros aspectos (e.g., estabilidade temporal, validade discriminante) para que possa ser utilizada com a população juvenil portuguesa, nem que seja para fins de investigação.

5.2. Estudo 2: Comparações entre as amostras forense e escolar

De seguida são apresentados os resultados e respectivas discussões da MANOVA e das comparações efectuadas entre rapazes das amostras forense e escolar, entre raparigas das amostras forense e escolar e entre rapazes e raparigas da amostra forense.

5.2.1. Resultados das variáveis sócio-demográficas

5.2.1.1. Grupos de participantes do sexo masculino

Na tabela seguinte podem observar-se os dados relativos ao número e percentagem de participantes do sexo masculino (ver Tabela 81).

Tabela 81

Número e Percentagem de Participantes por Centros Educativos e Escolas para Amostras Forense e Escolar do Sexo Masculino

	<i>N</i>	Percentagem
Amostra Forense	221	40.6%
Centro Educativo da Belavista	56	10.3%
Centro Educativo Navarro de Paiva	56	10.3%
Centro Educativo Padre A. Oliveira	32	5.9%
Centro Educativo dos Olivais	35	6.4%
Centro Educativo de Santo António	29	5.3%
Centro Educativo do Mondego	13	2.4%
Amostra Escolar	322	59.4%
Escola Básica/Secundária da Amora	177	32.6%
Escola Secundária do Monte Caparica	69	12.7%
Escola Básica/Secundária A. Andrade	45	8.3%
Escola Básica /Secundária A. Neves	31	5.7%
Amostra Total	543	100%

Nota. *N* = Número de participantes.

Comparando a idade dos participantes em cada uma das amostras verifica-se que não existem diferenças estatisticamente significativas quanto à média das idades, que se situa, por arrendamento, nos 16 anos (ver Tabela 82).

Tabela 82

Descritivas e ANOVA da variável sócio-demográfica Idade

Idade	Forense	Escolar	Valor p^*
n	221	322	$F = 1.703$
$M (DP)$	15.86 (1.308)	16.03 (1.623)	$p = .193$
Mínimo-Máximo	13 – 20	12 – 20	
Assimetria-Curtose	.275 – -.071	.178 – .064	

Nota. *Valor p obtido por ANOVA.

No que diz respeito à variável Grupo Étnico encontraram-se diferenças estatisticamente significativas nas proporções de cada categoria étnica, com exceções da categoria Mulato e Outro (ver Tabela 83). Estas diferenças foram favoráveis à amostra escolar relativamente à categoria Branco, mas favoráveis à amostra forense nas categorias Negro e Cigano.

Tabela 83

Descritivas e Teste de Qui-quadrado da variável sócio-demográfica Grupo Étnico

	Forense	Escolar	Valor p^*
Branco	111 (50.2%)	221 (68.6%)	$\chi^2 = 33.557$
Negro	68 (30.8%)	63 (19.6%)	$p \leq .001$
Mulato	30 (13.6%)	36 (11.2%)	
Cigano	12 (5.4%)	0 (0%)	
Outro	0 (0%)	2 (0.6%)	
n	221 (100%)	322 (100%)	

Nota. *Valor p obtido por Qui-quadrado (Exact sig. 2-sided); χ^2 = Qui-quadrado.

Relativamente à Nacionalidade não se encontraram diferenças estatisticamente significativas entre as duas amostras (ver Tabela 84). Pode observar-se que portuguesa é a predominante, seguida da dos países de África.

Tabela 84

Descritivas e Teste de Qui-quadrado da variável sócio-demográfica Nacionalidade

	Forense	Escolar	Valor p^*
Portuguesa	185 (83.7%)	256 (79.5%)	$\chi^2 = 4.215$
Países da Europa	1 (0.5%)	7 (2.2%)	$p = .244$
Países de África	31 (14%)	48 (14.9%)	
Outras	4 (1.8%)	11 (3.4%)	
<i>n</i>	221 (100%)	322 (100%)	

Nota. *Valor p obtido por Qui-quadrado (Exact sig. 2-sided); χ^2 = Qui-quadrado.

No que concerne à variável Rural *versus* Urbano foram encontradas diferenças estatisticamente significativas, tendo-se verificado que os jovens da amostra escolar residiam exclusivamente em ambiente Urbano/Semi-urbano (ver Tabela 85).

Tabela 85

Descritivas e Teste de Qui-quadrado da variável sócio-demográfica Rural vs. Urbano

	Forense	Escolar	Valor p^*
Rural	8 (3.6%)	0 (0%)	$\chi^2 = 11.83$
Urbano	213 (96.4%)	322 (100%)	$p \leq .001$
<i>n</i>	221 (100%)	322 (100%)	

Nota. *Valor p obtido por Qui-quadrado (Exact sig. 2-sided); χ^2 = Qui-quadrado.

Relativamente aos anos de escolaridade completados pelos jovens encontraram-se diferenças estatisticamente significativas (ver Tabela 86).

Tabela 86

Descritivas e ANOVA da variável sócio-demográfica Anos de Escolaridade Completos do Jovem

Idade	Forense	Escolar	Valor p^*
<i>n</i>	221	317	$F = 825.797$
<i>M</i> (<i>DP</i>)	5.26 (1.409)	8.93 (1.489)	$p \leq .001$
Mínimo-Máximo	1 – 9	4 – 12	
Assimetria-Curtose	.312 – .911	-.593 – .985	

Nota. *Valor p obtido por ANOVA.

Quanto à variável Ciclo de escolaridade completo do pai encontraram-se diferenças estatisticamente significativas (ver Tabela 87).

Tabela 87

Descritivas e Teste de U Mann-Whitney da variável sócio-demográfica Ciclo de Escolaridade Completo do Pai

	Forense	Escolar	Valor p^*
<i>n</i>	143	284	$U = 9521$
Média das ordens	138.58	251.98	$p \leq .001$
Mediana	1	3	
Mínimo-Máximo	0 – 5	0 – 5	
Assimetria-Curtose	1.207 – .402	-.198 – -1.17	

Nota. *Valor p obtido por Teste de U Mann-Whitney (Exact sig. 2-sided); $U = U$ de Mann-Whitney.

O mesmo se passou relativamente ao Ciclo de escolaridade completo da mãe (ver Tabela 88).

Tabela 88

Descritivas e Teste de U Mann-Whitney da variável sócio-demográfica Ciclo de Escolaridade Completo da Mãe

	Forense	Escolar	Valor p^*
<i>n</i>	176	296	$U = 11816.5$
Média das ordens	155.64	284.58	$p \leq .001$
Mediana	1	3	
Mínimo-Máximo	0 – 5	0 – 5	
Assimetria-Curtose	1.017 – .306	-.254 – -.868	

Nota. *Valor p obtido por Teste de U Mann-Whitney (Exact sig. 2-sided); $U = U$ de Mann-Whitney.

Na variável Nível sócio-económico do pai encontraram-se diferenças estatisticamente significativas (ver Tabela 89).

Tabela 89

Descritivas e Teste de U Mann-Whitney da variável sócio-demográfica NSE do Pai

	Forense	Escolar	Valor p^*
n	175	301	$U = 18181$
Média das ordens	191.89	265.6	$p \leq .001$
Mediana	0	0	
Mínimo-Máximo	0 – 1	0 – 2	
Assimetria-Curtose	2.268 – 3.19	.823 – -.303	

Nota. *Valor p obtido por Teste de U Mann-Whitney (Exact sig. 2-sided); $U = U$ de Mann-Whitney.

O mesmo se passou relativamente ao Nível sócio-económico da mãe (ver Tabela 90).

Tabela 90

Descritivas e Teste de U Mann-Whitney da variável sócio-demográfica NSE da Mãe

	Forense	Escolar	Valor p^*
n	205	309	$U = 21970.5$
Média das ordens	210.17	288.9	$p \leq .001$
Mediana	0	0	
Mínimo-Máximo	0 – 1	0 – 2	
Assimetria-Curtose	4.07 – 14.788	.902 – -.383	

Nota. *Valor p obtido por Teste de U Mann-Whitney (Exact sig. 2-sided); $U = U$ de Mann-Whitney.

No que diz respeito à variável Situação civil dos pais encontraram-se diferenças estatisticamente significativas entre as duas amostras (ver Tabela 91). Na amostra escolar há proporcionalmente mais jovens com pais casados/juntos, enquanto na amostra forense há maior proporção de jovens com pais divorciados/separados ou falecidos.

Tabela 91

Descritivas e Teste de Qui-quadrado da variável sócio-demográfica Situação Civil dos Pais

	Forense	Escolar	Valor p^*
Pais casados/juntos	62 (28.2%)	228 (71%)	$\chi^2 = 103.98$ $p \leq .001$
Pais divorciados /separados	118 (53.6%)	82 (25.5%)	
Pai faleceu	28 (12.7%)	8 (2.5%)	
Mãe faleceu	7 (3.2%)	3 (0.9%)	
Pais faleceram	5 (2.3%)	0 (0%)	
<i>n</i>	220 (100%)	321 (100%)	

Nota. *Valor p obtido por Qui-quadrado (Exact sig. 2-sided); χ^2 = Qui-quadrado.

Relativamente à variável Com quem vive, foram encontradas diferenças estatisticamente significativas (ver Tabela 92). Na amostra escolar destaca-se a maior proporção de jovens a viver com os pais, enquanto na amostra forense existe maior proporção de jovens a viver somente com um dos pais, com outros familiares ou em instituições.

Tabela 92

Descritivas e Teste de Qui-quadrado da variável sócio-demográfica Com Quem Vive

	Forense	Escolar	Valor p^*
Pais	46 (20.8%)	199 (62.8%)	$\chi^2 = 118.615$ $p \leq .001$
Pais e outros familiares	10 (4.5%)	23 (7.3%)	
Mãe (e irmãos)	50 (22.6%)	46 (14.5%)	
Mãe e outros familiares	51 (23.1%)	23 (7.3%)	
Pai (e irmãos)	7 (3.2%)	3 (0.9%)	
Pai e outros familiares	11 (2%)	3 (0.6%)	
Outros familiares	34 (15.4%)	15 (4.7%)	
Instituição de acolhimento	7 (3.2%)	0 (0%)	
Outras situações	5 (2.3%)	5 (1.6%)	
<i>n</i>	221 (100%)	317 (100%)	

Nota. *Valor p obtido por Qui-quadrado (Sig. 2-sided); χ^2 = Qui-quadrado.

Quanto à variável Quantidade de pessoas com quem vive foram encontradas diferenças estatisticamente significativas (ver Tabela 93).

Tabela 93

Descritivas e Teste U de Mann-Whitney da variável sócio-demográfica Quantidade de Pessoas com Quem Vive

	Forense	Escolar	Valor p^*
n	214	319	$U = 29744.5$
Média das ordens	287.51	253.24	$p \leq .01$
Mediana	4	4	
Mínimo-Máximo	1 – 11	1 – 16	
Assimetria-Curtose	.751 – .626	3.18 – 20.522	

Nota. *Valor p obtido por Teste U de Mann-Whitney (2-sided); $U = U$ de Mann-Whitney.

Na variável Quantidade de irmãos/meio irmãos foram encontradas diferenças estatisticamente significativas (ver Tabela 94).

Tabela 94

Descritivas e Teste U de Mann-Whitney da variável sócio-demográfica Quantidade de Irmãos/meios-irmãos

	Forense	Escolar	Valor p^*
n	220	318	$U = 14709$
Média das ordens	361.64	205.75	$p \leq .001$
Mediana	4	2	
Mínimo-Máximo	1 – 14	1 – 21	
Assimetria-Curtose	1.025 – 1.04	4.716 – 34.655	

Nota. *Valor p obtido por Teste U de Mann-Whitney (2-sided); $U = U$ de Mann-Whitney.

Relativamente à variável Medicamentos psiquiátricos foram encontradas diferenças estatisticamente significativas favoráveis à amostra forense, i.e., proporcionalmente haveria mais jovens da amostra forense a tomar medicação psiquiátrica (ver Tabela 95).

Tabela 95

Descritivas e Teste de Qui-quadrado da variável sócio-demográfica Medicamentos Psiquiátricos

	Forense	Escolar	Valor p^*
Não	171 (77.4%)	316 (98.4%)	$\chi^2 = 63.709$
Sim	50 (22.6%)	5 (1.6%)	$p \leq .001$
<i>n</i>	221 (100%)	321 (100%)	

Nota. *Valor p obtido por Qui-quadrado (Exact sig. 2-sided); χ^2 = Qui-quadrado.

5.2.1.2. Grupos de participantes do sexo feminino

Na tabela seguinte podemos observar dados relativos ao número e percentagem de participantes do sexo feminino (ver Tabela 96).

Tabela 96

Número e Percentagem de Participantes por Centros Educativos e Escolas Amostras Forense e Escolar do Sexo Feminino

	<i>N</i>	Percentagem
Amostra Forense	29	13.5%
Centro Educativo da Belavista	5	2.3%
Centro Educativo Navarro de Paiva	24	11.2%
Amostra Escolar	188	86.5%
Escola Básica/Secundária da Amora	110	50.7%
Escola Secundária do Monte Caparica	15	6.9%
Escola Básica/Secundária A. Andrade	22	10.1%
Escola Básica /Secundária A. Neves	41	18.9%
Amostra Total	217	100%

Nota. *N* = Número de participantes.

A nível da média de idades dos participantes de ambas as amostras não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas (ver Tabela 97).

Tabela 97

Descritivas e ANOVA da variável sócio-demográfica Idade

Idade	Forense	Escolar	Valor p^*
<i>n</i>	29	188	$F = 2.24$
<i>M (DP)</i>	15.45 (1.352)	15.87 (1.41)	$p = .136$
Mínimo-Máximo	13 – 18	13 – 20	
Assimetria-Curtose	.397 – -.537	.366 – -.141	

Nota. *Valor p obtido por ANOVA.

Relativamente à variável Grupo Étnico não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas (ver Tabela 98).

Tabela 98

Descritivas e Teste de Qui-quadrado da variável sócio-demográfica Grupo Étnico

	Forense	Escolar	Valor p^*
Branco	12 (48.3%)	107 (56.9%)	$\chi^2 = 4.034$
Negro	9 (31%)	44 (23.4%)	$p = .381$
Mulato	5 (17.2%)	31 (16.5%)	
Cigano	1 (3.4%)	1 (0.9%)	
Outra	0 (0%)	5 (2.3%)	
<i>n</i>	29 (100%)	188 (100%)	

Nota. *Valor p obtido por Qui-quadrado (Exact sig. 2-sided); χ^2 = Qui-quadrado.

No que diz respeito à Nacionalidade não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas, apenas marginalmente significativas (ver Tabela 99).

Tabela 99

Descritivas e Teste de Qui-quadrado da variável sócio-demográfica Nacionalidade

	Forense	Escolar	Valor p^*
Portuguesa	20 (69%)	146 (77.7%)	$\chi^2 = 8.8$
Países da Europa	1 (3.4%)	0 (0%)	$p = .052$
Países de África	6 (20.7%)	38 (20.2%)	
Outras	2 (6.9%)	4 (2.1%)	
<i>n</i>	29 (100%)	188 (100%)	

Nota. *Valor p obtido por Qui-quadrado (Exact sig. 2-sided); χ^2 = Qui-quadrado.

Relativamente à variável Rural *versus* Urbano não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas nas proporções (ver Tabela 100).

Tabela 100

Descritivas e Teste de Qui-quadrado da variável sócio-demográfica Rural vs. Urbano

	Forense	Escolar	Valor p^*
Rural	1 (3.4%)	0 (0%)	$\chi^2 = 6.513$
Urbano	28 (96.6%)	188 (100%)	$p = .134$
<i>n</i>	29 (100%)	188 (100%)	

Nota. *Valor p obtido por Qui-quadrado (Exact sig. 2-sided); χ^2 = Qui-quadrado.

Na variável Anos de escolaridade completados foram encontradas diferenças estatisticamente significativas (ver Tabela 101).

Tabela 101

Descritivas e ANOVA da variável sócio-demográfica Ano de Escolaridade Completo do Jovem

Idade	Forense	Escolar	Valor p^*
<i>n</i>	29	188	$F = 208.752$
<i>M</i> (<i>DP</i>)	5.86 (1.156)	9.60 (1.315)	$p \leq .001$
Mínimo-Máximo	4 – 8	6 – 12	
Assimetria-Curtose	.287 – -.577	-.318 – -.573	

Nota. *Valor p obtido por ANOVA.

Na variável Ciclo de escolaridade completo do pai não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas (ver Tabela 102).

Tabela 102

Descritivas e Teste de U Mann-Whitney da variável sócio-demográfica Ciclo de Escolaridade Completo do Pai

	Forense	Escolar	Valor p^*
<i>n</i>	18	167	$U = 1275$
Média das ordens	80.33	94.37	$p = .284$
Mediana	2.5	3	
Mínimo-Máximo	1 – 5	0 – 5	
Assimetria-Curtose	.324 – -1.558	-.133 – -1.236	

Nota. *Valor p obtido por Teste de U Mann-Whitney (Exact sig. 2-sided); $U = U$ de Mann-Whitney.

Na variável Ciclo de escolaridade completo da mãe não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas (ver Tabela 103).

Tabela 103

Descritivas e Teste de U Mann-Whitney da variável sócio-demográfica Ciclo de Escolaridade Completo da Mãe

	Forense	Escolar	Valor p^*
n	22	177	$U = 1783$
Média das ordens	92.55	100.93	$p = .514$
Mediana	3	3	
Mínimo-Máximo	1 – 5	0 – 5	
Assimetria-Curtose	.079 – -1.52	-.155 – -.972	

Nota. *Valor p obtido por Teste de U Mann-Whitney (Exact sig. 2-sided); $U = U$ de Mann-Whitney.

Relativamente à variável Nível sócio-económico do pai foram encontradas diferenças estatisticamente significativas (ver Tabela 104).

Tabela 104

Descritivas e Teste de U Mann-Whitney da variável sócio-demográfica NSE do Pai

	Forense	Escolar	Valor p^*
n	26	177	$U = 1767$
Média das ordens	81.46	105.02	$p \leq .05$
Mediana	0	0	
Mínimo-Máximo	0 – 1	0 – 2	
Assimetria-Curtose	1.659 – .807	.921 – -.156	

Nota. *Valor p obtido por Teste de U Mann-Whitney (Exact sig. 2-sided); $U = U$ de Mann-Whitney.

O mesmo se passou relativamente à variável Nível sócio-económico da mãe, dado que também foram encontradas diferenças estatisticamente significativas (ver Tabela 105).

Tabela 105

Descritivas e Teste de U Mann-Whitney da variável sócio-demográfica NSE da Mãe

	Forense	Escolar	Valor p^*
n	28	183	$U = 2086$
Média das ordens	89	108.6	$p \leq .05$
Mediana	0	0	
Mínimo-Máximo	0 – 1	0 – 2	
Assimetria-Curtose	3.52 – 11.183	1.267 – .093	

Nota. *Valor p obtido por Teste de U Mann-Whitney (Exact sig. 2-sided); $U = U$ de Mann-Whitney.

No que diz respeito à variável Situação civil dos pais foram encontradas diferenças estatisticamente significativas (ver Tabela 106). A maioria dos pais dos jovens da amostra escolar estavam casados/juntos, enquanto a maioria dos pais dos jovens da amostra forense estavam divorciados/separados ou haviam falecido.

Tabela 106

Descritivas e Teste de Qui-quadrado da variável sócio-demográfica Situação Civil dos Pais

	Forense	Escolar	Valor p^*
Pais casados/juntos	6 (20.7%)	116 (62.7%)	$\chi^2 = 27.942$
Pais divorciados /separados	17 (58.6%)	62 (33.5%)	$p \leq .001$
Pai faleceu	4 (13.8%)	4 (2.2%)	
Mãe faleceu	1 (3.4%)	3 (1.6%)	
Pais faleceram	1 (3.4%)	0 (0%)	
n	29 (100%)	185 (100%)	

Nota. *Valor p obtido por Qui-quadrado (Exact sig. 2-sided); $\chi^2 =$ Qui-quadrado.

Relativamente à variável Com quem vive o jovem encontraram-se diferenças estatisticamente significativas favoráveis à amostra escolar quanto a habitar com os pais, e favoráveis à amostra forense quanto a habitar em instituições de acolhimento (ver Tabela 107).

Tabela 107

Descritivas e Teste de Qui-quadrado da variável sócio-demográfica Com Quem Vive

	Forense	Escolar	Valor p^*
Pais	6 (20.7%)	98 (52.7%)	$\chi^2 = 32.42$ $p \leq .001$
Pais e outros familiares	1 (3.4%)	14 (7.5%)	
Mãe (e irmãos)	6 (20.7%)	26 (14%)	
Mãe e outros familiares	7 (24.1%)	20 (10.8%)	
Pai (e irmãos)	0 (0%)	4 (2.2%)	
Pai e outros familiares	2 (6.9%)	6 (3.2%)	
Outros familiares	4 (13.8%)	15 (8.1%)	
Instituição de acolhimento	3 (10.3%)	0 (0%)	
Outras situações	0 (0%)	3 (1.6%)	
<i>n</i>	29 (100%)	186 (100%)	

Nota. *Valor p obtido por Qui-quadrado (Exact sig. 2-sided); χ^2 = Qui-quadrado.

Na variável Quantidade de pessoas com quem vive encontraram-se diferenças estatisticamente significativas (ver Tabela 108).

Tabela 108

Descritivas e Teste de U Mann-Whitney da variável sócio-demográfica Quantidade de Pessoas com Quem Vive

	Forense	Escolar	Valor p^*
<i>n</i>	26	186	$U = 1623.5$
Média das ordens	137.06	102.23	$p \leq .01$
Mediana	5	4	
Mínimo-Máximo	2 – 13	1 – 11	
Assimetria-Curtose	1.424 – 3.828	1.68 – 5.287	

Nota. *Valor p obtido por Teste de U Mann-Whitney (Exact sig. 2-sided); $U = U$ de Mann-Whitney.

Na variável Quantidade de irmãos/meios-irmãos foram encontradas diferenças estatisticamente significativas (ver Tabela 109).

Tabela 109

Descritivas e Teste de U Mann-Whitney da variável sócio-demográfica Quantidade de Irmãos/meios-irmãos

	Forense	Escolar	Valor p^*
n	29	185	$U = 1173.5$
Média das ordens	159.53	99.34	$p \leq .001$
Mediana	5	2	
Mínimo-Máximo	1 – 14	1 – 13	
Assimetria-Curtose	1.258 – 1.496	1.845 – 4.406	

Nota. *Valor p obtido por Teste de U Mann-Whitney (Exact sig. 2-sided); $U = U$ de Mann-Whitney.

Relativamente à variável toma de Medicamento psiquiátricos encontraram-se diferenças estatisticamente significativas, encontrando-se uma proporção maior de jovens da amostra forense a tomar a dita medicação (ver Tabela 110).

Tabela 110

Descritivas e Teste de Qui-quadrado da variável sócio-demográfica Medicamentos Psiquiátricos

	Forense	Escolar	Valor p^*
Não	23 (79.3%)	177 (95.2%)	$\chi^2 = 9.713$
Sim	6 (20.7%)	9 (4.8%)	$p \leq .01$
n	29 (100%)	186 (100%)	

Nota. *Valor p obtido por Qui-quadrado (Exact sig. 2-sided); $\chi^2 =$ Qui-quadrado.

5.2.1.3. Grupos de participantes dos sexos masculino e feminino da amostra forense

Na tabela seguinte podem observar-se dados relativos ao sexo, número de participantes e percentagem referentes apenas à amostra forense (ver Tabela 111).

Tabela 111

Sexo, Número e Percentagem de Participantes por Centros Educativos

	Sexo masculino	Sexo feminino	N total	Percentagem total
Amostra Forense	221	29	250	100%
CE da Belavista	56	5	61	24.4%
CE Navarro de Paiva	56	24	80	32%
CE Padre A. Oliveira	32	0	32	12.8%
CE dos Olivais	35	0	35	14%
CE de Santo António	29	0	29	11.6%
CE do Mondego	13	0	13	5.2%

Nota. N = Número de participantes; CE = Centro Educativo.

Relativamente à variável Idade não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas entre as duas amostras (ver Tabela 112).

Tabela 112

Descritivas e ANOVA da variável sócio-demográfica Idade

Idade	Rapazes	Raparigas	Valor p^*
<i>n</i>	221	29	$F = 2.516$
<i>M (DP)</i>	15.86 (1.308)	15.45 (1.352)	$p = .114$
Mínimo-Máximo	13 – 20	13 – 18	
Assimetria-Curtose	.275 – -.071	.397 – -.537	

Nota. *Valor p obtido por ANOVA.

Na variável Grupo Étnico não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas (ver Tabela 113).

Tabela 113

Descritivas e Teste de Qui-quadrado da variável sócio-demográfica Grupo Étnico

	Rapazes	Raparigas	Valor p^*
Branco	111 (50.2%)	14 (48.3%)	$\chi^2 = .46$
Negro	68 (30.8%)	9 (31%)	$p = .952$
Mulato	30 (13.6%)	5 (17.2%)	
Cigano	12 (5.4%)	1 (3.4%)	
<i>n</i>	221 (100%)	29 (100%)	

Nota. *Valor p obtido por Qui-quadrado (Exact sig. 2-sided); χ^2 = Qui-quadrado.

No que diz respeito à nacionalidade não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas, mas apenas marginalmente significativas (ver Tabela 114).

Tabela 114

Descritivas e Teste de Qui-quadrado da variável sócio-demográfica Nacionalidade

	Rapazes	Raparigas	Valor p^*
Portuguesa	185 (83.7%)	20 (69%)	$\chi^2 = 7.088$
Países da Europa	1 (0.5%)	1 (3.4%)	$p = .066$
Países de África	31 (14%)	6 (20.7%)	
Outras	4 (1.8%)	2 (6.9%)	
<i>n</i>	221 (100%)	29 (100%)	

Nota. *Valor p obtido por Qui-quadrado (Exact sig. 2-sided); χ^2 = Qui-quadrado.

Relativamente à variável Rural *versus* Urbano não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas (ver Tabela 115).

Tabela 115

Descritivas e Teste de Qui-quadrado da variável sócio-demográfica Rural vs. Urbano

	Rapazes	Raparigas	Valor p^*
Rural	8 (3.6%)	1 (3.4%)	$\chi^2 = .002$
Urbano	213 (96.4%)	28 (96.6%)	$p = 1$
<i>n</i>	221 (100%)	29 (100%)	

Nota. *Valor p obtido por Qui-quadrado (Exact sig. 2-sided); χ^2 = Qui-quadrado.

Na variável Anos de escolaridade completos dos jovens foram encontradas diferenças estatisticamente significativas (ver Tabela 116).

Tabela 116

Descritivas e ANOVA da variável sócio-demográfica Ano de Escolaridade Completo do Jovem

Idade	Rapazes	Raparigas	Valor p^*
n	221	29	$F = 4.82$
$M (DP)$	5.26 (1.409)	5.86 (1.156)	$p \leq .05$
Mínimo-Máximo	1 – 9	4 – 8	
Assimetria-Curtose	.312 – .911	.287 – -.577	

Nota. *Valor p obtido por ANOVA.

No que diz respeito à variável Ciclo de escolaridade completo do pai foram encontradas diferenças estatisticamente significativas (ver Tabela 117).

Tabela 117

Descritivas e Teste de U Mann-Whitney da variável sócio-demográfica Ciclo de Escolaridade Completo do Pai

	Rapazes	Raparigas	Valor p^*
n	143	18	$U = 878$
Média das ordens	78.14	103.72	$p \leq .05$
Mediana	1	2.5	
Mínimo-Máximo	0 – 5	1 – 5	
Assimetria-Curtose	1.145 – .278	.324 – -1.558	

Nota. *Valor p obtido por Teste de U Mann-Whitney (Exact sig. 2-sided); $U = U$ de Mann-Whitney.

Também relativamente à variável Ciclo de escolaridade completo da mãe foram encontradas diferenças estatisticamente significativas (ver Tabela 118).

Tabela 118

Descritivas e Teste de U Mann-Whitney da variável sócio-demográfica Ciclo de Escolaridade Completo da Mãe

	Rapazes	Raparigas	Valor p^*
n	176	22	$U = 1207$
Média das ordens	95.36	132.64	$p \leq .01$
Mediana	1	3	
Mínimo-Máximo	0 – 5	1 – 5	
Assimetria-Curtose	.907 – .073	.079 – -1.52	

Nota. *Valor p obtido por Teste de U Mann-Whitney (Exact sig. 2-sided); $U = U$ de Mann-Whitney.

No caso da variável Nível sócio-económico do pai não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas (ver Tabela 119).

Tabela 119

Descritivas e Teste de U Mann-Whitney da variável sócio-demográfica NSE do Pai

	Rapazes	Raparigas	Valor p^*
n	175	26	$U = 2058.5$
Média das ordens	99.76	109.33	$p = .174$
Mediana	0	0	
Mínimo-Máximo	0 – 1	0 – 1	
Assimetria-Curtose	2.744 – 5.594	1.659 – .807	

Nota. *Valor p obtido por Teste de U Mann-Whitney (Exact sig. 2-sided); $U = U$ de Mann-Whitney.

O mesmo se passou no caso da variável Nível sócio-económico da mãe dado que também não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas (ver Tabela 120).

Tabela 120

Descritivas e Teste de U Mann-Whitney da variável sócio-demográfica NSE da Mãe

	Rapazes	Raparigas	Valor p^*
n	205	28	$U = 2791$
Média das ordens	116.61	119.82	$p = .626$
Mediana	0	0	
Mínimo-Máximo	0 – 1	0 – 1	
Assimetria-Curtose	4.485 – 18.296	3.52 – 11.183	

Nota. *Valor p obtido por Teste de U Mann-Whitney (Exact sig. 2-sided); $U = U$ de Mann-Whitney.

No que diz respeito à Situação civil dos pais não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas (ver Tabela 121).

Tabela 121

Descritivas e Teste de Qui-quadrado da variável sócio-demográfica Situação Civil dos Pais

	Rapazes	Raparigas	Valor p^*
Pais casados/juntos	62 (28.2%)	6 (20.7%)	$\chi^2 = .819$ $p = .96$
Pais divorciados /separados	118 (53.6%)	17 (58.6%)	
Paí faleceu	28 (12.7%)	4 (13.8%)	
Mãe faleceu	7 (3.2%)	1 (3.4%)	
Pais faleceram	5 (2.3%)	1 (3.4%)	
<i>n</i>	220 (100%)	29 (100%)	

Nota. *Valor p obtido por Qui-quadrado (Exact sig. 2-sided); χ^2 = Qui-quadrado.

No que concerne à variável Com quem o jovem vive não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas (ver Tabela 122).

Tabela 122

Descritivas e Teste de Qui-quadrado da variável sócio-demográfica Com Quem Vive

	Rapazes	Raparigas	Valor p^*
Pais	46 (20.8%)	6 (20.7%)	$\chi^2 = 5.224$ $p = .741$
Pais e outros familiares	10 (4.5%)	1 (3.4%)	
Mãe (e irmãos)	50 (22.6%)	6 (20.7%)	
Mãe e outros familiares	51 (23.1%)	7 (24.1%)	
Paí (e irmãos)	7 (3.2%)	0 (0%)	
Paí e outros familiares	11 (5%)	2 (6.9%)	
Outros familiares	34 (15.4%)	4 (13.8%)	
Instituição de acolhimento	7 (3.2%)	3 (10.3%)	
Outras situações	5 (2.3%)	0 (0%)	
<i>n</i>	221 (100%)	29 (100%)	

Nota. *Valor p obtido por Qui-quadrado (Exact sig. 2-sided); χ^2 = Qui-quadrado.

Quanto à variável Quantidade de pessoas com quem vive não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas (ver Tabela 123).

Tabela 123

Descritivas e Teste de U Mann-Whitney da variável sócio-demográfica Quantidade de Pessoas com Quem Vive

	Rapazes	Raparigas	Valor p^*
n	214	26	$U = 2291$
Média das ordens	118.21	139.38	$p = .137$
Mediana	4	5	
Mínimo-Máximo	1 – 11	2 – 13	
Assimetria-Curtose	.751 – .626	1.424 – 3.828	

Nota. *Valor p obtido por Teste de U Mann-Whitney (Exact sig. 2-sided); $U = U$ de Mann-Whitney.

Quanto à variável Quantidade de irmãos/meios-irmãos não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas (ver Tabela 124).

Tabela 124

Descritivas e ANOVA da variável sócio-demográfica Quantidade de Irmãos/meios-irmãos

	Rapazes	Raparigas	Valor p^*
n	220	29	$F = .777$
$M (DP)$	4.97 (2.676)	5.45 (3.123)	$p = .379$
Mínimo-Máximo	1 – 14	1 – 14	
Assimetria-Curtose	1.025 – 1.04	1.258 – 1.496	

Nota. *Valor p obtido por ANOVA.

Relativamente à toma de Medicamentos psiquiátricos não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas (ver Tabela 125).

Tabela 125

Descritivas e Teste de Qui-quadrado da variável sócio-demográfica Medicamentos Psiquiátricos

	Rapazes	Raparigas	Valor p^*
Não	171 (77.4%)	23 (79.3%)	$\chi^2 = .055$
Sim	50 (22.6%)	6 (20.7%)	$p = 1$
n	221 (100%)	29 (100%)	

Nota. *Valor p obtido por Qui-quadrado (Exact sig. 2-sided); $\chi^2 =$ Qui-quadrado.

5.2.2. Resultados das variáveis criminais

5.2.2.1. Grupos de participantes do sexo masculino

Relativamente à variável Envolvimento em actividades ilegais encontraram-se diferenças estatisticamente significativas favoráveis à amostra forense dado que 100% dos participantes declararam ter envolvimento em tais actividades (ver Tabela 126).

Tabela 126

Descritivas e Teste de Qui-quadrado da variável Criminal Envolvimento em Actividades Ilegais

	Forense	Escolar	Valor p^*
Não	0 (0%)	243 (75.7%)	$\chi^2 = 303.265$
Sim	221 (100%)	78 (24.3%)	$p \leq .001$
<i>n</i>	221 (100%)	321 (100%)	

Nota. *Valor p obtido por Qui-quadrado (Exact sig. 2-sided); χ^2 = Qui-quadrado.

Na variável Idade de primeiro envolvimento em actividades ilegais foram encontradas diferenças estatisticamente significativas (ver Tabela 127).

Tabela 127

Descritivas e ANOVA da variável Criminal Idade de 1º Envolvimento em Actividades Ilegais

	Forense	Escolar	Valor p^*
<i>n</i>	217	79	$F_w = 26.639$
<i>M (DP)</i>	11.5 (2.104)	13.29 (2.815)	$p \leq .001$
Mínimo-Máximo	6 – 16	6 – 18	
Assimetria-Curtose	-.381 – -.459	-.769 – .497	

Nota. *Valor p obtido por ANOVA; $F_w = F$ de Welch.

Relativamente à variável Problemas com a lei foram encontradas diferenças estatisticamente significativas favoráveis à amostra forense (ver Tabela 128).

Tabela 128

Descritivas e Teste de Qui-quadrado da variável Criminal Problemas com a Lei

	Forense	Escolar	Valor p^*
Não	0 (0%)	264 (82.5%)	$\chi^2 = 356.093$
Sim	221 (100%)	56 (17.5%)	$p \leq .001$
<i>n</i>	221 (100%)	320 (100%)	

Nota. *Valor p obtido por Qui-quadrado (Exact sig. 2-sided); χ^2 = Qui-quadrado.

Na variável Idade do primeiro problema com a lei foram encontradas diferenças estatisticamente significativas (ver Tabela 129).

Tabela 129

Descritivas e ANOVA da variável Criminal Idade de 1º Problema com a Lei

	Forense	Escolar	Valor p^*
<i>n</i>	217	56	$F = 41.203$
<i>M (DP)</i>	12.77 (1.813)	14.57 (2.07)	$p \leq .001$
Mínimo-Máximo	7 – 16	9 – 18	
Assimetria-Curtose	-.751 – .320	-.328 – .375	

Nota. *Valor p obtido por ANOVA.

No que concerne à variável Entrada em Centro Educativo foram encontradas diferenças estatisticamente significativas (ver Tabela 130).

Tabela 130

Descritivas e Teste de Qui-quadrado da variável Criminal Entrada em Centro Educativo

	Forense	Escolar	Valor p^*
Não	0 (0%)	321 (100%)	$\chi^2 = 542$
Sim	221 (100%)	0 (0%)	$p \leq .001$
<i>n</i>	221 (100%)	321 (100%)	

Nota. *Valor p obtido por Qui-quadrado (Exact sig. 2-sided); χ^2 = Qui-quadrado.

Na tabela abaixo (ver Tabela 131) podem-se observar descritivas relativas à idade de primeira entrada em Centro Educativo.

Tabela 131

Descritivas da Variável Criminal Idade de 1ª Entrada em CE

	Amostra Forense
<i>n</i>	221
<i>M (DP)</i>	14.94 (1.212)
Mínimo-Máximo	12 – 19
Assimetria-Curtose	.045 – .07

Na tabela abaixo (ver Tabela 132) podem-se observar descritivas relativas ao tempo de condenação a internamento.

Tabela 132

Descritivas da Variável Criminal Tempo (meses) de Condenação a Internamento

	Amostra Forense
<i>n</i>	156
<i>M (DP)</i>	17.596 (6.672)
Mínimo-Máximo	1 – 36
Assimetria-Curtose	-.128 – -.654

Relativamente à variável tipo de crime podemos observar as descritivas na tabela abaixo (ver Tabela 133).

Tabela 133

Frequências da variável Criminal Tipo de Crime na Amostra Forense

	Amostra Forense
Não grave/violento	6 (2.8%)
Grave	30 (14%)
Violento	179 (83.3%)
<i>n</i>	215 (100%)

No que diz respeito à variável Tipo de medida podem-se observar abaixo as respectivas descritivas (ver Tabela 134).

Tabela 134

Frequências da variável Criminal Tipo de Medida

	Amostra Forense
Cautelar de guarda	42 (19.5%)
Internamento	156 (72.6%)
Perícia da personalidade	5 (2.3%)
Fins-de-semana	12 (5.6%)
<i>n</i>	215 (100%)

Quanto ao Regime podem-se observar abaixo as respectivas descritivas (ver Tabela 135).

Tabela 135

Frequências da variável Criminal A Cumprir Regime

	Amostra Forense
Aberto	26 (12%)
Semi-aberto	130 (60.2%)
Fechado	60 (27.8%)
<i>n</i>	216 (100%)

5.2.2.2. Grupos de participantes do sexo feminino

Relativamente à variável Envolvimento em actividades ilegais foram encontradas diferenças estatisticamente significativas (ver Tabela 136).

Tabela 136

Descritivas e Teste de Qui-quadrado da variável Criminal Envolvimento em Actividades Ilegais

	Forense	Escolar	Valor p^*
Não	0 (0%)	165 (88.2%)	$\chi^2 = 108.374$ $p \leq .001$
Sim	29 (100%)	22 (11.8%)	
<i>n</i>	29 (100%)	187 (100%)	

Nota. *Valor p obtido por Qui-quadrado (Exact sig. 2-sided); $\chi^2 =$ Qui-quadrado.

Na variável Idade de primeiro envolvimento em actividades ilegais não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas, apenas marginalmente significativas (ver Tabela 137).

Tabela 137

Descritivas e ANOVA da variável Criminal Idade de 1 ° Envolvimento em Actividades Ilegais

	Forense	Escolar	Valor p^*
<i>n</i>	29	22	$F_W = 3.811$
<i>M (DP)</i>	12.69 (1.442)	13.82 (2.403)	$p = .06$
Mínimo-Máximo	10 – 16	8 – 17	
Assimetria-Curtose	-.025 – .344	-.829 – .485	

Nota. *Valor p obtido por ANOVA; $F_W = F$ de Welch.

Na variável Problemas com a lei foram encontradas diferenças estatisticamente significativas (ver Tabela 138).

Tabela 138

Descritivas e Teste de Qui-quadrado da variável Criminal Problemas com a Lei

	Forense	Escolar	Valor p^*
Não	0 (0%)	167 (90.3%)	$\chi^2 = 119.195$
Sim	29 (100%)	18 (9.7%)	$p \leq .001$
<i>n</i>	29 (100%)	185 (100%)	

Nota. *Valor p obtido por Qui-quadrado (Exact sig. 2-sided); $\chi^2 =$ Qui-quadrado.

Na variável Idade de primeiro problema com a lei foram encontradas diferenças estatisticamente significativas (ver Tabela 139).

Tabela 139

Descritivas e Teste de U Mann-Whitney da variável Criminal Idade de 1º Problema com a Lei

	Forense	Escolar	Valor p^*
n	29	18	$U = 148.5$
Média das ordens	20.12	30.25	$p \leq .05$
Mediana	14	15	
Mínimo-Máximo	10 – 17	8 – 18	
Assimetria-Curtose	-.042 – .553	-1.39 – 3.179	

Nota. *Valor p obtido por Teste de U Mann-Whitney (Exact sig. 2-sided); $U = U$ de Mann-Whitney.

Relativamente à variável Entrada em Centro Educativo foram encontradas diferenças estatisticamente significativas (ver Tabela 140).

Tabela 140

Descritivas e Teste de Qui-quadrado da variável Criminal Entrada em Centro Educativo

	Forense	Escolar	Valor p^*
Não	0 (0%)	185 (100%)	$\chi^2 = 214$
Sim	29 (100%)	0 (0%)	$p \leq .001$
n	29 (100%)	185 (100%)	

Nota. *Valor p obtido por Qui-quadrado (Exact sig. 2-sided); $\chi^2 =$ Qui-quadrado.

Na tabela abaixo (ver Tabela 141) podem-se observar descritivas relacionadas com a variável Idade de primeira entrada em CE.

Tabela 141

Descritivas da Variável Criminal Idade de 1ª Entrada em CE

	Amostra Forense
n	29
$M (DP)$	14.93 (1.193)
Mínimo-Máximo	13 – 17
Assimetria-Curtose	.141 – -.368

Na tabela seguinte (ver Tabela 142) podemos observar as descritivas da variável Tempo de condenação a internamento.

Tabela 142

Descritivas da Variável Criminal Tempo (meses) de Condenação a Internamento

	Amostra Forense
<i>n</i>	17
<i>M (DP)</i>	20.117 (5.171)
Mínimo-Máximo	12 – 24
Assimetria-Curtose	-.811 – -1.147

Na tabela abaixo podemos observar a distribuição em termos de percentagem por Tipo de crime (ver Tabela 143).

Tabela 143

Frequências da variável Criminal Tipo de Crime na Amostra Forense

	Amostra Forense
Não grave/violento	0 (0%)
Grave	4 (14.3%)
Violento	24 (85.7%)
<i>n</i>	28 (100%)

Na tabela seguinte podemos observar a distribuição dos participantes por Tipo de medida (ver Tabela 144).

Tabela 144

Frequências da variável Criminal Tipo de Medida

	Amostra Forense
Cautelar de guarda	7 (25%)
Internamento	17 (60.7%)
Perícia da personalidade	3 (10.7%)
Fins-de-semana	1 (3.6%)
<i>n</i>	28 (100%)

E o mesmo para o tipo de Regime (ver Tabela 145).

Tabela 145

Frequências da variável Criminal A Cumprir Regime

	Amostra Forense
Aberto	2 (7.1%)
Semi-aberto	19 (67.9%)
Fechado	7 (25%)
<i>n</i>	28 (100%)

5.2.2.3. Grupo de participantes dos sexos masculino e feminino da amostra forense

Relativamente à amostra forense podemos observar as percentagens relativamente ao envolvimento em Actividades ilegais por sexo masculino e feminino (ver Tabela 146).

Tabela 146

Descritivas da variável Criminal Envolvimento em Actividades Ilegais

	Rapazes	Raparigas
Não	0 (0%)	0 (0%)
Sim	221 (100%)	29 (100%)
<i>n</i>	221 (100%)	29 (100%)

Relativamente à variável Idade de primeiro envolvimento em actividades ilegais foram encontradas diferenças estatisticamente significativas entre os dois sexos (ver Tabela 147).

Tabela 147

Descritivas e ANOVA da variável Criminal Idade de 1º Envolvimento em Atividades Ilegais

	Rapazes	Raparigas	Valor p^*
n	217	29	$F_w = 15.429$
$M(DP)$	11.5 (2.104)	12.69 (1.442)	$p \leq .001$
Mínimo-Máximo	6 – 16	10 – 16	
Assimetria-Curtose	-.381 – -.459	-.025 – .344	

Nota. *Valor p obtido por ANOVA. $F_w = F$ de Welch.

Na tabela abaixo (ver Tabela 148) podemos observar percentagens relativamente ao envolvimento de ambos os sexos em Problemas com a lei.

Tabela 148

Descritivas da variável Criminal Problemas com a Lei

	Rapazes	Raparigas
Não	0 (0%)	0 (0%)
Sim	221 (100%)	29 (100%)
n	221 (100%)	29 (100%)

Na variável Idade do primeiro problema com a lei não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas entre os dois sexos, apenas marginalmente significativas (ver Tabela 149).

Tabela 149

Descritivas e ANOVA da variável Criminal Idade de 1º Problema com a Lei

	Rapazes	Raparigas	Valor p^*
n	217	29	$F = 3.321$
$M(DP)$	12.77 (1.813)	13.41 (1.452)	$p = .07$
Mínimo-Máximo	7 – 16	10 – 17	
Assimetria-Curtose	-.751 – .32	-.042 – .553	

Nota. *Valor p obtido por ANOVA.

Na tabela abaixo podem-se observar percentagens relativamente à entrada em Centro Educativo (ver Tabela 150).

Tabela 150

Descritivas da variável Criminal Entrada em Centro Educativo

	Rapazes	Raparigas
Não	0 (0%)	0 (0%)
Sim	221 (100%)	29 (100%)
<i>n</i>	221 (100%)	29 (100%)

Na variável Idade de primeira entrada em CE não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas entre os dois sexos (ver Tabela 151).

Tabela 151

Descritivas e ANOVA da Variável Criminal Idade de 1ª Entrada em CE

	Rapazes	Raparigas	Valor <i>p</i> *
<i>n</i>	221	29	$F = .001$
<i>M (DP)</i>	14.94 (1.212)	14.93 (1.193)	$p = .981$
Mínimo-Máximo	12 – 19	13 – 17	
Assimetria-Curtose	.045 – .07	.141 – -.368	

Nota. *Valor *p* obtido por ANOVA.

Na variável Tempo de condenação a internamento não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas (ver Tabela 152).

Tabela 152

Descritivas e ANOVA da Variável Criminal Tempo (meses) de Condenação a Internamento

	Rapazes	Raparigas	Valor <i>p</i> *
<i>n</i>	156	17	$F = 2.274$
<i>M (DP)</i>	17.596 (6.672)	20.117 (5.171)	$p = .133$
Mínimo-Máximo	1 – 36	12 – 24	
Assimetria-Curtose	-.128 – -.654	-.811 – -1.147	

Nota. *Valor *p* obtido por ANOVA.

Relativamente à variável Tipo de crime não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas (ver Tabela 153).

Tabela 153

Descritivas e Teste de Qui-quadrado da variável Criminal Tipo de Crime

	Rapazes	Raparigas	Valor p^*
Não grave/violento	6 (2.8%)	0 (0%)	$\chi^2 = .801$
Grave	30 (14%)	4 (14.3%)	$p = .767$
Violento	179 (83.3%)	24 (85.7%)	
<i>n</i>	215 (100%)	28 (100%)	

Nota. *Valor p obtido por Qui-quadrado (Exact sig. 2-sided); χ^2 = Qui-quadrado.

Na variável Tipo de medida não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas, apenas marginalmente significativas (ver Tabela 154).

Tabela 154

Descritivas e Teste de Qui-quadrado da variável Criminal Tipo de Medida

	Rapazes	Raparigas	Valor p^*
Cautelar de guarda	42 (19.5%)	7 (25%)	$\chi^2 = 6.338$
Internamento	156 (72.6%)	17 (60.7%)	$p = .088$
Perícia da personalidade	5 (2.3%)	3 (10.7%)	
Fins-de-semana	12 (5.6%)	1 (3.6%)	
<i>n</i>	215 (100%)	28 (100%)	

Nota. *Valor p obtido por Qui-quadrado (Exact sig. 2-sided); χ^2 = Qui-quadrado.

Na variável tipo de regime a cumprir não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas (ver Tabela 155).

Tabela 155

Descritivas e Teste de Qui-quadrado da variável Criminal A Cumprir Regime

	Rapazes	Raparigas	Valor p^*
Aberto	26 (12%)	2 (7.1%)	$\chi^2 = .826$
Semi-aberto	130 (60.2%)	19 (67.9%)	$p = .638$
Fechado	60 (27.8%)	7 (25%)	
<i>n</i>	216 (100%)	28 (100%)	

Nota. *Valor p obtido por Qui-quadrado (Exact sig. 2-sided); χ^2 = Qui-quadrado.

Na variável Diagnóstico de Perturbação do Comportamento da DSM-IV-TR não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas, apenas marginalmente significativas (ver Tabela 156).

Tabela 156

Descritivas e Teste de Qui-quadrado da variável Perturbação do Comportamento DSM-IV-TR

	Rapazes	Raparigas	Valor p^*
Não	16 (7.2%)	5 (17.2%)	$\chi^2 = 3.333$
Sim	205 (92.8%)	24 (82.8%)	$p = .079$
<i>n</i>	221 (100%)	29 (100%)	

Nota. *Valor p obtido por Qui-quadrado (Exact sig. 2-sided); χ^2 = Qui-quadrado.

5.2.3. Resultados dos instrumentos validados

5.2.3.1. Grupos de participantes do sexo masculino

A MANOVA efectuada revelou não haver interacção estatisticamente significativa entre os factores Amostra Forense/Escolar e Sexo, permitindo assim prosseguir com recurso a ANOVAs individuais (ver Tabela 157). Na interacção entre factores a dimensão do efeito (η_p^2) foi de .04 e a potência foi de .527.

Tabela 157

MANOVA II para Escalas RSES, SDQ-SR, ASDS, MCSDS-SF

	Traço Pillai	F	Valor p	η_p^2	Potência
Amostras					
Forense/Escolar	.157	3.75	$p \leq .001$.157	1
Sexo	.14	3.266	$p \leq .001$.14	.998
Amostras					
Forense/Escolar*Sexo	.04	.828	$p = .638$.04	.527

Nota. η_p^2 = Eta parcial ao quadrado; Amostras Forense/Escolar*Sexo = Interacção entre factor Amostras Forense/Escolar e factor Sexo.

Na comparação das amostras quanto à pontuação na RSES foram encontradas diferenças estatisticamente significativas (ver Tabela 158). O Eta parcial ao quadrado (η_p^2) foi de .073 e a potência 1.00.

Tabela 158

Descritivas e ANOVA da Variável RSES

	Forense	Escolar	Valor p^*
<i>n</i>	221	322	$F = 42.394$
<i>M (DP)</i>	20.325 (4.739)	22.966 (4.665)	$p \leq .001$
Mínimo-Máximo	5 – 30	6 – 30	
Assimetria-Curtose	-.107 – -.184	-.886 – .901	

Nota. *Valor p obtido por ANOVA.

Na comparação das amostras quanto às escalas do SDQ-SR foram encontradas diferenças estatisticamente significativas em todas as escalas, excepto na escala P (ver Tabela 159). No caso da escala ES o Eta parcial ao quadrado (η_p^2) foi de .038 e a potência de .996. Na escala CP o Eta parcial ao quadrado (η_p^2) foi de .299 e a potência de 1. Na escala H o Eta parcial ao quadrado (η_p^2) foi de .028 e a potência de .977. Na escala PP o Eta parcial ao quadrado (η_p^2) foi de .072 e a potência de 1. Na escala P o Eta parcial ao quadrado (η_p^2) foi de .000 e a potência de .070.

Tabela 159

Descritivas e ANOVA das Escalas do SDQ-SR

	Forense	Escolar	Valor p^*
ES			$F_w = 19.259$
<i>n</i>	221	322	$p \leq .001$
<i>M (DP)</i>	3.194 (1.839)	2.557 (1.362)	
Mínimo-Máximo	0 – 9	0 – 7	
Assimetria-Curtose	.466 – -.416	.884 – 1.002	
CP			$F_w = 205.112$
<i>n</i>	221	322	$p \leq .001$
<i>M (DP)</i>	4.561 (2.056)	2.254 (1.479)	
Mínimo-Máximo	0 – 10	0 – 9	
Assimetria-Curtose	.08 – -.525	1.004 – 1.461	
H			$F = 64.355$
<i>n</i>	221	321	$p \leq .001$
<i>M (DP)</i>	4.61 (2.058)	3.909 (1.994)	
Mínimo-Máximo	0 – 9	0 – 10	
Assimetria-Curtose	-.125 – -.41	.537 – -.054	
PP			$F_w = 38.483$
<i>n</i>	221	321	$p \leq .001$
<i>M (DP)</i>	2.959 (1.834)	2.04 (1.466)	
Mínimo-Máximo	0 – 10	0 – 7	
Assimetria-Curtose	.622 – .344	.958 – .883	
P			$F_w = .167$
<i>n</i>	221	322	$p = .683$
<i>M (DP)</i>	7.343 (1.993)	7.276 (1.717)	
Mínimo-Máximo	1 – 10	2 – 10	
Assimetria-Curtose	-.358 – -.491	-.298 – -.454	

Nota. ES = Sintomas emocionais; CP = Problemas de comportamento; H = Hiperactividade; PP = Problemas de relacionamento com os colegas; P = Comportamento pró-social; *Valor p obtido por ANOVA; $F_w = F$ de Welch.

Na comparação das amostras quanto ao APSD e às suas dimensões foram encontradas diferenças estatisticamente significativas em todos os casos (ver Tabela 160). No caso do APSD total a dimensão do efeito por r foi de -.443 e a potência de .95. No caso da dimensão Nar-Imp o r foi de -.335 e a potência de .95. No caso da dimensão Cal-Une o Eta parcial ao quadrado (η_p^2) foi de .139 e a potência de 1. No caso da dimensão Nar o r foi de -.120 e a potência de .729. No caso da dimensão Imp o Eta parcial ao quadrado (η_p^2) foi de .073 e a potência de 1.

Tabela 160

Descritivas e ANOVA das Dimensões do APSD

	Forense	Escolar	Valor p^*
APSD Total			$U = 17087$
n	221	322	$p \leq .001$
Média das ordens	355.68	214.57	
Mediana	15	10	
Mínimo-Máximo	4 – 31	1 – 32	
Assimetria-Curtose	.447 – .006	1.247 – 2.827	
Nar-Imp			$U = 21586$
n	221	322	$p \leq .001$
Média das ordens	335.33	228.54	
Mediana	9	6	
Mínimo-Máximo	2 – 24	0 – 24	
Assimetria-Curtose	.692 – .141	1.228 – 2.164	
Cal-Une			$F_w = 81.956$
n	221	322	$p \leq .001$
$M (DP)$	5.226 (2.347)	3.487 (1.961)	
Mínimo-Máximo	0 – 12	0 – 9	
Assimetria-Curtose	.087 – -.115	.653 – .172	
Nar			$U = 30656$
n	221	322	$p \leq .01$
Média das ordens	294.29	256.7	
Mediana	3	2	
Mínimo-Máximo	0 – 13	0 – 13	
Assimetria-Curtose	.117 – .169	1.322 – 2.101	
Imp			$F = 42.43$
n	221	322	$p \leq .001$
$M (DP)$	4.393 (1.805)	3.343 (1.871)	
Mínimo-Máximo	0 – 10	0 – 9	
Assimetria-Curtose	.287 – -.050	.668 – .273	

Nota. APSD = Antisocial Process Screening Device; Nar-Imp = Narcisismo-Impulsividade; Cal-Une = Traços calosos/não-emocionais; Nar = Narcisismo; Imp = Impulsividade; *Valor p obtido por ANOVA ou por U de Mann-Whitney; $F_w = F$ de Welch; $U = U$ de Mann-Whitney; n = número de participantes; M = Média; DP = Desvio-padrão.

Na comparação das amostras quanto ao ASDS foram encontradas diferenças estatisticamente significativas na escala (ver Tabela 161). No caso da ASDS total o r foi de -.710 e a potência de .95.

Tabela 161

Descritivas e Teste U de Mann-Whitney da Variável ASDS

	Forense	Escolar	Valor p^*
n	221	322	$U = 5885.5$
Média das ordens	406.37	179.78	$p \leq .001$
Mediana	30	7	
Mínimo-Máximo	4 – 63	0 – 52	
Assimetria-Curtose	.311 – -.719	2.11 – 5.807	

Nota. *Valor p obtido por Teste U de Mann-Whitney (2-sided); $U = U$ de Mann-Whitney.

Na comparação das amostras quanto ao MCSDS-SF foram encontradas diferenças estatisticamente significativas na escala (ver Tabela 162). No caso da MCSDS-SF o Eta parcial ao quadrado (η_p^2) foi de .018 e a potência de .888.

Tabela 162

Descritivas e ANOVA da Variável MCSDS-SF

	Forense	Escolar	Valor p^*
n	221	320	$F_w = 10.513$
$M (DP)$	17.954 (2.371)	18.657 (2.62)	$p \leq .001$
Mínimo-Máximo	13 – 24	12 – 27	
Assimetria-Curtose	.184 – -.315	.084 – -.313	

Nota. *Valor p obtido por ANOVA; $F_w = F$ de Welch.

5.2.3.2. Grupos de participantes do sexo feminino

A MANOVA efectuada revelou não haver interacção estatisticamente significativa entre os factores Amostra Forense/Escolar e Sexo, permitindo assim prosseguir a análise estatística com recurso a ANOVAs individuais (ver Tabela 163). Relativamente à interacção entre factores o Eta parcial ao quadrado (η_p^2) foi de .04 e a potência .527.

Tabela 163

MANOVA II para Escalas RSES, SDQ-SR, ASDS, MCSDS-SF

	Traço Pillai	<i>F</i>	Valor <i>p</i>	η_p^2	Potência
Amostras					
Forense/Escolar	.157	3.75	$p \leq .001$.157	1
Sexo	.14	3.266	$p \leq .001$.14	.998
Amostras					
Forense/Escolar*Sexo	.04	.828	$p = .638$.04	.527

Nota. η_p^2 = Eta parcial ao quadrado; Amostras Forense/Escolar*Sexo = Interação entre factor Amostras Forense/Escolar e factor Sexo.

Na comparação das amostras quanto à pontuação na RSES não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas (ver Tabela 164). O Eta parcial ao quadrado (η_p^2) foi de .007 e a potência .238.

Tabela 164

Descritivas e ANOVA da Variável RSES

	Forense	Escolar	Valor <i>p</i> *
<i>n</i>	29	188	$F = 1.563$
<i>M (DP)</i>	19.965 (3.923)	21.195 (5.063)	$p = .213$
Mínimo-Máximo	13 – 26	6 – 30	
Assimetria-Curtose	-.205 – -1.169	-.711 – .089	

Nota. *Valor *p* obtido por ANOVA.

Na comparação das amostras quanto às escalas do SDQ-SR foram encontradas diferenças estatisticamente significativas nas escalas CP, H e PP (ver Tabela 165). No caso da escala ES o Eta parcial ao quadrado (η_p^2) foi de .000 e a potência de .061. Na escala CP o Eta parcial ao quadrado (η_p^2) foi de .172 e a potência de 1. Na escala H o Eta parcial ao quadrado (η_p^2) foi de .026 e a potência de .671. Na escala PP o Eta parcial ao quadrado (η_p^2) foi de .033 e a potência de .764. Na escala P o *r* foi de -.086 e a potência de .30.

Tabela 165

Descritivas e ANOVA das Escalas do SDQ-SR

	Forense	Escolar	Valor p^*
ES			$F_w = .061$
n	29	188	$p = .806$
$M (DP)$	4.206 (2.366)	4.32 (1.699)	
Mínimo-Máximo	1 – 9	1 – 10	
Assimetria-Curtose	.239 – -.925	.395 – .227	
CP			$F_w = 24.248$
n	29	188	$p \leq .001$
$M (DP)$	4.206 (2.042)	2.278 (1.337)	
Mínimo-Máximo	1 – 9	0 – 7	
Assimetria-Curtose	.672 – .041	.714 – .718	
H			$F = 5.82$
n	29	188	$p \leq .05$
$M (DP)$	5.034 (1.972)	4.094 (1.949)	
Mínimo-Máximo	2 – 8	0 – 8	
Assimetria-Curtose	-.231 – -1.332	-.020 – -.636	
PP			$F = 7.245$
n	29	188	$p \leq .01$
$M (DP)$	2.724 (1.81)	1.899 (1.489)	
Mínimo-Máximo	0 – 7	0 – 8	
Assimetria-Curtose	.676 – -.092	1.097 – 1.786	
P			$U = 2335$
n	29	188	$p = .206$
Média das ordens	122.48	106.92	
Mediana	9	8	
Mínimo-Máximo	5 – 10	3 – 10	
Assimetria-Curtose	-1.157 – 2.165	-.731 – .151	

Nota. ES = Sintomas emocionais; CP = Problemas de comportamento; H = Hiperatividade; PP = Problemas de relacionamento com os colegas; P = Comportamento pró-social; *Valor p obtido por ANOVA ou por U de Mann-Whitney; $F_w = F$ de Welch; $U = U$ de Mann-Whitney; n = número de participantes; M = Média; DP = Desvio-padrão.

Na comparação das amostras quanto ao APSD total e suas dimensões foram encontradas diferenças estatisticamente significativas na escala total e nas dimensões Nar-Imp, Nar e Imp (ver Tabela 166). No caso do APSD total o Eta parcial ao quadrado (η_p^2) foi de .110 e a potência de .999. Na escala Nar-Imp o Eta parcial ao quadrado (η_p^2) foi de .095 e a potência de .997. Na escala Cal-Une o Eta parcial ao quadrado (η_p^2) foi de .019 e a potência de .528. Na escala Nar o Eta parcial ao quadrado (η_p^2) foi de .026 e

a potência de .657. Na escala Imp o Eta parcial ao quadrado (η_p^2) foi de .068 e a potência de .976.

Tabela 166

Descritivas e ANOVA das Dimensões do APSD

	Forense	Escolar	Valor p^*
APSD Total			$F = 26.692$
n	29	188	$p \leq .001$
$M (DP)$	12.862 (4.572)	8.886 (3.737)	
Mínimo-Máximo	6 – 25	2 – 22	
Assimetria-Curtose	.750 – .527	.777 – .32	
Nar-Imp			$F = 22.685$
n	29	188	$p \leq .001$
$M (DP)$	9.241 (4.171)	5.94 (3.357)	
Mínimo-Máximo	2 – 19	0 – 18	
Assimetria-Curtose	.378 – .1	.814 – .608	
Cal-Une			$F_w = 2.8$
n	29	188	$p = .104$
$M (DP)$	3.62 (2.077)	2.946 (1.584)	
Mínimo-Máximo	0 – 7	0 – 8	
Assimetria-Curtose	-.222 – -.866	.537 – .111	
Nar			$F = 5.646$
n	29	188	$p \leq .05$
$M (DP)$	3.103 (2.076)	2.222 (1.822)	
Mínimo-Máximo	0 – 8	0 – 9	
Assimetria-Curtose	.649 – -.4	1.116 – 1.162	
Imp			$F_w = 12.534$
n	29	188	$p \leq .001$
$M (DP)$	4.379 (1.897)	3.062 (1.628)	
Mínimo-Máximo	1 – 8	0 – 8	
Assimetria-Curtose	.015 – -.929	.543 – .397	

Nota. APSD = Antisocial Process Screening Device; Nar-Imp = Narcisismo-Impulsividade; Cal-Une = Traços calosos/não-emocionais; Nar = Narcisismo; Imp = Impulsividade; *Valor p obtido por ANOVA; $F_w = F$ de Welch; n = número de participantes; M = Média; DP = Desvio-padrão.

Na comparação das amostras quanto à ASDS foram encontradas diferenças estatisticamente significativas na escala (ver Tabela 167). O r foi de -.48 e a potência de .95.

Tabela 167

Descritivas e Teste de U Mann-Whitney da Variável ASDS

	Forense	Escolar	Valor p^*
n	29	188	$U = 505$
Média das ordens	185.59	97.19	$p \leq .001$
Mediana	20	5	
Mínimo-Máximo	3 – 51	0 – 27	
Assimetria-Curtose	.918 – 1.92	1.301 – 2.131	

Nota. *Valor p obtido por Teste de U Mann-Whitney (Exact sig. 2-sided); $U = U$ de Mann-Whitney.

Na comparação das amostras quanto à MCSDS-SF não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas na escala (ver Tabela 168). O Eta parcial ao quadrado (η_p^2) foi de .002 e a potência de .104.

Tabela 168

Descritivas e ANOVA da Variável MCSDS

	Forense	Escolar	Valor p^*
n	29	187	$F = .463$
$M (DP)$	18 (2.104)	18.337 (2.537)	$p = .497$
Mínimo-Máximo	14 – 22	13 – 24	
Assimetria-Curtose	.049 – -.579	.074 – -.78	

Nota. *Valor p obtido por ANOVA.

5.2.3.3. Grupos de participantes dos sexos masculino e feminino da amostra forense

Relativamente aos participantes do sexo masculino e feminino da amostra forense a MANOVA efectuada revelou não haver interacção estatisticamente significativa entre os factores Amostras Forense/Escolar e Sexo, permitindo assim prosseguir a análise estatística com recurso a ANOVAs individuais (ver Tabela 169).

Relativamente à interacção entre factores o Eta parcial ao quadrado (η_p^2) foi de .04 e a potência .527.

Tabela 169

MANOVA II para Escalas RSES, SDQ-SR, ASDS, MCSDS-SF

	Traço Pillai	F	Valor p	η_p^2	Potência
Amostras					
Forense/Escolar	.157	3.75	$p \leq .001$.157	1
Sexo	.14	3.266	$p \leq .001$.14	.998
Amostras					
Forense/Escolar*Sexo	.04	.828	$p = .638$.04	.527

Nota. η_p^2 = Eta parcial ao quadrado; Amostras Forense/Escolar*Sexo = Interacção entre factor Amostras Forense/Escolar e factor Sexo.

Na comparação das amostras quanto à pontuação na RSES não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas (ver Tabela 170). O Eta parcial ao quadrado (η_p^2) foi de .001 e a potência .068.

Tabela 170

Descritivas e ANOVA da Variável RSES

	Rapazes	Raparigas	Valor p*
n	221	29	$F = .154$
M (DP)	20.325 (4.739)	19.965 (3.923)	$p = .695$
Mínimo-Máximo	5 – 30	13 – 26	
Assimetria-Curtose	-.107 – -.184	-.205 – -1.169	

Nota. *Valor p obtido por ANOVA.

Na comparação das amostras quanto às escalas do SDQ-SR foram encontradas diferenças estatisticamente significativas nas escalas ES e P (ver Tabela 171). No caso da escala ES o Eta parcial ao quadrado (η_p^2) foi de .028 e a potência de .764. Na escala CP o r foi de -.073 e a potência de .133. Na escala H o Eta parcial ao quadrado (η_p^2) foi de .004 e a potência de .181. Na escala PP o Eta parcial ao quadrado (η_p^2) foi de .002 e a

potência de .099. Na escala P o Eta parcial ao quadrado (η_p^2) foi de .044 e a potência de .919.

Tabela 171

Descritivas e ANOVA das Escalas do SDQ-SR

	Rapazes	Raparigas	Valor p^*
ES			$F_W = 4.918$
<i>n</i>	221	29	$p \leq .05$
<i>M (DP)</i>	3.194 (1.839)	4.206 (2.366)	
Mínimo-Máximo	0 – 9	1 – 9	
Assimetria-Curtose	.466 – -.416	.239 – -.925	
CP			$U = 2788$
<i>n</i>	221	29	$p = .252$
Média das ordens	127.38	111.14	
Mediana	4	4	
Mínimo-Máximo	0 – 10	1 – 9	
Assimetria-Curtose	2.029 – 14.396	.672 – .041	
H			$F = 1.095$
<i>n</i>	221	29	$p = .296$
<i>M (DP)</i>	4.611 (2.058)	5.034 (1.972)	
Mínimo-Máximo	0 – 9	2 – 8	
Assimetria-Curtose	-.125 – -.41	-.231 – -1.332	
PP			$F = .422$
<i>n</i>	221	29	$p = .516$
<i>M (DP)</i>	2.959 (1.834)	2.724 (1.811)	
Mínimo-Máximo	0 – 10	0 – 7	
Assimetria-Curtose	.622 – .344	.676 – -.092	
P			$F_W = 25.743$
<i>n</i>	221	29	$p \leq .001$
<i>M (DP)</i>	7.343 (1.993)	8.621 (1.146)	
Mínimo-Máximo	1 – 10	5 – 10	
Assimetria-Curtose	-.358 – -.419	-1.157 – 2.165	

Nota. ES = Sintomas emocionais; CP = Problemas de comportamento; H = Hiperactividade; PP = Problemas de relacionamento com os colegas; P = Comportamento pró-social; *Valor p obtido por ANOVA ou por U de Mann-Whitney; $F_W = F$ de Welch; $U = U$ de Mann-Whitney; n = número de participantes; M = Média; DP = Desvio-padrão.

Na comparação das amostras quanto ao APSD total e suas dimensões foram encontradas diferenças estatisticamente significativas na escala total e na dimensão Cal-Una (ver Tabela 172). No caso do APSD total o Eta parcial ao quadrado (η_p^2) foi de .022 e a potência de .647. Na escala Nar-Imp o Eta parcial ao quadrado (η_p^2) foi de .003 e a potência de .139. Na escala Cal-Una o Eta parcial ao quadrado (η_p^2) foi de .047 e a

potência de .937. Na escala Nar o Eta parcial ao quadrado (η_p^2) foi de .002 e a potência de .107. Na escala Imp o Eta parcial ao quadrado (η_p^2) foi de .000 e a potência de .050.

Tabela 172

Descritivas e ANOVA das Dimensões do APSD-SR

	Rapazes	Raparigas	Valor p^*
APSD Total			$F = 5.506$
<i>n</i>	221	29	$p \leq .05$
<i>M (DP)</i>	15.221 (5.153)	12.862 (4.572)	
Mínimo-Máximo	4 – 31	6 – 25	
Assimetria-Curtose	.447 – .006	.75 – .527	
Nar-Imp			$F = .752$
<i>n</i>	221	29	$p = .387$
<i>M (DP)</i>	9.995 (4.427)	9.241 (4.171)	
Mínimo-Máximo	2 – 24	2 – 19	
Assimetria-Curtose	.692 – .141	.378 – .10	
Cal-Une			$F = 12.29$
<i>n</i>	221	29	$p \leq .001$
<i>M (DP)</i>	5.226 (2.347)	3.62 (2.077)	
Mínimo-Máximo	0 – 12	0 – 7	
Assimetria-Curtose	.087 – -.115	-.222 – -.866	
Nar			$F = .485$
<i>n</i>	221	29	$p = .487$
<i>M (DP)</i>	3.457 (2.627)	3.103 (2.076)	
Mínimo-Máximo	0 – 13	0 – 8	
Assimetria-Curtose	1.117 – 1.169	.649 – -.40	
Imp			$F = .002$
<i>n</i>	221	29	$p = .969$
<i>M (DP)</i>	4.393 (1.805)	4.379 (1.897)	
Mínimo-Máximo	0 – 10	1 – 8	
Assimetria-Curtose	.287 – -.05	.015 – -.929	

Nota. APSD = Antisocial Process Screening Device; Nar-Imp = Narcisismo-Impulsividade; Cal-Une = Traços calosos/não-emocionais; Nar = Narcisismo; Imp = Impulsividade; *Valor p obtido por ANOVA; $F_w = F$ de Welch; n = número de participantes; M = Média; DP = Desvio-padrão.

Na comparação das amostras quanto à ASDS foram encontradas diferenças estatisticamente significativas na escala (ver Tabela 173). O Eta parcial ao quadrado (η_p^2) foi de .061 e a potência de .979.

Tabela 173

Descritivas e ANOVA da Variável ASDS

	Rapazes	Raparigas	Valor p^*
n	221	29	$F_w = 25.562$
$M (DP)$	30.764 (13.594)	20.275 (10.028)	$p \leq .001$
Mínimo-Máximo	4 – 63	3 – 51	
Assimetria-Curtose	.311 – -.719	.918 – 1.92	

Nota. *Valor p obtido por ANOVA; $F_w = F$ de Welch.

Na comparação das amostras quanto à MCSDS-SF não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas na escala (ver Tabela 174). O Eta parcial ao quadrado (η_p^2) foi de .000 e a potência de .051.

Tabela 174

Descritivas e ANOVA da Variável MCSDS-SF

	Rapazes	Raparigas	Valor p^*
n	221	29	$F = .01$
$M (DP)$	17.954 (2.371)	18 (2.104)	$p = .922$
Mínimo-Máximo	13 – 24	14 – 22	
Assimetria-Curtose	.184 – -.315	.049 – -.579	

Nota. *Valor p obtido por ANOVA.

5.2.4. Discussão

5.2.4.1. Grupos de participantes do sexo masculino

Na comparação dos participantes do sexo masculino da amostra forense com a amostra escolar relativamente às variáveis sócio-demográficas verificámos a existência de diferenças estatisticamente significativas na maioria das variáveis analisadas. Apenas nas variáveis idade e nacionalidade não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas.

Desde o ponto de vista sócio-demográfico, a amostra forense, comparativamente com a amostra escolar, ficou caracterizada como contendo proporcionalmente mais participantes de etnia cigana e negra, mais participantes de proveniência urbana/semi-urbana, com menos anos de escolaridade, cujos pais têm ambos ciclos de escolaridade completos mais baixos, cujos pais têm ambos um nível sócio-económico mais baixo, cujos pais são proporcionalmente em termos de situação civil mais frequentemente divorciados/separados e falecidos, mais participantes vivem proporcionalmente com apenas um dos pais, com outros familiares ou em instituições, habitam com uma maior quantidade de pessoas, têm mais irmãos/meios-irmãos, e estão proporcionalmente a tomar mais medicamentos psiquiátricos.

Relativamente às variáveis de tipo criminal, na comparação dos participantes do sexo masculino da amostra forense com a amostra escolar, foram encontradas diferenças estatisticamente significativas em todas as variáveis analisadas. A amostra forense caracterizou-se por um envolvimento proporcionalmente maior em actividades ilegais, por uma idade mais precoce de envolvimento em actividades ilegais, por uma maior proporção de problemas com a lei, por uma idade mais precoce de ocorrência do primeiro problema com a lei e por uma maior proporção de entradas em Centro Educativo.

A nível descritivo, relativamente às variáveis criminais na amostra forense, a idade média de primeira entrada em Centro Educativo foi de 15 anos ($DP = 1.2$), o tempo médio de condenação a internamento foi de 17.6 meses ($DP = 6.67$), o tipo mais frequente de crime que levou à entrada em Centro Educativo foi o violento (83.3%), o tipo de medida mais frequente decretada pelos tribunais foi o Internamento (72.6%) e o tipo de regime mais frequente foi o semi-aberto (60.2%).

Na comparação dos participantes do sexo masculino da amostra forense com a amostra escolar relativamente aos instrumentos validados foram encontradas diferenças estatisticamente significativas em quase todas as escalas e respectivas dimensões analisadas, com exceção da dimensão Comportamento Pró-social (P) do SDQ-SR.

Na RSES a amostra forense obteve um valor mais baixo em auto-estima que a amostra escolar. Estes resultados foram ao encontro do que era esperado, dada a ligação que é conhecida existir entre delinquência e auto-estima baixa (e.g., Donnellan et al., 2005; McCarthy & Hoge, 1984; Wooldredge et al., 1994).

No SDQ-SR a amostra forense obteve valores mais altos em Sintomas Emocionais (ES), em Problemas de Comportamento (CP), em Hiperactividade (H) e em Problemas de Relacionamento com os Colegas (PP). Relativamente a Comportamento Pró-social (P) não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas. Estes resultados foram na sua maioria ao encontro das hipóteses por nós formuladas, dada a ligação que é sabido haver entre os comportamentos disruptivos / défice de atenção e os comportamentos anti-sociais que caracterizam a amostra forense (e.g., Barry et al., 2000; Lynam, 1996, Salekin et al., 2004). Esperávamos, todavia, que a amostra escolar tivesse obtido valores significativamente mais elevados em Comportamento Pró-social (P), mas é possível que a ausência desse resultado esperado se tenha devido à baixa potência do teste estatístico nessa comparação em particular.

No APSD-SR a amostra forense obteve valores mais altos no APSD-SR total e nas suas dimensões, nomeadamente Narcisismo-Impulsividade (Nar-Imp), Traços Calosos/não-emocionais (Cal-Une), Narcisismo (Nar) e Impulsividade (Imp). Estes resultados foram de encontro das hipóteses levantadas de que a amostra forense obteria

valores mais elevados em psicopatia e nas dimensões que a constituem (e.g., Andershed, Gustafson, Kerr & Stattin, 2002; Frick et al., 2003; Vitacco et al., 2002).

Na ASDS a amostra forense obteve valores mais altos em delinquência auto-relatada. Estes resultados foram na linha do que era esperado, nomeadamente no maior envolvimento dos jovens da amostra forense em actividades de tipo criminal (e.g., Thornberry & Krohn, 2000), razão pela qual, aliás, se encontram em Centro Educativo.

Na MCSDS-SF a amostra forense obteve valores mais baixos em desajustabilidade social. Estes resultados são contra-intuitivos, dado que se poderia, em termos de senso comum, esperar maiores pontuações em desajustabilidade social por parte dos jovens constituintes da amostra forense (no sentido de estarem a tentar apresentar uma imagem mais positiva de si). Todavia, esta tendência já era prevista a partir da revisão de literatura efectuada (e.g., Lilienfeld & Fowler, 2006).

Podemos concluir que existe uma marcada heterogeneidade na caracterização sócio-demográfica e criminal nos jovens pertencentes às duas amostras, que ocorre também ao nível dos constructos medidos pelos instrumentos validados. As variáveis estudadas, na sua maioria, permitem diferenciar entre as duas amostras a nível psicológico e relacional. Confirma-se, portanto, a hipótese previamente colocada (ver hipótese I).

5.2.4.2. Grupos de participantes do sexo feminino

Na comparação dos participantes do sexo feminino da amostra forense com a amostra escolar relativamente às variáveis sócio-demográficas constatámos a existência de diferenças estatisticamente significativas em muitas das variáveis analisadas. Apenas

não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas nas variáveis idade, etnia, nacionalidade, proveniência rural *versus* urbana e escolaridade do pai e da mãe.

Desde o ponto de vista sócio-demográfico a amostra forense de raparigas, comparativamente com a amostra escolar, ficou caracterizada como contendo proporcionalmente mais participantes com menos anos de escolaridade, cujos pais têm ambos um nível sócio-económico mais baixo, cujos pais são proporcionalmente em termos de situação civil mais frequentemente divorciados/separados e falecidos, mais participantes que vivem proporcionalmente mais frequentemente em instituições, que habitam com uma maior quantidade de pessoas, que têm mais irmãos/meios-irmãos e que estão proporcionalmente a tomar mais medicamentos psiquiátricos.

Na comparação dos participantes do sexo feminino da amostra forense com a amostra escolar relativamente às variáveis de tipo criminal foram encontradas diferenças estatisticamente significativas na grande maioria das variáveis analisadas, sendo que a única excepção foi para a variável relativa à idade de primeiro envolvimento em actividade criminal. A amostra forense de raparigas caracterizou-se por um envolvimento proporcionalmente maior em actividades ilegais, por uma maior proporção de problemas com a lei, por uma idade mais precoce de ocorrência do primeiro problema com a lei e por uma maior proporção de entradas em Centro Educativo.

A nível descritivo, relativamente às variáveis criminais na amostra forense, a idade média de primeira entrada em Centro Educativo foi de 15 anos ($DP = 1.2$), o tempo médio de condenação a internamento foi de 20.1 meses ($DP = 5.17$), o tipo mais frequente de crime que levou à entrada em Centro Educativo foi o violento (85.7%), o

tipo de medida mais frequente decretado pelos tribunais foi o Internamento (60.7%) e o tipo de regime mais frequente foi o semi-aberto (67.9%).

Na comparação dos participantes do sexo feminino da amostra forense com a amostra escolar feminina relativamente aos instrumentos validados foram encontradas diferenças estatisticamente significativas na maioria das escalas e respectivas dimensões analisadas.

Na RSES não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas. No caso do sexo feminino estes resultados não foram ao encontro do que era esperado, dada a ligação que é referida na literatura entre delinquência e auto-estima baixa (e.g., Donnellan et al., 2005; McCarthy & Hoge, 1984; Wooldredge et al., 1994). Todavia, é possível que tal tenha acontecido devido à baixa potência do teste estatístico.

No SDQ-SR a amostra forense obteve valores mais altos em Problemas de Comportamento (CP), em Hiperactividade (H) e em Problemas de Relacionamento com os Colegas (PP). Relativamente a Sintomas Emocionais (ES) e a Comportamento Pró-social não foram encontradas diferenças significativas (todavia, é possível que tal se tenha devido à baixa potencia dos testes estatísticos). Estes resultados foram na sua maioria ao encontro das nossas hipóteses, dada a ligação que é sabido haver entre os comportamentos disruptivos / défice de atenção e os comportamentos anti-sociais que caracterizam a amostra forense (e.g., Barry et al., 2000; Lynam, 1996, Salekin et al., 2004). Esperava-se, todavia, que a amostra forense tivesse obtido valores significativamente mais elevados em Sintomas Emocionais (ES) e que a amostra escolar tivesse obtido valores significativamente mais elevados em Comportamento Pró-social (P), mas é possível que tal se tenha devido às baixas potências dos testes estatísticos nessas comparações.

No APSD-SR a amostra forense obteve valores mais altos no APSD-SR total e na maioria das suas dimensões, nomeadamente Narcisismo-Impulsividade (Nar-Imp), Narcisismo (Nar) e Impulsividade (Imp). Na dimensão Traços Calosos/não-emocionais (Cal-Une) não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas. Estes resultados foram na sua maioria de encontro às hipóteses formuladas de que a amostra forense obteria valores mais elevados em psicopatia e nas dimensões que a constituem (e.g., Andershed, Gustafson, Kerr & Stattin, 2002; Frick et al., 2003; Vitacco et al., 2002). Esperava-se, todavia, que a amostra forense tivesse obtido valores significativamente mais elevados em Traços Calosos/não-emocionais (Cal-Une), mas é possível que tal se tenha devido à baixa potência do teste estatístico utilizado.

Na ASDS a amostra forense obteve valores mais altos em delinquência auto-relatada. Estes resultados foram consonantes com o que era esperado, nomeadamente no maior envolvimento dos jovens da amostra forense em actividades de tipo criminal (e.g., Thornberry & Krohn, 2000).

Na MCSDS-SF não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas a nível de desejabilidade social, todavia, é possível que tal se tenha devido à baixa potência do teste estatístico.

Podemos concluir que existe heterogeneidade na caracterização sócio-demográfica e criminal nas jovens pertencentes às duas amostras, que também ocorre ao nível dos constructos medidos pelos instrumentos validados. Essa heterogeneidade, todavia, não parece ser tão evidente como anteriormente foi visto no caso dos rapazes. As variáveis estudadas, na sua maioria, permitem diferenciar entre as duas amostras a nível psicológico e relacional. Confirma-se também no caso das raparigas a hipótese colocada anteriormente (ver hipótese I).

5.2.4.3. Grupos de participantes dos sexos masculino e feminino da amostra forense

Na comparação dos participantes do sexo feminino e do sexo masculino da amostra forense relativamente às variáveis sócio-demográficas verificámos que não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas na maioria das variáveis, nomeadamente a nível de idade, etnia, nacionalidade, proveniência rural *versus* urbana, nível sócio-económico do pai e da mãe, situação civil dos pais, pessoas com quem vive, quantidade de pessoas com quem vive, quantidade de irmãos/meios-irmãos e toma de medicamentos psiquiátricos.

O grupo forense dos rapazes, comparativamente com o grupo forense das raparigas, distinguiu-se da perspectiva sócio-demográfica como tendo participantes com menos anos de escolaridade completos e cujos pais teriam ambos ciclos de escolaridade completos mais baixos.

Na comparação dos participantes de ambos os sexos da amostra forense relativamente às variáveis de tipo criminal também não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas na grande maioria das variáveis analisadas. A única exceção foi para a variável relativa à idade de primeiro envolvimento em actividade criminal, em que os rapazes obtiveram um valor significativamente mais baixo.

Adicionalmente, também não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas relativamente à idade de primeira entrada em Centro Educativo, ao tempo médio de condenação a internamento, ao tipo mais frequente de crime que levou à entrada em Centro Educativo, ao tipo de medida mais frequente e ao tipo de regime mais frequente. Relativamente ao diagnóstico de Perturbação do Comportamento (PC)

da DSM-IV-TR, 92.8% dos rapazes cumpriam os requisitos diagnósticos contra 82.8% das raparigas; todavia, também não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas (apenas marginalmente significativas). Este nível de prevalência muito alto de PC é típico dos valores encontrados nalgumas amostras forenses (Sevecke & Kosson, 2010).

Na comparação dos participantes de ambos os sexos da amostra forense relativamente aos instrumentos validados não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas na maioria das escalas e respectivas dimensões analisadas.

Na RSES não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas, o que aponta para a ausência de diferenças na auto-estima em adolescentes institucionalizados de ambos os sexos. É possível, no entanto, que tal se tenha devido à baixa potência do teste estatístico utilizado.

No SDQ-SR o grupo das raparigas obteve valores mais altos Sintomas Emocionais (ES) e em Comportamento Pró-social (P), o que era teoricamente esperado dada a maior tendência do sexo feminino ao estabelecimento e manutenção de relações sociais e à maior demonstração de emoções negativas (e.g., Salekin et al., 2005). Relativamente a Problemas de Comportamento (CP), Hiperactividade (H) e Problemas de Relacionamento com os Colegas (PP) não foram encontradas diferenças significativas. Tal não era esperado dada a maior prevalência de perturbação de comportamento e diagnósticos associados em rapazes (e.g., Sevecke & Kosson, 2010). Novamente tal pode ter-se devido à real e concreta ausência de diferenças relativamente a estes constructos em sujeitos institucionalizados ou à baixa potência dos testes estatísticos.

No APSD-SR o grupo dos rapazes obteve valores mais altos no APSD-SR total e na dimensão Traços Calosos/não-emocionais (Cal-Une). Não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas nas dimensões Narcisismo-Impulsividade (Nar-Imp), Narcisismo (Nar) e Impulsividade (Imp). É possível que tal se tenha devido à baixa potência dos testes estatísticos utilizados, mas uma explicação alternativa consiste na possibilidade de os rapazes demonstrarem de facto mais insensibilidade emocional que as raparigas (e.g., Frick, Bodin & Barry, 2000) e maiores valores totais em psicopatia (e.g., Dadds et al., 2005).

Na ASDS o grupo dos rapazes obteve valores mais altos em delinquência auto-relatada. Tal era esperado dado que é sabido da literatura que os comportamentos delinquentes estão desproporcionalmente concentrados em jovens do sexo masculino (e.g., Hawkins, Laub & Lauritsen, 1998; Lipsey & Derzon, 1998).

Na MCSDS-SF não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas a nível da desejabilidade social. Todavia, mais uma vez é possível que seja tenha devido à baixa potência do teste estatístico utilizado.

Podemos concluir que existe predominantemente uma relativa homogeneidade na caracterização sócio-demográfica e criminal de ambos os sexos na amostra forense, que também ocorre ao nível dos constructos medidos pelos instrumentos validados. As comparações feitas relativamente à amostra forense de rapazes e raparigas permitem afirmar que esta aparenta ser mais homogénea entre si que as comparações feitas entre as amostras forenses e as amostras escolares por sexo.

A avaliação dos traços psicopáticos merece uma atenção especial na discussão. Foram encontradas diferenças estatisticamente significativas entre os rapazes e as raparigas institucionalizados, com os rapazes a pontuar mais alto na pontuação global

do APSD-SR e na dimensão Traços Calosos/não-emocionais, o que faz com que a hipótese de os rapazes da amostra forense apresentarem traços psicopáticos significativamente mais elevados que as raparigas se tenha confirmado apenas parcialmente (ver hipótese II). Estes resultados não corroboram também inteiramente as hipóteses avançadas por Verona et al. (2010) de que as diferenças na prevalência de traços psicopáticos tenderiam a ser nulas ou de que haveria manifestações potencialmente mais graves nos traços psicopáticos de adolescentes do sexo feminino institucionalizadas do que nos do sexo masculino.

Na verdade os resultados apontam na direcção oposta, nomeadamente no sentido de as raparigas institucionalizadas pontuarem mais baixo, pelo menos no que diz respeito aos traços psicopáticos em geral e na dimensão traços calosos/não-emocionais. Tal é consistente com investigações prévias (e.g., Frick, Bodin & Barry, 2000; Marsee, Silverhorn & Frick, 2005). Não foram encontradas diferenças a nível das dimensões narcisismo e impulsividade, em princípio devido ao baixo poder dos testes utilizados.

Relacionado com este tópico também é relevante referir os problemas de comportamento, nomeadamente a nível de sintomas emocionais e de comportamento pró-social. As raparigas aparentam ter menos dificuldades a nível do comportamento voluntário que promove relações benéficas com as outras pessoas, e demonstram ter mais sintomas emocionais. Tal é consistente com as evidências encontradas por Salekin et al. (2005) relativamente à associação dos traços psicopáticos com a ansiedade e a preocupação nas fases desenvolvimentais mais precoces, pelo menos no que toca às raparigas. Os resultados ajudam a explicar porque é que a prevalência de traços psicopáticos é mais baixa em raparigas, pelo menos na nossa amostra.

5.3. Estudo 3: Comparações entre os grupos de traços psicopáticos altos e baixos

De seguida são apresentados os resultados e respectivas discussões da MANOVA e das comparações efectuadas entre rapazes dos grupos APSD alto e baixo, entre raparigas dos grupos APSD alto e baixo e entre rapazes e raparigas do grupo APSD alto.

5.3.1. Resultados das variáveis sócio-demográficas

5.3.1.1. Grupos de participantes do sexo masculino

Na tabela seguinte podem observar-se dados relativos ao número e respectiva percentagem dos participantes do sexo masculino por grupo (ver Tabela 175).

Tabela 175

Número e Percentagem de Participantes por Centros Educativos e Escolas Amostras APSD Baixo <11 e APSD Alto ≥12 do Sexo Masculino

	APSD Baixo <11	APSD Alto ≥12	N total	Percentagem total
Amostra Forense	54	167	221	40.6%
CE da Belavista	17	39	56	10.3%
CE Navarro de Paiva	16	40	56	10.3%
CE Padre A. Oliveira	8	24	32	5.9%
CE dos Olivais	6	29	35	6.4%
CE de Santo António	4	25	29	5.3%
CE do Mondego	3	10	13	2.4%
Amostra Escolar	208	113	322	59.3%
Escola Bas/Sec da Amora	118	59	177	32.6%
Escola Sec do Monte Caparica	42	27	69	12.7%
Escola Bas/Sec A. Andrade	30	15	45	8.3%
Escola Bas/Sec A. Neves	18	12	31	5.7%
Amostra Total	262	281	543	100%

Nota. N = Número de participantes; CE = Centro Educativo; Escola Bas/Sec = Escola Básica e Secundária; Escola Sec = Escola Secundária.

Relativamente à variável idade não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas entre os dois grupos (ver Tabela 176).

Tabela 176

Descritivas e ANOVA da variável sócio-demográfica Idade

Idade	APSD Baixo <11	APSD Alto ≥12	Valor p^*
<i>n</i>	262	280	$F = .063$
<i>M (DP)</i>	15.94 (1.502)	15.97 (1.5)	$p = .801$
Mínimo-Máximo	12 – 20	13 – 20	
Assimetria-Curtose	.289 – .533	.190 – -.153	

Nota. *Valor p obtido por ANOVA.

Na variável Grupo Étnico foram encontradas diferenças estatisticamente significativas, com o grupo APSD Baixo a ter mais jovens brancos e o grupo APSD Alto a ter mais jovens mulatos (ver Tabela 177).

Tabela 177

Descritivas e Teste de Qui-quadrado da variável sócio-demográfica Grupo Étnico

	APSD Baixo <11	APSD Alto ≥12	Valor p^*
Branco	174 (66.4%)	158 (56.4%)	$\chi^2 = 14.929$
Negro	63 (24%)	68 (24.3%)	$p \leq .01$
Mulato	19 (7.3%)	46 (16.4%)	
Cigano	4 (1.5%)	8 (2.9%)	
Outra	2 (0.8%)	0 (0%)	
<i>n</i>	262 (100%)	280 (100%)	

Nota. *Valor p obtido por Qui-quadrado (Exact sig. 2-sided); χ^2 = Qui-quadrado.

Na variável Nacionalidade não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas (ver Tabela 178).

Tabela 178

Descritivas e Teste de Qui-quadrado da variável sócio-demográfica Nacionalidade

	APSD Baixo <11	APSD Alto ≥12	Valor p^*
Portuguesa	210 (80.2%)	231 (82.5%)	$\chi^2 = 1.175$
Países da Europa	3 (1.1%)	5 (1.8%)	$p = .760$
Países de África	41 (15.6%)	37 (13.2%)	
Outras	8 (3.1%)	7 (2.5%)	
<i>n</i>	262 (100%)	280 (100%)	

Nota. *Valor p obtido por Qui-quadrado (Exact sig. 2-sided); χ^2 = Qui-quadrado.

No que diz respeito à variável Rural *versus* Urbano não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas, apenas marginalmente significativas (ver Tabela 179).

Tabela 179

Descritivas e Teste de Qui-quadrado da variável sócio-demográfica Rural vs. Urbano

	APSD Baixo <11	APSD Alto ≥12	Valor p^*
Rural	1 (0.4%)	7 (2.5%)	$\chi^2 = 4.176$
Urbano	261 (99.6%)	273 (97.5%)	$p = .069$
<i>n</i>	262 (100%)	280 (100%)	

Nota. *Valor p obtido por Qui-quadrado (Exact sig. 2-sided); χ^2 = Qui-quadrado.

Na variável Ano de escolaridade completo dos jovens foram encontradas diferenças estatisticamente significativas (ver Tabela 180).

Tabela 180

Descritivas e ANOVA da variável sócio-demográfica Ano de Escolaridade Completo do Jovem

Idade	APSD Baixo <11	APSD Alto ≥12	Valor p^*
<i>n</i>	262	275	$F_w = 57.694$
<i>M</i> (DP)	8.16 (1.979)	6.72 (2.403)	$p \leq .001$
Mínimo-Máximo	4 – 12	1 – 12	
Assimetria-Curtose	-.655 – -.197	.309 – -.777	

Nota. *Valor p obtido por ANOVA; F_w = F de Welch.

Relativamente à variável Ciclo de escolaridade completo do pai foram encontradas diferenças estatisticamente significativas (ver Tabela 181).

Tabela 181

Descritivas e Teste de U Mann-Whitney da variável sócio-demográfica Ciclo de Escolaridade Completo do Pai

	APSD Baixo <11	APSD Alto ≥12	Valor p^*
n	218	208	$U = 19043.5$
Média das ordens	2130.14	196.06	$p \leq .01$
Mediana	3	2	
Mínimo-Máximo	0 – 5	0 – 5	
Assimetria-Curtose	.058 – -1.301	.328 – -1.242	

Nota. *Valor p obtido por Teste de U Mann-Whitney (Exact sig. 2-sided); $U = U$ de Mann-Whitney.

O mesmo se passou quanto à variável Ciclo de escolaridade completo da mãe dado que foram encontradas diferenças estatisticamente significativas (ver Tabela 182).

Tabela 182

Descritivas e Teste de U Mann-Whitney da variável sócio-demográfica Ciclo de Escolaridade Completo da Mãe

	APSD Baixo <11	APSD Alto ≥12	Valor p^*
n	236	235	$U = 20623.5$
Média das ordens	266.11	205.76	$p \leq .001$
Mediana	3	2	
Mínimo-Máximo	0 – 5	0 – 5	
Assimetria-Curtose	.26 – -1.149	.392 – -1.021	

Nota. *Valor p obtido por Teste de U Mann-Whitney (Exact sig. 2-sided); $U = U$ de Mann-Whitney.

Relativamente à variável Nível sócio-económico do pai foram encontradas diferenças estatisticamente significativas (ver Tabela 183).

Tabela 183

Descritivas e Teste de U Mann-Whitney da variável sócio-demográfica NSE do Pai

	APSD Baixo <11	APSD Alto ≥12	Valor p^*
<i>n</i>	236	239	$U = 25258$
Média das ordens	250.47	225.68	$p \leq .05$
Mediana	0	0	
Mínimo-Máximo	0 – 2	0 – 2	
Assimetria-Curtose	1.213 – .479	1.504 – 1.160	

Nota. *Valor p obtido por Teste de U Mann-Whitney (Exact sig. 2-sided); $U = U$ de Mann-Whitney.

O mesmo se passou relativamente à variável Nível sócio-económico da mãe dado que foram encontradas diferenças estatisticamente significativas (ver Tabela 184).

Tabela 184

Descritivas e Teste de U Mann-Whitney da variável sócio-demográfica NSE da Mãe

	APSD Baixo <11	APSD Alto ≥12	Valor p^*
<i>n</i>	246	267	$U = 28456$
Média das ordens	274.83	240.58	$p \leq .001$
Mediana	0	0	
Mínimo-Máximo	0 – 2	0 – 2	
Assimetria-Curtose	1.204 – .309	1.978 – 2.567	

Nota. *Valor p obtido por Teste de U Mann-Whitney (Exact sig. 2-sided); $U = U$ de Mann-Whitney.

No caso da Situação civil dos pais encontrámos diferenças estatisticamente significativas, com o grupo APSD Baixo a ter maior proporção de pais casados/juntos e o grupo APSD Alto a ter maior proporção de pais divorciados/separados e ambos falecidos (ver Tabela 185).

Tabela 185

Descritivas e Teste de Qui-quadrado da variável sócio-demográfica Situação Civil dos Pais

	APSD Baixo <11	APSD Alto ≥12	Valor p^*
Pais casados/juntos	173	117	$\chi^2 = 34.957$ $p \leq .001$
Pais divorciados /separados	71	128	
Pai faleceu	14	22	
Mãe faleceu	3	7	
Pais faleceram	0	5	
<i>n</i>	261 (100%)	279 (100%)	

Nota. *Valor p obtido por Qui-quadrado (Exact sig. 2-sided); χ^2 = Qui-quadrado.

Relativamente à variável Com quem vive foram encontradas diferenças estatisticamente significativas, com os jovens do grupo APSD Baixo a viver proporcionalmente mais com ambos os pais, e os jovens do grupo APSD Alto a viver mais com a mãe, com a mãe e outros familiares e com outros familiares que não os pais (ver Tabela 186).

Tabela 186

Descritivas e Teste de Qui-quadrado da variável sócio-demográfica Com Quem Vive

	APSD Baixo <11	APSD Alto ≥12	Valor p^*
Pais	152 (58.2%)	93 (33.7%)	$\chi^2 = 40.870$ $p \leq .001$
Pais e outros familiares	19 (7.3%)	14 (5%)	
Mãe (e irmãos)	36 (13.8%)	59 (21.4%)	
Mãe e outros familiares	25 (9.6%)	49 (17.8%)	
Pai (e irmãos)	2 (0.8%)	8 (2.9%)	
Pai e outros familiares	6 (2.3%)	8 (2.9%)	
Outros familiares	15 (5.7%)	34 (12.3%)	
Instituição de acolhimento	2 (0.8%)	5 (1.8%)	
Outras situações	4 (1.5%)	5 (2.2%)	
<i>n</i>	261 (100%)	276 (100%)	

Nota. *Valor p obtido por Qui-quadrado (Exact sig. 2-sided); χ^2 = Qui-quadrado.

Na variável Quantidade de pessoas com quem vive não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas (ver Tabela 187).

Tabela 187

Descritivas e Teste de U Mann-Whitney da variável sócio-demográfica Quantidade de Pessoas com Quem Vive

	APSD Baixo <11	APSD Alto ≥12	Valor p^*
<i>n</i>	260	272	$U = 34512$
Média das ordens	263.24	269.62	$p = .624$
Mediana	4	4	
Mínimo-Máximo	1 – 16	1 – 11	
Assimetria-Curtose	2.772 – 15.486	1.048 – 1.695	

Nota. *Valor p obtido por Teste de U Mann-Whitney (2-sided); $U = U$ de Mann-Whitney.

Na variável Quantidade de irmãos/meios-irmãos foram encontradas diferenças estatisticamente significativas (ver Tabela 188).

Tabela 188

Descritivas e Teste de U Mann-Whitney da variável sócio-demográfica Quantidade de Irmãos/meios-irmãos

	APSD Baixo <11	APSD Alto ≥12	Valor p^*
<i>n</i>	259	278	$U = 27523.5$
Média das ordens	236.27	299.49	$p \leq .001$
Mediana	2	3	
Mínimo-Máximo	1 – 21	1 – 14	
Assimetria-Curtose	3.147 – 15.206	1.382 – 2.178	

Nota. *Valor p obtido por Teste de U Mann-Whitney (2-sided); $U = U$ de Mann-Whitney.

No que concerne à variável toma de Medicamentos psiquiátricos foram encontradas diferenças estatisticamente significativas proporcionalmente favoráveis ao grupo APSD Alto (ver Tabela 189).

Tabela 189

Descritivas e Teste de Qui-quadrado da variável sócio-demográfica Medicamentos Psiquiátricos

	APSD Baixo <11	APSD Alto ≥12	Valor p^*
Não	255 (97.7%)	231 (82.5%)	$\chi^2 = 34.178$
Sim	6 (2.3%)	49 (17.5%)	$p \leq .001$
<i>n</i>	261 (100%)	280 (100%)	

Nota. *Valor p obtido por Qui-quadrado (Exact sig. 2-sided); χ^2 = Qui-quadrado.

5.3.1.2. Grupos de participantes do sexo feminino

Na tabela seguinte podemos observar os dados relativos ao número e percentagem de participantes do sexo feminino por grupo APSD (ver Tabela 190).

Tabela 190

Número e Percentagem de Participantes por Centros Educativos e Escolas Amostras APSD Baixo <11 e APSD Alto ≥12 do Sexo Feminino

	APSD Baixo <11	APSD Alto ≥12	<i>N</i> total	Percentagem total
Amostra Forense	10	19	29	13.4%
CE da Belavista	2	3	5	2.3%
CE Navarro de Paiva	8	16	24	11.1%
Amostra Escolar	143	45	188	86.6%
Escola Bás/Sec da Amora	81	29	110	50.7%
Escola Sec do Monte Caparica	11	4	15	6.9%
Escola Bás/Sec A. Andrade	16	6	22	10.1%
Escola Bás/Sec A. Neves	35	6	41	18.9%
Amostra Total	153	64	217	100%

Nota. *N* = Número de participantes; CE = Centro Educativo; Escola Bás/Sec = Escola Básica e Secundária.

Relativamente à variável Idade não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas entre os grupos APSD Baixo e APSD Alto (ver Tabela 191).

Tabela 191

Descritivas e ANOVA da variável sócio-demográfica Idade

Idade	APSD Baixo <11	APSD Alto ≥12	Valor p^*
<i>n</i>	153	64	$F = .187$
<i>M (DP)</i>	15.78 (1.419)	15.88 (1.386)	$p = .666$
Mínimo-Máximo	13 – 20	14 – 19	
Assimetria-Curtose	.389 – .041	.342 – -.733	

Nota. *Valor p obtido por ANOVA.

No que diz respeito à variável Grupo Étnico não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas (ver Tabela 192).

Tabela 192

Descritivas e Teste de Qui-quadrado da variável sócio-demográfica Grupo Étnico

	APSD Baixo <11	APSD Alto ≥12	Valor p^*
Branco	88 (57.5%)	33 (51.6%)	$\chi^2 = 5.385$
Negro	38 (24.8%)	15 (23.4%)	$p = .251$
Mulato	21 (13.7%)	15 (23.4%)	
Cigano	1 (0.7%)	1 (1.6%)	
Outra	5 (3.3%)	0 (0%)	
<i>n</i>	153 (100%)	64 (100%)	

Nota. *Valor p obtido por Qui-quadrado (Exact sig. 2-sided); χ^2 = Qui-quadrado.

No que concerne à variável Nacionalidade não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas (ver Tabela 193).

Tabela 193

Descritivas e Teste de Qui-quadrado da variável sócio-demográfica Nacionalidade

	APSD Baixo <11	APSD Alto ≥12	Valor p^*
Portuguesa	118 (77.1%)	48 (75%)	$\chi^2 = 3.006$
Países da Europa	0 (0%)	1 (1.6%)	$p = .431$
Países de África	30 (19.6%)	14 (21.9%)	
Outras	5 (3.3%)	1 (1.6%)	
<i>n</i>	153 (100%)	64 (100%)	

Nota. *Valor p obtido por Qui-quadrado (Exact sig. 2-sided); χ^2 = Qui-quadrado.

Na variável Rural *versus* Urbano não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas (ver Tabela 194).

Tabela 194

Descritivas e Teste de Qui-quadrado da variável sócio-demográfica Rural vs. Urbano

	APSD Baixo <11	APSD Alto ≥12	Valor p^*
Rural	1 (0.7%)	0 (0%)	$\chi^2 = .420$
Urbano	152 (99.3%)	64 (100%)	$p = 1.00$
<i>n</i>	153 (100%)	64 (100%)	

Nota. *Valor p obtido por Qui-quadrado (Exact sig. 2-sided); χ^2 = Qui-quadrado.

Relativamente à variável Ano de escolaridade completo dos jovens foram encontradas diferenças estatisticamente significativas (ver Tabela 195).

Tabela 195

Descritivas e ANOVA da variável sócio-demográfica Ano de Escolaridade Completo do Jovem

Idade	APSD Baixo <11	APSD Alto ≥12	Valor p^*
<i>n</i>	153	64	$F_w = 8.132$
<i>M</i> (DP)	9.32 (1.555)	8.56 (2.246)	$p \leq .01$
Mínimo-Máximo	4 – 12	4 – 12	
Assimetria-Curtose	-.792 – .789	-.349 – -1.092	

Nota. *Valor p obtido por ANOVA; F_w = F de Welch.

Na variável Ciclo de escolaridade completo do pai não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas (ver Tabela 196).

Tabela 196

Descritivas e Teste de U Mann-Whitney da variável sócio-demográfica Ciclo de Escolaridade Completo do Pai

	APSD Baixo <11	APSD Alto ≥12	Valor p^*
<i>n</i>	132	53	$U = 3314.5$
Média das ordens	91.61	96.46	$p = .570$
Mediana	3	3	
Mínimo-Máximo	0 – 5	1 – 5	
Assimetria-Curtose	-.085 – -1.305	-.096 – -1.272	

Nota. *Valor p obtido por Teste de U Mann-Whitney (Exact sig. 2-sided); $U = U$ de Mann-Whitney.

O mesmo se passou para a variável Ciclo de escolaridade completo da mãe dado que não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas (ver Tabela 197).

Tabela 197

Descritivas e Teste de U Mann-Whitney da variável sócio-demográfica Ciclo de Escolaridade Completo da Mãe

	APSD Baixo <11	APSD Alto ≥12	Valor <i>p</i> *
<i>n</i>	140	59	<i>U</i> = 3851.5
Média das ordens	98.01	104.72	<i>p</i> = .443
Mediana	3	3	
Mínimo-Máximo	0 – 5	0 – 5	
Assimetria-Curtose	-.146 – -.983	-.109 – -1.165	

Nota. *Valor *p* obtido por Teste de U Mann-Whitney (Exact sig. 2-sided); *U* = *U* de Mann-Whitney.

Relativamente à variável Nível sócio-económico do pai não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas (ver Tabela 198).

Tabela 198

Descritivas e Teste de U Mann-Whitney da variável sócio-demográfica NSE do Pai

	APSD Baixo <11	APSD Alto ≥12	Valor <i>p</i> *
<i>n</i>	143	60	<i>U</i> = 4257
Média das ordens	102.23	101.45	<i>p</i> = .923
Mediana	0	0	
Mínimo-Máximo	0 – 2	0 – 2	
Assimetria-Curtose	.936 – -.106	1.154 – .223	

Nota. *Valor *p* obtido por Teste de U Mann-Whitney (Exact sig. 2-sided); *U* = *U* de Mann-Whitney.

O mesmo se passou na variável Nível sócio-económico da mãe, em que também não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas (ver Tabela 199).

Tabela 199

Descritivas e Teste de U Mann-Whitney da variável sócio-demográfica NSE da Mãe

	APSD Baixo <11	APSD Alto ≥12	Valor p^*
<i>n</i>	149	62	$U = 4433.5$
Média das ordens	104.76	108.99	$p = .514$
Mediana	0	0	
Mínimo-Máximo	0 – 1	0 – 2	
Assimetria-Curtose	1.355 – -.166	1.476 – 1.199	

Nota. *Valor p obtido por Teste de U Mann-Whitney (Exact sig. 2-sided); $U = U$ de Mann-Whitney.

No que concerne à variável Situação civil dos pais não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas (ver Tabela 200).

Tabela 200

Descritivas e Teste de Qui-quadrado da variável sócio-demográfica Situação Civil dos Pais

	APSD Baixo <11	APSD Alto ≥12	Valor p^*
Pais casados/juntos	86 (56.6%)	36 (58.1%)	$\chi^2 = 4.731$ $p = .315$
Pais divorciados /separados	59 (38.8%)	20 (32.2%)	
Pai faleceu	4 (2.6%)	4 (6.5%)	
Mãe faleceu	3 (2%)	1 (1.6%)	
Pais faleceram	0 (0%)	1 (1.6%)	
<i>n</i>	152 (100%)	62 (100%)	

Nota. *Valor p obtido por Qui-quadrado (Exact sig. 2-sided); $\chi^2 =$ Qui-quadrado.

Na variável Com quem a jovem vive não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas entre os grupos APSD Baixo e APSD Alto (ver Tabela 201).

Tabela 201

Descritivas e Teste de Qui-quadrado da variável sócio-demográfica Com Quem Vive

	APSD Baixo <11	APSD Alto ≥12	Valor p^*
Pais	72 (47.4%)	32 (50.8%)	$\chi^2 = 5.252$ $p = .755$
Pais e outros familiares	13 (8.6%)	2 (3.2%)	
Mãe (e irmãos)	23 (15.1%)	9 (14.3%)	
Mãe e outros familiares	19 (12.5%)	8 (12.7%)	
Pai (e irmãos)	4 (2.6%)	0 (0%)	
Pai e outros familiares	6 (3.9%)	2 (3.2%)	
Outros familiares	11 (7.2%)	8 (12.7%)	
Instituição de acolhimento	2 (1.3%)	1 (1.6%)	
Outras situações	2 (1.3%)	1 (1.6%)	
<i>n</i>	152 (100%)	63 (100%)	

Nota. *Valor p obtido por Qui-quadrado (Exact sig. 2-sided); χ^2 = Qui-quadrado.

Na variável Quantidade de pessoas com quem vive não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas (ver Tabela 202).

Tabela 202

Descritivas e Teste de U Mann-Whitney da variável sócio-demográfica Quantidade de Pessoas com Quem Vive

	APSD Baixo <11	APSD Alto ≥12	Valor p^*
<i>n</i>	150	62	$U = 4169$
Média das ordens	103.29	114.26	$p = .221$
Mediana	4	4	
Mínimo-Máximo	1 – 11	2 – 13	
Assimetria-Curtose	1.396 – 4.046	2.034 – 5.897	

Nota. *Valor p obtido por Teste U de Mann-Whitney (Exact sig. 2-sided); $U = U$ de Mann-Whitney.

Relativamente à variável Quantidade de irmãos/meios-irmãos não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas (ver Tabela 203).

Tabela 203

Descritivas e Teste de U Mann-Whitney da variável sócio-demográfica Quantidade de Irmãos/meios-irmãos

	APSD Baixo <11	APSD Alto ≥12	Valor p^*
<i>n</i>	152	62	$U = 4484.5$
Média das ordens	106	111.17	$p = .572$
Mediana	3	3	
Mínimo-Máximo	1 – 13	1 – 14	
Assimetria-Curtose	1.686 – 3.419	1.965 – 4.591	

Nota. *Valor p obtido por Teste U de Mann-Whitney (Exact sig. 2-sided); $U = U$ de Mann-Whitney.

Na variável toma de Medicamentos psiquiátricos foram encontradas diferenças estatisticamente significativas favoráveis à toma por parte do grupo APSD Alto (ver Tabela 204).

Tabela 204

Descritivas e Teste de Qui-quadrado da variável sócio-demográfica Medicamentos Psiquiátricos

	APSD Baixo <11	APSD Alto ≥12	Valor p^*
Não	145 (95.4%)	55 (87.3%)	$\chi^2 = 4.495$
Sim	7 (4.6%)	8 (12.7%)	$p \leq .05$
<i>n</i>	152 (100%)	63 (100%)	

Nota. *Valor p obtido por Qui-quadrado (Exact sig. 2-sided); $\chi^2 =$ Qui-quadrado.

5.3.1.3. Grupos de participantes dos sexos masculino e feminino de traços psicopáticos altos

Na tabela seguinte podem observar-se dados relativos ao sexo, ao número e à percentagem de participantes para o grupo APSD Alto ≥ 12 (ver Tabela 205).

Tabela 205

Sexo, Número e Percentagem de Participantes por Centros Educativos e Escolas Grupo APSD Alto ≥ 12

	Rapazes	Raparigas	N total	Percentagem total
Amostra Forense	167	19	186	54.1%
CE da Belavista	39	3	42	12.2%
CE Navarro de Paiva	40	16	56	16.3%
CE Padre A. Oliveira	24	0	24	7%
CE dos Olivais	29	0	29	8.4%
CE de Santo António	25	0	25	7.3%
CE do Mondego	10	0	10	2.9%
Amostra Escolar	113	45	158	45.9%
Escola Bas/Sec da Amora	59	29	88	25.6%
Escola Sec do Monte Caparica	27	4	31	9%
Escola Bas/Sec A. Andrade	15	6	21	6.1%
Escola Bas/Sec A. Neves	12	6	18	5.2%
Amostra Total	280	64	344	100%

Nota. N = Número de participantes; CE = Centro Educativo; Escola Bas/Sec = Escola Básica e Secundária; Escola Sec = Escola Secundária.

Relativamente à Idade não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas entre os dois grupos (ver Tabela 206).

Tabela 206

Descritivas e ANOVA da variável sócio-demográfica Idade

Idade	Rapazes	Raparigas	Valor p^*
<i>n</i>	280	64	$F = .221$
<i>M (DP)</i>	15.97 (1.5)	15.88 (1.386)	$p = .638$
Mínimo-Máximo	13 – 20	14 – 19	
Assimetria-Curtose	.190 – -.153	.342 – -.733	

Nota. *Valor p obtido por ANOVA.

Na variável Grupo étnico não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas (ver Tabela 207).

Tabela 207

Descritivas e Teste de Qui-quadrado da variável sócio-demográfica Grupo Étnico

	Rapazes	Raparigas	Valor p^*
Branco	158 (56.4%)	33 (51.6%)	$\chi^2 = 2.015$ $p = .584$
Negro	68 (24.3%)	15 (23.4%)	
Mulato	46 (16.4%)	15 (23.4%)	
Cigano	8 (2.9%)	1 (1.6%)	
<i>n</i>	280 (100%)	64 (100%)	

Nota. *Valor p obtido por Qui-quadrado (Exact sig. 2-sided); χ^2 = Qui-quadrado.

Na variável Nacionalidade não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas (ver Tabela 208).

Tabela 208

Descritivas e Teste de Qui-quadrado da variável sócio-demográfica Nacionalidade

	Rapazes	Raparigas	Valor p^*
Portuguesa	231 (82.5%)	48 (75%)	$\chi^2 = 3.209$ $p = .372$
Países da Europa	5 (1.8%)	1 (1.6%)	
Países de África	37 (13.2%)	14 (21.9%)	
Outras	7 (2.5%)	1 (1.6%)	
<i>n</i>	280 (100%)	64 (100%)	

Nota. *Valor p obtido por Qui-quadrado (Exact sig. 2-sided); χ^2 = Qui-quadrado.

No que concerne à variável Rural *versus* Urbano não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas (ver Tabela 209).

Tabela 209

Descritivas e Teste de Qui-quadrado da variável sócio-demográfica Rural vs. Urbano

	Rapazes	Raparigas	Valor p^*
Rural	7 (2.5%)	0 (0%)	$\chi^2 = 1.633$ $p = .356$
Urbano	273 (97.5%)	64 (100%)	
<i>n</i>	280 (100%)	64 (100%)	

Nota. *Valor p obtido por Qui-quadrado (Exact sig. 2-sided); χ^2 = Qui-quadrado.

Na variável Ano de escolaridade completo do jovem foram encontradas diferenças estatisticamente significativas (ver Tabela 210).

Tabela 210

Descritivas e ANOVA da variável sócio-demográfica Ano de Escolaridade Completo do Jovem

Idade	Rapazes	Raparigas	Valor p^*
<i>n</i>	275	64	$F = 31.391$
<i>M (DP)</i>	6.72 (2.403)	8.56 (2.246)	$p \leq .001$
Mínimo-Máximo	1 – 12	4 – 12	
Assimetria-Curtose	.309 – -.777	-.349 – -1.092	

Nota. *Valor p obtido por ANOVA.

Relativamente à variável Ciclo de escolaridade completo do pai foram encontradas diferenças estatisticamente significativas (ver Tabela 211).

Tabela 211

Descritivas e Teste de U Mann-Whitney da variável sócio-demográfica Ciclo de Escolaridade Completo do Pai

	Rapazes	Raparigas	Valor p^*
<i>n</i>	208	53	$U = 4304$
Média das ordens	125.19	153.79	$p \leq .05$
Mediana	2	3	
Mínimo-Máximo	0 – 5	1 – 5	
Assimetria-Curtose	.328 – -1.242	-.096 – -1.272	

Nota. *Valor p obtido por Teste de U Mann-Whitney (Exact sig. 2-sided); $U = U$ de Mann-Whitney.

O mesmo se passou relativamente ao Ciclo de escolaridade completo da mãe dado que também foram encontradas diferenças estatisticamente significativas (ver Tabela 212).

Tabela 212

Descritivas e Teste de U Mann-Whitney da variável sócio-demográfica Ciclo de Escolaridade Completo da Mãe

	Rapazes	Raparigas	Valor p^*
n	235	59	$U = 5106$
Média das ordens	139.73	178.46	$p \leq .001$
Mediana	2	3	
Mínimo-Máximo	0 – 5	0 – 5	
Assimetria-Curtose	.392 – -1.021	-.109 – -1.165	

Nota. *Valor p obtido por Teste de U Mann-Whitney (Exact sig. 2-sided); $U = U$ de Mann-Whitney.

No que diz respeito à variável Nível sócio-económico do pai foram encontradas diferenças estatisticamente significativas (ver Tabela 213).

Tabela 213

Descritivas e Teste de U Mann-Whitney da variável sócio-demográfica NSE do Pai

	Rapazes	Raparigas	Valor p^*
n	239	60	$U = 6169$
Média das ordens	145.81	166.68	$p \leq .05$
Mediana	0	0	
Mínimo-Máximo	0 – 2	0 – 2	
Assimetria-Curtose	1.504 – 1.160	1.154 – .223	

Nota. *Valor p obtido por Teste de U Mann-Whitney (Exact sig. 2-sided); $U = U$ de Mann-Whitney.

Na variável Nível sócio-económico da mãe não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas, apenas marginalmente significativas (ver Tabela 214).

Tabela 214

Descritivas e Teste de U Mann-Whitney da variável sócio-demográfica NSE da Mãe

	Rapazes	Raparigas	Valor p^*
n	267	62	$U = 7491$
Média das ordens	162.06	177.68	$p = .082$
Mediana	0	0	
Mínimo-Máximo	0 – 2	0 – 2	
Assimetria-Curtose	1.978 – 2.567	1.476 – 1.199	

Nota. *Valor p obtido por Teste de U Mann-Whitney (Exact sig. 2-sided); $U = U$ de Mann-Whitney.

Na variável Situação civil dos pais não se encontraram diferenças estatisticamente significativas (ver Tabela 215).

Tabela 215

Descritivas e Teste de Qui-quadrado da variável sócio-demográfica Situação Civil dos Pais

	Rapazes	Raparigas	Valor p^*
Pais casados/juntos	117 (41.9%)	36 (58.1%)	$\chi^2 = 5.429$ $p = .235$
Pais divorciados /separados	128 (45.9%)	20 (32.3%)	
Pai faleceu	22 (7.9%)	4 (6.5%)	
Mãe faleceu	7 (2.5%)	1 (1.6%)	
Pais faleceram	5 (1.8%)	1 (1.6%)	
<i>n</i>	279 (100%)	62 (100%)	

Nota. *Valor p obtido por Qui-quadrado (Exact sig. 2-sided); χ^2 = Qui-quadrado.

Na variável Com quem vive não foram encontradas diferenças significativas (ver Tabela 216).

Tabela 216

Descritivas e Teste de Qui-quadrado da variável sócio-demográfica Com Quem Vive

	Rapazes	Raparigas	Valor p^*
Pais	93 (33.7%)	32 (50.8%)	$\chi^2 = 8.469$ $p = .383$
Pais e outros familiares	14 (5.1%)	2 (3.2%)	
Mãe (e irmãos)	59 (21.4%)	9 (14.3%)	
Mãe e outros familiares	49 (17.8%)	8 (12.7%)	
Pai (e irmãos)	8 (2.9%)	0 (0%)	
Pai e outros familiares	8 (2.9%)	2 (3.2%)	
Outros familiares	34 (12.3%)	8 (12.7%)	
Instituição de acolhimento	5 (1.8%)	1 (1.6%)	
Outras situações	6 (2.2%)	1 (1.6%)	
<i>n</i>	276 (100%)	63 (100%)	

Nota. *Valor p obtido por Qui-quadrado (Exact sig. 2-sided); χ^2 = Qui-quadrado.

No que diz respeito à variável Quantidade de pessoas com quem vive não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas (ver Tabela 217).

Tabela 217

Descritivas e Teste de U Mann-Whitney da variável sócio-demográfica Quantidade de Pessoas com Quem Vive

	Rapazes	Raparigas	Valor p^*
<i>n</i>	272	62	$U = 8044.5$
Média das ordens	166.08	173.75	$p = .565$
Mediana	4	4	
Mínimo-Máximo	1 – 11	2 – 13	
Assimetria-Curtose	1.048 – 1.695	2.034 – 5.897	

Nota. *Valor p obtido por Teste de U Mann-Whitney (Exact sig. 2-sided); $U = U$ de Mann-Whitney.

Na variável Quantidade de irmãos/meios-irmãos não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas, apenas marginalmente significativas (ver Tabela 218).

Tabela 218

Descritivas e Teste de U Mann-Whitney da variável sócio-demográfica Quantidade de Irmãos/meios-irmãos

	Rapazes	Raparigas	Valor p^*
<i>n</i>	278	62	$U = 7304.5$
Média das ordens	175.22	149.31	$p = .057$
Mediana	3	3	
Mínimo-Máximo	1 – 14	1 – 14	
Assimetria-Curtose	1.382 – 2.178	1.965 – 4.591	

Nota. *Valor p obtido por Teste de U Mann-Whitney (Exact sig. 2-sided); $U = U$ de Mann-Whitney.

Relativamente à variável toma de medicamentos psiquiátricos não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas (ver Tabela 219).

Tabela 219

Descritivas e Teste de Qui-quadrado da variável sócio-demográfica Medicamentos Psiquiátricos

	Rapazes	Raparigas	Valor p^*
Não	231 (82.5%)	55 (87.3%)	$\chi^2 = .856$
Sim	49 (17.5%)	8 (12.7%)	$p = .454$
<i>n</i>	280 (100%)	63 (100%)	

Nota. *Valor p obtido por Qui-quadrado (Exact sig. 2-sided); χ^2 = Qui-quadrado.

5.3.2. Resultados das variáveis criminais

5.3.2.1. Grupos de participantes do sexo masculino

Na variável Envolvimento em actividades ilegais foram encontradas diferenças estatisticamente significativas entre os grupos APSD Baixo e APSD Alto (ver Tabela 220).

Tabela 220

Descritivas e Teste de Qui-quadrado da variável Criminal Envolvimento em Actividades Ilegais

	APSD Baixo <11	APSD Alto ≥ 12	Valor p^*
Não	180 (69.2%)	62 (22.2%)	$\chi^2 = 120.212$
Sim	80 (30.8%)	217 (77.8%)	$p \leq .001$
<i>n</i>	260 (100%)	279 (100%)	

Nota. *Valor p obtido por Qui-quadrado (Exact sig. 2-sided); χ^2 = Qui-quadrado.

Relativamente à variável Idade de primeiro envolvimento em actividades ilegais foram encontradas diferenças estatisticamente significativas (ver Tabela 221).

Tabela 221

Descritivas e ANOVA da variável Criminal Idade de 1º Envolvimento em Atividades Ilegais

	APSD Baixo <11	APSD Alto ≥12	Valor p^*
n	81	215	$F = 7.546$
$M (DP)$	12.60 (2.349)	11.74 (2.441)	$p \leq .01$
Mínimo-Máximo	6 – 18	6 – 18	
Assimetria-Curtose	-.726 – .792	-.017 – -.189	

Nota. *Valor p obtido por ANOVA.

Na variável Problemas com a lei foram encontradas diferenças estatisticamente significativas (ver Tabela 222).

Tabela 222

Descritivas e Teste de Qui-quadrado da variável Criminal Problemas com a Lei

	APSD Baixo <11	APSD Alto ≥12	Valor p^*
Não	181 (69.6%)	83 (29.6%)	$\chi^2 = 86.206$
Sim	79 (30.4%)	197 (70.4%)	$p \leq .001$
n	260 (100%)	280 (100%)	

Nota. *Valor p obtido por Qui-quadrado (Exact sig. 2-sided); χ^2 = Qui-quadrado.

Na variável Idade do primeiro problema com a lei foram encontradas diferenças estatisticamente significativas (ver Tabela 223).

Tabela 223

Descritivas e ANOVA da variável Criminal Idade de 1º Problema com a Lei

	APSD Baixo <11	APSD Alto ≥12	Valor p^*
n	78	194	$F = 14.102$
$M (DP)$	13.82 (1.871)	12.82 (1.963)	$p \leq .001$
Mínimo-Máximo	9 – 18	7 – 17	
Assimetria-Curtose	-.172 – .831	-.463 – .321	

Nota. *Valor p obtido por ANOVA.

No que diz respeito à variável Entrada em Centro Educativo foram encontradas diferenças estatisticamente significativas (ver Tabela 224).

Tabela 224

Descritivas e Teste de Qui-quadrado da variável Criminal Entrada em Centro Educativo

	APSD Baixo <11	APSD Alto ≥12	Valor p^*
Não	207 (79.3%)	113 (40.4%)	$\chi^2 = 84.828$
Sim	54 (20.7%)	167 (59.6%)	$p \leq .001$
<i>n</i>	261 (100%)	280 (100%)	

Nota. *Valor p obtido por Qui-quadrado (Exact sig. 2-sided); χ^2 = Qui-quadrado.

No que diz respeito à variável Idade de primeira entrada em Centro Educativo foram encontradas diferenças estatisticamente significativas (ver Tabela 225).

Tabela 225

Descritivas e ANOVA da Variável Criminal Idade de 1ª Entrada em CE

	APSD Baixo <11	APSD Alto ≥12	Valor p^*
<i>n</i>	54	167	$F = 7.896$
<i>M (DP)</i>	15.33 (1.213)	14.81 (1.187)	$p \leq .01$
Mínimo-Máximo	13 – 19	12 – 18	
Assimetria-Curtose	.176 – .549	-.016 – -.132	

Nota. *Valor p obtido por ANOVA.

Na variável Tempo de condenação a internamento não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas (ver Tabela 226).

Tabela 226

Descritivas e ANOVA da Variável Criminal Tempo (meses) de Condenação a Internamento

	APSD Baixo <11	APSD Alto ≥12	Valor p^*
<i>n</i>	33	123	$F = .979$
<i>M (DP)</i>	16.576 (6.671)	17.869 (6.674)	$p = .324$
Mínimo-Máximo	13 – 19	12 – 18	
Assimetria-Curtose	.176 – .549	-.016 – -.132	

Nota. *Valor p obtido por ANOVA.

Na variável Tipo de crime não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas (ver Tabela 227).

Tabela 227

Descritivas e Teste de Qui-quadrado da variável Criminal Tipo de Crime

	APSD Baixo <11	APSD Alto ≥12	Valor p^*
Não grave/violento	2 (3.8%)	4 (2.5%)	$\chi^2 = 3.087$
Grave	11 (20.8%)	19 (11.7%)	$p = .201$
Violento	40 (75.5%)	139 (85.8%)	
<i>n</i>	(100%)	(100%)	

Nota. *Valor p obtido por Qui-quadrado (Exact sig. 2-sided); χ^2 = Qui-quadrado.

Na variável Tipo de medida não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas (ver Tabela 228).

Tabela 228

Frequências da variável Criminal Tipo de Medida

	APSD Baixo <11	APSD Alto ≥12	Valor p^*
Cautelar de guarda	16 (30.2%)	26 (16%)	$\chi^2 = 5.173$
Internamento	33 (62.3%)	123 (75.9%)	$p = .147$
Perícia da personalidade	1 (1.9%)	4 (2.5%)	
Fins-de-semana	3 (5.7%)	9 (5.6%)	
<i>n</i>	53 (100%)	162 (100%)	

Nota. *Valor p obtido por Qui-quadrado (Exact sig. 2-sided); χ^2 = Qui-quadrado.

Na variável regime não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas (ver Tabela 229).

Tabela 229

Frequências da variável Criminal A Cumprir Regime

	APSD Baixo <11	APSD Alto ≥12	Valor p^*
Aberto	9 (17%)	17 (10.4%)	$\chi^2 = 1.782$ $p = .389$
Semi-aberto	29 (54.7%)	101 (62%)	
Fechado	15 (28.3%)	45 (27.6%)	
<i>n</i>	53 (100%)	163 (100%)	

Nota. *Valor p obtido por Qui-quadrado (Exact sig. 2-sided); χ^2 = Qui-quadrado.

5.3.2.2. Grupos de participantes do sexo feminino

Na variável Envolvimento em actividades ilegais foram encontradas diferenças estatisticamente significativas entre os grupos APSD Alto e APSD Baixo (ver Tabela 230).

Tabela 230

Descritivas e Teste de Qui-quadrado da variável Criminal Envolvimento em Actividades Ilegais

	APSD Baixo <11	APSD Alto ≥12	Valor p^*
Não	132 (86.3%)	33 (52.4%)	$\chi^2 = 28.423$ $p \leq .001$
Sim	21 (13.7%)	30 (47.6%)	
<i>n</i>	152 (100%)	63 (100%)	

Nota. *Valor p obtido por Qui-quadrado (Exact sig. 2-sided); χ^2 = Qui-quadrado.

Na variável Idade de primeiro envolvimento em actividades ilegais não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas, apenas marginalmente significativas (ver Tabela 231).

Tabela 231

Descritivas e ANOVA da variável Criminal Idade de 1º Envolvimento em Atividades Ilegais

	APSD Baixo <11	APSD Alto ≥12	Valor p^*
n	21	30	$F = 3.871$
$M(DP)$	13.81 (1.914)	12.73 (1.929)	$p = .055$
Mínimo-Máximo	9 – 17	8 – 16	
Assimetria-Curtose	-.221 – .726	-.212 – .109	

Nota. *Valor p obtido por ANOVA.

Na variável Problemas com a lei foram encontradas diferenças estatisticamente significativas (ver Tabela 232).

Tabela 232

Descritivas e Teste de Qui-quadrado da variável Criminal Problemas com a Lei

	APSD Baixo <11	APSD Alto ≥12	Valor p^*
Não	134 (88.2%)	33 (53.2%)	$\chi^2 = 31.353$
Sim	18 (11.8%)	29 (46.8%)	$p \leq .001$
n	152 (100%)	62 (100%)	

Nota. *Valor p obtido por Qui-quadrado (Exact sig. 2-sided); $\chi^2 =$ Qui-quadrado.

Relativamente à variável Idade do primeiro problema com a lei não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas (ver Tabela 233).

Tabela 233

Descritivas e ANOVA da variável Criminal Idade de 1º Problema com a Lei

	APSD Baixo <11	APSD Alto ≥12	Valor p^*
n	18	29	$F_w = .421$
$M(DP)$	14 (1.029)	13.69 (2.222)	$p = .520$
Mínimo-Máximo	12 – 15	8 – 18	
Assimetria-Curtose	-.729 – -.472	-.334 – .382	

Nota. *Valor p obtido por ANOVA; $F_w = F$ de Welch.

Na variável Entrada em Centro Educativo foram encontradas diferenças estatisticamente significativas (ver Tabela 234).

Tabela 234

Descritivas e Teste de Qui-quadrado da variável Criminal Entrada em Centro Educativo

	APSD Baixo <11	APSD Alto ≥12	Valor p^*
Não	142 (93.4%)	43 (69.4%)	$\chi^2 = 21.772$
Sim	10 (6.6%)	19 (30.6%)	$p \leq .001$
<i>n</i>	152 (100%)	62 (100%)	

Nota. *Valor p obtido por Qui-quadrado (Exact sig. 2-sided); χ^2 = Qui-quadrado.

Na variável Idade de primeira entrada em Centro Educativo não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas (ver Tabela 235).

Tabela 235

Descritivas e ANOVA da Variável Criminal Idade de 1ª Entrada em CE

	APSD Baixo <11	APSD Alto ≥12	Valor p^*
<i>n</i>	10	19	$F_w = .298$
<i>M (DP)</i>	15.10 (1.197)	14.84 (1.274)	$p = .589$
Mínimo-Máximo	13 – 17	13 – 17	
Assimetria-Curtose	.253 – .651	.126 – -.524	

Nota. *Valor p obtido por ANOVA; $F_w = F$ de Welch.

Relativamente à variável Tempo de condenação a internamento não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas (ver Tabela 236).

Tabela 236

Descritivas e Teste de U Mann-Whitney da Variável Criminal Tempo (meses) de Condenação a Internamento

	APSD Baixo <11	APSD Alto ≥12	Valor p^*
<i>n</i>	5	12	$U = 22.5$
Média das ordens	10.5	8.38	$p = .498$
Mediana	24	21	
Mínimo-Máximo	12 – 24	12 – 24	
Assimetria-Curtose	-2.236 – 5	-.567 – -1.446	

Nota. *Valor p obtido por Teste de U Mann-Whitney (Exact sig. 2-sided); $U = U$ de Mann-Whitney.

Na variável Tipo de crime não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas (ver Tabela 237).

Tabela 237

Descritivas e Teste de Qui-quadrado da variável Criminal Tipo de Crime

	APSD Baixo <11	APSD Alto ≥12	Valor p^*
Grave	1 (10%)	3 (16.7%)	$\chi^2 = .233$
Violento	9 (90%)	15 (83.3%)	$p = 1.00$
<i>n</i>	10 (100%)	18 (100%)	

Nota. *Valor p obtido por Qui-quadrado (Exact sig. 2-sided); χ^2 = Qui-quadrado.

Na variável Tipo de medida não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas, apenas marginalmente significativas (ver Tabela 238).

Tabela 238

Descritivas e Teste de Qui-quadrado da variável Criminal Tipo de Medida

	APSD Baixo <11	APSD Alto ≥12	Valor p^*
Cautelar de guarda	2 (20%)	5 (27.8%)	$\chi^2 = 6.405$
Internamento	5 (50%)	12 (66.7%)	$p = .091$
Perícia da personalidade	3 (30%)	0 (0%)	
Fins-de-semana	0 (0%)	1 (5.6%)	
<i>n</i>	10 (100%)	18 (100%)	

Nota. *Valor p obtido por Qui-quadrado (Exact sig. 2-sided); χ^2 = Qui-quadrado.

Na variável Tipo de regime não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas (ver Tabela 239).

Tabela 239

Frequências da variável Criminal A Cumprir Regime

	APSD Baixo <11	APSD Alto ≥12	Valor p^*
Aberto	2 (20%)	0 (0%)	$\chi^2 = 4.487$
Semi-aberto	5 (50%)	14 (77.8%)	$p = .131$
Fechado	3 (30%)	4 (22.2%)	
<i>n</i>	10 (100%)	18 (100%)	

Nota. *Valor p obtido por Qui-quadrado (Exact sig. 2-sided); χ^2 = Qui-quadrado.

5.3.2.3. Grupos de participantes dos sexos masculino e feminino de traços psicopáticos altos

Relativamente à variável Envolvimento em actividades ilegais foram encontradas diferenças estatisticamente significativas entre os dois grupos (ver Tabela 240).

Tabela 240

Descritivas e Teste de Qui-quadrado da variável Criminal Envolvimento em Actividades Ilegais

	Rapazes	Raparigas	Valor p^*
Não	62 (22.2%)	33 (52.24%)	$\chi^2 = 23.301$
Sim	217 (77.8%)	30 (47.6%)	$p \leq .001$
<i>n</i>	279 (100%)	63 (100%)	

Nota. *Valor p obtido por Qui-quadrado (Exact sig. 2-sided); χ^2 = Qui-quadrado.

Na variável Idade de primeiro envolvimento em actividades ilegais foram encontradas diferenças estatisticamente significativas (ver Tabela 241).

Tabela 241

Descritivas e ANOVA da variável Criminal Idade de 1º Envolvimento em Actividades Ilegais

	Rapazes	Raparigas	Valor p^*
<i>n</i>	215	30	$F = 4.568$
<i>M (DP)</i>	11.74 (2.441)	12.73 (1.929)	$p \leq .05$
Mínimo-Máximo	6 – 18	8 – 16	
Assimetria-Curtose	-.017 – -.189	-.212 – .109	

Nota. *Valor p obtido por ANOVA.

Na variável problemas com a lei foram encontradas diferenças estatisticamente significativas (ver Tabela 242).

Tabela 242

Descritivas e Teste de Qui-quadrado da variável Criminal Problemas com a Lei

	Rapazes	Raparigas	Valor p^*
Não	83 (29.6%)	33 (53.2%)	$\chi^2 = 12.595$
Sim	197 (70.4%)	29 (46.8%)	$p \leq .001$
<i>n</i>	280 (100%)	62 (100%)	

Nota. *Valor p obtido por Qui-quadrado (Exact sig. 2-sided); χ^2 = Qui-quadrado.

No que diz respeito à variável Idade de primeiro problema com a lei foram encontradas diferenças estatisticamente significativas (ver Tabela 243).

Tabela 243

Descritivas e ANOVA da variável Criminal Idade de 1º Problema com a Lei

	Rapazes	Raparigas	Valor p^*
<i>n</i>	194	29	$F = 4.508$
<i>M (DP)</i>	12.85 (1.963)	13.69 (2.222)	$p \leq .05$
Mínimo-Máximo	7 – 17	8 – 18	
Assimetria-Curtose	-.463 – .321	-.334 – .382	

Nota. *Valor p obtido por ANOVA.

Na variável Entrada em Centro Educativo foram encontradas diferenças estatisticamente significativas (ver Tabela 244).

Tabela 244

Descritivas e Teste de Qui-quadrado da variável Criminal Entrada em Centro Educativo

	Rapazes	Raparigas	Valor p^*
Não	113 (40.4%)	43 (69.4%)	$\chi^2 = 17.205$
Sim	167 (59.6%)	19 (30.6%)	$p \leq .001$
<i>n</i>	280 (100%)	62 (100%)	

Nota. *Valor p obtido por Qui-quadrado (Exact sig. 2-sided); χ^2 = Qui-quadrado.

Na variável Idade de primeira entrada em Centro Educativo não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas (ver Tabela 245).

Tabela 245

Descritivas e ANOVA da Variável Criminal Idade de 1ª Entrada em CE

	Rapazes	Raparigas	Valor p^*
<i>n</i>	167	19	$F = .014$
<i>M (DP)</i>	14.81 (1.187)	14.84 (1.214)	$p = .907$
Mínimo-Máximo	12 – 18	13 – 17	
Assimetria-Curtose	-.016 – -.132	.126 – -.524	

Nota. *Valor p obtido por ANOVA.

Na variável Tempo de condenação a internamento não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas (ver Tabela 246).

Tabela 246

Descritivas e ANOVA da Variável Criminal Tempo (meses) de Condenação a Internamento

	Rapazes	Raparigas	Valor p^*
<i>n</i>	123	12	$F = .674$
<i>M (DP)</i>	17.869 (6.674)	19.5 (5.196)	$p = .413$
Mínimo-Máximo	1 – 36	12 – 24	
Assimetria-Curtose	-.131 – -.446	-.567 – -1.446	

Nota. *Valor p obtido por ANOVA.

Na variável Tipo de crime não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas (ver Tabela 247).

Tabela 247

Descritivas e Teste de Qui-quadrado da variável Criminal Tipo de Crime

	Rapazes	Raparigas	Valor p^*
Não grave/violento	4 (2.5%)	0 (0%)	$\chi^2 = .779$
Grave	19 (11.7%)	3 (16.7%)	$p = .807$
Violento	139 (85.8%)	15 (83.3%)	
<i>n</i>	162 (100%)	18 (100%)	

Nota. *Valor p obtido por Qui-quadrado (Exact sig. 2-sided); $\chi^2 =$ Qui-quadrado.

Na variável Tipo de medida não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas (ver Tabela 248).

Tabela 248

Descritivas e Teste de Qui-quadrado da variável Criminal Tipo de Medida

	Rapazes	Raparigas	Valor p^*
Cautelar de guarda	26 (16%)	5 (27.8%)	$\chi^2 = 1.924$
Internamento	123 (75.9%)	12 (66.7%)	$p = .606$
Perícia da personalidade	4 (2.5%)	0 (0%)	
Fins-de-semana	9 (5.6%)	1 (5.6%)	
<i>n</i>	162 (100%)	18 (100%)	

Nota. *Valor p obtido por Qui-quadrado (Exact sig. 2-sided); χ^2 = Qui-quadrado.

Na variável Tipo de regime a cumprir não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas (ver Tabela 249).

Tabela 249

Descritivas e Teste de Qui-quadrado da variável Criminal A Cumprir Regime

	Rapazes	Raparigas	Valor p^*
Aberto	17 (10.4%)	0 (0%)	$\chi^2 = 2.689$
Semi-aberto	101 (62%)	14 (77.8%)	$p = .275$
Fechado	45 (27.6%)	4 (22.2%)	
<i>n</i>	163 (100%)	18 (100%)	

Nota. *Valor p obtido por Qui-quadrado (Exact sig. 2-sided); χ^2 = Qui-quadrado.

5.3.3. Resultados dos instrumentos validados

5.3.3.1. Grupos de participantes do sexo masculino

A MANOVA efectuada revelou não haver interacção estatisticamente significativa entre os factores Grupos APSD e Sexo, permitindo assim prosseguir com recurso a ANOVAs individuais (ver Tabela 250). Relativamente à interacção entre factores a dimensão do efeito por Eta parcial ao quadrado (η_p^2) foi de .054 e a potência foi de .781.

Tabela 250

MANOVA II para Escalas RSES, SDQ-SR, ASDS, MCSDS-SF

	Traço Pillai	F	Sig.	η_p^2	Potência
Grupos APSD	.167	5.719	$p \leq .001$.167	1.0
Sexo	.115	3.688	$p \leq .001$.115	.995
Grupos APSD*Sexo	.054	1.613	$p = .102$.054	.781

Nota. Sig. = Significância; η_p^2 = Eta parcial ao quadrado; Grupos APSD*Sexo = Interacção entre factor Grupos APSD e factor Sexo.

Na comparação dos grupos quanto às escalas do SDQ-SR foram encontradas diferenças estatisticamente significativas nas escalas CP, H, PP e P (ver Tabela 251). No caso da escala ES o Eta parcial ao quadrado (η_p^2) foi de .002 e a potência de .193. Na escala CP o r foi de -.541 e a potência de .95. Na escala H o Eta parcial ao quadrado (η_p^2) foi de .100 e a potência de 1. Na escala PP o Eta parcial ao quadrado (η_p^2) foi de .033 e a potência de .989. Na escala P o Eta parcial ao quadrado (η_p^2) foi de .066 e a potência de 1.

Tabela 251

Descritivas e ANOVA das Escalas do SDQ-SR

	APSD Baixo <11	APSD Alto ≥12	Valor <i>p</i> *
ES			$F_w = 1.198$
<i>n</i>	262	280	$p = .274$
<i>M (DP)</i>	2.744 (1.507)	2.894 (1.682)	
Mínimo-Máximo	0 – 9	0 – 8	
Assimetria-Curtose	1.166 – 1.383	.488 – -.256	
CP			$U = 14001.5$
<i>n</i>	262	280	$p \leq .001$
Média das ordens	184.94	352.49	
Mediana	2	4	
Mínimo-Máximo	0 – 23	0 – 10	
Assimetria-Curtose	6.021 – 65.908	.193 – -.606	
H			$F_w = 60.883$
<i>n</i>	262	279	$p \leq .001$
<i>M (DP)</i>	3.522 (1.752)	4.820 (2.109)	
Mínimo-Máximo	0 – 9	0 – 10	
Assimetria-Curtose	.306 – -.144	.023 – -.555	
PP			$F_w = 18.314$
<i>n</i>	262	279	$p \leq .001$
<i>M (DP)</i>	2.103 (1.6)	2.713 (1.716)	
Mínimo-Máximo	0 – 7	0 – 10	
Assimetria-Curtose	1.069 – .901	.723 – .775	
P			$F = 38.453$
<i>n</i>	262	280	$p \leq .001$
<i>M (DP)</i>	7.802 (1.686)	6.854 (1.861)	
Mínimo-Máximo	2 – 10	1 – 12	
Assimetria-Curtose	-.421 – -.566	-.146 – -.221	

Nota. ES = Sintomas emocionais; CP = Problemas de comportamento; H = Hiperactividade; PP = Problemas de relacionamento com os colegas; P = Comportamento pró-social; *Valor *p* obtido por ANOVA ou por *U* de Mann-Whitney; $F_w = F$ de Welch; $U = U$ de Mann-Whitney; *n* = número de participantes; *M* = Média; *DP* = Desvio-padrão.

Na comparação dos grupos quanto à pontuação na RSES foram encontradas diferenças estatisticamente significativas (ver Tabela 252). O Eta parcial ao quadrado (η_p^2) foi de .055 e a potência 1.

Tabela 252

Descritivas e ANOVA da Variável RSES

	APSD Baixo <11	APSD Alto ≥12	Valor p^*
<i>n</i>	262	280	$F_w = 32.034$
<i>M (DP)</i>	23.092 (4.195)	20.799 (5.205)	$p \leq .001$
Mínimo-Máximo	10 – 30	5 – 30	
Assimetria-Curtose	-.565 – -.149	-.326 – -.123	

Nota. *Valor p obtido por ANOVA; $F_w = F$ de Welch.

Na comparação dos grupos quanto à escala ASDS foram encontradas diferenças estatisticamente significativas (ver Tabela 253). O r foi de -.572 e a potência de .95.

Tabela 253

Descritivas e Teste de U Mann-Whitney da Variável ASDS

	APSD Baixo <11	APSD Alto ≥12	Valor p^*
<i>n</i>	262	280	$U = 12429.5$
Média das ordens	178.94	358.11	$p \leq .001$
Mediana	6.5	24	
Mínimo-Máximo	0 – 57	1 – 63	
Assimetria-Curtose	1.846 – 4.539	.374 – -.871	

Nota. *Valor p obtido por Teste de U Mann-Whitney (2-sided); $U = U$ de Mann-Whitney.

Na comparação dos grupos quanto à escala MCSDS-SF foram encontradas diferenças estatisticamente significativas (ver Tabela 254). O η^2 parcial ao quadrado (η_p^2) foi de .142 e a potência de 1.

Tabela 254

Descritivas e ANOVA da Variável MCSDS-SF

	APSD Baixo <11	APSD Alto ≥12	Valor p^*
<i>n</i>	261	279	$F = 88.734$
<i>M (DP)</i>	19.36 (2.36)	17.445 (2.361)	$p \leq .001$
Mínimo-Máximo	13 – 24	12 – 27	
Assimetria-Curtose	-.322 – -.231	.664 – 1.084	

Nota. *Valor p obtido por ANOVA.

5.3.3.2. Grupos de participantes do sexo feminino

A MANOVA efectuada revelou não haver interacção estatisticamente significativa entre os factores Grupos APSD e Sexo, permitindo assim prosseguir com recurso a ANOVAs individuais (ver Tabela 255). Relativamente à interacção entre factores o Eta parcial ao quadrado (η_p^2) foi de .054 e a potência .781.

Tabela 255

MANOVA II para Escalas RSES, SDQ-SR, ASDS, MCSDS-SF

	Traço Pillai	F	Sig.	η_p^2	Potência
Grupos APSD	.167	5.719	$p \leq .001$.167	1.0
Sexo	.115	3.688	$p \leq .001$.115	.995
Grupos APSD*Sexo	.054	1.613	$p = .102$.054	.781

Nota. Sig. = Significância; η_p^2 = Eta parcial ao quadrado; Grupos APSD*Sexo = Interação entre factor Grupos APSD e factor Sexo.

Na comparação dos grupos quanto às escalas do SDQ-SR foram encontradas diferenças estatisticamente significativas nas escalas CP, H, PP e P, e marginalmente significativas na escala ES (ver Tabela 256). No caso da escala ES o Eta parcial ao quadrado (η_p^2) foi de .021 e a potência de .563. Na escala CP o r foi de -.439 e a potência de .95. Na escala H o Eta parcial ao quadrado (η_p^2) foi de .143 e a potência de 1. Na escala PP o Eta parcial ao quadrado (η_p^2) foi de .034 e a potência de .787. Na escala P o Eta parcial ao quadrado (η_p^2) foi de .086 e a potência de .994.

Tabela 256

Descritivas e ANOVA das Escalas do SDQ-SR

	APSD Baixo <11	APSD Alto ≥12	Valor <i>p</i> *
ES			$F_W = 3.905$
<i>n</i>	153	64	$p = .051$
<i>M</i> (<i>DP</i>)	4.138 (1.677)	4.703 (2.013)	
Mínimo-Máximo	1 – 10	1 – 9	
Assimetria-Curtose	.340 – .424	.169 – -.652	
CP			$U = 2244$
<i>n</i>	153	64	$p \leq .001$
Média das ordens	91.67	150.44	
Mediana	2	3	
Mínimo-Máximo	0 – 5	0 – 24	
Assimetria-Curtose	.428 – -.114	4.248 – 25.719	
H			$F = 35.839$
<i>n</i>	153	64	$p \leq .001$
<i>M</i> (<i>DP</i>)	3.738 (1.908)	5.371 (1.634)	
Mínimo-Máximo	0 – 8	2 – 8	
Assimetria-Curtose	.099 – -.719	-.095 – -.867	
PP			$F_W = 6.468$
<i>n</i>	153	64	$p \leq .05$
<i>M</i> (<i>DP</i>)	1.824 (1.429)	2.456 (1.761)	
Mínimo-Máximo	0 – 7	0 – 8	
Assimetria-Curtose	.947 – 1.272	1.015 – .826	
P			$F = 20.291$
<i>n</i>	153	64	$p \leq .001$
<i>M</i> (<i>DP</i>)	8.530 (1.422)	7.520 (1.690)	
Mínimo-Máximo	4 – 12	3 – 10	
Assimetria-Curtose	-.630 – -.104	-.717 – .259	

Nota. ES = Sintomas emocionais; CP = Problemas de comportamento; H = Hiperactividade; PP = Problemas de relacionamento com os colegas; P = Comportamento pró-social; *Valor *p* obtido por ANOVA ou por *U* de Mann-Whitney; $F_W = F$ de Welch; $U = U$ de Mann-Whitney; *n* = número de participantes; *M* = Média; *DP* = Desvio-padrão.

Na comparação dos grupos quanto à pontuação na RSES foram encontradas diferenças estatisticamente significativas (ver Tabela 257). O Eta parcial ao quadrado (η_p^2) foi de .025 e a potência .655.

Tabela 257

Descritivas e ANOVA da Variável RSES

	APSD Baixo <11	APSD Alto ≥12	Valor p^*
<i>n</i>	153	64	$F = 5.613$
<i>M (DP)</i>	21.539 (4.812)	19.816 (5.055)	$p \leq .05$
Mínimo-Máximo	8 – 30	6 – 29	
Assimetria-Curtose	-.649 – -.003	-.636 – -.008	

Nota. *Valor p obtido por ANOVA.

Na comparação dos grupos quanto à ASDS foram encontradas diferenças estatisticamente significativas (ver Tabela 258). O r foi de .444 e a potência de .95.

Tabela 258

Descritivas e Teste de U Mann-Whitney da Variável ASDS

	APSD Baixo <11	APSD Alto ≥12	Valor p^*
<i>n</i>	153	64	$U = 2145.5$
Média das ordens	91.02	151.98	$p \leq .001$
Mediana	5	12	
Mínimo-Máximo	0 – 35	0 – 51	
Assimetria-Curtose	2.026 – 6.636	1.248 – 2.686	

Nota. *Valor p obtido por Teste de U Mann-Whitney (Exact sig. 2-sided); $U = U$ de Mann-Whitney.

Na comparação dos grupos quanto à MCSDS-SF foram encontradas diferenças estatisticamente significativas (ver Tabela 259). O Eta parcial ao quadrado (η_p^2) foi de .185 e a potência de 1.

Tabela 259

Descritivas e ANOVA da Variável MCSDS

	APSD Baixo <11	APSD Alto ≥12	Valor p^*
<i>n</i>	152	64	$F = 48.519$
<i>M (DP)</i>	18.983 (2.254)	16.652 (2.225)	$p \leq .001$
Mínimo-Máximo	13 – 24	13 – 22	
Assimetria-Curtose	-.036 – -.474	.785 – .034	

Nota. *Valor p obtido por ANOVA.

5.3.3.3. Grupos de participantes dos sexos masculino e feminino de traços psicopáticos altos

A MANOVA efectuada revelou não haver interacção estatisticamente significativa entre os factores Grupos APSD e Sexo, permitindo assim prosseguir com recurso a ANOVAs individuais (ver Tabela 260). Relativamente à interacção entre factores o Eta parcial ao quadrado (η_p^2) foi de .054 e a potência .781.

Tabela 260

MANOVA II para Escalas RSES, SDQ-SR, ASDS, MCSDS-SF

	Traço Pillai	<i>F</i>	Sig.	η_p^2	Potência
Grupos APSD	.167	5.719	$p \leq .001$.167	1.0
Sexo	.115	3.688	$p \leq .001$.115	.995
Grupos APSD*Sexo	.054	1.613	$p = .102$.054	.781

Nota. Sig. = Significância; η_p^2 = Eta parcial ao quadrado; Grupos APSD*Sexo = Interacção entre factor Grupos APSD e factor Sexo.

Na comparação dos grupos quanto às escalas do SDQ-SR foram encontradas diferenças estatisticamente significativas nas escalas ES, CP, H e P (ver Tabela 261). No caso da escala ES o Eta parcial ao quadrado (η_p^2) foi de .140 e a potência de 1. Na escala CP o r foi de -.106 e a potência de .133. Na escala H o Eta parcial ao quadrado (η_p^2) foi de .011 e a potência de .497. Na escala PP o Eta parcial ao quadrado (η_p^2) foi de .003 e a potência de .189. Na escala P o Eta parcial ao quadrado (η_p^2) foi de .020 e a potência de .745.

Tabela 261

Descritivas e ANOVA das Escalas do SDQ-SR

	Rapazes	Raparigas	Valor p^*
ES			$F_w = 44.542$
n	280	64	$p \leq .001$
$M (DP)$	2.894 (1.683)	4.703 (2.013)	
Mínimo-Máximo	0 – 8	1 – 9	
Assimetria-Curtose	.488 – -.256	.169 – -.652	
CP			$U = 7565.5$
n	280	64	$p \leq .05$
Média das ordens	177.48	150.71	
Mediana	4	3	
Mínimo-Máximo	0 – 10	0 – 24	
Assimetria-Curtose	.193 – -.606	4.248 – 25.719	
H			$F_w = 5.257$
n	279	64	$p \leq .05$
$M (DP)$	4.821 (2.109)	5.372 (1.635)	
Mínimo-Máximo	0 – 10	2 – 8	
Assimetria-Curtose	.023 – -.555	-.095 – -.867	
PP			$F = 1.160$
n	279	64	$p = .282$
$M (DP)$	2.713 (1.716)	2.456 (1.761)	
Mínimo-Máximo	0 – 10	0 – 8	
Assimetria-Curtose	.723 – .775	1.015 – .826	
P			$F = 6.894$
n	280	64	$p \leq .01$
$M (DP)$	6.854 (1.862)	7.52 (1.689)	
Mínimo-Máximo	1 – 12	3 – 10	
Assimetria-Curtose	-.146 – -.221	-.717 – .259	

Nota. ES = Sintomas emocionais; CP = Problemas de comportamento; H = Hiperactividade; PP = Problemas de relacionamento com os colegas; P = Comportamento pró-social; *Valor p obtido por ANOVA ou por U de Mann-Whitney; $F_w = F$ de Welch; $U = U$ de Mann-Whitney; n = número de participantes; M = Média; DP = Desvio-padrão.

Na comparação dos grupos quanto à pontuação na RSES não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas (ver Tabela 262). O Eta parcial ao quadrado (η_p^2) foi de .005 e a potência .277.

Tabela 262

Descritivas e ANOVA da Variável RSES

	Rapazes	Raparigas	Valor p^*
n	280	64	$F = 1.879$
$M (DP)$	20.799 (5.205)	19.816 (5.055)	$p = .171$
Mínimo-Máximo	5 – 30	6 – 29	
Assimetria-Curtose	-.326 – -.123	-.636 – -.008	

Nota. *Valor p obtido por ANOVA.

Na comparação dos grupos quanto à ASDS foram encontradas diferenças estatisticamente significativas (ver Tabela 263). O r foi de -.106 e a potência de .95.

Tabela 263

Descritivas e Teste de U Mann-Whitney da Variável ASDS

	Rapazes	Raparigas	Valor p^*
n	280	64	$U = 4668.5$
Média das ordens	187.83	105.45	$p \leq .001$
Mediana	24	12	
Mínimo-Máximo	1 – 63	0 – 51	
Assimetria-Curtose	.374 – -.871	1.248 – 2.686	

Nota. *Valor p obtido por Teste de U Mann-Whitney (Exact sig. 2-sided); $U = U$ de Mann-Whitney.

Na comparação dos grupos quanto à MCSDS-SF foram encontradas diferenças estatisticamente significativas (ver Tabela 264). O Eta parcial ao quadrado (η_p^2) foi de .017 e a potência de .686.

Tabela 264

Descritivas e ANOVA da Variável MCSDS-SF

	Rapazes	Raparigas	Valor p^*
n	279	64	$F = 6.004$
$M (DP)$	17.445 (2.361)	16.652 (2.226)	$p \leq .05$
Mínimo-Máximo	12 – 27	13 – 22	
Assimetria-Curtose	.664 – 1.084	.785 – .034	

Nota. *Valor p obtido por ANOVA.

5.3.4. Discussão

5.3.4.1. Grupo de participantes do sexo masculino

Na comparação dos participantes do sexo masculino dos grupos de traços psicopáticos altos e baixos relativamente às variáveis sócio-demográficas, verificámos a existência de diferenças estatisticamente significativas na maioria das variáveis analisadas. Apenas nas variáveis idade, nacionalidade, proveniência rural *versus* urbana, e quantidade de pessoas com quem vive não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas.

Desde o ponto de vista sócio-demográfico, o grupo de traços psicopáticos altos, comparativamente com o grupo de traços psicopáticos baixos, ficou caracterizado como contendo proporcionalmente mais participantes de etnia mulata, com menos anos de escolaridade completos, cujos pais têm ambos ciclos de escolaridade completos mais baixos, cujos pais têm ambos um nível sócio-económico mais baixo, cujos pais são proporcionalmente em termos de situação civil mais frequentemente divorciados/separados ou ambos falecidos, mais participantes que vivem proporcionalmente mais com a mãe e outros familiares ou com outros familiares que não os pais, que têm mais irmãos/meios-irmãos, e que estão a tomar proporcionalmente mais medicamentos psiquiátricos.

Na comparação dos participantes do sexo masculino do grupo de traços psicopáticos altos com o grupo de traços psicopáticos baixos relativamente às variáveis de tipo criminal foram encontradas diferenças estatisticamente significativas na maioria das variáveis analisadas. Apenas nas variáveis tempo de condenação a internamento, tipo de crime, tipo de medida e tipo de regime não foram encontradas diferenças.

O grupo de traços psicopáticos altos caracterizou-se por um envolvimento proporcionalmente maior em actividades ilegais, por uma idade mais precoce de envolvimento em actividades ilegais, uma maior proporção de problemas com a lei, por uma idade mais precoce de ocorrência do primeiro problema com a lei, por uma maior proporção de entradas em Centro Educativo e por uma idade mais precoce de primeira entrada em Centro Educativo.

Na comparação dos participantes do sexo masculino do grupo de traços psicopáticos altos com o grupo de traços psicopáticos baixos relativamente aos instrumentos validados foram encontradas diferenças estatisticamente significativas em quase todas as escalas e respectivas dimensões analisadas, com excepção da dimensão Sintomas Emocionais (ES) do SDQ-SR.

No SDQ-SR o grupo de traços psicopáticos altos obteve valores significativamente mais altos em Problemas de Comportamento (CP), em Hiperactividade (H) e em Problemas de Relacionamento com os Colegas (PP), mas obteve um valor significativamente mais baixo em Comportamento Pró-social (P). Na dimensão Sintomas Emocionais (ES) não se encontraram diferenças significativas, todavia é possível que tal se tenha devido à baixa potência do teste estatístico.

Na RSES o grupo de traços psicopáticos altos obteve um valor significativamente mais baixo em auto-estima. Na ASDS o grupo de traços psicopáticos altos obteve um valor mais elevado em delinquência auto-relatada. Na MCSDS-SF o grupo de traços psicopáticos altos obteve um valor mais baixo em desajustabilidade social.

Podemos concluir que existe heterogeneidade na caracterização sócio-demográfica e criminal dos jovens do sexo masculino pertencentes aos grupos de traços psicopáticos altos e baixos, que se manifesta também ao nível dos constructos medidos

pelos instrumentos validados. O constructo de traços psicopáticos é útil na caracterização dos jovens do sexo masculino, permitindo as variáveis analisadas desde esta perspectiva evidenciar um conjunto de problemáticas que os caracterizam a si e ao seu percurso. Existem, portanto, evidências que permitem corroborar a hipótese colocada (ver hipótese III).

5.3.4.2. Grupos de participantes do sexo feminino

Na comparação das participantes do sexo feminino com traços psicopáticos altos e baixos relativamente às variáveis sócio-demográficas verificámos que não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas em muitas das variáveis analisadas, nomeadamente nas variáveis idade, etnia, nacionalidade, proveniência rural *versus* urbana, ciclo de escolaridade completo do pai e da mãe, nível sócio-económico dos pais, situação civil dos pais, pessoas com quem vive, quantidade de pessoas com quem vive e quantidade de irmãos/meios-irmãos.

Desde a perspectiva sócio-demográfica, o grupo de traços psicopáticos altos, comparativamente com o grupo de traços psicopáticos baixo, ficou caracterizado como tendo participantes com menos anos de escolaridade completados e que estavam a tomar proporcionalmente mais medicamentos psiquiátricos.

Na comparação dos participantes do sexo feminino com traços psicopáticos altos e baixos relativamente às variáveis de tipo criminal não foram também encontradas diferenças estatisticamente significativas na maioria das variáveis analisadas, nomeadamente na idade de primeiro envolvimento em actividades ilegais, na idade do primeiro problema com a lei, na idade de primeira entrada em CE, no tempo de condenação a internamento, no tipo de crime, no tipo de medida e no tipo de regime.

O grupo de traços psicopáticos altos ficou caracterizado como tendo um envolvimento proporcionalmente maior em actividades ilegais, por uma maior proporção de problemas com a lei e por uma maior proporção de entradas em Centro Educativo.

Na comparação dos participantes do sexo feminino do grupo de traços psicopáticos altos com o grupo de traços psicopáticos baixos relativamente aos instrumentos validados foram encontradas diferenças estatisticamente significativas em quase todas as escalas e respectivas dimensões analisadas, com excepção da dimensão Sintomas Emocionais (ES) do SDQ-SR.

No SDQ-SR o grupo de traços psicopáticos altos obteve valores mais altos em Problemas de Comportamento (CP), em Hiperactividade (H) e em Problemas de Relacionamento com os Colegas (PP), mas obteve um valor mais baixo em Comportamento Pró-social (P). Não foram encontradas diferenças relativamente à dimensão Sintomas Emocionais (ES) do SDQ-SR, embora esta tivesse estado muitíssimo perto de atingir um nível estatisticamente significativo, e de a potência ter ficado abaixo do desejável.

Na RSES o grupo de traços psicopáticos altos obteve um valor mais baixo em auto-estima. Na ASDS o grupo de traços psicopáticos altos obteve um valor mais elevado em delinquência auto-relatada. Na MCSDS-SF o grupo de traços psicopáticos altos obteve um valor mais baixo em desejabilidade social.

Podemos concluir que a nível das características sócio-demográficas e criminais não existem evidências significativas de heterogeneidade entre as jovens pertencentes aos grupos de traços psicopáticos altos e baixos. Essa heterogeneidade, todavia, manifestou-se nos constructos medidos pelos instrumentos validados, permitindo

afirmar que, também neste caso, o constructo de traços psicopáticos é útil na caracterização dos jovens do sexo feminino. Novamente é possível afirmar que existem evidências que permitem corroborar a hipótese colocada (ver hipótese III). De uma forma geral, todavia, as diferenças entre as raparigas não parecem ser tão evidentes como no caso dos rapazes analisado anteriormente.

5.3.4.3. Grupos de participantes dos sexos masculino e feminino de traços psicopáticos altos

Na comparação dos participantes do sexo feminino e do sexo masculino do grupo de traços psicopáticos altos relativamente às variáveis sócio-demográficas verificámos que apenas numa baixa percentagem das variáveis analisadas houve diferenças estatisticamente significativas. Não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas nas variáveis idade, etnia, nacionalidade, proveniência rural *versus* urbana, nível sócio-económico da mãe, situação civil dos pais, pessoas com quem vive, quantidade de pessoas com quem vive, quantidade de irmãos/meios-irmãos e toma de medicamentos psiquiátricos.

O grupo dos rapazes, comparativamente com o grupo das raparigas, distinguiu-se ao nível sócio-demográfico como tendo participantes com menos anos de escolaridade completos, cujos pais teriam ambos ciclos de escolaridade completos mais baixos e cujo pai teria um nível sócio-económico mais baixo.

Na comparação dos participantes do sexo feminino e do sexo masculino do grupo de traços psicopáticos altos relativamente às variáveis de tipo criminal foram encontradas diferenças estatisticamente significativas numa pequena maioria das variáveis analisadas. As exceções foram para a idade de primeira entrada em Centro

Educativo, para o tempo de condenação a internamento, tipo de crime, tipo de medida e tipo de regime.

Os rapazes caracterizaram-se por ter proporcionalmente um maior envolvimento em actividades criminais, terem menor idade aquando do primeiro envolvimento em actividades ilegais, terem proporcionalmente mais problemas com a lei, terem menor idade aquando do primeiro problema com a lei e terem proporcionalmente dado mais entrada em Centro Educativo.

Na comparação dos participantes do sexo feminino e do sexo masculino do grupo de traços psicopáticos altos relativamente aos instrumentos validados foram encontradas diferenças estatisticamente significativas na maioria das escalas e respectivas dimensões analisadas, com excepção da RSES e da dimensão Problemas de Relacionamento com os Colegas (PP) do SDQ-SR.

No SDQ-SR o grupo dos rapazes obteve valores mais altos em Problemas de Comportamento (CP), mas também obteve valores mais baixos em Sintomas Emocionais (ES), em Hiperactividade (H) e em Comportamento Pró-social (P). Na dimensão Problemas de Relacionamento com os Colegas (PP) do SDQ-SR não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas, todavia é possível que tal se tenha devido à baixa potência do teste estatístico.

Na RSES não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas a nível de auto-estima, todavia é possível que tal se tenha ficado a dever à baixa potência do teste estatístico utilizado. Na ASDS o grupo dos rapazes obteve valores mais altos em delinquência auto-relatada. Na MCSDS-SF o grupo dos rapazes obteve valores mais altos em desejabilidade social.

Podemos concluir que, apesar de haver uma certa homogeneidade relativamente às variáveis sócio-demográficas dos participantes masculinos e femininos do grupo de traços psicopáticos altos, tal não se passou a nível das variáveis de tipo criminal e a nível dos constructos medidos pelos instrumentos validados, em que é patente a heterogeneidade nos resultados obtidos. O constructo de traços psicopáticos aparenta ser útil também na caracterização dos jovens de ambos os sexos, sendo as problemáticas associadas mais salientes no caso dos jovens do sexo masculino.

5.4. Estudo 4: Modelos de regressão

De seguida são apresentados os resultados e respectiva discussão do modelo de regressão logística para as amostras forense e escolar, do modelo de regressão logística para os grupos de traços psicopáticos altos e baixos, e do modelo de regressão múltipla para os comportamentos delinquentes.

5.4.1. Resultados

5.4.1.1. Para as amostras forense e escolar

Para avaliar a significância da auto-estima, dos problemas de comportamento, dos traços psicopáticos, dos comportamentos delinquentes e da desejabilidade social na predição da pertença ao grupo forense ou ao grupo escolar recorreu-se à regressão logística binária pelo método *Enter* (Tabachnick & Fidell, 2007). Utilizou-se a Tolerância e o VIF para comprovar a inexistência de multicolinearidade (Leech, Barrett & Morgan, 2008).

As variáveis apresentadas na Tabela 265, quando consideradas em conjunto, prediziam significativamente ou de forma marginalmente significativa a pertença às amostras forense e escolar. As variáveis que não atingiram um valor estatisticamente significativo (e.g., SDQ-SR dimensão Sintomas Emocionais, SDQ-SR dimensão Hiperactividade) ou que apresentavam problemas graves de multicolinearidade (e.g., APSD-SR total, APSD-SR dimensão Impulsividade, APSD-SR dimensão Narcisismo) foram removidas da equação (ver Tabela 265).

Tabela 265

Coefficientes do modelo de regressão logística binária da variável Grupos Forense e Escolar

Variáveis	B	SE	Wald	Exp(B)	Valor p
RSES	-.064	.027	5.355	.938	$p \leq .05$
SDQ CP	.418	.090	21.388	1.518	$p \leq .001$
SDQ PP	.269	.081	10.825	1.309	$p \leq .001$
SDQ P	.404	.087	21.155	1.497	$p \leq .001$
APSD N-I	-.161	.044	13.245	.851	$p \leq .001$
APSD C/U	.351	.071	23.962	1.420	$p \leq .001$
ASDS	.183	.017	108.748	1.200	$p \leq .001$
MCSDS-SF	.117	.058	3.948	1.124	$p \leq .05$
Constante	-9.709	1.599	36.853	.000	$p \leq .001$

Nota. RSES = Escala de Auto-estima de Rosenberg; SDQ-SR = Questionário de Capacidades e de Dificuldades versão de auto-resposta; SDQ-SR CP = Problemas de comportamento; SDQ-SR PP = Problemas de relacionamento com os colegas; SDQ-SR P = Comportamento pró-social; APSD = Dispositivo de Despiste de Processo Anti-social versão de auto-resposta; APSD N-I = Narcisismo-Impulsividade; APSD C/U = Traços Calosos/não-emocionais; ASDS = Escala de Delinquência Auto-relatada Adaptada; MCSDS-SF = Escala de Desejabilidade Social de Marlowe-Crowne versão curta.

O modelo foi também utilizado para classificar os sujeitos que participaram no estudo, tendo-se observado uma percentagem de classificação geral correcta de 90.7%, o que demonstra a utilidade do modelo para classificar novas observações. O modelo obteve ainda uma elevada sensibilidade de 81.2% e uma excelente especificidade de 95.5%.

5.4.1.2. Para os grupos de traços psicopáticos altos e baixos

Para avaliar a significância da auto-estima, dos problemas de comportamento, dos comportamentos delinquentes e da desejabilidade social na predição da pertença aos grupos APSD Alto e APSD Baixo recorreu-se à regressão logística binária pelo método *Enter* (Tabachnick & Fidell, 2007). Utilizou-se a Tolerância e o VIF para comprovar a inexistência de multicolinearidade (Leech, Barrett & Morgan, 2008).

As variáveis apresentadas na Tabela 266, quando consideradas em conjunto, prediziam significativamente ou de forma marginalmente significativa a pertença aos grupos de traços psicopáticos altos e baixos. As variáveis que não obtiveram um valor estatisticamente significativo (e.g., Auto-estima, SDQ Sintomas Emocionais) ou que apresentavam problemas de multicolinearidade foram removidas da equação (ver Tabela 266).

Tabela 266

Coefficientes do modelo de regressão logística binária da variável Grupos APSD de Traços Psicopáticos Baixos (APSD <11) e Altos (APSD ≥ 12)

Variáveis	B	SE	Wald	Exp(B)	Valor p
SDQ CP	.323	.075	18.309	1.381	$p \leq .001$
SDQ H	.247	.054	20.83	1.28	$p \leq .001$
SDQ PP	.123	.066	3.434	1.131	$p = .064$
SDQ P	-.362	.063	33.207	.696	$p \leq .001$
ASDS	.091	.011	64.322	1.095	$p \leq .001$
MCSDS-SF	-.224	.044	26.172	.799	$p \leq .001$
Constante	3.05	.904	11.387	21.119	$p \leq .001$

Nota. SDQ-SR = Questionário de Capacidades e de Dificuldades versão de auto-resposta; SDQ CP = Problemas de comportamento; SDQ H = Hiperactividade; SDQ PP = Problemas de relacionamento com os colegas; SDQ P = Comportamento pró-social; ASDS = Escala de Delinquência Auto-relatada Adaptada; MCSDS-SF = Escala de Desejabilidade Social de Marlowe-Crowne versão curta.

O modelo foi também utilizado para classificar os sujeitos que participaram no estudo, tendo-se observado uma percentagem de classificação geral correcta de 82%, o que demonstra a utilidade do modelo para classificar novas observações. O modelo obteve ainda uma boa sensibilidade de 75.7% e uma elevada especificidade de 87.2%.

5.4.1.3. Para os comportamentos delinquentes auto-relatados

Foi efectuada uma análise de regressão múltipla (Tabachnick & Fidell, 2007) para determinar a importância das variáveis auto-estima e narcisismo na predição da

delinquência auto-relatada tal como medida pela ASDS (ver Tabela 267). Utilizou-se a Tolerância e o VIF para comprovar a inexistência de multicolinearidade (Leech, Barrett & Morgan, 2008). As variáveis independentes acima referidas, quando consideradas em conjunto, prediziam significativamente a delinquência auto-relatada. A correlação entre as variáveis independentes auto-estima e narcisismo foi praticamente nula ($r = -.025$; $p = .488$).

Tabela 267

Sumário de análise de regressão múltipla simultânea para auto-estima e narcisismo na predição da delinquência auto-relatada

Variáveis	<i>B</i>	<i>SE B</i>	β	<i>t</i>	Valor <i>p</i>
RSES	-.387	.096	-.133	-4.021	$p \leq .001$
APSD Nar	2.353	.096	.391	11.823	$p \leq .001$
Constante	16.895	2.214		7.630	$p \leq .001$

Nota. RSES = Escala de Auto-estima de Rosenberg; APSD Nar = Dispositivo de Despiste de Processo Anti-social versão de auto-resposta dimensão Narcisismo; ASDS = Escala de Delinquência Auto-relatada Adaptada; $R^2 = .17$; $F(2, 757) = 78.139$, $p \leq .001$

5.4.2. Discussão

No modelo de regressão logística binária da variável dependente Amostras Forense e Escolar, a maioria das variáveis independentes obtiveram valores estatisticamente significativos. Os três raios de chances (*odds ratio*) mais altos encontrados foram: SDQ-SR CP (Problemas de Comportamento) com 1.518, SDQ-SR P (Comportamento Pró-social), com 1.497 APSD-SR C/U (Traços Calosos/não-emocionais) com 1.420. Tal significa que as chances de pertencer à amostra forense melhoram 51.8%, 49,7% e 42% por cada aumento de unidade respectivamente no SDQ-SR CP, no SDQ-SR P e no APSD-SR C/U (Marôco, 2010a).

Os resultados obtidos no modelo de regressão reforçam o papel fundamental das variáveis problemas de comportamento (e.g., Salekin et al., 2004), traços psicopáticos

(e.g., Frick et al., 2003), comportamentos delinquentes auto-relatados (e.g., Thornberry & Krohn, 2000) e auto-estima (e.g., Donnellan et al., 2005) no estudo da delinquência juvenil. Existem, portanto, evidências que permitem corroborar a hipótese colocada (ver hipótese IV).

No modelo de regressão logística binária da variável dependente Grupos de traços psicopáticos Baixos ($APSD < 11$) e de traços psicopáticos Altos ($APSD \geq 12$) a maioria das variáveis independentes obtiveram valores estatisticamente significativos. Os três rácios de chances (*odds ratio*) mais altos encontrados foram: SDQ-SR CP (Problemas de Comportamento) com 1.381, SDQ-SR H (Hiperactividade) com 1.28, e SDQ-SR PP (Problemas de relacionamento com os colegas) com 1.131. Tal significa que as chances de pertencer ao grupo de traços psicopáticos altos melhoram 38.1%, 28% e 13.1% por cada aumento de unidade respectivamente no SDQ-SR CP, SDQ-SR H e SDQ-SR PP (Marôco, 2010a).

Os resultados obtidos no modelo de regressão reforçam o papel de inter-relacionamento dos traços psicopáticos com as variáveis problemas de comportamento (e.g., Frick, Barry & Bodin, 2000), que são constructos relacionados mas diferentes. Deve-se todavia salientar que nem todos os menores que exibem comportamento anti-social grave concomitantemente com o diagnóstico de Perturbação do Comportamento devem ser considerados potenciais psicopatas, sendo que tal classificação deve ser reservada para um subgrupo distinto destes (Lynam, 1996). Também neste caso existem, portanto, evidências que permitem corroborar a hipótese colocada (ver hipótese IV).

No modelo de regressão múltipla para a predição da delinquência auto-relatada, a combinação das variáveis predizia significativamente a delinquência auto-relatada,

com ambas as variáveis – auto-estima e narcisismo –, a contribuírem de forma estatisticamente significativa para essa predição. Os valores obtidos indicam que a variável narcisismo é a que mais contribui para predizer a delinquência auto-relatada ($\beta = .391$) e que a variável auto-estima tem uma contribuição menor ($\beta = -.133$).

Os resultados parecem corroborar as evidências obtidas por Barry, Frick e Killian (2003) e por Barry, Grafeman, Adler e Pickard (2007) quanto ao papel preponderante do narcisismo relativamente aos comportamentos anti-sociais e ao papel menor atribuído à auto-estima. Não foram encontradas evidências que apoiem os dados de Donnellan, Trzesniewski, Robins, Moffitt e Caspi (2005) no que concerne à existência de uma relação robusta entre baixa auto-estima e problemas de comportamento anti-social. Todavia, os nossos dados sustentam as conclusões a que chegaram todos os autores acima referidos que sustentam a posição de os constructos de auto-estima e de narcisismo serem conceptualmente independentes, dada a correlação muito fraca que encontramos entre eles. Mais uma vez podemos afirmar que existem evidências que permitem corroborar a hipótese que colocámos (ver hipótese V).

6. Conclusões

A presente investigação enquadra-se no âmbito do tema dos traços psicopáticos em delinquentes juvenis e respectivos constructos associados. A investigação deste tema encontra-se actualmente em rápido crescimento a nível internacional, pelo que urge fazer a sua investigação também no contexto específico da realidade portuguesa e publicar os resultados em periódicos de qualidade reconhecida de forma a disponibilizá-los à comunidade científica.

A nossa investigação iniciou-se pelo estudo das validações dos instrumentos psicométricos utilizados na presente dissertação (Estudo 1). De uma forma geral, as validações apresentaram resultados de adequados a bons que permitem recomendar a utilização dos instrumentos. A excepção foi para o SDQ-SR, devido aos problemas detectados com a estrutura factorial e a consistência interna baixa das escalas que o constituem. Relativamente ao APSD-SR é de salientar que na validação portuguesa se encontraram evidências de uma estrutura factorial bidimensional, e não da estrutura tridimensional mais recentemente defendida na literatura. Podemos considerar que este objectivo foi cumprido dado que se analisaram as propriedades psicométricas dos instrumentos, que permitiram avaliar o seu rigor na medição dos respectivos constructos e se disponibilizaram os dados normativos para a população juvenil portuguesa.

Foi possível demonstrar (Estudo 2) que os jovens da amostra forense possuem características psicológicas e relacionais específicas que permitem diferenciá-los dos jovens da amostra escolar, nomeadamente a nível de traços psicopáticos, de problemas de comportamento, de comportamentos delinquentes e de auto-estima, além das variáveis de tipo sócio-demográfico e de tipo criminal. De salientar a grande prevalência de Perturbação do Comportamento na amostra forense. Estas conclusões

são válidas tanto para o sexo masculino como para o sexo feminino, apesar de haver evidências que apontam no sentido de as raparigas da amostra forense aparentarem ser mais parecidas com as da amostra escolar do que os rapazes da amostra forense com os rapazes da amostra escolar.

Foi possível verificar que existem diferenças a nível de traços psicopáticos entre rapazes e raparigas da amostra forense, nomeadamente que os rapazes apresentam valores gerais mais altos de traços psicopáticos e também a nível da dimensão de traços calosos/não-emocionais. De uma forma geral pode concluir-se que a amostra forense constituída por rapazes e raparigas parece ser mais homogénea entre si que as comparações feitas entre as amostras forenses e as amostras escolares por sexo.

Foi possível comprovar (Estudo 3) que o constructo de traços psicopáticos é útil na caracterização dos jovens, nomeadamente a nível da sua associação com problemas de comportamento, de comportamentos delinquentes e de auto-estima. Todavia, a sua utilidade aparentar ser menor relativamente às variáveis de tipo sócio-demográfico e de tipo criminal no que diz respeito às raparigas. No caso dos rapazes com traços psicopáticos altos ficou demonstrado o mais precoce e mais intenso envolvimento em actividades criminais e o contacto mais prematuro com o sistema judicial, o que revela o grande valor potencial deste instrumento de avaliação.

Foi possível verificar (Estudo 4) que existe capacidade de previsão de pertença a amostras (forense *versus* escolar) e a grupos (traços psicopáticos altos *versus* baixos) distintos com base nas pontuações obtidas em medidas como traços psicopáticos, problemas de comportamento, comportamentos delinquentes e auto-estima, e que os constructos de narcisismo e de auto-estima têm importâncias diferentes na predição de comportamentos delinquentes.

Em termos de limitações relativas aos diversos estudos efectuados no âmbito da presente dissertação devem-se apontar algumas fragilidades. Em primeiro lugar as características de um estudo transversal não serão as mais apropriadas dado que não permitem a avaliação dos sujeitos ao longo do tempo relativamente aos constructos estudados (e.g., traços psicopáticos). Relativamente às escalas, as consistências internas de algumas estiveram abaixo do recomendável (e.g., dimensão Traços Calosos/não-emocionais do APSD-SR), o que levanta dúvidas sobre a fiabilidade das medições. Outro problema foi a baixa potência de alguns testes estatísticos causada principalmente pelo pequeno número de participantes em algumas das amostras (e.g., amostra forense feminina), que levou também a que os pontos de corte das escalas (e.g., ASDS) não tivessem sido calculados por sexos. O sistema de categorização por três classes de crimes (grave e violento, violento, não grave e não violento) revelou não ser a melhor opção dada a enorme concentração de crimes encontrada na categoria grave e violenta. Por último, não foi possível confirmar factualmente por fontes independentes se os participantes da amostra escolar já tiveram ou têm actualmente processos tutelares-educativos ou penais a decorrer no sistema judicial.

Para investigações futuras nesta área seria recomendável o recurso a um desenho de estudo longitudinal, utilização de medidas com adequada consistência interna, utilização sistemática de métodos de análise factorial confirmatória na validação dos instrumentos psicométricos, validação cruzada dos instrumentos validados com recurso a amostragem aleatória e estratificada dos participantes de forma a aumentar a representatividade, utilização de metodologia multi-métodos de avaliação em que os questionários de auto-resposta sejam complementados com avaliações por *rating scales* preenchidas por cotadores devidamente treinados, controle estatístico da desejabilidade social e de outras variáveis moderadoras, aumento do número de participantes nas

amostras de menor dimensão de forma a aumentar concomitantemente a potência dos testes estatísticos e utilização de um sistema mais detalhado de classificação de crimes.

Ficam abertas algumas janelas de desenvolvimento de investigação futura, das quais salientamos a comparação de diferentes grupos étnicos quanto à prevalência de traços psicopáticos, a comparação de grupos baseados em início precoce *versus* início tardio na actividade anti-social, e a validação para a população juvenil portuguesa de medidas direccionadas a explorar especificamente as dimensões actualmente atribuídas ao constructo da psicopatia juvenil, nomeadamente Traços Calosos/não-emocionais (e.g., Essau, Sasagawa & Frick, 2006), Impulsividade (e.g., Diemen, Szobot, Kessler & Pechansky, 2007) e Narcisismo (e.g., Calhoun, Glaser, Stefurak & Bradshaw, 2000).

Concluimos com a afirmação de que os objectivos inicialmente propostos no âmbito da presente dissertação foram concretizados.

7. Referências bibliográficas

- American Psychiatric Association. (2002). *Manual de diagnóstico e estatística das perturbações mentais* (4ª Ed., revisão de texto). Lisboa: Climepsi Editores.
- Andershed, H., Gustafson, S., Kerr, M., & Stattin, H. (2002). The usefulness of self-reported psychopathy-like traits in the study of antisocial behaviour among non-referred adolescents. *European Journal of Personality*, *16*, 383-402.
- Andershed, H., Kerr, M., Stattin, H., & Levander, S. (2002). Psychopathic traits in non-referred youths: A new assessment tool. In E. Blaauw & L. Sheridan (Eds.), *Psychopaths: Current international perspectives* (pp. 131–158). Hague, Netherlands: Elsevier.
- Andershed, H. (2010). Stability and change of psychopathic traits. In R. Salekin & D. Lynam (Eds.), *Handbook of child and adolescent psychopathy* (pp. 233-250). New York: The Guilford Press.
- Andrade, M. (2008). *Dicionário jurídico Português-Inglês* (3ª Ed.). Lisboa: Quid Juris Sociedade Editora.
- Bachman, R., & Schutt, R. (2003). *The practice of research in criminology and criminal justice* (2nd Ed.). London: Sage Publications Inc.
- Baker, L., Jacobson, K., Raine, A., Lozano, D., & Bezdijan, S. (2007). Genetic and environmental bases of childhood antisocial behavior: A multi-informant twin study. *Journal of Abnormal Psychology*, *116*, 219–235.
- Ballard, R. (1992). Short forms of the Marlowe-Crowne Social Desirability Scale. *Psychological Reports*, *71*, 1155-1160.
- Barnow, S., Lucht, M., & Freyberger, H. J. (2005). Correlates of aggressive and delinquent conduct problems in adolescence. *Aggressive Behavior*, *31*, 24-39.

- Baron, S. (1995). Serious offenders. In J. Creechman & R. Silverman (Eds.), *Canadian Delinquency* (pp. 135–147). Scarborough: Prentice Hall.
- Barratt, E., & Patton, J. (1983). Impulsivity: Cognitive, behavioral, and psychophysiological correlates. In M. Zuckerman (Ed.), *Biological Bases of Sensation Seeking, Impulsivity, and Anxiety* (pp. 77–116). Hillsdale, NJ: Lawrence Erlbaum Associates.
- Barry, C., Frick, P., DeShazo, T., McCoy, M., Ellis, M., & Loney, B. (2000). The importance of callous-unemotional traits for extending the concept of psychopathy to children. *Journal of Abnormal Psychology, 109*(2), 335-340.
- Barry, C., Frick, P., & Killian, A. (2003). The relation of narcissism and self-esteem to conduct problems in children: A preliminary investigation. *Journal of Clinical Child and Adolescent Psychology, 32*(1), 139-152.
- Barry, C., Frick, P., Adler, K., & Grafeman, S. (2007). The predictive utility of narcissism among children and adolescents: Evidence for a distinction between adaptive and maladaptive narcissism. *Journal of Child and Family Studies, 16*, 508-521.
- Barry, C., Grafeman, S., Adler, K., & Pickard, J. (2007). The relations among narcissism, self-esteem, and delinquency in a sample of at-risk adolescents. *Journal of Adolescence, 30*, 933–942
- Barry, T., Thompson, A., Barry, C., Lochman, J, Adler, K., & Hill, K. (2007). The importance of narcissism in predicting proactive and reactive aggression in moderately to highly aggressive children. *Aggressive Behavior, 33*, 185-197.
- Barry, T., Barry, C., Deming, A., & Lochman, J. (2008). Stability of psychopathic characteristics in childhood: The influence of social relationships. *Criminal Justice and Behavior, 35*, 243–262.

- Barry, C., Pickard, J., & Ansel, L. (2009). The association of adolescent invulnerability and narcissism with problem behaviors. *Personality and Individual Differences, 47*, 577-582.
- Baumeister, R., Smart, L., & Boden, J. (1996). Relation of threatened egotism to violence and aggression: The dark side of high self-esteem. *Psychological Review, 103*, 5-33.
- Becker, A., Hagenberg, N., Roessner, V., Woerner, W., & Rothenberger, A. (2004). Evaluation of the self-reported SDQ in a clinical setting: Do self-reports tell us more than ratings by adult informants? *European Child & Adolescent Psychiatry, 13*, Suppl 2, 10-24.
- Bentler, P. (2004). *EQS 6 Structural Equations Program Manual*. Encino, CA: Multivariate Software, Inc.
- Bentler, P., & Wu, E. (2002). *EQS for Windows user's guide*. Encino, CA: Multivariate Software, Inc.
- Blascovich, J., & Tomaka, J. (1993). Measures of Self-Esteem. In J. Robinson, P. Shaver & L. Wrightsman (Eds.), *Measures of Personality and Social Psychological Attitudes* (pp. 115-160). Ann Arbor: Institute for Social Research.
- Brendgen, M., Vitaro, F., & Bukowski, W. (1998). Affiliation with delinquent friends: Contributions of parents, self-esteem, delinquent behavior, and peer rejection. *Journal of Early Adolescence, 18*, 244-265.
- Boden, J., Fergusson, D., & Horwood, L. (2007). Self-esteem and violence: testing links between adolescent self-esteem and later hostility and violent behavior. *Social Psychiatry and Psychiatric Epidemiology, 42*, 881-891.

- Bushman, B., & Baumeister, R. (1998). Threatened egotism, narcissism, self-esteem, and direct and displaced aggression: Does self-love or self-hate lead to violence? *Journal of Personality and Social Psychology*, *75*, 219-229.
- Byrne, B. (2006). *Structural equation modeling with EQS: Basic concepts, applications, and programming*. Mahwah, New Jersey: LEA.
- Caldwell, R., Beutler, L., Ross, S., & Silver, N. (2006). Brief report: An examination of the relationships between parental monitoring, self-esteem and delinquency among Mexican American male adolescents. *Journal of Adolescence*, *29*(3), 459-464.
- Calhoun, G., Glaser, B., Stefurak, T., & Bradshaw, C. (2000). Preliminary validation of the Narcissistic Personality Inventory - Juvenile offender. *International Journal of Offender Therapy and Compared Criminology*, *44*, 564-580.
- Campbell, M., Porter, S., & Santor, D. (2004). Psychopathic traits in adolescent offenders: An evaluation of criminal history, clinical and psychosocial correlates. *Behavioral Sciences and the Law*, *22*, 23-47.
- Capaldi, D., Chamberlain, P., & Patterson, G. (1997). Ineffective discipline and conduct problems in males: Association, late adolescent outcomes and prevention. *Aggression and Violent Behavior*, *2*, 343-353.
- Caputo, A., Frick, P., & Brosky, S. (1999). Family violence and juvenile sex offending: The potential role of psychopathic traits and negative attitudes toward women. *Criminal Justice and Behavior*, *26*, 338-356.
- Carroll, A., Durkin, K., Houghton, S., & Hattie, J. (1996). An adaptation of Mak's self-reported delinquency scale for western Australian adolescents. *Australian Journal of Psychology*, *48*(1), 1-7.

- Carroll, A., Hemingway, F., Bower, J., Ashman, A., Houghton, S., & Durkin, K. (2006). Impulsivity in juvenile delinquency: Differences among early-onset, late-onset, and non-offenders. *Journal of Youth and Adolescence*, 35(4), 519-529.
- Chahin, N., Cosi, S., Lorenzo-Seva, U., & Vigil-Colet, A. (2010). Stability of the factor structure of Barratt's Impulsivity Scales for children across cultures: A comparison of Spain and Colombia. *Psicothema*, 22(4), 983-989.
- Christian, R., Frick, P., Hill, N., Tyler, L., & Frazer, D. (1997). Psychopathy and conduct problems in children: II. Implications for subtyping children with conduct problems. *American Academy of Child and Adolescent Psychiatry*, 36, 233-241.
- Clark, L., & Watson, D. (1995). Constructing validity: Basic issues in objective scale development. *Psychological Assessment*, 7, 3, 309-319.
- Cleckley, H. (1976). *The mask of sanity* (5th ed.). Saint Louis, MO: Mosby. (Original published in 1941)
- Cooke, D., & Michie, C. (2001). Refining the construct of psychopathy: Towards a hierarchical model. *Psychological Assessment*, 13, 171-188.
- Corcoran, K., & Fischer, J. (2000), *Measures for clinical practice: A sourcebook* (3rd ed., Vol. 1). New York: The Free Press.
- Cortina, J. (1993). What is coefficient alpha? An examination of theory and applications. *Journal of Applied Psychology*, 78, 1, 98-104.
- Crocker, A., Mueser, K., Drake, R., Clark, R., McHugo, G., Ackerson, T., et al. (2005). Antisocial personality, psychopathy and violence in persons with dual disorders: A longitudinal analysis. *Criminal Justice and Behavior*, 32(4), 452-476.

- Crowne, D., & Marlowe, D. (1960). A new scale of social desirability independent of psychopathology. *Journal of Consulting Psychology, 24*, 349-354.
- Cruise, K., Colwell, L., Lyons, P., & Baker, M. (2003). Prototypical analysis of adolescent psychopathy: Investigating the juvenile justice perspective. *Behavioral Sciences and the Law, 21*, 829–846.
- D'Acremont, M., & Van der Linden, M. (2008). Confirmatory factor analysis of the Strengths and Difficulties Questionnaire in a community sample of french-speaking adolescents. *European Journal of Psychological Assessment, 24*(1), 1-8.
- Dadds, M., Fraser, J., Frost, A., & Hawes, D. (2005). Disentangling the underlying dimensions of psychopathy and conduct problems in childhood: A community study. *Journal of Consulting and Clinical Psychology, 73*(3), 400-410.
- DeVellis, R. (1991). *Scale development: Theory and applications*. London: SAGE.
- Diemen, L., Szobot, C., Kessler, F., & Pechansky, F. (2007). Adaptation and construct validation of the Barratt Impulsiveness Scale (BIS 11) to Brazilian Portuguese for use in adolescents. *Revista Brasileira de Psiquiatria, 29*(2), 153-156.
- Dishion, T., Patterson, G., Stoolmiller, M. & Skinner, M. (1991). Family, school and behavioral antecedents to early adolescent involvement with antisocial peers. *Developmental Psychology, 27*, 172-180.
- Domino, G. & Domino, M. (2006). *Psychological testing: An introduction* (2nd Ed.). New York: Cambridge University Press.
- Donnellan, M., Trzesniewski, K., Robins, R., Moffitt, T., & Caspi, A. (2005). Low self-esteem is related to aggression, antisocial behavior, and delinquency. *Psychological Science, 16*, 328 –335.

- Eastman, B. (2004). Assessing the efficacy of treatment for adolescent sex offenders: A cross-over longitudinal study. *The Prison Journal*, 84(4), 472-485.
- Eklund, J., & Af Klinteberg, B. (2009). Stability and change in criminal behavior: A prospective study of young male lawbreakers and controls. *International Journal of Forensic Mental Health*, 5, 83-95.
- Elliott, D., & Ageton, S. (1980). Reconciling race and class differences in self-reported and official estimates of delinquency. *American Sociological Review*, 45, 95-110.
- Elliott, D., Huizinga, D. & Menard, S. (1989). *Multiple problem youth: Delinquency, substance abuse and mental health problems*. New York: Springer-Verlag.
- Eysenck, S., & Eysenck, H. (1977). The place of impulsiveness in a social system of personality description. *British Journal of Social and Clinical Psychology*, 2, 46-55.
- Eysenck, S., Easting, G. & Pearson, P. (1984). Age norms for impulsiveness, venturesomeness and empathy in children. *Personality and Individual Differences*, 5, 315-321.
- Emmons, R. (1987). Narcissism: Theory and measurement. *Journal of Personality and Social Psychology*, 52, 11-17.
- Essau, C., Sasagawa, S., & Frick, P. (2006). Callous-unemotional traits in a community sample of adolescents. *Assessment*, 13(4), 454-469.
- Everitt, B., & Skrondal, A. (2010). *The Cambridge dictionary of statistics* (4th Ed.). Cambridge: Cambridge University Press.
- Farrington, D. (1989). Early predictors of adolescent aggression and adult violence. *Violence and Victims*, 4, 79-100.

- Farrington, D. (2004). O Estudo de Desenvolvimento da Delinquência de Cambridge: Principais resultados dos primeiros 40 anos. In A. Fonseca (Ed.), *Comportamento anti-social e crime: Da infância à idade adulta* (pp. 73-132). Coimbra: Almedina.
- Farrington, D., Loeber, R., & Van Kammen, W. (1990). Long-term criminal outcomes of hyperactivity-impulsivity-attention deficit and conduct problems in childhood. In L. Robbins & M. Rutter (Eds.), *Straight and devious pathways to adulthood*. New York: Cambridge University Press.
- Farrington, D., & West, D. (1993). Criminal, penal, and life histories of chronic offenders: Risk and protective factors and early identification. *Criminal Behaviour and Mental Health*, 3, 492-523.
- Farrington, D., Loeber, R., & Kalb, L. (2001). Key research and policy issues. In R. Loeber & D. Farrington (Eds.), *Child delinquents: Development, intervention, and service needs* (pp. 385-394). Thousand Oaks: Sage Publications.
- Filho, N., Teixeira, M., & Dias, A. (2009). Psicopatia: O construto e sua avaliação. *Avaliação Psicológica*, 8(3), 337-346.
- Fite, P., Greening, L., Stoppelbein, L., & Fabiano, G. (2009). Confirmatory factor analysis of the Antisocial Process Screening Device with a clinical inpatient population. *Assessment*, 16(1), 103-114.
- Forsman, M., Lichtenstein, P., Andershed, H., & Larsson, H. (2010). A longitudinal twin study of the direction of effects between psychopathic personality and antisocial behavior. *Child Psychology and Psychiatry*, 51(1), 39-47.
- Fossati, A., Barratt, E., & Acquarini, E. (2002). Psychometric properties of an adolescent version of the Barratt Impulsiveness Scale – 11 for a sample of Italian high school students. *Perceptual and Motor Skills*, 95, 621-635.

- Freidenfelt, J., & Af Klinteberg, B. (2007). Exploring adult personality and psychopathy tendencies in former childhood hyperactive delinquent males. *Journal of Individual Differences, 28*(1), 27-36.
- Freud, S. (1980). Sobre o narcisismo: Uma introdução. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (Volume XIV). Rio de Janeiro, Imago. (Obra original publicada em 1914)
- Frick, P. (1998). *Conduct disorders and severe antisocial behaviour*. New York: Plenum Publishing Corporation.
- Frick, P., O'Brien, B., Wootton, J., & McBurnett, K. (1994). Psychopathy and conduct problems in children. *Journal of Abnormal Psychology, 103*, 700-707.
- Frick, P., & Loney, B. (1999). Outcomes of children and adolescents with oppositional defiant disorder and conduct disorder. In H. Quay & A. Hogan (Eds.), *Handbook of disruptive behavior disorders* (pp. 507-524). New York: Plenum.
- Frick, P., & Hare, R. (2001). *Antisocial Process Screening Device (APSD): Technical manual*. Toronto: Multi-Health Systems.
- Frick, P., Barry, C. & Bodin, S. (2000). Applying the concept of psychopathy to children: Implications for the assessment of antisocial youth. In C. Gacono (Ed.), *The clinical and forensic assessment of psychopathy: A practitioner's guide* (pp. 1-24). New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates.
- Frick, P., Bodin, S., & Barry, C. (2000). Psychopathic traits and conduct problems in community and clinic-referred samples of children: Further development of the Psychopathy Screening Device. *Psychological Assessment, 12*(4), 382-393.
- Frick, P., Kimonis, E., Dandreaux, D., & Farrel, J. (2003). The 4 year stability of psychopathic traits in non-referred youth. *Behavioral Sciences and the Law, 21*, 713-736.

- Frick, P., Stickle, T., Dandreaux, D., Farrell, J., & Kimonis, E. (2005). Callous-unemotional traits in predicting the severity and stability of conduct problems and delinquency. *Journal of Abnormal Child Psychology*, *33*(4), 471-487.
- Frick, P., & Dantagnan, A. (2005). Predicting the stability of conduct problems in children with and without callous-unemotional traits. *Journal of Child and Family Studies*, *14*(4), 469-485).
- Frick, P., & McMahon, R. (2008). Child and adolescent conduct problems. In J. Hunsley & E. Mash (Eds.), *A guide to assessments that work* (pp. 41-66). New York: Oxford University.
- Frick, P., & White, S. (2008). The importance of callous-unemotional traits for the developmental models of aggressive and antisocial behaviour. *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, *49*(4), 359-375.
- Fritz, M., Ruchkin, V., Kaposov, R., & Klinteberg, B. (2008). Antisocial process screening device: Validation on a Russian sample of juvenile delinquents with the emphasis on the role of personality and parental rearing. *International Journal of Law and Psychiatry*, *31*, 438-446.
- Forth, A., Kosson, D., & Hare, R. (2003). *The Psychopathy Checklist: Youth Version*. Toronto: Multi-Health Systems.
- Forth, A., & Book, A. (2010). Psychopathic traits in children and adolescents. In R. Salekin & D. Lynam (Eds.), *Handbook of child and adolescent psychopathy* (pp. 251-283). New York: The Guilford Press.
- Fung, A., Gao, Y., & Raine, A. (2010). The utility of the child and adolescent psychopathy construct in Hong Kong, China. *Journal of Clinical Child & Adolescent Psychology*, *39*(1), 134-140.

- Gacono, C., Meloy, J., & Heaven, T. (1990). A Rorschach investigation of narcissism and hysteria in antisocial personality. *Journal of Personality Assessment*, 55, 270-279
- Gliner, J. & Morgan, G. (2000). *Research methods in applied settings: An integrated approach to design and analysis*. New Jersey: LEA.
- Goodman, R. (1997). The Strengths and Difficulties Questionnaire: A Research Note. *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, 38, 581-586.
- Goodman, R. (2001) Psychometric properties of the Strengths and Difficulties Questionnaire. *Journal of the American Academy of Child and Adolescent Psychiatry* 40, 1337-1345.
- Goodman, R., Meltzer, H., & Bailey, V. (1998). The Strengths and Difficulties Questionnaire: A pilot study on the validity of the self-report version. *European Child and Adolescent Psychiatry*, 7, 125-130.
- Goodman, R., & Scott, S. (1999). Comparing the Strengths and Difficulties Questionnaire and the Child Behavior Checklist: Is small beautiful? *Journal of Abnormal Child Psychology*, 27, 17-24.
- Goodwin, C., & Helms, J. (2002). Statistics and trends in juvenile justice and forensic psychology. In G. Ribner (Ed.), *The handbook of juvenile forensic psychology* (pp. 3-28). San Francisco: Jossey-Bass.
- Gottfredson, M., & Hirschi, T. (1990). *A general theory of crime*. Stanford, CA: Stanford University Press.
- Grisso, T. (1998). *Forensic evaluation of juveniles*. Sarasota, Florida: Professional Resources Press.
- Hambleton, R. (2001). The next generation of the ITC test translation and adaptation guidelines. *European Journal of Psychological Assessment*, 17(3), 164-172.

- Hare, R. (1980). A research scale for the assessment of psychopathy in criminal populations. *Personality and Individual Differences, 1*(2): 111–120.
- Hare, R. (1985). A comparison of procedures for the assessment of psychopathy. *Journal of Consulting and Clinical Psychology, 53*, 7-16.
- Hare, R. (1999). *Without conscience: The disturbing world of the psychopaths among us*. New York: The Guilford Press.
- Hare, R. (2003). *The Hare Psychopathy Checklist-Revised: Technical manual* (2nd Ed.). Toronto, Canada: Multi-Health Systems.
- Hare, R., Clark, D., Grann, M., & Thornton, D. (2000). Psychopathy and the predictive validity of the PCL-R: An international perspective. *Behavioral Sciences and the Law, 18*, 623-645.
- Harpur, T., Hare, R., & Hakstian, A. (1989). Two-factor conceptualization of psychopathy: Construct validity and assessment implications. *Psychological Assessment, 1*, 6-17.
- Harris, G., Rice, M., & Quinsey, V. (1994). Psychopathy as a taxon: Evidence that psychopaths are a discrete class. *Journal of Consulting and Clinical Psychology, 62*, 387-397.
- Hart, S., Watt, K., & Vincent, G. (2002). Commentary on Seagrave and Grisso: Impressions of the state of the art. *Law and Human Behavior, 26*(2), 241-245.
- Hart, S., & Dempster, R. (1997). Impulsivity and psychopathy. In C. Webster & M. Jackson (Eds.), *Impulsivity: Theory, assessment and treatment* (pp. 212-232). New York: The Guilford Press.
- Hawkins, D., Laub, J., & Lauritsen, J. (1998). Race, ethnicity, and serious juvenile offending. In R. Loeber & D. Farrington (Eds.), *Serious and violent juvenile*

- offenders: Risk factors and successful interventions* (pp. 30-46). Thousand Oaks, California: Sage Publications.
- Henry, B., Caspi, A., Moffitt, T., & Silva, P. (1996). Temperamental and familial predictors of violent and nonviolent criminal convictions: Age 3–age 18. *Developmental Psychology*, 32(4): 614–623.
- Hindelang, M., Hirschi, T., & Weis, J. (1979). Correlates of delinquency: The illusion of discrepancy between self-report and official measures. *American Sociological Review*, 44, 995-1014.
- Hirschi, T. (1969/2006). *Causes of delinquency*. New Brunswick: Transaction Publishers.
- Hoyle, R., Stephenson, M., Palmgreen, P., Lorch, E., & Donohew, R. (2002). Reliability and validity of a brief measure of sensation seeking. *Personality and Individual Differences*, 32, 401-414.
- Howell, J., Krisberg, B., & Jones, M. (1995). Trends in juvenile crime and youth violence. In J. Howell, B. Krisberg, J. Hawkins & J. Wilson (Eds.), *A sourcebook: Serious, violent and chronic juvenile offenders* (pp. 1-35). Thousand Oaks, California: Sage Publications.
- Huesmann, L., Eron, L., Lefkowitz, M., & Walder, L. (1984). The stability of aggression over time and generations. *Developmental Psychology*, 20, 1120–1134.
- Huizinga, D., & Elliott, D. (1986). Reassessing the reliability and validity of self-report delinquency measures. *Journal of Quantitative Criminology*, 2(4), 293-327.
- IBM SPSS. (2010). *IBM SPSS Statistics Base 19*. Chicago, IL: SPSS Inc.
- Johnston, M., Wright, S. & Weinman, J. (1995). *Measures in health psychology: A user's portfolio*. Windsor, UK: NFER-NELSON Publishing Company Ltd.

- Junger-Tas, J., Marshall, I., & Ribeaud, D. (2003). *Delinquency in an international perspective: The International Self-reported Delinquency study (ISRSD)*. The Hague, The Netherlands: Kugler Publications.
- Kaplan, H. B. (1980). *Deviant behavior in defense of self*. New York: Academic Press.
- Kazdin, A. (1996). *Conduct disorders in childhood and adolescence*. Thousand Oaks: Sage.
- Kernis, M., Grannemann, B., & Barclay, L. (1989). Stability and level of self-esteem as predictors of anger arousal and hostility. *Journal of Personality and Social Psychology*, *56*, 1013-1022.
- Kimonis, E., Frick, P., & Barry, C. (2004). Callous-unemotional traits and delinquent peer affiliation. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, *72*(6), 956-966.
- Kimonis, E., Frick, P., Skeem, J., Marsee, M., Cruise, K., Munoz, L., Aucoin, K., & Morris, A. (2008). Assessing callous-unemotional traits in adolescent offenders: Validation of the Inventory of Callous-Unemotional Traits. *International Journal of Law and Psychiatry*, *31*, 241-252.
- Kline, P. (2000). *The handbook of psychological testing*. London: Routledge.
- Knight, G., Little, M., Losoya, S., & Mulvey, E. (2004). The self-report of offending among serious juvenile offenders: cross-gender, cross-ethnic/race measurement equivalence. *Youth Violence and Juvenile Justice*, *2*(3), 273-295.
- Kosson, D., Lorenz, A., & Newman, J. (2006). Effects of co-morbid psychopathy on criminal offending and emotion processing in male offenders with antisocial personality disorder. *Journal of Abnormal Psychology*, *115*(4), 798-806.
- Kratzer, L., & Hodgins, S. (1997). Adult outcomes of child conduct problems: A cohort study. *Journal of Abnormal Child Psychology*, *25*, 65-81.

- Krohn, M., Thornberry, T., Rivera, C., & Le Blanc, M. (2001). Later delinquency careers. In R. Loeber & D. Farrington (Eds.), *Child delinquents: Development, intervention, and service needs* (pp. 67-94). Thousand Oaks: Sage Publications.
- Kruh, I., Frick, P., & Clements, C. (2005). Historical and personality correlates to the violence patterns of juveniles tried as adults. *Criminal Justice and Behavior*, 32, 69-96.
- Kuther, T. (2000). Moral reasoning, perceived competence, and adolescent engagement in risky activity. *Journal of Adolescence*, 23, 599-604.
- Lee, Z., Vincent, G., Hart, S., & Corrado, R. (2003). The validity of the Antisocial Process Screening Device as a self-report measure of psychopathy in adolescent offenders. *Behavioral Sciences and the Law*, 21, 771-786.
- Leech, N., Barrett, K., & Morgan, G. (2008). *SPSS for intermediate statistics: Use and interpretation* (3rd Ed.). New York: LEA.
- Leistico, A., Salekin, R., DeCoster, J., & Rogers, R. (2008). A large-scale meta-analysis relating the Hare measures of psychopathy to antisocial conduct. *Law and Human Behavior*, 32, 28-45.
- Lilienfeld, S., & Fowler, K. (2006). The self-report assessment of psychopathy: Problems, pitfalls, and promises. In C. Patrick (Ed.), *Handbook of psychopathy* (pp. 107-132). New York: The Guilford Press.
- Lipsey, M., & Derzon J. (1998). Predictors of violent or serious delinquency in adolescence and early adulthood: A synthesis of longitudinal research. In R. Loeber & D. Farrington (Eds.), *Serious and violent juvenile offenders: Risk factors and successful interventions* (pp. 84-105). Thousand Oaks, California: Sage Publications.

- Lynam, D. (1996). Early identification of chronic offenders: Who is the fledgling psychopath? *Psychological Bulletin*, *120*, 209-243.
- Lynam, D. (1997). Pursuing the psychopath: Capturing the fledgling psychopath in a nomological net. *Journal of Abnormal Psychology*, *106*, 425-438.
- Lynam, D. (1998). Early identification of the fledgling psychopath: Locating the psychopathic child in the current literature. *Journal of Abnormal Psychology*, *107*, 566-575.
- Lynam, D., & Miller, J. (2004). Personality pathways to impulsive behaviour and their relations to deviance: Results from three samples. *Journal of Quantitative Criminology*, *20*(4), 319-341.
- Lynam, D., & Gudonis, L. (2005). The development of psychopathy. *Annual Review of Clinical Psychology*, *1*, 381-407.
- Lynam, D., Caspi, A., Moffitt, T., Loeber, R., & Stouthamer-Loeber, M. (2007). Longitudinal evidence that psychopathy scores in early adolescence predict adult psychopathy. *Journal of Abnormal Psychology*, *116*, 155-165.
- Lochman, J., Powell, N., Boxmeyer, C., Young, L., & Baden, R. (2010). Historical conceptions of risk subtyping among children and adolescents. In R. Salekin & D. Lynam (Eds.), *Handbook of child and adolescent psychopathy* (pp. 49-78). New York: The Guilford Press.
- Loeber, R., & Farrington, D. (2001). The significance of child delinquency. In R. Loeber & D. Farrington (Eds.), *Child delinquents: Development, intervention and service needs* (pp. 1-24). Thousand Oaks, California: Sage Publications.
- Loeber, R., Farrington, D., & Waschbusch, D. (1998). Serious and violent juvenile offenders. In R. Loeber & D. Farrington (Eds.), *Serious and violent juvenile*

- offenders: Risk factors and successful interventions* (pp. 13-29). Thousand Oaks, California: Sage Publications.
- Loney, B., Frick, P., Clements, C., Ellis, M., & Kerlin, K. (2003). Callous-unemotional traits, impulsivity, and emotional processing in adolescents with antisocial behavior problems. *Journal of Clinical Child and Adolescent Psychology*, 32(1), 66-80.
- Loo, R., & Loewen, P. (2004). Confirmatory factor analyses of scores from full and short versions of the Marlowe-Crowne Social Desirability Scale. *Journal of Applied Social Psychology*, 34, 2343-2352.
- Luengo, M., Carrillo-de-la-Peña, M., Otero, J., & Romero, E. (1994). A short-term longitudinal study of impulsivity and anti-social behavior. *Journal of Personality and Social Psychology*, 66(3), 542-548.
- Mak, A. (1993). A self-report delinquency scale for Australian Adolescents. *Australian Journal of Psychology*, 45(2), 75-79.
- Marôco, J. (2010a). *Análise estatística com o PASW Statistics (ex-SPSS)*. Pêro Pinheiro: ReportNumber.
- Marôco, J (2010b). *Análise de equações estruturais: Fundamentos teóricos, software e aplicações*. Pêro Pinheiro: ReportNumber.
- Marsee, M., Silverthorn, P., & Frick, P. (2005). The association of psychopathic traits with aggression and delinquency in non-referred boys and girls. *Behavioral Sciences and the Law*, 23, 803–817.
- Marzocchi, G., Capron, C., Di Pietro, M., Tauleria, E., Duyme, M., Frigerio, A., Gaspar, M., Hamilton, H., Pithon, G., Simões, A. & Thérond, C. (2004). The use of the Strengths and Difficulties Questionnaire (SDQ) in southern european countries. *European Child & Adolescent Psychiatry*, 13, sup 2, 40-46.

- Mason, W. (2001). Self-esteem and delinquency revisited (again): A test of Kaplan's Self-derogation theory of delinquent using latent growth curve modeling. *Journal of Youth and Adolescence*, 30(1), 83-102.
- McCarthy, J. & Hoge, D. (1984). The dynamics of self-esteem and delinquency. *American Journal of Sociology*, 90, 396-410.
- McDowell, I. (2006). *Measuring health: A guide to rating scales and questionnaires* (3rd Ed.) New York: Oxford University Press.
- Myers, W., Burket, R., & Harris, H. (1995). Adolescent psychopathy in relation to delinquent behaviors, conduct disorders, and personality disorders. *Journal of Forensic Sciences*, 40, 436–440.
- Moffitt, T. (1993). Adolescent-limited and life-persistent antisocial behaviour: A developmental taxonomy. *Psychological Review*, 100(4), 674-701.
- Moffitt, T. (2003). Life-course and adolescence-limited anti-social behaviour: A 10-year research review and a research agenda. In B. Lahey, T. Moffitt & A. Caspi (Eds.), *Causes of conduct disorder and juvenile delinquency* (pp. 49-75). New York: Guilford Press.
- Moffitt, T., Caspi, A., Rutter, M., & Silva, P. (2006). *Sex differences in antisocial behaviour: Conduct disorder, delinquency and violence in the Dunedin longitudinal study*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Morgan, G., Leech, N., Gloeckner, G., & Barrett, K. (2007). *SPSS for introductory statistics: Use and interpretation* (3rd Ed.). Mahwah, New Jersey: LEA.
- Muñoz, L., & Frick, P. (2007). The reliability, stability, and predictive utility of the self-report version of the Antisocial Process Screening Device. *Scandinavian Journal of Psychology*, 48, 299-312.

- Murrie, D., & Cornell, D. (2000). The Millon Adolescent Clinical Inventory and Psychopathy. *Journal of Personality Assessment*, 75(1), 110-125.
- Nagin, D. & Tremblay, R. (1999). Trajectories of boys' physical aggression, opposition, and hyperactivity on the path to physically violent and non violent juvenile delinquency. *Child Development*, 70, 1181-1196.
- Negreiros, J. (2001). *Delinquências juvenis: Trajectórias, intervenções e prevenção*. Lisboa: Editorial Notícias.
- Nietzsche, F. (1994). *Assim falava Zarathustra*. Lisboa: Guimarães Editores. (Obra original publicada em 1883).
- Nunnally, J., & Bernstein, I. (1994). *Psychometric theory*. New York: McGraw-Hill.
- Oas, P. (1985). Impulsivity and delinquent behavior among incarcerated adolescents. *Journal of Clinical Psychology*, 41(3), 422-424.
- Obradovic, J., Pardini, D., Long, J., & Loeber, R. (2007). Measuring interpersonal callousness in boys from childhood to adolescence: An examination of longitudinal invariance and temporal stability. *Journal of Clinical Child and Adolescent Psychology*, 36, 276–292.
- Office of Juvenile Justice and Delinquency Prevention (1995). Introduction. In J. Howell (Ed.), *Guide for implementing the comprehensive strategy for serious, violent, and chronic juvenile offenders*. U.S. Department of Justice: Office of Justice Programs.
- Papps, B., & O'Carroll, R. (1998). Extremes of self-esteem and narcissism and the experience and expression of anger and aggression. *Aggressive Behavior*, 24, 421-438.

- Pardini, D., Lochman, J., & Frick, P. (2003). Callous/unemotional traits and social-cognitive processes in adjudicated youths. *Journal of the American Academy of Child & Adolescent Psychiatry, 42*(3), 364-371.
- Pardini, D., & Loeber, R. (2008). Interpersonal callousness trajectories across adolescence: Early social influences and adult outcomes. *Criminal Justice and Behavior, 35*, 173-196.
- Patrick, C. (2010). Conceptualizing the psychopathic personality: Disinhibited, bold, ... or just plain mean? In R. Salekin & D. Lynam (Eds.), *Handbook of child and adolescent psychopathy* (pp. 15-48). New York: The Guilford Press.
- Patterson, G., DeBaryshe, D. & Ramsey, E. (1989). A developmental perspective on antisocial behavior. *American Psychologist, 44*, 329-335.
- Patterson, G., DeGarmo, D., & Knutson, N. (2000). Hyperactive and antisocial behaviors: Comorbid or two points in the same process? *Development and Psychopathology, 12*, 91-106.
- Patterson, G., & Yoerger, K. (2002). Um modelo desenvolvimental da delinquência de início tardio. In A. Fonseca (Ed.), *Comportamento anti-social e família: Uma abordagem científica* (pp. 93-156). Coimbra: Almedina.
- Penney, S., & Moretti, M. (2007). The relation of psychopathy to concurrent aggression and antisocial behavior in high-risk adolescent girls and boys. *Behavioral Sciences and the Law, 25*, 21-41.
- Percy, A., McCrystal, P. & Higgins, K. (2008). Confirmatory factor analysis of the adolescent self-report Strengths and Difficulties Questionnaire. *European Journal of Psychological Assessment, 24*(1), 43-48.
- Piquero, A., MacIntosh, R. & Hickman, M. (2002). The validity of a self-reported delinquency scale. *Sociological Methods & Research, 30*(4), 492-529.

- Quinsey, V., Skilling, T., Lalumière, M., & Craig, W. (2004). *Juvenile delinquency: Understanding the origins of individual differences*. Washington, DC: American Psychological Association.
- Quinsey, V., Harris, V., Rice, M., & Cormier, C. (2006). *Violent offenders: Appraising and managing risk* (2nd Ed.). Washington, DC: American Psychological Association.
- Raine, A., Dodge, K., Loeber, R., Gatzke-Kopp, L., Lynam, D., Reynolds, C., Stouthamer-Loeber, M., & Liu, J. (2006). The Reactive-Proactive Aggression Questionnaire: Differential correlates of reactive and proactive aggression in adolescent boys. *Aggressive Behavior*, 32, 159-171.
- Raskin, R., & Terry, H. (1988). A principal-components analysis of the Narcissistic Personality Inventory and further evidence of its construct validity. *Journal of Personality and Social Psychology*, 54, 890-902.
- Rhodewalt, F., & Morf, C. (1995). Self and interpersonal correlates of the Narcissistic Personality Inventory: A review and new findings. *Journal of Research in Personality*, 29, 1-23.
- Roose, A., Bijttebier, P., Decoene, S., Claes, L., & Frick, P. (2010). Assessing the affective features of psychopathy in adolescence: A further validation of the Inventory of Callous and Unemotional Traits. *Assessment*, 17(1), 44-57.
- Rosenberg, M. (1986). *Conceiving the Self*. Malabar, FL: Krieger Publishing.
- Rosenberg, M. (1989). *Society and the adolescent self-image*. Revised edition. Middletown: Wesleyan University Press.
- Rucevic, S. (2010). Psychopathic personality traits and delinquent and risky sexual behaviors in Croatian sample of non-referred boys and girls. *Law and Human Behavior*, 34, 379-391.

- Ruchkin, V., Jones, S., Vermeiren, R., & Schwab-Stone, M. (2008). The strengths and difficulties questionnaire: The self-report version in American urban and suburban youth. *Psychological Assessment, 20* (2), 175-182.
- Salekin, R., Rogers, R., & Machin, D. (2001). Psychopathy in youth: Pursuing diagnostic clarity. *Journal of Youth and Adolescence, 30*, 173–195.
- Salekin, R., Leistico, A., Neumann, C., DiCicco, T., & Duros, R. (2004). Psychopathy and comorbidity in a young offender sample: Taking a closer look at psychopathy's potential importance over disruptive behavior disorders. *Journal of Abnormal Psychology, 113*, 416–27.
- Salekin, R., Leistico, A., Trobst, K., Schrum, C., & Lochman, J. (2005). Adolescent psychopathy and personality theory—the interpersonal circumplex: Expanding evidence of a nomological net. *Journal of Abnormal Child Psychology, 33*, 445–460.
- Salekin, R., Rosenbaum, J., & Lee, Z. (2008). Child and adolescent psychopathy: Stability and change. *Psychiatry, Psychology and Law, 15*(2), 224-236.
- Salekin, R., & Lynam, D. (2010). Child and adolescent psychopathy: An introduction. In R. Salekin & D. Lynam (Eds.), *Handbook of child and adolescent psychopathy* (pp. 1-12). New York: The Guilford Press.
- Schrum, C., & Salekin, R. (2006). Psychopathy in adolescent female offenders: An item response theory analysis of the Psychopathy Checklist: Youth Version. *Behavioral Sciences and the Law, 24*, 39–63.
- Seagrave, D., & Grisso, T. (2002). Adolescent development and the measurement of juvenile psychopathy. *Law and Human Behavior, 26*, 219–239.
- Serin, R. (1991). Psychopathy and violence in criminals. *Journal of Interpersonal Violence, 6*, 423-431.

- Sevecke, K., & Kosson, D. (2010). Relationships of child and adolescent psychopathy to other forms of psychopathology. In R. Salekin & D. Lynam (Eds.), *Handbook of child and adolescent psychopathy* (pp. 284-314). New York: The Guilford Press.
- Simões, M. (1994). *Investigação no âmbito da aferição nacional ao Teste das Matrizes Progressivas Coloridas de Raven (MPCR)*. Tese de Doutoramento em Psicologia apresentada à Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Coimbra.
- Snyder, J., Reid, J., & Patterson, G. (2003). A social learning model of child and adolescent antisocial behaviour. In B. Lahey, T. Moffitt & A. Caspi (Eds.), *Causes of conduct disorder and juvenile delinquency* (pp. 27-48). New York: Guilford Press.
- Stice, E., & Barrera, M. (1995). A longitudinal examination of the reciprocal relations between perceived parenting and adolescents' substance use and externalizing behaviors. *Developmental Psychology*, *31*, 322-334.
- Tabachnick, B., & Fidell, L. (2007). *Using multivariate statistics* (5th Ed.). New York: Pearson.
- Taylor, J. (1989). The effects of personal and competitive self-efficacy and differential outcome feedback on subsequent self-efficacy and performance. *Cognitive Therapy and Research*, *13*, 67-79.
- Taylor, S., & Brown, J. (1988). Illusion and well-being: A social psychological perspective on mental health. *Psychological Bulletin*, *103*, 193-210
- Thornberry, T., & Krohn, M. (2000). The self-report method for measuring delinquency and crime. *Criminal Justice*, *4*, 33-83.

- Toch, H. (1993). Good violence and bad violence: Through self-presentations of aggressors accounts and war stories. In R. Felson & J. Tedeschi (Eds.), *Aggression and violence: Social interactionist perspectives* (pp. 193-206). Washington, DC: American Psychological Association.
- Tremblay, R., & LeMarquand, D. (2001). Individual risk and protective factors. In R. Loeber & D. Farrington (Eds.), *Child delinquents: Development, intervention, and service needs* (pp. 137-164). Thousand Oaks: Sage Publications.
- Van Baardewijk, Y., Stegge, H., Andershed, H., Thomaes, S., Scholte, E., & Vermeiren, R. (2008). Measuring psychopathic traits in children through self-report: The development of the Youth Psychopathic traits Inventory – Child Version. *The International Journal of Law and Psychiatry*, *31*, 199-209.
- Van Baardewijk, Y., Vermeiren, R., Stegge, H., & Doreleijers, T. (2011). Self-reported psychopathic traits in children: Their stability and concurrent and prospective association with conduct problems and aggression. *Journal of Psychopathology and Behavioral Assessment*, *33*(2), 236-245.
- Van de Vijver, F., & Hambleton, R. (1996). Translating tests: Some practical guidelines. *European Psychologist*, *1*, 89-99.
- Vaughn, M., & Howard, M. (2005a). The construct of psychopathy and its potential contribution to the study of serious, violent, and chronic youth offending. *Youth Violence and Juvenile Justice*, *3*, 235-252.
- Vaughn, M., & Howard, M. (2005b). Self-report measures of juvenile psychopathic personality traits. *Journal of Emotional and Behavioral Disorders*, *13*(3), 152-162.
- Verona, E., & Vitale, J. (2006). Psychopathy in women. In C. Patrick (Ed.), *Handbook of psychopathy* (pp. 415-436). New York: The Guilford Press.

- Verona, E., Sadeh, N., & Javdani, S. (2010). The influences of gender and culture on child and adolescent psychopathy. In R. Salekin & D. Lynam (Eds.), *Handbook of child and adolescent psychopathy* (pp. 317-342). New York: The Guilford Press.
- Vitacco, M., Neumann, C., Robertson, A., & Durrant, S. (2002). Contributions of impulsivity and callousness in the assessment of adjudicated male adolescents: A prospective study. *Journal of Personality Assessment, 78*(1), 87-103.
- Vitacco, M., Rogers, R. & Neumann, C. (2003). The Antisocial Process Screening Device: An examination of its construct and criterion-related validity. *Assessment, 10*(2), 143-150.
- Vincent, G., Vitacco, M., Grisso, T., & Corrado, R. (2003). Subtypes of adolescent offenders: Affective traits and anti-social behavior patterns. *Behavioral Sciences and the Law, 21*, 695-712.
- Wallace, J., Newman, J., & Bachorowski, J. (1991). Failures of response modulations: Impulse behavior in anxious and impulsive individuals. *Journal of Research in Personality, 25*, 23-44.
- Washburn, J., McMahon, S., King, C., Reinecke, M., & Silver, C. (2004). Narcisism features in young adolescents: Relations to aggression and internalizing symptoms. *Journal of Youth and Adolescence, 33*(3), 247-260.
- Wasserman, G., & Seracini, A. (2001). Family risk factors and interventions. In R. Loeber & D. Farrington (Eds.), *Child delinquents: Development, intervention, and service needs* (pp. 165-190). Thousand Oaks: Sage Publications.
- White, J., Moffitt, T., Caspi, A., Bartusch, D., Needles, D., & Stouthamer-Loeber, M. (1994). Measuring impulsivity and examining its relationships to delinquency. *Journal of Abnormal Psychology, 103*(2), 192-205.

- Wooldredge, J., Harman, J., Latessa, E., & Holmes, S. (1994). Effectiveness of culturally specific community treatment for African American juvenile felons. *Crime and Delinquency*, 40(4), 589-598.
- World Health Organization (1993). *Classificação de transtornos mentais e de comportamento da CID-10. Descrições clínicas e de diagnóstico*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Zoccolillo, M. (1993). Gender and the development of conduct disorder. *Development and Psychopathology*, 5, 65-78.

8. Anexos

Anexo 1

Questionário sócio-demográfico e criminal

Questionário Sócio-demográfico e criminal

1. Tens quantos anos?

Tenho _____ anos.

2. Qual é o teu sexo?

Masculino Feminino

3. Qual é a tua raça/etnia?

Branco Negro Mulato Cigano

Outra. Qual? _____

4. Qual é a tua nacionalidade?

Portuguesa Países da Europa Países de África

Outra. Qual? _____

5. Em que localidade moras habitualmente? _____

6. Que escolaridade tens já completa? _____

7. Que escolaridade têm os teus pais?

Pai

- Sem estudos/analfabeto
- 1º Ciclo (4º ano)
- 2º Ciclo (6º ano)
- 3º Ciclo (9º ano)
- Ensino Secundário (12º ano)
- Ensino Superior/Universitário
- Não sei

Mãe

- Sem estudos/analfabeta
- 1º Ciclo (4º ano)
- 2º Ciclo (6º ano)
- 3º Ciclo (9º ano)
- Ensino Secundário (12º ano)
- Ensino Superior/Universitário
- Não sei

8. Que profissão têm os teus pais?

Pai _____

Não sei

Mãe _____

Não sei

9. Assinala a situação que corresponde melhor à situação dos teus pais:

- O meu pai e a minha mãe estão casados / vivem juntos
- O meu pai e a minha mãe estão divorciados / separados
- O meu pai já faleceu
- A minha mãe já faleceu

10.1. Com quem vives habitualmente em tua casa?

10.2. Quantas pessoas vivem em tua casa (incluindo tu)?

- Somos _____ pessoas.

11. Tens quantos irmãos (incluindo tu)?

- Somos _____ irmãos.

12. Estás a tomar medicamentos para os “nervos” ou “cabeça” (psiquiátricos)?

- Não Sim

13. Já te envolvereste em actividades ilegais (contra a lei)?

- Não Sim

13.2. Se respondeste Sim, que idade tinhas quando te envolvereste pela primeira vez nessas actividades ilegais?

- Tinha _____ anos.

14. Já tiveste problemas com a lei (policia, esquadra, etc.)?

- Não Sim

14.2. Se respondeste Sim, que idade tinhas quando tiveste problemas pela primeira vez com a lei?

- Tinha _____ anos.

15. Já estiveste internado num Centro Educativo (“reformatório”) do Ministério da Justiça?

Não Sim

15. Se respondeste Sim, que idade tinhas quando estiveste internado pela primeira vez num Centro Educativo?

Tinha _____ anos.

Anexo 2

Autorizações da DGRS e da DGIDC



Exma. Sr. Dr.
Pedro Fernandes S. Pechorro
Praceta Flaviano Rodrigues, nº 7 – r/ch esq.
2855-583 Corroios

21/08*08 08792

Sua referência

Sua comunicação de

Nossa referência
DSEP

Data
19.08.08

Assunto: **Pedido de recolha de dados e aplicação de questionários para elaboração de tese de doutoramento**

Tenho a honra de informar V. Ex.^a que a sua proposta de recolha de dados para a elaboração de uma Tese de Doutoramento, sob o tema “Delinquência Juvenil: Estudo de Algumas Variáveis Psicológicas e Interpessoais”, foi autorizada, devendo o trabalho realizar-se a partir de Outubro de 2008, nos Centros Educativos da Bela Vista e Padre António de Oliveira.

Mais informo que poderá contactar os Senhores Directores dos Centros Educativos da Bela, onde irá realizar o trabalho de campo, para ser orientado e supervisionado na aplicação dos questionários e na consulta dos processos. Caso queira esclarecer algumas questões ou obter informações, deverá contactar a Direcção de Serviços da Área Tutelar Educativa (DSATE), através do telefone 21 317 61 00.

Relembro que deve respeitar alguns procedimentos deontológicos, em particular, a salvaguarda da confidencialidade dos dados e a despersonalização dos sujeitos alvos, bem como remeter a esta Direcção-Geral uma cópia do trabalho final, antes da sua publicação.

Com os melhores cumprimentos,

21/ A Directora-Geral,

Leonor Furtado

JA/153/DSEP/08

Rogério Canhões
Subdirector-Geral

NOTA DE SERVIÇO

Nº 86/2008

Data : 26-Nov-08

De: DSEP

Para : DSATE

Assunto : Tese de Doutoramento do Mestre Pedro Fernandes dos Santos Pechorro

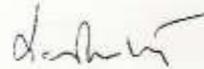
O Mestre Pedro Fernandes dos Santos Pechorro, assistente administrativo dos quadros da DGRS no SMEA de Lisboa, solicita à DGRS autorização para efectuar um estudo de investigação a jovens dos Centros Educativos, situados na faixa etária dos 12 aos 20 anos de idade, no âmbito da elaboração de uma tese de doutoramento, subordinada ao tema "Delinquência Juvenil: Estudo de Algumas Variáveis Psicológicas e Interpessoais".

O investigador é da Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa, Departamento de Psiquiatria, sendo tutor da sua tese, o Prof. Doutor Rui Xavier Vieira e Co-orientador o Professor Doutor Carlos Poiares.

A recolha de dados consiste no preenchimento voluntário de questionários, de preferência individualmente, a realizar nos Centros Educativos, tendo já sido autorizado. Solicita agora o alargamento a outros Centros Educativos a fim de poder completar o seu trabalho.

Face ao exposto, solicita-se à DSATE que informe sobre a exequibilidade e oportunidade do referido alargamento dos Centros Educativos conforme pedido junto.

O Técnico Superior



João Agante

- Informe-se para
modo de fazer a o/p.
- Recusar-se o presente
despacho aos EEO e
EESA com cópia
do expediente exis-
tente sobre este
assunto,

Jos P. 11. 26
João d'Oliveira Cóias
Director de Serviços-Área Tutelar Educativa
(em regime de substituição)



Exmo(a)s. Sr(a)s.

Foi efectuado no sistema de Monitorização de Inquéritos em Meio Escolar (<http://mime.gepe.min-edu.pt>) um registo da entidade **Pedro Fernandes dos Santos Pechorro** com os seguintes dados:

- Tipo de entidade: Outro: Pessoal
- Morada: Praceta Flaviano Rodrigues N7 - R/C Esq.
- Código postal: 2855-583 Corroios
- Localidade: Corroios
- Concelho: Seixal
- Distrito: Setúbal
- Telefone: 960172029
- Fax:
- E-mail: pedro.s.pechorro@dgrs.mj.pt

Após validação deste registo pelos nossos serviços será enviado um e-mail com os dados de acesso a este sistema.

Desde já agradecemos a sua colaboração, e brevemente entraremos em contacto consigo.

Exmo(a)s. Sr(a)s.

O registo da entidade "Pedro Fernandes dos Santos Pechorro" efectuado no sistema de Monitorização de Inquéritos em Meio Escolar (<http://mime.gepe.min-edu.pt>) foi aprovado.

Para aceder à área de acesso restrito neste sistema utilize os seguintes dados de acesso:

- Utilizador: 7zd612
- Palavra-chave: o58cy5

Os dados de acesso constantes neste e-mail servem como identificador da sua entidade perante este sistema, e permite-lhe aceder a um conjunto de funcionalidades tais como consultar e/ou editar os dados da entidade, registar novos inquéritos e consultar e/ou editar os inquéritos registados pela sua entidade.

Exmo(a)s. Sr(a)s.

O pedido de autorização do inquérito n.º 0052200001, com a designação Delinquência juvenil, registado em 15-05-2009, foi aprovado.

Avaliação do inquérito:

Exmo. Senhor Dr. Pedro Fernandes dos Santos Pechorro

Venho por este meio informar que o pedido de realização de questionário em meio escolar é autorizado uma vez que, submetido a análise, cumpre os requisitos de qualidade técnica e metodológica para tal devendo, no entanto, ter em atenção as observações aduzidas.

Com os melhores cumprimentos

Jesuína Ribeiro
Subdirectora-Geral

DGIDC

Anexo 3

Pedidos de autorização para validação de APSD-SR, SDQ-SR e ASDS

Pedido de autorização para validação do APSD-SR

From: pechorro@portugalmail.pt [mailto:pechorro@portugalmail.pt]
Sent: Tuesday, November 25, 2008 3:13 PM
To: Paul J Frick
Subject:

Hello

My name is Pedro Pechorro. I am a psychologist from Lisbon, Portugal. I'm planning my PhD and I would be interested in using the APSD in my thesis and validating it in portuguese. My thesis is about serious and violent juvenile offenders. What would be necessary to get you permission to use and validate the APSD?

Best regards,
Pedro Pechorro

Dear Dr. Pechorro,

All the information on the APSD can be obtained from my web site: <http://fs.uno.edu/pfrick/>

I hope this information is helpful and good luck in your project.

Paul Frick

Paul J. Frick, Ph.D., Research Professor
Chair, Department of Psychology
University of New Orleans
2001 Geology & Psychology Bldg.
New Orleans, LA 70148
Ph: (504)-280-6012 Fax: (504)-280-6049
e-mail: pfrick@uno.edu
web: <http://fs.uno.edu/pfrick/>

From: pechorro@portugalmail.pt [mailto:pechorro@portugalmail.pt]
Sent: Tuesday, November 25, 2008 5:30 PM
To: Paul J Frick
Subject: RE:

Thanks. I have visited the site already. It was very helpful.

I have some questions. To whom should I ask formal permission to translate and use the APSD? Should I buy the rights to use the APSD? Should I follow some specific guidelines in the validation process (e.g., translation to portuguese and retro-version to english)? Has the APSD been officially translated to portuguese? Most authors have specific guidelines about these things when people are trying to validate their tests in other countrys...

I did not find the answers to these kinds of questions on the website.

Best regards,

Pedro Pechorro

Dear Dr. Pechorro,

If you are interested in translating the published parent and teacher versions of the scale, you would need to contact Multi-health Systems at 1-800-456-3003 and ask for the Research and Development division. If you are interested in translating the self-report version, this has not been published and I would give you permission to do the translation. All that I ask is that you provide a copy of the translated scale and any manuscripts that you publish using it.

I hope this helps.

Paul

Paul J. Frick, Ph.D., Research Professor
Chair, Department of Psychology
University of New Orleans
2001 Geology & Psychology Bldg.
New Orleans, LA 70148
Ph: (504)-280-6012 Fax: (504)-280-6049
e-mail: pfrick@uno.edu
web: <http://fs.uno.edu/pfrick/>

Pedido de autorização para validação do SDQ-SR

On Tue, Nov 25, 2008 at 9:19 PM, <pechorro@portugalmail.pt> wrote:

Hello

My name is Pedro Pechorro. I am a psychologist from Lisbon, Portugal. I'm planning my PhD and I would be interested in using the SDQ in my thesis and validating it in portuguese. My thesis is about serious and violent juvenile offenders. What would be necessary to get you permission to use and validate the SDQ?

Best regards,

Pedro Pechorro

If you use the SDQ in line with the copyright requirements shown on the home page of www.sdqinfo.com, then you do not need additional permission from me. But if you think this would be the first validation of the SDQ in European Portuguese, then I think you may be mistaken. Apart from studies done in Brasil, I believe that reliability and validity studies have been done in Lisboa and Coimbra, but perhaps they are not published. I would advise you to check carefully, because even if they are not published now, they might well be published before the end of your PhD. On the other hand, your validation in a group of serious and violent juvenile offenders may not be replicated by other groups - who I think have focused on young children, community samples, and clinic samples. But I certainly don't know about all SDQ studies since people can do studies without having to get my permission first.

Best wishes

Robert

On 11/29/08, pechorro@portugalmail.pt <pechorro@portugalmail.pt>
wrote:

Hello

I am aware some studies have been done in Portugal using the SDQ, but to my knowledge they have not been published. Some studies have been done in Brazil also but their use of the portuguese language is quite different from ours. By the way, regarding the portuguese translation available online on the SDQ site I must tell you there are several spelling errors. I intend to use the SDQ with adolescents (13-17 years old), both self-report and teacher rating form. Also, I intend to collect a community sample, not just a serious juvenile offenders sample.

Best regards,

Pedro Pechorro

Hi Pedro

A list of spelling errors would be very helpful

Thanks

Robert

On 12/23/08, pechorro@portugalmail.pt <pechorro@portugalmail.pt>
wrote:

List of spelling errors of Questionário de Capacidades e de Dificuldades A11-16

Page 1, Line 2: Instead of "Nãoé" write "Não é" (2 different words)

Page 1, Item 2: Instead of "consigoficar" write "consigo ficar" (2 different words)

Page 1, Item 4: Instead of "iogos" write "jogos" (this word is written with j)

Page 2, Line 2: Instead of "einoções" write "emoções" (this word is written without i and with m)

Page 2, Line 7. Instead of "ás" write "às"

Best regards,

Pedro Pechorro

Thank you very much your detailed feedback is much appreciated. We will make the changes soon.

Robert

Pedido de autorização para validação da ASDS

> On 15/04/2008, at 9:02 AM, pechorro@portugalmail.pt wrote:

>

>> Hello

>>

>> My name is Pedro Pechorro. I am a PhD student from Portugal. I read

>> your 1996 article published in the Australian Journal of Psychology

>> and I am interested in using and validating Mak's Self-reported Delinquency Scale

>> in my dissertation. Could you sent me a copy?

>>

>> Best regards,

>>

>> Pedro

>>

Citando Annemaree Carroll <a.carroll@uq.edu.au>:

> Hello Pedro,

>

> Yes send me your mailing address and I will post you a copy of the

> scale.

>

> Annemaree

> Dr Annemaree Carroll

> Associate Professor in Educational Psychology, School of Education, The University of
Queensland, St Lucia Campus, Brisbane Q 4072, Australia

>

> Ph: (617) 3365 6476

> Fax: (617) 3365 7199

> Mob: 0409 624 501

> Email: a.carroll@uq.edu.au

> CRICOS Provider Number: 000025B

From: pechorro@portugalmail.pt [<mailto:pechorro@portugalmail.pt>]
Sent: Sat 4/19/2008 1:43 AM
To: Annemaree Carroll
Subject: Re:

Hello

Thank you very much. My mailing adress is

Pedro Santos Pechorro
Praceta Flaviano Rodrigues N7 - R/C Esq. 2855-583 Corroios
PORTUGAL

Best regards

Pedro

Citando Annemaree Carroll <a.carroll@uq.edu.au>:

Hi Pedro,

It's on the way to you.

Annemaree

> Dr Annemaree Carroll
> Associate Professor in Educational Psychology, School of Education, The University of
Queensland, St Lucia Campus, Brisbane Q 4072, Australia
>
> Ph: (617) 3365 6476
> Fax: (617) 3365 7199
> Mob: 0409 624 501
> Email: a.carroll@uq.edu.au
> CRICOS Provider Number: 000025B

Anexo 4

Versão portuguesa da RSES

RSES

De seguida tens afirmações que se referem a sentimentos gerais que tens acerca de ti próprio. Lê atentamente e responde assinalando a opção correcta para cada uma delas.

	Totalmente falso	Em parte falso	Totalmente verdade	Em parte verdade
1. De um modo geral estou satisfeito comigo próprio.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
2. Por vezes penso que não presto.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
3. Sinto que tenho algumas boas qualidades.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
4. Sou capaz de fazer coisas tão bem como a maioria das outras pessoas.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
5. Sinto que não tenho motivos para me orgulhar de mim próprio.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
6. Por vezes sinto-me um inútil.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
7. Sinto que sou uma pessoa de valor.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
8. Deveria ter mais respeito por mim próprio.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
9. De um modo geral sinto-me um fracassado.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
10. Tenho uma boa opinião de mim próprio.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

Anexo 5

Versão portuguesa do SDQ-SR

SDQ - SR

Para cada afirmação assinala a opção de resposta correcta.
Responde a todas as afirmações o melhor que puderes baseando-te na forma como as coisas te correram nos últimos 6 meses...

Muitas vezes verdade
Por vezes verdade
Falso

1. Tento ser simpático com as outras pessoas. Preocupo-me com o que sentem.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
2. Sou irrequieto, não consigo ficar quieto muito tempo.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
3. Tenho muitas dores de cabeça, de barriga ou vómitos.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
4. Gosto de partilhar com os outros (comida, jogos, canetas, etc.).	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
5. Irrito-me e perco a cabeça muitas vezes.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
6. Estou quase sempre sozinho, jogo sozinho.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
7. Normalmente faço o que me mandam.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
8. Preocupo-me muito com as coisas.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
9. Gosto de ajudar se alguém está magoado, aborrecido ou doente.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
10. Não sossego, estou sempre a mexer as pernas ou as mãos.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
11. Tenho pelo menos um bom amigo.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
12. Ando sempre à pancada. Consigo obrigar os outros a fazer o que eu quero.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
13. Ando muitas vezes triste, desanimado ou a chorar.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
14. Os meus colegas geralmente gostam de mim.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
15. Estou sempre distraído. Tenho dificuldades em me concentrar.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
16. Fico nervoso em situações novas. Facilmente fico inseguro.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
17. Sou simpático para as crianças mais pequenas.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
18. Sou muitas vezes acusado de mentir ou enganar.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
19. Os outros jovens metem-se comigo, ameaçam-me ou intimidam-me.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
20. Gosto de ajudar os outros (pais, professores ou outros jovens).	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
21. Penso nas coisas antes de as fazer.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
22. Tiro coisas que não são minhas.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
23. Dou-me melhor com adultos do que com os da minha idade.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
24. Tenho muitos medos, assusto-me facilmente.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
25. Geralmente acabo o que começo. Tenho uma boa capacidade de atenção.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

Anexo 6

Versão portuguesa do APSD-SR

APSD - SR

Lê cada uma das questões seguintes e decide se te descreve.
Responde assinalando a opção correcta para cada questão.

	Falso	Por vezes verdade	Muitas vezes verdade
1. Culpas os outros pelos teus erros?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
2. Envolves-te em actividades ilegais (contra a lei)?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
3. Preocupas-te com o teu desempenho na escola ou no trabalho?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
4. Fazes as coisas sem pensares nas conseqüências?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
5. Pareces ser falso às outras pessoas?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
6. És bom a mentir?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
7. És bom a manter as promessas que fazes?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
8. Gabas-te muito das coisas que fazes ou tens?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
9. Ficas facilmente aborrecido?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
10. Enganas ou usas as pessoas para teres o que queres?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
11. Gozas ou divertes-te à custa das outras pessoas?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
12. Sentes-te mal ou culpado quando fazes alguma coisa de errado?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
13. Fazes coisas arriscadas ou perigosas?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
14. Fazes-te de simpático para conseguires as coisas que queres?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
15. Ficas zangado quando te corrigem ou castigam?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
16. Pensas que és melhor ou mais importante que os outros?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
17. Deixas as coisas que tens a fazer sempre para o último minuto?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
18. Preocupas-te com os sentimentos dos outros?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
19. Mostras os teus sentimentos às outras pessoas?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
20. Tens mantido a amizade com os mesmos amigos?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

Anexo 7

Versão portuguesa da ASDS

ASDS

Os jovens fazem muitas coisas diferentes e podem quebrar algumas regras de vez em quando. Lê atentamente as questões e responde assinalando a opção correcta para cada uma delas. Nos últimos 12 meses...

1

Nunca
Algumas vezes
Muitas vezes

1. Roubaste mais de 10 €?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
2. Arrombaste uma casa com intenção de roubar?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
3. Roubaste menos de 10 €?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
4. Roubaste coisas de outras pessoas (exemplo: telemóvel)?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
5. Roubaste coisas numa loja?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
6. Conduziste um carro ou mota a mais de 120 km/h?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
7. Passaste um semáforo vermelho quando conduzas um carro ou mota?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
8. Roubaste um carro ou mota?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
9. Participaste em corridas de carros ou motas?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
10. Guiaste sem teres carta de condução?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
11. Guiaste um carro ou mota roubados?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
12. Compraste bebidas alcoólicas?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
13. Bebeste bebidas alcoólicas em sítios públicos (exemplo: em discotecas)?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
14. Fumaste haxixe ("ganza") ou marijuana ("erva")?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
15. Usaste drogas duras (exemplo: ecstasy, cocaína ou heroína)?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
16. Vendeste drogas a outras pessoas?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
17. Guiaste um carro ou mota quando estavas bêbado?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
18. Participaste num roubo usando a força ou uma arma?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
19. Usaste a força para conseguir coisas de outras pessoas (exemplo: dinheiro)?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
20. Estiveste envolvido num acidente de carro ou mota e a seguir fugiste?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
21. Andaste armado ou usaste algum tipo de arma (exemplo: faca, pistola)?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
22. Estragaste de propósito material da escola (exemplo: cadeira, porta)?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
23. Estragaste de propósito coisas públicas (exemplo: jardim, caixote do lixo)?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
24. Estragaste de propósito coisas de outras pessoas (exemplo: carro, partir vidros)?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
25. Ateaste de propósito um fogo?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

ASDS

Os jovens fazem muitas coisas diferentes e podem quebrar algumas regras de vez em quando. Lê atentamente as questões e responde assinalando a opção correcta para cada uma delas. Nos últimos 12 meses...

2

Nunca
Algumas vezes
Muitas vezes

26. Abanaste ou bateste em máquinas de venda automática (exemplo: de bebidas)?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
27. Pintaste graffitis em sítios públicos?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
28. Envolveste-te em lutas entre grupos?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
29. Bateste em alguém?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
30. Foste suspenso ou expulso da escola?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
31. Viste filmes pornográficos?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
32. Fizeste telefonemas a ameaçar ou insultar alguém?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
33. Não pagaste bilhete (exemplo: nos transportes públicos)?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
34. Faltaste às aulas sem justificação?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
35. Fugiste de casa?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

Anexo 8

Versão portuguesa da MCSDS-SF

MCSDS - SF

Em seguida encontra uma série de frases que se referem a traços e atitudes pessoais.

Lê cada uma delas e decide se essa frase é Falsa ou Verdadeira fazendo uma cruz na opção que melhor corresponde ao que pensas de ti.

	Falso	Verdade
1. Por vezes, quando não consigo o que quero fico chateado.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
2. Já me aconteceu desistir de fazer certas coisas por pensar que não tinha capacidade para as fazer.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
3. Já senti vontade de me revoltar contra as pessoas com mais autoridade do que eu, apesar de saber que elas tinham razão.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
4. Ouço sempre com muita atenção todas as pessoas com quem falo, sejam elas quem forem.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
5. Já fingi estar doente para me safar de uma situação.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
6. Já me aproveitei de outras pessoas para meu benefício pessoal.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
7. Quando cometo um erro estou sempre disposto a admitir que o cometi.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
8. Por vezes, tento vingar-me em vez de perdoar e esquecer.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
9. Sou sempre simpático, mesmo se as pessoas são mal-educadas para mim.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
10. Nunca me aborreci quando as pessoas tinham ideias contrárias às minhas.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
11. Houve alturas em que tive bastante inveja da boa sorte dos outros.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
12. Por vezes, fico irritado com as pessoas que insistem em me pedir favores.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
13. Nunca disse coisas para magoar os sentimentos de outra pessoa.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

Anexo 9

Questionários aplicados nos Centros Educativos e nas Escolas

TERMO DE CONSENTIMENTO INFORMADO

Versão Centro Educativo

Concordo em participar neste estudo de doutoramento em Medicina Legal e Ciências Forenses pela Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa a decorrer no presente Centro Educativo.

Foi-me dada uma explicação da natureza e objectivos deste estudo e concedida a possibilidade de perguntar e esclarecer todos os aspectos que me pareceram pertinentes.

Foi-me dada a informação de que os dados obtidos por este questionário são confidenciais.

Concordo em que os dados recolhidos sejam analisados pelos investigadores envolvidos no estudo.

Sei que a minha participação é voluntária e que sou livre de desistir deste estudo se for esse o meu desejo.

Local _____

Data _____

Não deixes nenhuma pergunta por responder

Questionário Sócio-demográfico

1. Qual é a tua data de nascimento? _____; Idade: _____ anos

2. Qual é o teu sexo?

Masculino Feminino

3. Qual é a tua raça/etnia?

Branco Negro Mulato Cigano

Outra. Qual? _____

4. Qual é a tua nacionalidade?

Portuguesa Países da Europa Países de África

Outra. Qual? _____

5. Em que localidade moras habitualmente? _____

6. Que escolaridade tens já completa? _____

7. Que escolaridade têm os teus pais?

Pai

- Sem estudos/analfabeto
- 1º Ciclo (4º ano)
- 2º Ciclo (6º ano)
- 3º Ciclo (9º ano)
- Ensino Secundário (12º ano)
- Ensino Superior/Universitário
- Não sei

Mãe

- Sem estudos/analfabeta
- 1º Ciclo (4º ano)
- 2º Ciclo (6º ano)
- 3º Ciclo (9º ano)
- Ensino Secundário (12º ano)
- Ensino Superior/Universitário
- Não sei

8. Que profissão têm os teus pais?

Pai _____

Não sei

Mãe _____

Não sei

9. Assinala a situação que corresponde melhor à situação dos teus pais:

- O meu pai e a minha mãe estão casados / vivem juntos
- O meu pai e a minha mãe estão divorciados / separados
- O meu pai já faleceu
- A minha mãe já faleceu

10.1. Com quem vives habitualmente em tua casa?

10.2. Quantas pessoas vivem em tua casa ao todo (incluindo tu)?

- Somos _____ pessoas.

11. Tens quantos irmãos ao todo (incluindo tu)?

- Somos _____ irmãos.

12. Estás a tomar medicamentos para os “nervos” ou “cabeça” (psiquiátricos)?

- Não Sim

13. Já te envolverste em actividades ilegais (contra a lei)?

- Não Sim

13.2. Se respondeste Sim, que idade tinhas quando te envolverste pela primeira vez nessas actividades ilegais?

- Tinha _____ anos.

14. Já tiveste problemas com a lei (policia, esquadra, etc.)?

- Não Sim

14.2. Se respondeste Sim, que idade tinhas quando tiveste problemas pela primeira vez com a lei?

- Tinha _____ anos.

15. Já estiveste internado num Centro Educativo (“reformatório”) do Ministério da Justiça?

Não Sim

15. Se respondeste Sim, que idade tinhas quando estiveste internado pela primeira vez num Centro Educativo?

Tinha _____ anos.

RSES

De seguida tens afirmações que se referem a sentimentos gerais que tens acerca de ti próprio. Lê atentamente e responde assinalando a opção correcta para cada uma delas.

	Totalmente falso	Em parte falso	Totalmente verdade	Em parte verdade
1. De um modo geral estou satisfeito comigo próprio.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
2. Por vezes penso que não presto.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
3. Sinto que tenho algumas boas qualidades.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
4. Sou capaz de fazer coisas tão bem como a maioria das outras pessoas.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
5. Sinto que não tenho motivos para me orgulhar de mim próprio.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
6. Por vezes sinto-me um inútil.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
7. Sinto que sou uma pessoa de valor.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
8. Deveria ter mais respeito por mim próprio.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
9. De um modo geral sinto-me um fracassado.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
10. Tenho uma boa opinião de mim próprio.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

SDQ - SR

Para cada umas das afirmações seguintes assinala a opção de resposta correcta.
 Responde a todas as afirmações o melhor que puderes baseando-te na forma como as coisas te corriam nos últimos 6 meses antes de entrares nos Centros Educativos...

	Falso	Muitas vezes verdade	Por vezes verdade
1. Tento ser simpático com as outras pessoas. Preocupo-me com o que sentem.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
2. Sou irrequieto, não consigo ficar quieto muito tempo.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
3. Tenho muitas dores de cabeça, de barriga ou vómitos.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
4. Gosto de partilhar com os outros (comida, jogos, canetas, etc.).	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
5. Irrito-me e perco a cabeça muitas vezes.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
6. Estou quase sempre sozinho, jogo sozinho.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
7. Normalmente faço o que me mandam.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
8. Preocupo-me muito com as coisas.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
9. Gosto de ajudar se alguém está magoado, aborrecido ou doente.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
10. Não sossego, estou sempre a mexer as pernas ou as mãos.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
11. Tenho pelo menos um bom amigo.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
12. Ando sempre à pancada. Consigo obrigar os outros a fazer o que eu quero.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
13. Ando muitas vezes triste, desanimado ou a chorar.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
14. Os meus colegas geralmente gostam de mim.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
15. Estou sempre distraído. Tenho dificuldades em me concentrar.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
16. Fico nervoso em situações novas. Facilmente fico inseguro.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
17. Sou simpático para as crianças mais pequenas.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
18. Sou muitas vezes acusado de mentir ou enganar.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
19. Os outros jovens metem-se comigo, ameaçam-me ou intimidam-me.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
20. Gosto de ajudar os outros (pais, professores ou outros jovens).	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
21. Penso nas coisas antes de as fazer.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
22. Tiro coisas que não são minhas.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
23. Dou-me melhor com adultos do que com os da minha idade.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
24. Tenho muitos medos, assusto-me facilmente.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
25. Geralmente acabo o que começo. Tenho uma boa capacidade de atenção.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

APSD - SR

Lê cada uma das questões seguintes e decide se te descreve.
 Responde assinalando a opção correcta para cada questão.
 Responde da forma como eras antes de entrares nos Centros Educativos.

	Falso	Por vezes verdade	Muitas vezes verdade
1. Culpas os outros pelos teus erros?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
2. Envolves-te em actividades ilegais (contra a lei)?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
3. Preocupas-te com o teu desempenho na escola ou no trabalho?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
4. Fazes as coisas sem pensares nas conseqüências?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
5. Pareces ser falso às outras pessoas?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
6. És bom a mentir?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
7. És bom a manter as promessas que fazes?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
8. Gabas-te muito das coisas que fazes ou tens?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
9. Ficas facilmente aborrecido?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
10. Enganas ou usas as pessoas para teres o que queres?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
11. Gozas ou divertes-te à custa das outras pessoas?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
12. Sentes-te mal ou culpado quando fazes alguma coisa de errado?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
13. Fazes coisas arriscadas ou perigosas?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
14. Fazes-te de simpático para conseguires as coisas que queres?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
15. Ficas zangado quando te corrigem ou castigam?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
16. Pensas que és melhor ou mais importante que os outros?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
17. Deixas as coisas que tens a fazer sempre para o último minuto?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
18. Preocupas-te com os sentimentos dos outros?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
19. Mostras os teus sentimentos às outras pessoas?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
20. Tens mantido a amizade com os mesmos amigos?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

ASDS

Os jovens fazem muitas coisas diferentes e podem quebrar algumas regras de vez em quando. Lê atentamente as questões e responde assinalando a opção correcta para cada uma delas. Nos últimos 12 meses antes de entrares nos Centros Educativos tu...

1

Nunca
Algumas vezes
Muitas vezes

1. Roubaste mais de 10 €?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
2. Arrombaste uma casa com intenção de roubar?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
3. Roubaste menos de 10 €?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
4. Roubaste coisas de outras pessoas (exemplo: telemóvel)?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
5. Roubaste coisas numa loja?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
6. Conduziste um carro ou mota a mais de 120 km/h?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
7. Passaste um semáforo vermelho quando conduzas um carro ou mota?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
8. Roubaste um carro ou mota?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
9. Participaste em corridas de carros ou motas?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
10. Guiaste sem teres carta de condução?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
11. Guiaste um carro ou mota roubados?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
12. Compraste bebidas alcoólicas?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
13. Bebeste bebidas alcoólicas em sítios públicos (exemplo: em discotecas)?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
14. Fumaste haxixe ("ganza") ou marijuana ("erva")?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
15. Usaste drogas duras (exemplo: ecstasy, cocaína ou heroína)?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
16. Vendeste drogas a outras pessoas?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
17. Guiaste um carro ou mota quando estavas bêbado?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
18. Participaste num roubo usando a força ou uma arma?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
19. Usaste a força para conseguir coisas de outras pessoas (exemplo: dinheiro)?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
20. Estiveste envolvido num acidente de carro ou mota e a seguir fugiste?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
21. Andaste armado ou usaste algum tipo de arma (exemplo: faca, pistola)?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
22. Estragaste de propósito material da escola (exemplo: cadeira, porta)?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
23. Estragaste de propósito coisas públicas (exemplo: jardim, caixote do lixo)?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
24. Estragaste de propósito coisas de outras pessoas (exemplo: carro, partir vidros)?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
25. Ateaste de propósito um fogo?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

ASDS

Os jovens fazem muitas coisas diferentes e podem quebrar algumas regras de vez em quando. Lê atentamente as questões e responde assinalando a opção correcta para cada uma delas. Nos últimos 12 meses antes de entrares nos Centros Educativos tu...

2

Nunca
Algumas vezes
Muitas vezes

26. Abanaste ou bateste em máquinas de venda automática (exemplo: de bebidas)?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
27. Pintaste graffitis em sítios públicos?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
28. Envolvete-te em lutas entre grupos?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
29. Bateste em alguém?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
30. Foste suspenso ou expulso da escola?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
31. Viste filmes pornográficos?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
32. Fizeste telefonemas a ameaçar ou insultar alguém?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
33. Não pagaste bilhete (exemplo: nos transportes públicos)?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
34. Faltaste às aulas sem justificação?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
35. Fugiste de casa?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

MCSDS SF

Em seguida encontra uma série de frases que se referem a traços e atitudes pessoais.

Lê cada uma delas e decide se essa frase é Falsa ou Verdadeira fazendo uma cruz na opção que melhor corresponde ao que pensas de ti.

	Falso	Verdade
1. Por vezes, quando não consigo o que quero fico chateado.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
2. Já me aconteceu desistir de fazer certas coisas por pensar que não tinha capacidade para as fazer.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
3. Já senti vontade de me revoltar contra as pessoas com mais autoridade do que eu, apesar de saber que elas tinham razão.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
4. Ouço sempre com muita atenção todas as pessoas com quem falo, sejam elas quem forem.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
5. Já fingi estar doente para me safar de uma situação.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
6. Já me aproveitei de outras pessoas para meu benefício pessoal.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
7. Quando cometo um erro estou sempre disposto a admitir que o cometi.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
8. Por vezes, tento vingar-me em vez de perdoar e esquecer.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
9. Sou sempre simpático, mesmo se as pessoas são mal-educadas para mim.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
10. Nunca me aborreci quando as pessoas tinham ideias contrárias às minhas.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
11. Houve alturas em que tive bastante inveja da boa sorte dos outros.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
12. Por vezes, fico irritado com as pessoas que insistem em me pedir favores.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
13. Nunca disse coisas para magoar os sentimentos de outra pessoa.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

Escala Taxionómica para Crianças e Adolescentes - CATS

Rating scale

Não Sim

	Não	Sim
1. Má adaptação durante a escolaridade básica (pelo menos um problema menor de disciplina ou de assiduidade).	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
2. Problema de álcool na adolescência.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
3. Problema de agressividade na infância (pelo menos uma agressão física menor ocasional antes dos 15 anos).	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
4. Problema de comportamento antes dos 15 anos. [DSM IV TR PC 3 ou + itens]	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
5. Suspensão ou expulsão da escola.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
6. Preso antes dos 16 anos.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
7. Alcoolismo parental.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
8. Viveu com ambos os progenitores biológicos até aos 16 anos (excepto por morte de progenitor).	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

DSM IV TR Perturbação do Comportamento

Rating scale (os seguintes itens referem-se à forma como sujeito funcionou até aos 15 anos ou, não tendo acesso a essa informação, à forma como funcionou até recentemente). [Basta assinalar 3 itens Sim]

	Não	Sim
1. Com frequência insulta, ameaça ou intimida as outras pessoas.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
2. Com frequência inicia lutas físicas.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
3. Utilizou uma arma que pode causar graves prejuízos físicos aos outros (por exemplo: pau, tijolo, garrafa partida, faca, arma de fogo).	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
4. Manifestou crueldade física para com as pessoas.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
5. Manifestou crueldade física para com os animais.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
6. Roubou confrontando-se com a vítima (por exemplo: roubo por esticção, extorsão, roubo à mão armada).	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
7. Forçou alguém a ter uma actividade sexual.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
8. Lançou deliberadamente fogo com intenção de causar prejuízos graves.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
9. Destruiu deliberadamente a propriedade alheia (por meios diferentes do incêndio).	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
10. Arrombou a casa, a propriedade ou o automóvel de outra pessoa.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
11. Mentiu com frequência para obter ganhos ou favores ou para evitar obrigações (por exemplo: "vigariza" os outros).	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
12. Rouba objectos de certo valor sem confrontação com a vítima (por exemplo: roubo em lojas mas sem arrombamento, falsificações).	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
13. Com frequência permanece fora de casa de noite apesar da proibição dos pais, iniciando este comportamento antes dos 13 anos de idade	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
14. Fuga de casa durante a noite, pelo menos duas vezes, enquanto vive em casa dos pais ou seus substitutos (ou uma só vez, mas durante um período prolongado).	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
15. Faltas frequentes à escola, com início antes dos 13 anos.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

Dados Processuais

Data: _____

Nome: _____

Crimes pelos quais está acusado ou foi condenado:

Data da Decisão Judicial: _____

- Medida Cautelar de Guarda
- Perícia da Personalidade
- Medida de Internamento
- Fins-de-Semana

Duração: _____

Regime

- Aberto
- Semi-aberto
- Fechado

Data de Início da Medida: _____

TERMO DE CONSENTIMENTO INFORMADO

Versão escolar

Concordo em participar neste estudo de doutoramento em Medicina Legal e Ciências Forenses pela Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa a decorrer na presente escola.

Foi-me dada uma explicação da natureza e objectivos deste estudo e concedida a possibilidade de perguntar e esclarecer todos os aspectos que me pareceram pertinentes.

Foi-me dada a informação de que os dados obtidos por este questionário são anónimos e confidenciais.

Concordo em que os dados recolhidos sejam analisados pelos investigadores envolvidos no estudo.

Sei que a minha participação é voluntária e que sou livre de desistir deste estudo se for esse o meu desejo.

Local _____

Data _____

Não deixes nenhuma pergunta por responder

Questionário Sócio-demográfico

1. Tens quantos anos?

Tenho _____ anos.

2. Qual é o teu sexo?

Masculino Feminino

3. Qual é a tua raça/etnia?

Branco Negro Mulato Cigano

Outra. Qual? _____

4. Qual é a tua nacionalidade?

Portuguesa Países da Europa Países de África

Outra. Qual? _____

5. Em que localidade moras habitualmente? _____

6. Que escolaridade tens já completa? _____

7. Que escolaridade têm os teus pais?

Pai

- Sem estudos/analfabeto
- 1º Ciclo (4º ano)
- 2º Ciclo (6º ano)
- 3º Ciclo (9º ano)
- Ensino Secundário (12º ano)
- Ensino Superior/Universitário
- Não sei

Mãe

- Sem estudos/analfabeta
- 1º Ciclo (4º ano)
- 2º Ciclo (6º ano)
- 3º Ciclo (9º ano)
- Ensino Secundário (12º ano)
- Ensino Superior/Universitário
- Não sei

8. Que profissão têm os teus pais?

Pai _____

Não sei

Mãe _____

Não sei

9. Assinala a situação que corresponde melhor à situação dos teus pais:

- O meu pai e a minha mãe estão casados / vivem juntos
- O meu pai e a minha mãe estão divorciados / separados
- O meu pai já faleceu
- A minha mãe já faleceu

10.1. Com quem vives habitualmente em tua casa?

10.2. Quantas pessoas vivem em tua casa (incluindo tu)?

- Somos _____ pessoas.

11. Tens quantos irmãos (incluindo tu)?

- Somos _____ irmãos.

12. Estás a tomar medicamentos para os “nervos” ou “cabeça” (psiquiátricos)?

- Não Sim

13. Já te envolverste em actividades ilegais (contra a lei)?

- Não Sim

13.2. Se respondeste Sim, que idade tinhas quando te envolverste pela primeira vez nessas actividades ilegais?

- Tinha _____ anos.

14. Já tiveste problemas com a lei (policia, esquadra, etc.)?

- Não Sim

14.2. Se respondeste Sim, que idade tinhas quando tiveste problemas pela primeira vez com a lei?

- Tinha _____ anos.

15. Já estiveste internado num Centro Educativo (“reformatório”) do Ministério da Justiça?

Não Sim

15. Se respondeste Sim, que idade tinhas quando estiveste internado pela primeira vez num Centro Educativo?

Tinha _____ anos.

RSES

De seguida tens afirmações que se referem a sentimentos gerais que tens acerca de ti próprio. Lê atentamente e responde assinalando a opção correcta para cada uma delas.

	Totalmente falso	Em parte falso	Totalmente verdade	Em parte verdade
1. De um modo geral estou satisfeito comigo próprio.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
2. Por vezes penso que não presto.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
3. Sinto que tenho algumas boas qualidades.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
4. Sou capaz de fazer coisas tão bem como a maioria das outras pessoas.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
5. Sinto que não tenho motivos para me orgulhar de mim próprio.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
6. Por vezes sinto-me um inútil.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
7. Sinto que sou uma pessoa de valor.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
8. Deveria ter mais respeito por mim próprio.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
9. De um modo geral sinto-me um fracassado.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
10. Tenho uma boa opinião de mim próprio.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

SDQ - SR

Para cada afirmação assinala a opção de resposta correcta.
Responde a todas as afirmações o melhor que puderes baseando-te na forma como as coisas te correram nos últimos 6 meses...

Muitas vezes verdade
Por vezes verdade
Falso

1. Tento ser simpático com as outras pessoas. Preocupo-me com o que sentem.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
2. Sou irrequieto, não consigo ficar quieto muito tempo.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
3. Tenho muitas dores de cabeça, de barriga ou vómitos.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
4. Gosto de partilhar com os outros (comida, jogos, canetas, etc.).	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
5. Irrito-me e perco a cabeça muitas vezes.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
6. Estou quase sempre sozinho, jogo sozinho.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
7. Normalmente faço o que me mandam.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
8. Preocupo-me muito com as coisas.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
9. Gosto de ajudar se alguém está magoado, aborrecido ou doente.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
10. Não sossego, estou sempre a mexer as pernas ou as mãos.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
11. Tenho pelo menos um bom amigo.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
12. Ando sempre à pancada. Consigo obrigar os outros a fazer o que eu quero.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
13. Ando muitas vezes triste, desanimado ou a chorar.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
14. Os meus colegas geralmente gostam de mim.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
15. Estou sempre distraído. Tenho dificuldades em me concentrar.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
16. Fico nervoso em situações novas. Facilmente fico inseguro.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
17. Sou simpático para as crianças mais pequenas.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
18. Sou muitas vezes acusado de mentir ou enganar.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
19. Os outros jovens metem-se comigo, ameaçam-me ou intimidam-me.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
20. Gosto de ajudar os outros (pais, professores ou outros jovens).	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
21. Penso nas coisas antes de as fazer.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
22. Tiro coisas que não são minhas.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
23. Dou-me melhor com adultos do que com os da minha idade.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
24. Tenho muitos medos, assusto-me facilmente.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
25. Geralmente acabo o que começo. Tenho uma boa capacidade de atenção.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

APSD - SR

Lê cada uma das questões seguintes e decide se te descreve.
Responde assinalando a opção correcta para cada questão.

	Falso	Por vezes verdade	Muitas vezes verdade
1. Culpas os outros pelos teus erros?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
2. Envolves-te em actividades ilegais (contra a lei)?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
3. Preocupas-te com o teu desempenho na escola ou no trabalho?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
4. Fazes as coisas sem pensares nas conseqüências?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
5. Pareces ser falso às outras pessoas?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
6. És bom a mentir?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
7. És bom a manter as promessas que fazes?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
8. Gabas-te muito das coisas que fazes ou tens?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
9. Ficas facilmente aborrecido?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
10. Enganas ou usas as pessoas para teres o que queres?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
11. Gozas ou divertes-te à custa das outras pessoas?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
12. Sentes-te mal ou culpado quando fazes alguma coisa de errado?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
13. Fazes coisas arriscadas ou perigosas?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
14. Fazes-te de simpático para conseguires as coisas que queres?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
15. Ficas zangado quando te corrigem ou castigam?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
16. Pensas que és melhor ou mais importante que os outros?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
17. Deixas as coisas que tens a fazer sempre para o último minuto?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
18. Preocupas-te com os sentimentos dos outros?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
19. Mostras os teus sentimentos às outras pessoas?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
20. Tens mantido a amizade com os mesmos amigos?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

ASDS

Os jovens fazem muitas coisas diferentes e podem quebrar algumas regras de vez em quando. Lê atentamente as questões e responde assinalando a opção correcta para cada uma delas. Nos últimos 12 meses...

1

Algumas vezes
Muitas vezes
Nunca

	<i>Nunca</i>	<i>Algumas vezes</i>	<i>Muitas vezes</i>
1. Roubaste mais de 10 €?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
2. Arrombaste uma casa com intenção de roubar?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
3. Roubaste menos de 10 €?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
4. Roubaste coisas de outras pessoas (exemplo: telemóvel)?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
5. Roubaste coisas numa loja?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
6. Conduziste um carro ou mota a mais de 120 km/h?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
7. Passaste um semáforo vermelho quando conduziás um carro ou mota?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
8. Roubaste um carro ou mota?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
9. Participaste em corridas de carros ou motas?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
10. Guiaste sem teres carta de condução?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
11. Guiaste um carro ou mota roubados?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
12. Compraste bebidas alcoólicas?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
13. Bebeste bebidas alcoólicas em sítios públicos (exemplo: em discotecas)?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
14. Fumaste haxixe ("ganza") ou marijuana ("erva")?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
15. Usaste drogas duras (exemplo: ecstasy, cocaína ou heroína)?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
16. Vendeste drogas a outras pessoas?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
17. Guiaste um carro ou mota quando estavas bêbado?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
18. Participaste num roubo usando a força ou uma arma?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
19. Usaste a força para conseguir coisas de outras pessoas (exemplo: dinheiro)?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
20. Estiveste envolvido num acidente de carro ou mota e a seguir fugiste?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
21. Andaste armado ou usaste algum tipo de arma (exemplo: faca, pistola)?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
22. Estragaste de propósito material da escola (exemplo: cadeira, porta)?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
23. Estragaste de propósito coisas públicas (exemplo: jardim, caixote do lixo)?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
24. Estragaste de propósito coisas de outras pessoas (exemplo: carro, partir vidros)?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
25. Ateaste de propósito um fogo?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

ASDS

Os jovens fazem muitas coisas diferentes e podem quebrar algumas regras de vez em quando. Lê atentamente as questões e responde assinalando a opção correcta para cada uma delas. Nos últimos 12 meses...

2

Nunca
Algumas vezes
Muitas vezes

	<i>Nunca</i>	<i>Algumas vezes</i>	<i>Muitas vezes</i>
26. Abanaste ou bateste em máquinas de venda automática (exemplo: de bebidas)?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
27. Pintaste graffitis em sítios públicos?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
28. Envolveste-te em lutas entre grupos?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
29. Bateste em alguém?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
30. Foste suspenso ou expulso da escola?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
31. Viste filmes pornográficos?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
32. Fizeste telefonemas a ameaçar ou insultar alguém?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
33. Não pagaste bilhete (exemplo: nos transportes públicos)?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
34. Faltaste às aulas sem justificação?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
35. Fugiste de casa?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

MCSDS - SF

Em seguida encontra uma série de frases que se referem a traços e atitudes pessoais.

Lê cada uma delas e decide se essa frase é Falsa ou Verdadeira fazendo uma cruz na opção que melhor corresponde ao que pensas de ti.

	Falso	Verdade
1. Por vezes, quando não consigo o que quero fico chateado.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
2. Já me aconteceu desistir de fazer certas coisas por pensar que não tinha capacidade para as fazer.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
3. Já senti vontade de me revoltar contra as pessoas com mais autoridade do que eu, apesar de saber que elas tinham razão.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
4. Ouço sempre com muita atenção todas as pessoas com quem falo, sejam elas quem forem.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
5. Já fingi estar doente para me safar de uma situação.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
6. Já me aproveitei de outras pessoas para meu benefício pessoal.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
7. Quando cometo um erro estou sempre disposto a admitir que o cometi.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
8. Por vezes, tento vingar-me em vez de perdoar e esquecer.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
9. Sou sempre simpático, mesmo se as pessoas são mal-educadas para mim.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
10. Nunca me aborreci quando as pessoas tinham ideias contrárias às minhas.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
11. Houve alturas em que tive bastante inveja da boa sorte dos outros.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
12. Por vezes, fico irritado com as pessoas que insistem em me pedir favores.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
13. Nunca disse coisas para magoar os sentimentos de outra pessoa.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

Anexo 10

Termo de consentimento do Encarregado de Educação

Autorização de participação

Autorizo o/a educando/a _____
_____ a participar na aplicação de um questionário anónimo e confidencial no âmbito do doutoramento em Medicina Legal e Ciências Forenses pela Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa do mestre Pedro Pechorro.

O questionário tem uma duração média de resposta de 15 minutos, sendo composto por algumas escalas breves de auto-resposta e alguns itens de tipo sócio-demográfico e criminal. A faixa etária dos alunos que se pretende inquirir vai dos 12 aos 18 anos, sendo a participação voluntária.

A aplicação do questionário foi aprovada pela Direcção-Geral de Inovação e de Desenvolvimento Curricular (DGIDC) através do sistema de Monitorização de Inquéritos em Meio Escolar (<http://mime.gepe.min-edu.pt>).

_____, _____ de _____ de 20__

Assinatura _____

Anexo 11

Sistema de classificação do Nível Sócio-económico (NSE)

Classificação do nível sócio-económico (NSE) do agregado familiar (Simões, 1994)

NSE elevado – grandes proprietários ou empresários agrícolas, do comércio e da indústria; quadros superiores da administração pública, do comércio, da indústria e de serviços; profissões liberais (gestores, médicos, magistrados, arquitectos, engenheiros, economistas, professores do ensino superior); artistas; oficiais superiores das forças militares e militarizadas; pilotos de aviação. Do 4º ano de escolaridade (de modo a incluir grandes proprietários e empresários) à licenciatura, mestrado ou doutoramento.

NSE médio – profissionais técnicos intermédios independentes, pescadores proprietários de embarcações, empregados de escritório, de seguros e bancários, agentes de segurança, contabilistas, enfermeiros, assistentes sociais; professores do ensino básico e secundário; comerciantes e industriais. Do 9º ano ao 12º ano de escolaridade, cursos médios e superiores.

NSE baixo – trabalhadores assalariados, por conta de outrem, trabalhadores não especializados da indústria e da construção civil, empregados de balcão no pequeno comércio, contínuos, cozinheiros, empregados de mesa; empregadas de limpeza, pescadores, rendeiros, trabalhadores agrícolas, vendedores ambulantes, trabalhadores especializados da indústria (mecânicos, electricistas), motoristas. Até ao 8º ano de escolaridade obrigatória.

Simões, M. (1994). *Investigação no âmbito da aferição nacional ao Teste das Matrizes Progressivas Coloridas de Raven (MPCR)*. Tese de Doutoramento em Psicologia apresentada à Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Coimbra.

Anexo 12

Sistema de classificação de crimes

Classificação nas categorias de gravidade dos comportamentos delinquentes

Delinquentes graves

Definimos delinquentes graves como jovens que cometeram 1 ou + das seguintes ofensas:

violent offenses – crimes (ou infracções) violentos

felony larceny/theft – furto (felony = antiga pena de prisão maior; larceny = furto; theft: furto)

auto theft – furto de automóvel

fraud – fraude/burla

dealing in stolen property – transacção de bens roubados

burglary – furto qualificado por escalamento

embezzlement – abuso de confiança

break and enter – furto qualificado por arrombamento

drug trafficking – tráfico de droga

carjacking – *carjacking*

arson (other than an occupied dwelling) – crime de incêndio (que não num edifício habitado)

extortion – crime de extorsão

forgery and counterfeiting – falsificação e contrafacção

weapons violating and firearms regulations/statutes – posse de armas proibidas ou desrespeito dos estatutos de posse de armas (brancas, de fogo)

Excluídas destas definições estão:

status offenses – transgressões associadas ao estatuto de ser adolescente (e.g., tabaco, álcool)

violation of ordinances – infracção de regulamentos

vandalism - vandalismo

drunkenness - embriaguez

malicious mischief – transgressões tipo vandalismo malicioso (dano, injúria, estrago)

disorderly conduct – conduta desordeira

traffic and motor vehicle law violations – condução sem carta e outras violações do código da estrada

Delinquentes violentos

Definimos delinquentes violentos como os jovens que cometeram um ou mais dos seguintes actos delinquentes:

homicide – homicídio

kidnapping – rapto, sequestro

aggravated assault (including weapons offenses and attempted murder) – ofensas corporais graves (incluindo crimes com armas e tentativa de homicídio)

robbery (including armed robbery) – roubo (incluindo roubo à mão armada)

rape and attempted rape – violação e tentativa de violação

arson of occupied building – crime de incêndio num edifício habitado

voluntary manslaughter – homicídio privilegiado (em consequência de compreensível emoção violenta)

Delinquentes não graves/não-violentos

Definimos delinquentes não-graves/não-violentos como aqueles que por exclusão não se incluem nas categorias dos delinquentes graves/violentos.

O sistema de classificação dos crimes acima descrito encontra-se em Loeber, Farrington e Waschbusch (1998), tendo a designação dos crimes sido traduzida através do Dicionário jurídico Português-Inglês (Andrade, 2008).